

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DIEGO SILVEIRA DA CUNHA

**A PRÁTICA ECLESIAL DA NOVA REFORMA APOSTÓLICA ELUCIDADA NO  
ESTUDO DE CASO DA IMPLANTAÇÃO E DO FUNCIONAMENTO DA IGREJA  
COMUNIDADE CRISTÃ FAMÍLIA DA FÉ DE VIAMÃO/RS**

São Leopoldo

2023



DIEGO SILVEIRA DA CUNHA

**A PRÁTICA ECLESIAL DA NOVA REFORMA APOSTÓLICA ELUCIDADA NO  
ESTUDO DE CASO DA IMPLANTAÇÃO E DO FUNCIONAMENTO DA IGREJA  
COMUNIDADE CRISTÃ FAMÍLIA DA FÉ DE VIAMÃO/RS**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática  
Linha de Pesquisa: Espiritualidade,  
Religião Viva e Teologia Prática

Pessoa Orientadora: Júlio César Adam

São Leopoldo

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C972p Cunha, Diego Silveira da  
A prática eclesial da Nova Reforma Apostólica  
elucidada no estudo de caso da implantação e do  
funcionamento da Igreja Comunidade Cristã Família da  
Fé de Viamão/RS / Diego Silveira da Cunha; orientador  
Júlio César Adam. – São Leopoldo: EST/PPG, 2023.  
253 p. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,  
2023.

1. Teologia prática. 2. Nova Reforma Apostólica. 3.  
Prática eclesial. 4. Igreja Comunidade Cristã Família da  
Fé. I. Adam, Júlio César, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST



DIEGO SILVEIRA DA CUNHA

**A PRÁTICA ECLESIAL DA NOVA REFORMA APOSTÓLICA ELUCIDADA NO  
ESTUDO DE CASO DA IMPLANTAÇÃO E DO FUNCIONAMENTO DA IGREJA  
COMUNIDADE CRISTÃ FAMÍLIA DA FÉ DE VIAMÃO/RS**

Tese de Doutorado  
Para a obtenção do grau de Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 01 de setembro de 2023

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. ONEIDE BOBSIN (EST)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> BLANCHES DE PAULA (UMESP)  
Participação por webconferência

PROF. DR. DANIEL BARROS DE LIMA  
Participação por webconferência

Assinado  
digitalmente por  
Julio César Adam  
Data: 19/09/2023  
14:57:58 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Oneide Bobsin  
Data: 19/09/2023  
15:45:56 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Marcelo Ramos  
Saldanha  
Data: 19/09/2023  
19:11:35 -03:00







*Dedico esta tese a todos que, de alguma forma, já fizeram escolhas sacrificiais por amor a Cristo e ao evangelho. Dentre estes, dedico de forma especial àqueles que corresponderam ao chamado de plantar novas igrejas.*



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus: ao Pai, o autor da vida e supremo criador; a Jesus, que de forma sacrificial me salvou da condenação à morte eterna e da falta de significado, sendo meu maior modelo de vida; ao Espírito Santo, que me fortalece, capacita e conduz, apesar de minhas debilidades, ao cumprimento de Seus propósitos. Ao longo dos quatro anos em que esta tese foi desenvolvida, percebo Seu agir em minha vida, causando maior experiência e maturidade ao Seu chamado.

Agradeço à minha esposa, Camila Cunha. Ela suportou e potencializou todas as mudanças necessárias em nossa estrutura de vida para minha participação neste programa de Doutorado Acadêmico: nossa mudança de residência (e de cidade), a reforma da casa, minha mudança profissional que causou mútua abdicação e reestruturação financeira, a constante parceria ministerial na liderança da igreja local e, principalmente, o equilíbrio emocional e o suporte nos momentos de maior estresse. Neste mesmo período, superamos as demandas da pandemia e geramos nosso primeiro filho, o pequeno Levi, que completou o primeiro ano de vida em setembro de 2022. Em nome dela, agradeço a todo apoio e compreensão que recebi da família e da igreja local da qual somos pastores.

Agradeço de forma muito especial ao meu discipulador e pai na fé, apóstolo Ricardo Wagner. Sem a contribuição de sua vida, ministério e relacionamento pessoal, esta tese não existiria, tampouco a igreja local que torna-se o estudo de caso apresentado. Não fosse sua liderança e discipulado, muito provavelmente eu não teria me tornado pastor nem teria especialização alguma na área da teologia. Ricardo foi o maior incentivador de meus estudos de pós-graduação, de mestrado e doutorado, e da temática escolhida. De sua preciosa biblioteca pessoal, recebi mais de uma centena de obras para o desenvolvimento desta pesquisa. Através de sua entrega, preparo e abnegação, minha vida mudou para sempre.

Agradeço ao meu orientador, Júlio Adam, pelos conselhos, impulsos e correções que me fizeram crescer academicamente ao longo destes quatro anos. Em nome dele, sou grato a Faculdades EST e ao CNPq, que viabilizaram esta pesquisa.

Meu muito obrigado!



*Alguns dos passos mais importantes de avanço em nosso ministério cristão envolverão uma disposição em submeter-nos a mudanças de paradigmas.*

C. Peter Wagner



## RESUMO

Nova Reforma Apostólica é a nomenclatura para um fenômeno eclesial cristão contemporâneo, distinto das práticas tradicionalmente conhecidas, que tem sido percebido especialmente desde a década de 1990 em todo o mundo. Na realidade brasileira do século XXI, a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, da qual sou pastor sênior e um dos fundadores identifica-se como uma das novas igrejas apostólicas, pertencente ao movimento da Nova Reforma Apostólica, tendo sido implantada a partir dos pressupostos da Rede Apostólica Cristã, uma rede de igrejas brasileira vinculada à Nova Reforma Apostólica. Esta tese se propõe a uma tentativa de elucidação da prática eclesial da Nova Reforma Apostólica por meio do estudo de caso da implantação e do funcionamento da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS. Após ser introduzida a proposta metodológica narrativa-participante e bibliográfica que formatarão este estudo de caso, a tese será composta por quatro principais capítulos de desenvolvimento. No primeiro capítulo, o caso ganha substância pela descrição fundamental de minha trajetória ministerial de forma narrada, que formatou a cosmovisão cristã que desaguou no pertencimento ao movimento eclesial proposto de elucidação. O segundo capítulo trata de uma abordagem predominantemente bibliográfica que fundamenta a Nova Reforma Apostólica em meio a seus principais interlocutores. O terceiro capítulo descreve a implantação da igreja local do estudo de caso junto à descrição do sistema operacional eclesial que caracteriza a Nova Reforma Apostólica por meio de igrejas estruturadas em células. O quarto capítulo apresenta as características funcionais de uma nova igreja apostólica, por meio do caso da Família da Fé, em suas variadas dinâmicas de funcionamento, na busca de elucidar também a liturgia e a cultura eclesial das igrejas vinculadas à Nova Reforma Apostólica. A tese conta com Peter Wagner como principal teórico da descrição do movimento eclesial e Joel Comiskey como principal teórico da proposta do sistema operacional, contando com a contribuição de outros autores para a elaboração do estudo de caso na busca de elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica. O aspecto narrativo-participante e de estudo de caso tornam a tese original e verificável no contexto sociocultural e eclesial a que propõe explicitar.

**Palavras-chave:** Prática Eclesial; Nova Reforma Apostólica; Igreja Comunidade Cristã Família da Fé; Teologia Prática.





## ABSTRACT

New Apostolic Reformation is the nomenclature for a contemporary Christian ecclesial phenomenon, distinct from traditionally known practices, which has been noticed especially since the 1990s throughout the world. In the Brazilian reality of the 21st century, the Christian Community Church Family of Faith in Viamão/RS, of which I am the senior pastor and one of the founders, identifies itself as one of the new apostolic churches, belonging to the movement of the New Apostolic Reformation, having been implanted based on the assumptions of the Christian Apostolic Network, a network of Brazilian churches linked to the New Apostolic Reformation. This thesis proposes an attempt to elucidate the practical theology of the New Apostolic Reformation partially or completely through the case study of the implantation and functioning of the Christian Community Church Family of Faith in Viamão/RS. After introducing the participant-narrative and bibliographic methodological proposal that will format this case study, the thesis will be composed of four main development chapters. In the first chapter, the case gains substance through the fundamental description of my ministerial trajectory in a narrated way, which shaped the Christian worldview that led to belonging to the proposed ecclesial movement to be here elucidated. The second chapter deals with a predominantly bibliographical approach that underlies the New Apostolic Reformation among its main interlocutors. The third chapter describes the implantation of the local church of the case study together with the description of the ecclesial operational system that characterizes the New Apostolic Reformation through cell based churches. The fourth chapter presents the functional characteristics of a new apostolic church, through the case of the Family of Faith, in its varied functioning dynamics, in the attempt to also elucidate the liturgy and the ecclesial culture of the churches linked to the New Apostolic Reformation. The thesis has Peter Wagner as the main theorist of the description of the ecclesial movement and Joel Comiskey as the main theorist of the proposal of the operating system, with the contribution of other authors for the elaboration of the case study in the search to elucidate the practical theology of the New Apostolic Reformation. The narrative-participant and case-study aspect make the thesis original and verifiable in the socio-cultural and ecclesiastical context that it proposes to explain.

**Keywords:** Ecclesial Practice; New Apostolic Reformation; Family of Faith Christian Community Church; Practical Theology.



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>1.1 METODOLOGIA</b> .....	<b>28</b>
1.1.1 Estudo de Caso .....	28
1.1.2 Abordagem Narrativa.....	35
<b>1.2 O CASO E SEUS DESDOBRAMENTOS ACADÊMICOS</b> .....	<b>40</b>
<b>2 TRAJETÓRIA MINISTERIAL</b> .....	<b>45</b>
<b>2.1 UMA HERANÇA CRISTÃ: IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA</b> .....	<b>46</b>
<b>2.2 COMPREENDENDO O EVANGELHO: IGREJA EVRED</b> .....	<b>47</b>
<b>2.3 PRIMEIRAS PRÁTICAS MINISTERIAIS: IGREJA O BRASIL PARA CRISTO</b> .....	<b>50</b>
2.3.1 Louvor e Adoração .....	51
2.3.2 Visão Celular .....	52
<b>2.4 LIDERANÇA LEIGA: IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA</b> .....	<b>53</b>
<b>2.5 CRISTIANISMO PÓS-DENOMINACIONAL: COMUNIDADE SEMEAR</b> .....	<b>55</b>
<b>2.6 REDE APOSTÓLICA CRISTÃ</b> .....	<b>58</b>
2.6.1 Estrutura de liderança relacional.....	59
2.6.1.1 <i>Potenciais problemas de Redes Apostólicas</i> .....	63
2.6.2 Estrutura eclesial flexível .....	64
<b>3 NOVA REFORMA APOSTÓLICA</b> .....	<b>71</b>
<b>3.1 POR QUE NOVA?</b> .....	<b>72</b>
3.1.1 Novos Moveres e a Liberdade Religiosa.....	73
3.1.2 Novos Moveres e o Crescimento da Igreja .....	76
3.1.3 Nova Estrutura .....	80
3.1.3 Novos Paradigmas.....	83
3.1.3.1 <i>Paradigma Missional</i> .....	87
3.1.4 Novas Igrejas.....	94
<b>3.2 POR QUE REFORMA?</b> .....	<b>95</b>
3.2.1 Reforma da Prática.....	96
3.2.2 Reforma das Origens .....	99
3.2.3 Reforma Progressiva .....	102
<b>3.3 POR QUE APOSTÓLICA?</b> .....	<b>105</b>
3.3.1 O Conceito Apostólico .....	105
3.3.1.1 <i>Apóstolos nas Expedições Marítimas</i> .....	106
3.3.1.2 <i>Apóstolos nas Conquistas Territoriais</i> .....	107
3.3.1.3 <i>Apóstolos na linguagem grega</i> .....	110
3.3.2 Natureza Apostólica do Cristianismo .....	111
3.3.2.1 <i>A Natureza Apostólica de Jesus</i> .....	112
3.3.2.2 <i>A Natureza Apostólica da Igreja</i> .....	114
3.3.3 O Ministério Apostólico .....	115

<b>3.3.3.1 Apóstolos nos dias de hoje .....</b>	<b>116</b>
<b>4 PLANTANDO UMA NOVA IGREJA APOSTÓLICA .....</b>	<b>119</b>
<b>4.1 CÉLULA .....</b>	<b>124</b>
4.1.1 O que é uma célula?.....	125
4.1.2 Fundamentos Bíblicos para a Célula .....	128
4.1.2.1 No ministério público de Jesus.....	129
4.1.2.2 Na Igreja Primitiva .....	132
4.1.3 Objetivos da célula.....	134
4.1.3.1 Evangelismo.....	137
4.1.3.2 Consolidação.....	140
4.1.3.3 Discipulado .....	143
4.1.3.4 Multiplicação .....	147
4.1.4 Células na Família da Fé .....	150
<b>4.2 TREINAMENTO.....</b>	<b>158</b>
4.2.1 Primeiros Passos .....	164
4.2.2 Fundamentos .....	167
4.2.3 Liderança .....	169
<b>4.3 DISCIPULADO.....</b>	<b>171</b>
4.3.1 Parentalidade espiritual .....	175
<b>4.4 SUPERVISÃO .....</b>	<b>181</b>
<b>5 CARACTERÍSTICAS FUNCIONAIS DE UMA IGREJA APOSTÓLICA.....</b>	<b>185</b>
<b>5.1 ESTRATÉGIAS PERIFÉRICAS DE EVANGELISMO.....</b>	<b>185</b>
5.1.1 Casas de Paz.....	186
5.1.1.1 Prós e contras das Casas de Paz .....	189
5.1.2 Encontro com Deus .....	190
5.1.2.1 Prós e contras do retiro Encontro com Deus .....	194
5.1.3 Eventos de Colheita .....	197
5.1.3.1 Prós e contras dos Eventos de Colheita.....	199
<b>5.2 DE UMA IGREJA EM IMPLANTAÇÃO A UMA IGREJA ESTABELECIDADA .....</b>	<b>201</b>
5.2.1 Comissionamento Pastoral.....	202
5.2.2 Células Multiplicadas .....	203
5.2.3 Sede Institucional.....	204
<b>5.3 TREINAMENTOS PRÁTICOS.....</b>	<b>205</b>
5.3.1 Libertação .....	205
5.3.2 Espírito Santo.....	207
5.3.3 Academia Apostólica.....	208
5.3.4 Reuniões Gerais de Líderes .....	209
<b>5.4 DINÂMICA DAS REUNIÕES DE CÉLULA .....</b>	<b>210</b>
5.4.1 Encontro .....	212
5.4.2 Exaltação .....	213
5.4.3 Edificação.....	214
5.4.4 Evangelismo.....	214

<b>5.5 DINÂMICA DOS CULTOS PÚBLICOS</b> .....	<b>215</b>
5.5.1 Comunhão entre células.....	216
5.5.1.1 <i>A hora do abraço</i> .....	216
5.5.1.2 <i>Reflexos das estratégias evangelísticas e dos treinamentos</i> .....	217
5.5.1.3 <i>Estrutura predial para convivência</i> .....	217
5.5.2 Conexão com a liderança pastoral .....	218
5.5.3 Contribuição financeira .....	219
5.5.4 Estrutura múltipla ministerial.....	220
<b>5.6 FUNCIONALIDADE DA IGREJA NA PANDEMIA</b> .....	<b>222</b>
5.6.1 Células, treinamentos e reuniões por videochamada .....	223
5.6.2 Adaptação dos cultos públicos na pandemia .....	224
<b>5.7 ESTRUTURA DE GOVERNO</b> .....	<b>225</b>
5.7.1 Líderes de célula .....	227
5.7.1.1 <i>Líderes em Treinamento</i> .....	229
5.7.2 Pastores .....	230
5.7.2.1 <i>Supervisores</i> .....	232
5.7.3 Líderes Apostólicos .....	233
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>235</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>245</b>



# 1 INTRODUÇÃO

A Nova Reforma Apostólica constitui um fenômeno teológico prático contemporâneo do cristianismo. Percebida como um movimento global emergente especialmente desde a década de 1990, uma teologia passa a ser edificada a partir desta prática e a receber certa proeminência bibliográfica desde a virada do milênio, caracterizando-a como um movimento não somente teológico mas essencialmente eclesial cristão. A leitura deste fenômeno e descrição teórica da Nova Reforma Apostólica conta como C. Peter Wagner como principal protagonista bibliográfico, considerando uma perspectiva acadêmica de escrita.<sup>1</sup> Wagner descreve a Nova Reforma Apostólica como “um movimento massivo, amplamente reconhecido por sociólogos da religião, por historiadores da igreja e também por outros estudiosos”,<sup>2</sup> com destaque do autor ao pesquisador de movimentos globais cristãos David Barrett<sup>3</sup>. Como a terminologia “Nova Reforma Apostólica” foi cunhada por C. Peter Wagner, outros estudos sociológicos da religião referem-se a nuances do mesmo movimento sob outras nomenclaturas, como pós-denominacionalismo, neo-apostolicismo, movimento de igrejas independentes, pós-pentecostalismo, entre outros, cada qual com suas particularidades e distinções conceituais. Por representar mais adequadamente as possibilidades práticas e teológicas a partir do estudo de caso aqui proposto, os escritos desta tese serão compostos pela Nova Reforma Apostólica (NRA) como terminologia principal para referir-se a este fenômeno eclesial.

Assim como Wagner, diversos autores têm surgido ao longo das últimas três décadas para edificar pressupostos teológicos e práticos inerentes à Nova Reforma Apostólica, especialmente em língua inglesa, sendo a maioria destes teólogos atuantes na prática eclesial ou como líderes de igrejas locais vinculadas ao movimento ou como envolvidos neste fenômeno eclesial por vertentes ministeriais diversas à liderança direta de comunidades, edificando e descrevendo uma teologia oriunda da prática. Esta proeminência bibliográfica em língua inglesa evidencia para

---

<sup>1</sup> WAGNER, C. Peter. *Churchquake!: the explosive dynamics of the new apostolic revolution*. Ventura: Regal Books, 1999. p.33-53.

<sup>2</sup> WAGNER, C. Peter. *Dominion!: how kingdom action can change the world*. Grand Rapids: Chosen Books, 2008, p.23. [...] *this is a massive movement, recognized widely by sociologists of religion, by church historians and by other scholars as well.* (tradução nossa)

<sup>3</sup> WAGNER, 2008, p.23.

esta tese uma carência de descrição e fundamentação acadêmica do tema acessível ao leitor brasileiro, tanto pela escassez de obras em língua portuguesa quanto como fruto de ambiente de pesquisa propriamente nacional.

Dito isto, o objetivo principal desta tese consiste em elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica no contexto brasileiro do século XXI, como tarefa específica da Teologia Prática. A ação de elucidar, termo escolhido para compor o objetivo geral desta tese, não carrega em si uma hermenêutica metodológica específica que se deva mencionar, mas principalmente a semântica própria do termo em língua portuguesa, que, segundo Michaelis, consiste em “tornar claro; esclarecer, explicar”.<sup>4</sup> Por consequência, esta tese se propõe a um esclarecimento da prática eclesial da teologia contemporânea da Nova Reforma Apostólica. Para tanto, esta prática eclesial será descrita e estudada na busca de evidenciá-la através do caso específico de uma igreja local no contexto pretendido, na medida em que este possibilitar tal elucidação, o que será discutido nas conclusões, como resultados oriundos deste estudo.

A Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, da qual sou pastor sênior e um dos fundadores, representa nesta tese o aspecto prático eclesial que visa elucidar a teologia proposta, tornando-se assim o caso a ser estudado. Trata-se de uma comunidade cristã local e emergente<sup>5</sup> em seu contexto sociocultural e temporal, com projeto de implantação praticado desde março de 2013 na cidade de Viamão/RS, culminando em sua efetiva inauguração institucional em novembro do ano de 2015, em funcionamento até hoje, início do ano de 2023. Ao longo desta história recente, esta igreja local é estruturada essencialmente através de um modelo celular e fundamentada sobre um contexto teológico eclesiástico e prático ministerial contemporâneo da Nova Reforma Apostólica, por meio da vinculação à Rede Apostólica Cristã. Esta comunidade cristã caracteriza-se, portanto, conforme nomenclatura dada por Wagner, como uma das Novas Igrejas Apostólicas.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/elucidar/>, acessado em 24/10/2023, às 16h.

<sup>5</sup> O uso recorrente do termo “emergente” nesta tese é próprio da língua portuguesa, no sentido de algo que “emerge”, que “surge”, que é “resultante do meio” e não no sentido restrito de “Igreja Emergente” como o movimento teológico pós-moderno que tem recebido esta nomenclatura.

<sup>6</sup> WAGNER, C. Peter. The New Apostolic Reformation. In: WAGNER, C. Peter (Ed.). *The New Apostolic Churches*. Ventura: Regal Books, 1998. p.18.



No panorama teológico brasileiro tão plural em que temos vivido o cristianismo nas últimas décadas, especialmente no que tange a vertentes eclesiais originadas a partir da Reforma Protestante, é notória a necessidade de que novos modelos orgânicos e contemporâneos de práticas ministeriais e eclesiais ganhem não somente atenção em termos existenciais como principalmente descrição sistemática e prática, dando-lhes fundamentação e substância no âmbito acadêmico, dada a importância da construção da ciência teológica a partir da experiência que a crescente e promissora área de Teologia Prática carrega consigo, uma vez que, como afirma Don Browning, “teoria está sempre embutida na prática”.<sup>7</sup> Em outras palavras, as diferentes igrejas locais que emergem na cultura latino-americana possuem nuances orgânicas de teologia que, apesar de em muitos casos não serem descritas ou sistematizadas, carregam uma singularidade e revelam-se a partir das suas práticas, principalmente ao se considerar a característica pós-denominacional de muitos destes casos.

Trazendo esta necessidade às possibilidades de formatação desta tese de doutorado acadêmico, é propício perceber como Lothar Hoch reflete analogamente sobre isto no contexto teológico eclesial da América Latina: “entendo que os centros de formação teológica, por influência da Teologia Prática, devam ser uma caixa de ressonância das diferentes pastorais que vão surgindo no meio do povo de Deus nas bases”.<sup>8</sup> Em concordância a este postulado, o objetivo desta tese carrega uma medida de originalidade ao se propor, portanto, a um descortinar da Nova Reforma Apostólica como prática eclesial trazida à luz ao âmbito acadêmico brasileiro do século XXI sob o aspecto específico do estudo de caso de uma igreja local que advoga o pertencimento a esta corrente teológica contemporânea, a partir da descrição narrada de suas principais práticas e fundamentos sistêmicos concernentes a este propósito, num contexto autoral narrativo-participante.

Neste sentido, importa trazer ao leitor a clareza de um fator restritivo à pesquisa quanto à concepção de formulação desta tese: a Nova Reforma Apostólica consiste numa teologia de história recente, com maior proeminência nas últimas três décadas, carecendo assim, especialmente em termos de aplicação prática eclesial

---

<sup>7</sup> BROWNING, Don S. *A Fundamental Practical Theology: descriptive and strategic proposals*. Minneapolis: Fortress Press, 1991. p.9. *Theory is always embedded in practice*. (tradução nossa)

<sup>8</sup> HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011. p.24.

no contexto brasileiro, de maiores aprofundamentos acadêmicos e descrições vivenciais para que possa ser conhecida, fundamentada e por consequência estudada, comparada e mesmo criticada.

A partir destas premissas, esta tese apresentará esta perspectiva através do estudo de caso desta igreja local, a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, do seu processo de implantação às suas estruturas funcionais, na hipótese de elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica no contexto cristão brasileiro do século XXI, a partir de uma perspectiva de linguagem narrativa e participante, com dados e fatos resultantes em última instância de uma observação também participante, atrelada à descrição de fundamentos bibliográficos, descortinando experiências e resultados da prática teológica ministerial por meio da constante tensão entre os conceitos apresentados e a experiência pessoal autoral narrada. Como afirma Daniel Schipani quanto ao uso do estudo de caso para formulações de Teologia Prática, “o método de estudo de caso é uma maneira especial para aprender a partir de uma fatia concreta da realidade e da experiência humana”,<sup>9</sup> o que é contemplado na proposta da tese pelo entrelaçar da realidade da igreja local com a experiência vivida narrada. Na sequência de sua descrição metodológica, Schipani afirma que um dos propósitos do uso desta abordagem é a “reflexão crítica e construtiva na prática ministerial e eclesial”,<sup>10</sup> o que caracterizará o desenvolvimento desta tese.

Dentro deste objetivo, serão descritas descobertas, processos, métodos e os principais atores que tornam o objeto de estudo do projeto de pesquisa que desagua nesta tese a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica como passível de elucidação no contexto brasileiro do século XXI a partir do estudo de caso de uma igreja local estabelecida, que por sua vez advoga sua vinculação a tal fenômeno eclesial contemporâneo. A medida de avaliação desta elucidação se dará tanto pela compreensão das raízes teológicas e ministeriais que desaguam na existência desta comunidade como pela descrição do funcionamento de suas principais estruturas

---

<sup>9</sup> SCHIPANI, Daniel S. Case Study Method. In: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Practical Theology*. Malden: John Wiley & Sons. Ltd., 2014. p.91. *The case study method is a special way to learn from a concrete slice of reality and human experience.* (tradução nossa)

<sup>10</sup> SCHIPANI, 2014, p.91. [...] “constructive reflection on ecclesial and ministry practice”. (tradução nossa)

ministeriais, especialmente as que distinguem a visão eclesiológica de cristianismo da Nova Reforma Apostólica enquanto prática teológica.

Junto a este estudo de caso, será desenvolvida uma fundamentação teórica de premissas teológicas fundamentais que estabelecem bibliograficamente a Nova Reforma Apostólica e explicitam seus parâmetros teológicos, confrontando tais premissas com a prática descrita no caso estudado, contemplando assim a proposição teológico-prática de Browning, que propõe uma visão que “vai da prática para a teoria e de volta à prática”.<sup>11</sup> Esta tensão prática-teoria-prática é inerente ao processo de escrita e deve, por conseguinte, acompanhar o propósito da leitura desta tese. Dialogando Browning com Hoch, evidencia-se a validade desta tese como pertencente à área da Teologia Prática, uma vez que Hoch afirma que “a Teologia Prática julga se a prática da igreja é coerente com os postulados e com o discurso teológico que ela emite”.<sup>12</sup> Desta forma, este caminho prática-teoria-prática passa por dois principais julgamentos: o quanto a prática é coerente com sua teoria e o quanto a teoria pode ser praticada; para o caso desta tese reflete-se no quanto a igreja local estudada será coerente com a teologia que afirma praticar e no quanto esta teologia pode ser percebida ao descrever a narrativa de suas práticas. Sobre esta função da Teologia Prática no contexto plural eclesial contemporâneo, Hoch conclui: “neste sentido ela é a consciência crítica tanto da teologia quanto da igreja”.<sup>13</sup>

Em síntese ao que foi até aqui apresentado, a tese busca elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica. Esta elucidação é proposta por meio da descrição da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS como um estudo de caso com esta específica finalidade, sendo distinta e contemporânea em seu sistema eclesial tanto em sua sistemática e práticas de implantação como em suas principais características funcionais como igreja estabelecida. A integridade da descrição proposta se dá pelo aspecto vivencial autoral, numa abordagem mista de pressupostos bibliográficos aplicados à realidade ministerial vivida apresentada.

---

<sup>11</sup> BROWNING, 1991, p.7. *The view I propose goes from practice to theory and back to practice.* (tradução nossa)

<sup>12</sup> HOCH, 2011, p.32.

<sup>13</sup> HOCH, 2011, p.32-33.

## 1.1 METODOLOGIA

Da perspectiva autoral e da abordagem da escrita, esta tese carrega em sua maior porção um cunho simultaneamente narrativo e participante, uma vez que como autor sou um dos principais atores neste relato, na função de pastor sênior da igreja local estudada e, neste sentido, a principal fonte de observação do caso torna-se também participante. Por um lado, esta característica torna o texto rico em detalhes, experiências e informações fidedignas aos propósitos idealizados pela igreja local, uma vez que partem de uma descrição por parte da sua liderança direta. Em contrapartida, por ser uma observação parcial, em que o narrador é tanto observador como participante, ficam abertas opções para outras abordagens, como uma possível pesquisa de campo para que se perceba, por exemplo, em que medida são nítidos a quaisquer outros membros da mesma comunidade de cristãos os conceitos e práticas aqui descritos.

A pessoa que envolve-se nesta leitura deve esperar dialogar com vivências ministeriais do autor imbricadas aos conceitos bibliográficos e à cosmovisão que gera pano de fundo à tese proposta, formando um mix teórico-prático que visa trazer luz aos conceitos da Nova Reforma Apostólica numa funcionalidade praticável e não apenas numa perspectiva crítica bibliográfica.

### 1.1.1 Estudo de Caso

A metodologia que causa o eixo principal desta tese é caracterizada como estudo de caso. Analisando a tradição acadêmica, Robert Yin destaca que “os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem rebaixado o nível de suas disciplinas acadêmicas”,<sup>14</sup> traduzindo certo demérito avaliativo ao método. O autor comenta neste sentido que “o estudo de caso há muito foi (e continua a ser) estereotipado como o parente pobre entre os métodos de ciência social”.<sup>15</sup> Apesar de ciente desta tendência cultural, Yin escreve consistentemente em defesa do uso desta metodologia, sob diversas abordagens. Como justificativa para a escolha do método à proposta desta tese, Yin corrobora ao afirmar que os

---

<sup>14</sup> YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. p. xi.

<sup>15</sup> YIN, 2005, p. xi.

estudos de caso são relevantes, por exemplo, quando “o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.<sup>16</sup> Neste caso, o fenômeno é a Nova Reforma Apostólica e o contexto da vida real, a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS.

Robert Yin define três grandes categorias para a escolha do estudo de caso como metodologia principal de uma pesquisa: a forma da questão de pesquisa, o controle sobre eventos comportamentais e o foco em acontecimentos contemporâneos. Segundo o autor, formas da questão que possuem como preposição principal o “como” ou “por que”, atreladas a uma realidade que não controla os eventos comportamentais e que ao mesmo tempo foca em acontecimentos contemporâneos são condições ideais para a escolha do estudo de caso como cerne metodológico, seja numa forma pura ou múltipla, como nesta tese, em que o estudo de caso ganha maior robustez por fundamentações bibliográficas existentes para o fenômeno que se objetiva elucidar e ganha identidade pela abordagem narrativa tanto no tipo de escrita como para a principal fonte de informações para compor o caso, a partir de uma observação participante.<sup>17</sup> O autor refere-se a este aporte bibliográfico para os estudos de caso sem demérito à metodologia principal: “essa revisão de literatura é, portanto, um meio para atingir uma finalidade, e não – como pensam muitos estudantes – uma finalidade em si”.<sup>18</sup>

Assim, o problema central de pesquisa que origina esta tese precisa ser claramente definido. Este consiste, portanto, na investigação de como ou em que medida a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS elucidada a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica no contexto eclesial brasileiro do século XXI.

Seguindo a sistemática metodológica apresentada por Robert Yin, importa analisar no projeto de pesquisa a “abrangência do controle sobre eventos comportamentais”<sup>19</sup>. Nesta análise, a opção de uma pesquisa histórica é apropriada, por exemplo, quando tratam-se de fatos ocorridos no passado e encerrados, com fontes documentais como fundamento principal; optar metodologicamente por um experimento, seja laboratorial ou social, é um caminho propício quando se tem controle sobre os fatores de pesquisa, em que “o pesquisador pode manipular o

---

<sup>16</sup> YIN, 2005, p.19,

<sup>17</sup> YIN, 2005, p.24-26.

<sup>18</sup> YIN, 2005, p.28.

<sup>19</sup> YIN, 2005, p.26.

comportamento direta, precisa e sistematicamente”<sup>20</sup>; por fim, a opção por um estudo de caso torna-se a ferramenta escolhida “ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes”<sup>21</sup>, obtendo-se informações, por exemplo, pela “observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados”<sup>22</sup>, como no caso da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, em que a observação participante causa tal exame e análise do fenômeno desejado.

Por conseguinte, o conjunto formado pelo “como”, que correlaciona a prática ao fenômeno, pela contemporaneidade da teologia da Nova Reforma Apostólica e pela falta de controle que caracteriza os fatores que compõem a prática, que é a vida da igreja e seus desdobramentos que causam resultados de forma orgânica, formam um conjunto substancial de pesquisa que indicam a metodologia do estudo de caso como apropriada. Corroborando ainda para tal escolha metodológica desta tese, Yin sintetiza que “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”<sup>23</sup>. Uma vez contempladas estas condições de contorno, teremos nesta tese Robert Yin como o principal teórico que delimita o cerne metodológico para a validade da tese como um estudo de caso. Além de Yin, outras considerações relativas à perspectiva do estudo de caso para a teologia prática merecem ser observadas na sequência deste aporte metodológico.

Trazendo Daniel Schipani em diálogo teológico com os pressupostos gerais de pesquisa de Robert Yin para esta metodologia, temos que “o método de estudo de caso é uma das formas mais utilizadas e valorizadas de se fazer teologia prática”<sup>24</sup>, pois implica justamente na extração de uma teologia que emerge por meio da experiência e da vivência, tornando-a verdadeiramente uma teologia que seja ou aplicada ou construída a partir da prática.

Já em diálogo com os escritos de Pedro Demo, destaca-se que a metodologia de estudo de caso consiste em “realçar um caso apenas, para, com

---

<sup>20</sup> YIN, 2005, p.27.

<sup>21</sup> YIN, 2005, p.26.

<sup>22</sup> YIN, 2005, p.26.

<sup>23</sup> YIN, 2005, p.32.

<sup>24</sup> SCHIPANI, 2014, p.91. *The case study method is one of the most widely used and valued ways of doing practical theology.* (tradução nossa)

aprofundamento mais intenso, descobrir dinâmicas e estruturas que poderiam ocorrer também em outros casos”.<sup>25</sup> Logicamente, um estudo de caso não possui o objetivo de esgotar a definição de uma teoria ou fenômeno contemporâneo, porém carrega uma propriedade distinta de elucidar, exemplificar, tornar palpável aquilo que é bibliograficamente afirmado como consistente ou pretendido como prática, como no caso em que esta pesquisa descreve. É neste sentido que o estudo de caso narrado nesta tese, da implantação e funcionamento de uma igreja local específica, busca elucidar a prática eclesial de um movimento eclesial cristão contemporâneo, ao mesmo tempo que descreve ajustes, descobertas ou incongruências da prática da teologia em diálogo com a teologia da prática.

Por outro lado, o estudo de caso como metodologia é visto por Magda Ventura como um dos extremos das possibilidades de estudo em pesquisa, uma vez que se propõe estudar apenas uma parte para compreender um todo delimitado.<sup>26</sup> Cientes desta limitação de ponto de vista, a proposta de estudo de caso deve, segundo a autora, carregar sempre por seus propositores “a preocupação de se perceber o que o caso sugere a respeito do todo e não o estudo apenas daquele caso”<sup>27</sup>, como no sentido em que este projeto se propõe, de não simplesmente descrever uma comunidade cristã emergente, mas observar como esta pode elucidar uma prática teológica carente de fundamentação acadêmica, especialmente no contexto pretendido. Ademais, o estudo de caso “visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações”.<sup>28</sup>

Fica explícito portanto na proposta metodológica que o estudo de caso consiste num olhar mais rigoroso e detalhado para uma parte específica e consistente, que tenha capacidade de representar de alguma forma um todo, objeto de estudo mais amplo, que é tão mais complexo do que a parte, que não consiga ser analisado de forma detalhada e delimitada em comparação aos limites de pesquisa que são propostos, como neste caso uma tese de doutorado acadêmico em teologia prática. Em outras palavras, a Nova Reforma Apostólica como movimento cristão

---

<sup>25</sup> DEMO, Pedro. *Praticar Ciência: metodologias do conhecimento científico*. E-book. São Paulo: Saraiva, 2011. n.p.

<sup>26</sup> VENTURA, Magda Maria. *O estudo de caso como modalidade de pesquisa*. Revista SoCERJ, 2007, 20.5: 383-386. p.383.

<sup>27</sup> VENTURA, 2007, p.383.

<sup>28</sup> VENTURA, 2007, p.384.

contemporâneo é tão plural e carente de delimitações e análises acadêmicas e práticas teológicas, que o olhar para a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS como um caso específico e autoidentificado como pertencente a tal movimento carrega uma capacidade inerente de desvelar atributos com potencial para, de alguma forma, elucidar o todo: a prática eclesial do movimento teológico contemporâneo referido.

Daniel Schipani afirma neste sentido que, em qualquer instância que aplicado, o objetivo do uso da metodologia de estudo de caso sempre deve ser o mesmo: “fornecer uma visão mais aprofundada, concentrando-se intensamente em um caso particular que é acessível a partir de diversas perspectivas”.<sup>29</sup> Assim, os escritos desta tese ganham propósito e tomam forma, uma vez que o caso estudado faz parte da vivência ministerial do autor e, por isso, fornece um aprofundamento de informações e uma percepção de resultados reais muito além do que numa pesquisa puramente bibliográfica, na qual a realidade descrita não é percebida por outros prismas, nem tampouco vivida.

Schipani continua, correlacionando o uso do método de estudo de caso à edificação de Teologia Prática, em defesa de casos que contam uma história relevante à teologia estudada, como nesta tese:

“Bons” casos contam uma história e normalmente são breves; são relevantes para o leitor e se concentram em uma questão que desperte interesse ou em um evento crítico; eles têm valor pedagógico ou heurístico por suscitar tensões ou expectativas idealizadas e exigir discernimento e algum tipo de resolução ou decisão.<sup>30</sup>

Para trazer ao caso este ambiente descritivo de uma história, a metodologia desta tese cruzará o estudo de caso com uma perspectiva narrativa da história real e contextualizada das práticas e do desenvolvimento ministerial vivido a partir da perspectiva autoral. O interesse a ser despertado é justamente em como a comunidade cristã local estudada possa refletir, elucidar e causar compreensão da prática eclesial de uma específica proposta teológica contemporânea, a Nova Reforma Apostólica. O valor heurístico se dá por meio das descobertas que a

---

<sup>29</sup> SCHIPANI, 2014, p.91. [...] *to provide further insight by focusing intensely on a particular case that is approachable from diverse perspectives.* (tradução nossa)

<sup>30</sup> SCHIPANI, 2014, p.91-92. *“Good” cases tell a story and are normally brief; they are relevant to the reader and focus on an interest-arousing issue or critical event; they have pedagogical or heuristic value by eliciting optimal expectation or tension and calling for discernment and some kind of resolution or decision.* (tradução nossa)



própria experiência prática trará à tona, como o fato de que o caso em si não tenha capacidade de elucidar completamente a teologia pretendida. Por fim, todo este estudo causará tensões entre teoria e prática que requererão avaliação tanto por meio do texto como por parte dos leitores, em busca de ser diagnosticado em que medida as informações narradas contemplam os fundamentos bibliográficos bem como tornam ou não mais nítida a eclesiologia proposta.

Como conclui Schipani, “os estudos de caso podem exemplificar construções teóricas, e estas também podem ser extraídas de descrições e análises de casos particulares”.<sup>31</sup> Este é o grande objetivo da escolha desta abordagem metodológica. Em contrapartida, o estudo de caso carrega consigo riscos de generalizações equivocadas. Para Schipani, “os casos apresentam a tensão entre a realidade particular e a generalização de maneiras mutuamente desafiadoras”.<sup>32</sup> Ao conviver com este desafio, uma perspectiva crítica será trabalhada para que o caso elucidar, mas não reduza o todo representado. Ao mesmo tempo, uma perspectiva crítica também deve ser adotada pelos leitores da tese, com o propósito de purgar a emoção, a crença pessoal ou a veemência das experiências narradas, devido ao envolvimento participativo do autor, em direção ao que possa ser considerado uma essência comum a outros casos e, especialmente, à prática eclesial que é tida como a principal incógnita que causa a problematização que valida a pesquisa.

Quanto a este aspecto de observação participante, Robert Yin valida que estudos de caso possam, por exemplo, contar com “a pessoa que toma as decisões-chave em uma organização”<sup>33</sup> como o próprio observador; Yin segue: “a técnica também pode ser usada em ambientes mais ligados ao nosso dia a dia, como em uma organização ou grupos pequenos informais”<sup>34</sup>. Como um dos principais aspectos positivos desta abordagem, Yin destaca que “a oportunidade mais interessantes relaciona-se à sua habilidade de conseguir permissão para participar de eventos ou de grupos que são, de outro modo, inacessíveis à investigação científica”<sup>35</sup>. No caso específico desta tese, tal oportunidade única não refere-se tanto ao aspecto da permissão, o que seria possível a outro pesquisador, mas ao

---

<sup>31</sup> SCHIPANI, 2014, p.99. [...] *case studies can exemplify theoretical constructs, and the latter can also be drawn from particular case descriptions and analysis.* (tradução nossa)

<sup>32</sup> SCHIPANI, 2014, p.99. [...] *cases present the tension between particular reality and generalization in mutually challenging ways.* (tradução nossa)

<sup>33</sup> YIN, 2005, p.121.

<sup>34</sup> YIN, 2005, p.121.

<sup>35</sup> YIN, 2005, p.121-122.

aspecto da presença e participação em momentos cruciais ao estudo, já que práticas serão descritas como contidas em um período de dez anos de história da comunidade local.

Robert Yin destaca também que “outra oportunidade muito interessante é a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de ‘dentro’ do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo”<sup>36</sup>, o que é uma importante característica deste estudo de caso. Aspectos que se destacam a partir de uma observação participante são diferentes daqueles oriundos de uma observação externa ao caso, o que por si só abre oportunidade para pesquisas do mesmo caso ou de casos similares em torno da Nova Reforma Apostólica com outros tipos de observação, para que prismas diferentes do fenômeno eclesial possam ser destacados.

Em contrapartida, a observação participante carrega consigo certos aspectos que constituem possibilidade de risco à integridade da pesquisa, que devem ser assumidos de forma consciente tanto pelo pesquisador como pelo leitor, em busca de minimizar seus efeitos sobre as conclusões. Em especial no caso desta tese, como pontua Yin, o pesquisador “pode, às vezes, ter de assumir posições ou advogar funções contrárias aos interesses das boas práticas científicas”<sup>37</sup>. Neste sentido, será notório ao longo dos escritos que a apresentação do caso é carregada de convicção e certa apologética pode emergir de minha parte, uma vez que representa a forma como tenho vivido o cristianismo numa posição de liderança eclesial. Se fosse diferente, não estaria na posição de liderança da comunidade e da instauração deste pensamento teológico. A leitura deve, portanto, ser regada de cuidados para que esta convicção de visão eclesial não impeça a crítica ou o respeito a outras formas de se fazer Teologia Prática na vivência da liderança pastoral. Comprometo-me com a lisura e fidedignidade das informações, intenções e descrições narradas a fim de que a credibilidade do projeto não seja comprometida, restando apenas possíveis questões apologéticas bem como afirmações enfatizadas por convicção vivencial a serem filtradas na leitura.

---

<sup>36</sup> YIN, 2005, p.122.

<sup>37</sup> YIN, 2005, p.122.

### 1.1.2 Abordagem Narrativa

De forma complementar ao estudo de caso, outra metodologia se cruza para compor os escritos desta tese. Da perspectiva da linguagem e apresentação da tese, a metodologia que pervadirá a forma de escrita será dada a partir da abordagem narrativa teológico-prática, como elucidada por R. Ruard Ganzevoort. Como afirma Ganzevoort, “as práticas religiosas que constituem o material central para a reflexão teológica na teologia prática estão frequentemente relacionadas diretamente às narrativas”.<sup>38</sup> Neste sentido, o método narrativo de um estudo de caso visa construir fundamentos teológicos a partir da prática, a partir da religião vivida de seus agentes, que, especificamente nesta experiência ministerial pastoral, torna-se vinculada à própria vivência eclesial.

Os processos narrativos reafirmam princípios e tornam vivida a religião crida. Como ressalta Ganzevoort, “abordagens narrativas sempre fizeram parte da reflexão teológica sobre a prática religiosa (a perspectiva que agora chamamos ‘teologia prática’)”<sup>39</sup>. Assim vemos na escrita dos evangelhos, por exemplo: nossa maior fonte de conhecimento sobre Jesus não são as profecias messiânicas, mas as narrativas biográficas, ao ponto de as descrições narradas de seu ministério serem intituladas como o próprio Evangelho, conforme os conhecidos livros biográficos neotestamentários de Mateus, Marcos, Lucas e João; alguns consistem em narrativas de testemunhas oculares, em observação participante, e outros fundamentados em relatos populares a partir da experiência vivida ou testemunhada para com o Messias, como nos métodos de pesquisa histórica ou pesquisa de campo. Como corrobora Richard Edwards, “na verdade, os evangelhos há muito tempo têm sido reconhecidos como narrativas”.<sup>40</sup>

Ganzevoort elucida a importância da perspectiva narrativa na internalização do aprendizado com base no teórico Jerome Bruner, que define dois modos de raciocínio: por um lado, a argumentação lógica, que busca convencer a uma

<sup>38</sup> GANZEVOORT, R. Ruard. Narrative Approaches. In: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Practical Theology*. Malden: John Wiley & Sons. Ltd., 2014. p.214. *Religious practices that form the core material for theological reflection in practical theology are often directly related to narratives.* (tradução nossa)

<sup>39</sup> GANZEVOORT, 2014, p.218. “[...] narrative approaches have always been part of theological reflection on religious practice (the perspective we now call “practical theology”). (tradução nossa)

<sup>40</sup> EDWARDS, Richard A. Reading Matthew: The Gospel as Narrative. In: *Listening 24*, no. 3, 1989. p.251. Disponível em [https://www.pdcnet.org/listening/content/listening\\_1989\\_0024\\_0003\\_0251\\_0261](https://www.pdcnet.org/listening/content/listening_1989_0024_0003_0251_0261), acesso em 25/10/2023, às 11:10.

verdade; por outro lado, a perspectiva narrada, que busca convencer pela assimilação de semelhança com a vida. “O primeiro (argumento) transcende o local e o particular por identificar os absolutos ou o geral, o segundo (narrativo) situa a experiência em tempo e lugar e foca no particular”.<sup>41</sup> É justamente neste sentido que a abordagem narrativa ganha aporte na teologia prática, pois esta normalmente não trata apenas do estudo geral e conceitual dos temas a que se propõe, mas sim objetivo e particular, pela percepção e consequente construção de novas formas de teologia, lidas ou elaboradas a partir da prática. Para Ganzevoort, a abordagem narrativa “é também o modo central no estudo da prática religiosa”<sup>42</sup>.

Em consonância aos propósitos desta tese, Ganzevoort exemplifica: “uma abordagem narrativa pode então ser usada não apenas para analisar e interpretar narrativas, formas verbais [...], mas também ações humanas, incluindo rituais, mudanças congregacionais e assim por diante”<sup>43</sup>. Nesta tese, ações humanas sob o aspecto ministerial eclesial e perspectivas de mudanças congregacionais e sistemáticas eclesiais serão o alvo de explicitação por meio de uma abordagem narrativa, tanto pela compreensão de minha trajetória ministerial que resulta na liderança sobre a comunidade estudada como da própria Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS em suas dinâmicas de implantação e desenvolvimento.

Ganzevoort expande o conceito de narrativa, para que a abordagem proposta não seja vista como apenas uma forma textual. O autor afirma: “a narrativa inclui todas as formas de representação de situações reais ou ficcionais em uma sequência temporal. Essa sequência conecta eventos em padrões de causalidade, desejabilidade, desenvolvimento e significado.”<sup>44</sup> Desta forma, a sequência da trajetória ministerial autoral, do processo de implantação e desenvolvimento da comunidade local, bem como das práticas e do crescimento qualitativo e quantitativo

---

<sup>41</sup> GANZEVOORT, 2014, p.215. *The first (argument) transcends the local and particular by identifying the absolutes or the general, the second (narrative) locates experience in time and place and focuses on the particular.* (tradução nossa)

<sup>42</sup> GANZEVOORT, 2014, p.215. *It is also the central mode in studying religious practice.* (tradução nossa)

<sup>43</sup> GANZEVOORT, 2014, p.216. *A narrative approach then can be used not only to analyze and interpret narrative, verbal forms [...], but also human actions, including rituals, congregational exchanges, and so on.* (tradução nossa)

<sup>44</sup> GANZEVOORT, 2014, p.216. *[...] narrative includes all forms of representation of real or fictional situations in a time sequence. This sequence connects events into patterns of causality, desirability, development, and meaning.* (tradução nossa)

descritos no estudo de caso constituirão a espinha dorsal para a elucidação de padrões e aplicação prática da Nova Reforma Apostólica.

O autor também destaca que o uso da abordagem narrativa precisa ser filtrado por duas principais questões, uma de origem epistemológica e outra, ética.

Para Ganzevoort, “a questão epistemológica tem a ver com a visão de que as narrativas são interpretações de uma realidade vivenciada em relação a um público específico”.<sup>45</sup> Este é o aspecto restritivo do estudo de caso com relação à teologia que pretende elucidar. A elucidação de um pressuposto generalizado, como a Nova Reforma Apostólica, a partir de um estudo de caso, como o processo de implantação e funcionamento da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, não pode ser tida como plena, mas parcial, uma vez que o caso é uma aplicação específica de uma realidade maior. Por outro lado, o caráter epistemológico desta abordagem também deve levar em conta o ponto de vista do narrador em interpretar a realidade vivenciada. Neste filtro, a narrativa deve ser concebida muito mais como uma ferramenta para elucidar uma teoria do que uma cobertura completa de todos os detalhes que envolvem os agentes participantes da narrativa. A abordagem está a serviço da elucidação de pressupostos pretendidos pelo narrador.

A segunda questão em que a abordagem narrativa precisa ser filtrada é de origem ética. Ganzevoort reflete que “a questão ética tem a ver com questões sobre quais histórias são destacadas e quais histórias são minimizadas e negadas”.<sup>46</sup> A pesquisa como um todo torna-se refém de que o narrador aborde os aspectos que sejam relevantes para explicitar os objetivos pretendidos. Nesta tese, como trata-se de uma narrativa de observação participante autoral em diálogo com pressupostos bibliográficos, a ética da abordagem também é a ética da própria pesquisa, já que terceiros não são diretamente envolvidos no processo de escolha de quais histórias colocar em primeiro plano em detrimento de outras. Logicamente, cada leitor pode ter sua curiosidade despertada a nuances da narração que foram omitidas ou minimizadas pela escolha do narrador, o que mais uma vez pode levar a uma continuação desta temática por meio de uma pesquisa de campo, em que o

---

<sup>45</sup> GANZEVOORT, 2014, p.220. *The epistemological question has to do with the view that narratives are interpretations of an experienced reality in relation to a specific audience.* (tradução nossa)

<sup>46</sup> GANZEVOORT, 2014, p.220. *The ethical question has to do with which stories are foregrounded and which stories are downplayed and denied.* (tradução nossa)

pesquisador, independentemente de ser ou não participante, pode colher dados de qualquer pergunta que julgar pertinente. Desta forma, o leitor deve, portanto, estar consciente de que o filtro ético da pesquisa no que diz respeito às nuances narradas, vem da clareza do narrador quanto ao objeto de estudo e objetivos de pesquisa.

Nesta abordagem apontada por Ganzevoort, algumas diretrizes são necessárias: estrutura, perspectiva, sintonia, atribuição de função, posicionamento relacional e justificativa para um público.<sup>47</sup>

Da estrutura, cabe a seleção de um recorte temporal em que a narrativa ocorre. No estudo de caso proposto nesta tese, descreverá uma síntese de minha trajetória de vida cristã, perpassando desde a infância até a idade adulta, com ênfase nas nuances importantes que constroem os conceitos a serem abordados no estudo de caso. Tratará ainda das convicções e descobertas ministeriais mais relevantes que possibilitariam o projeto de implantação da Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS em si e a descrição e análise de sua posterior funcionalidade institucional. Este é o pano de fundo, o cenário através do qual toda a narrativa será construída e o como caso em si estará estruturado.

Da perspectiva, uma proposta teológica de práticas e pressupostos eclesiológicos neotestamentários constituirá o ponto de vista, edificando a validade da tese da Nova Reforma Apostólica aplicada ao estudo de caso da história e crenças fundamentais da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS. Este ponto de vista causará a tendência de elucidar tal posicionamento teológico. Sugiro inclusive que a leitura desta tese seja reflexiva e crítica com relação aos posicionamentos abordados na narrativa, a partir de perspectivas particulares da cosmovisão eclesiológica de seus leitores, em conjunto com suas experiências pessoais e pressupostos teológicos. É a partir da perspectiva que os eventos são interpretados.

Da sintonia, trata-se de uma narrativa de cunho pessoal, de uma trajetória ministerial, da implantação de uma comunidade que emerge de um contexto cultural e temporal específico, da qual sou pastor responsável. Isto é de grande importância para uma leitura e interpretação corretas do texto.

---

<sup>47</sup> GANZEVOORT, 2014, p.220-221.

Da atribuição de função, como líder desta comunidade de cristãos, torno-me responsável pela cosmovisão em que o estudo de caso é estruturado. Logicamente, como será perceptível, o caso não se dá por meio de invenções particulares, mas por uma corrente teológico-prática já conhecida em inúmeros casos similares ancorada em recursos bibliográficos e na vinculação a uma rede de igrejas congruente a este pensamento. Assim, para aqueles que recebem como novidade a visão da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, torno-me quem sabe protagonista, mas cabe ressaltar que muito pouco do que praticamos foi de fato criado. Criamos algo na forma ou na contextualização, enquanto a essência é aprendida a partir de pressupostos teológicos e vivenciais, e aqui será referenciada.

Do posicionamento relacional, objetiva-se abrir espaço acadêmico à Nova Reforma Apostólica como prática eclesial no contexto eclesiológico cristão brasileiro, não apenas trazendo luz, como também atraindo novos olhares para a diversidade eclesial cristã contemporânea.

Por fim, a justificativa para uma audiência se dá pela veracidade do caso sendo estudado aliada a alguma medida de êxito no crescimento quantitativo e qualitativo da igreja local ao longo da narrativa, especialmente quando comparada ao período de sua existência e o contexto sociocultural em que está inserida, o que torna minimamente relevante a perspectiva teológica apresentada em sua significância social. Em outras palavras, os argumentos pessoais utilizados justificam-se no fruto dos relatos do caso estudado. Não se trata de uma narrativa com plausibilidade questionável, de algo distante ou de uma realidade intangível, mas de um estudo de caso que pode ser verificado na prática pois, em se tratando da igreja local estudada, suas práticas ministeriais seguem ocorrendo no presente e fundamentadas pelos mesmos pressupostos aqui apresentados.

Entrelaçando estas duas perspectivas metodológicas, Schipani elucida tal combinação ao afirmar que “estudos de caso são uma forma especial de narrativa”.<sup>48</sup> Seguindo assim esta linha metodológica cruzada, esta tese toma forma a partir da delimitação experiencial e do envolvimento pessoal do autor com o processo de implantação e funcionamento da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS como uma igreja local pertencente ao movimento eclesial contemporâneo da Nova Reforma Apostólica. Esta delimitação torna a narrativa

---

<sup>48</sup> SCHIPANI, 2014, p.91. *Case studies are a special form of narrative.* (tradução nossa)

teológico-prática vinculada à metodologia de estudo de caso, no qual o autor narra o caso a partir de sua perspectiva participante, na tentativa de elucidar uma prática teológica específica por meio de um caso que é descrito pela experiência vivida.

Dado o cruzamento das perspectivas metodológicas narrativa-participante, bibliográfica e de estudo de caso, o texto ocorrerá ora em primeira pessoa, nas abordagens narrativas em que o autor é diretamente envolvido no texto e na reflexão pessoal de eventos descritos, ora em terceira pessoa, nos aprofundamentos bibliográficos, nas considerações sobre o caso e nas narrativas que descrevem a comunidade como sujeito principal.

Ganzevoort sintetiza que a “narratividade ressalta os paralelos entre textos escritos e ações humanas significativas”<sup>49</sup>, enaltecendo a capacidade da narrativa em evitar que a Teologia Prática esteja alienada a uma perspectiva que distorça a sua maior natureza: a prática.

## 1.2 O CASO E SEUS DESDOBRAMENTOS ACADÊMICOS

O desenvolvimento deste projeto se dá em parceria a objetivos da área de concentração de teologia prática, na Faculdade EST, em São Leopoldo/RS, por meio da qual sou vinculado ao grupo de pesquisa Espiritualidade, Religião Viva e Teologia Prática, do qual o prof. Dr. Júlio César Adam é coordenador, bem como orientador do processo de construção desta tese. Após um período inicial em busca de desenvolver uma temática para elucidação da Nova Reforma Apostólica em diálogo com o pensamento de autores específicos, que demonstrou ter poucos recursos bibliográficos acessíveis e suficientemente robustos para esta finalidade, delimitamos, professor Júlio e eu, a modalidade de estudo de caso narrativo-participante como uma proposta mais palpável, válida e assertiva para concretizar o desenvolvimento de uma possível solução à problemática proposta, no intuito de representar uma pesquisa de doutorado acadêmico na área de Teologia Prática com delimitação e recursos bibliográficos consistentes.

Os recursos financeiros para a elaboração desta tese bem como para o cumprimento das exigências acadêmicas vinculadas ao programa de Doutorado

---

<sup>49</sup> GANZEVOORT, 2014, p.221. [...] *narrativity underscores the parallels between written texts and meaningful human actions.* (tradução nossa)



Acadêmico em Teologia da Faculdades EST são oriundos de uma bolsa de estudos integral concedida pelo CNPq, em parceria com a instituição de ensino, no período compreendido entre março de 2019 e fevereiro de 2023, com duração de 48 meses de estudo em nível de pesquisa de pós-graduação.

A partir destas premissas, teremos nestes escritos uma problemática de pesquisa que gira em torno de como elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica. A hipótese levantada como proposta de solução são relacionadas ao estudo de caso da implantação e do funcionamento de uma igreja local representante desta faceta eclesial, que possa em alguma medida significativa ser capaz de elucidar esta prática eclesial específica, que em grande medida é incógnita às tradicionais descrições sistemáticas de eclesiologia. Como supramencionado, a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé como caso estudado é apresentada em possível resposta à problemática proposta, nas características e peculiaridades de seu processo de implantação, etapas de crescimento e sistemática de funcionamento como igreja local, dos anos de 2013 a 2022, na cidade de Viamão/RS, no contexto cultural brasileiro do século XXI, a partir de uma perspectiva experiencial autoral, visto que sou pastor sênior e um dos fundadores desta igreja local, com vistas à elucidação da prática eclesial do movimento eclesiástico contemporâneo nomeado como Nova Reforma Apostólica.

Inicialmente, foram mapeados recursos bibliográficos de sistematização e prática teológica sob diversos aspectos e autores relacionados à eclesiologia da Nova Reforma Apostólica. Além disso, ainda como ponto de partida, foram levantados dados e fatos relevantes que compõem a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS como um caso a ser descrito e estudado.

Desta forma o desenvolvimento desta tese conta com quatro capítulos temáticos de desenvolvimento, entre a introdução e a conclusão da pesquisa, que constroem uma proposta de solução para a problemática de pesquisa e de validação da hipótese.

O primeiro capítulo posterior à introdução contempla uma apresentação dos aspectos mais relevantes para o entendimento do caso estudado com relação à minha trajetória ministerial no cristianismo, num teor narrativo e descritivo. Como sou pastor sênior e um dos fundadores da igreja local a que propomos o estudo, torna-se didática esta descrição a fim de que se percebam significados implícitos na esfera

peçoal da liderança da igreja que constituíram abertura a mudanças de paradigmas e convicções teológicas como serão apresentadas. Neste capítulo, apresento fatos que envolvem o cristianismo vivido da infância à idade adulta, da conversão no âmbito familiar ao desenvolvimento de atuação ministerial eclesial, à abertura ao voluntariado e à aquisição de experiências práticas, cada qual vinculada a distintos contextos eclesiásticos que contribuíram para uma singular formação ministerial e de cosmovisão cristã.

O capítulo seguinte trará uma apresentação predominantemente bibliográfica da Nova Reforma Apostólica, com leve teor narrativo de experiências aprendidas no contexto da igreja local que será descrita. Por tratar-se de um contexto teológico novo para muitos leitores, o capítulo trará uma perspectiva fundamental de pressupostos que originam a Nova Reforma Apostólica como movimento eclesiástico contemporâneo em três abordagens principais: em seu aspecto inovador, para as práticas cristãs do século XXI; em seu aspecto reformador, na perspectiva restauracionista de pressupostos eclesiásticos neotestamentários que advoga como ausentes no contexto cristão oriundo do protestantismo e suas principais vertentes; e, por fim, em seu aspecto apostólico, tanto no teor da nomenclatura e seus desdobramentos na cultura bíblica como no ofício de apóstolo para a vida da igreja contemporânea em seus aspectos funcionais, de governo e de cultura eclesial.

O terceiro capítulo posterior a esta introdução será sobre o plantio de uma nova igreja apostólica, elucidando de forma predominantemente narrativa e sistemática a prática eclesial do estudo de caso proposto em quatro grandes engrenagens do que intitula-se como o sistema operacional de uma igreja apostólica: célula, treinamento, discipulado e supervisão. Nesta temática, serão cruzadas informações da minha trajetória ministerial pregressa, dos principais protagonistas do projeto de estabelecimento desta igreja local e dos conceitos bibliográficos da Nova Reforma Apostólica, que vão aparecendo direta ou indiretamente por meio da sistematização da implantação da igreja local e de seus primeiros atos em busca da aplicação de cada engrenagem apresentada e resultantes consequências desta teologia como prática eclesial no contexto específico do caso referido.

Por último, ainda como desenvolvimento, no capítulo derradeiro que antecede às conclusões, serão apresentados os principais aspectos funcionais da igreja local do caso estudado no que tange seu pertencimento à Nova Reforma Apostólica, num caráter predominantemente narrativo que contempla estratégias de evangelismo, finalização da fase de implantação e estabelecimento institucional da igreja na cidade, treinamentos práticos adicionais ao sistema operacional já apresentado, dinâmica das reuniões de célula e de cultos, principais práticas cotidianas da vida da igreja local referida, um adendo à funcionalidade da igreja no contexto da pandemia e uma breve descrição da estrutura de governo eclesiástico.

Minha expectativa é que uma leitura crítica e envolvente desta tese produza uma compreensão relevante das principais propostas da prática eclesial da Nova Reforma Apostólica por meio de uma forma possível de testemunhá-las, no contexto brasileiro do século XXI, através do estudo de caso da implantação e do funcionamento da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS.



## 2 TRAJETÓRIA MINISTERIAL

Este capítulo objetiva iniciar a compreensão da eclesiologia e da cosmovisão sobre a qual a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, daqui em diante Família da Fé, foi estabelecida, como marco inicial do estudo de caso que elucide a prática eclesial do movimento eclesial cristão contemporâneo da Nova Reforma Apostólica.

Neste sentido, é importante perceber a existência de uma direta relação entre os episódios do estudo de caso desta igreja local e minha trajetória ministerial pregressa à existência da Família da Fé, que contribuiu para a formatação da cosmovisão teológico-prática de toda a sua equipe de liderança. Desta maneira, constrói-se uma lógica fundamentada em episódios pessoais vividos que desaguaram no pertencimento à Nova Reforma Apostólica e sua consequente prática teológica no contexto comunitário, compreendendo o caso de uma forma mais completa do que somente por uma apresentação pontual da comunidade.

Trazendo também à tona a metodologia proposta e aderindo a nuances textuais em primeira pessoa, que aparecem deste a introdução, a perspectiva narrativa está imbricada na religião vivida pelo fato de que, como autor, sou também o líder sênior e um dos fundadores desta igreja que se torna o caso estudado nesta tese. Por isso, os fundamentos da Família da Fé estão diretamente entrelaçados à minha vida pessoal e ministerial no âmbito cristão, pois trata-se de uma igreja que emerge na cidade sem uma forte vinculação denominacional, carregando assim marcas culturais da identidade da liderança local. Dito isto, para uma melhor compreensão desta realidade teológico-prática, julgo pertinente esboçar esta trajetória ministerial e as perspectivas eclesiásticas de cristianismo que são intrínsecas à minha história, para que os leitores tenham melhor capacidade de interpretação dos termos, conceitos e episódios que se desdobram ao longo dos escritos desta tese.

Assim, os próximos escritos traçarão uma narrativa particular de um processo de descobertas e amadurecimento do que tornou-se o aporte vivencial e teológico, junto a um chamado pessoal, para a existência da Família da Fé como uma igreja local vinculada à Nova Reforma Apostólica.

## 2.1 UMA HERANÇA CRISTÃ: IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Nascido na cidade de Viamão/RS no ano de 1986, fui criado numa tradição familiar vinculada ao catolicismo como forma professada de cristianismo. No contexto da Igreja Católica Apostólica Romana, meu pai carregava grande apreço pela instituição, inclusive abrigando seminaristas, auxiliando na construção de capelas, envolvendo-se em cerimoniais de sepultamentos e promovendo voluntariamente festividades populares ligadas às tradições da Igreja, numa região específica da cidade de Viamão conhecida como “Cocão”, atuando por décadas como voluntário nas capelas locais. Contudo, o contexto de separação conjugal ligado ao primeiro casamento de meu pai e posterior novo relacionamento conjugal com minha mãe acabaram afastando-o de uma vinculação com o serviço voluntário eclesial católico, por questões éticas ligadas às doutrinas da igreja.

O resultado destes fatos fizeram com que a religião vivida da minha infância fosse por um lado edificada sobre valores cristãos, como no trato cotidiano, amigos da família e princípios educacionais, e por outro lado ausente de práticas eclesiais corriqueiras ligadas ao catolicismo, exceto por frequentarmos algumas missas e eventos específicos esporadicamente e por eu ter sido batizado por aspensão quando recém-nascido.

Apesar de uma infância pautada em princípios cristãos, especialmente nos relacionamentos familiares, na formação de caráter e no pensamento sobre a existência de Deus, não posso afirmar que de fato conhecia, na época, o Evangelho de Cristo ou o que seria suficiente da Bíblia para o desenvolvimento de uma relação pessoal e verdadeira com Deus. Não foi parte de minha infância termos conversas sobre Deus ou sobre a Bíblia no cotidiano familiar. Apenas carregávamos em mente a vinculação ao catolicismo como tradição e pertencimento.

Deste modo e de forma sucinta, foi nesta tradição familiar católica herdada, porém já “não-praticante”, que os primeiros anos de minha jornada cristã transcorreram. Estamos falando de um período compreendido entre 1986 e 1994.

## 2.2 COMPREENDENDO O EVANGELHO: IGREJA EVRED

Acelerando a minha saída da infância, o ano de 1994 foi marcado por difíceis situações familiares. Enfermidades de meu pai passaram a se agravar e fazer parte do ambiente familiar, abalando a sua integridade física e mental, desde infartos até isquemias cerebrais, o que mudou repentinamente nossa rotina e que, ao longo dos três anos subsequentes, culminaram com seu falecimento, em outubro de 1997. Desde o início deste processo, crise de saúde, crise financeira e desestabilização dos hábitos cotidianos tomaram lugar em nossa realidade. Ainda naquele mesmo ano de 1994, com meu pai impedido de trabalhar e de dirigir, minha mãe sofreu um acidente automobilístico junto comigo e meu irmão, o que tornou-se o ápice de uma situação emocional e financeiramente desesperadora, mas ao mesmo tempo propícia ao conhecimento do Evangelho revelado pelas Escrituras.

Neste mesmo período, na região metropolitana de Porto Alegre/RS, o que inclui a cidade de Viamão, as igrejas cristãs pentecostais de segunda onda, como descrito por Ricardo Mariano, compondo três ondas do movimento pentecostal brasileiro, também chamadas deuteropentecostais,<sup>50</sup> atuavam com proeminência, através de muitos movimentos crescentes. Foi então que conhecemos uma igreja local deste tipo, chamada EVRED (sigla para “Evangelho do Reino de Deus”). Este ministério cristão implementava, naquela ocasião, os chamados Grupos Familiares, difundidos no Brasil na década de 1990 e precursores do movimento da igreja em células em nossa nação, em muito ancorados na obra de Paul Yonggi Cho chamada Os Grupos Familiares e o Crescimento da Igreja.<sup>51</sup>

Justamente na mesma quadra em que morávamos, haviam duas famílias que pertenciam à igreja EVRED e realizavam um destes grupos familiares semanalmente em uma residência. De alguma forma cientes do contexto de dificuldade que nossa família atravessava, uma de nossas vizinhas nos convidou à sua casa, para participar desta reunião familiar de busca a Deus. Mesmo com meu pai ainda debilitado, minha mãe, meu irmão e eu fomos em busca de suporte espiritual e da ajuda de Deus para nossa família. Como afirma Yonggi Cho, “os grupos familiares dão a cada membro da igreja a oportunidade de participar do

---

<sup>50</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p.23-32.

<sup>51</sup> CHO, Paul Yonggi. *Os Grupos Familiares e o Crescimento da Igreja*. São Paulo: Vida, 1982.

ministério de sua igreja e de trazer o reavivamento à sua própria vizinhança”;<sup>52</sup> foi justamente o que aqueles cristãos vizinhos causaram em nossa família.

A partir daquele grupo, passei a conhecer de outra forma o evangelho de Cristo por meio do ensino de Sua Palavra e da comunhão com aquelas famílias de vizinhos que se reuniam para buscar a Deus. Mesmo aos oito anos de idade, com muitas curiosidades e vontade de conhecer a Deus, eu já tinha hábito de leitura e de conversar sobre assuntos pertinentes à pré-adolescência. Desta forma, comecei a entender princípios bíblicos a serem praticados: aprendi a ler a Bíblia, a orar, a compreender melhor os propósitos que Deus revela em Sua Palavra por meio das explicações naquelas reuniões caseiras e em conversas de família, bem como, especialmente, a conhecer a Nova Aliança por meio de Jesus, práticas e conceitos que outrora não faziam parte do nosso cotidiano católico “não-praticante”.

Como consequência destes relacionamentos e desta nova prática da fé cristã, passamos a frequentar uma pequena congregação da igreja EVRED que havia sido estabelecida no centro da cidade de Viamão.<sup>53</sup> O ambiente era contagiante. Havia algo diferente, uma atmosfera de alegria, uma linguagem compreensível, um Deus sendo de fato revelado a nós.

Em dezembro do ano de 1994, saindo da infância, fui batizado por imersão, conforme o ensino da igreja local. Importante aqui ressaltar as diferentes práticas batismais presentes no plural contexto teológico cristão. Perceba como descrevo duas experiências batismais, uma católica e outra ligada ao cristianismo pentecostal. Ressalto que, assim como afirmado por Pedro Kalmbach, “o batismo era, desde o começo do cristianismo, condição para se tornar membro da igreja”.<sup>54</sup> É comum em ambientes cristãos de doutrinas com raízes influenciadas por teologia batista, como a maioria dos ambientes pentecostais e seus desdobramentos, que a conversão seja marcada pelo batismo por imersão, mesmo que a pessoa tenha sido batizada por aspersão quando criança na prática do catolicismo. Isto não se dá pelo fato de que tal denominação cristã apenas reconheça o batismo se for praticado no contexto de sua liturgia especificamente, mas sim pelo conceito batismal divergente

---

<sup>52</sup> CHO, 1982, p.4-5.

<sup>53</sup> Em 2023, a Igreja EVRED não existe mais na cidade de Viamão/RS.

<sup>54</sup> KALMBACH, Pedro. *Bautismo y educación: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario*. Buenos Aires: 2005. p.24 [...] *el bautismo era, desde el comienzo del cristianismo, condición para tornarse miembro de la iglesia*. (tradução nossa)



teologicamente daquele oriundo do catolicismo, como também praticado por muitas igrejas de teologia Reformada.

Mais do que um rito da tradição cristã, a prática do batismo numa perspectiva bíblica com vistas ao período apostólico e pré-constantiniano é resposta à compreensão do Evangelho. De acordo com Kalmbach, “a adesão à fé proclamada era importante para receber o batismo”.<sup>55</sup> Neste sentido, as vertentes do cristianismo que carregam consigo pressupostos de uma teologia batista ou, mais profundamente, de uma reforma teológica em direção às tradições apostólicas, creem que o batismo de bebês não representa esta referida adesão à fé bíblica; nestes casos de batismos de infantes, uma prática de tradição eclesiástica é que se professe tal confirmação de fé por outras tradições posteriores ao próprio batismo, como por exemplo a crisma católica ou a confirmação luterana. Contudo, Kalmbach ressalta ainda que, “segundo o Novo Testamento, a vida cristã começa com o batismo”.<sup>56</sup> Fundamentados nestes pressupostos, os batistas, pentecostais e demais vertentes cristãs que se somam a estes movimentos na história recente, praticam o batismo como ato posterior ao recebimento consciente do evangelho e confissão de fé.

Como corrobora David Bosch em sua perspectiva missiológica do cristianismo, “o batismo acarreta, pois, conscientemente uma mudança nas relações sociais e na autocompreensão”.<sup>57</sup> Por este motivo, nossa família decidiu pelo batismo como sinal e resultante da fé em Jesus, conseqüente ao entendimento bíblico da mensagem do evangelho, mesmo que outrora batizados no contexto da tradição católica. Outra questão importante na eclesiologia pentecostal é o tipo de batismo. Como corrobora Bill Hamon, “todos os pentecostais praticam o batismo nas águas por imersão”.<sup>58</sup> Assim, tivemos a experiência de sermos batizados por imersão em 18 de dezembro de 1994.

---

<sup>55</sup> KALMBACH, 2005, p.29. *La adhesión a la fe proclamada era importante para recibir el bautismo.* (tradução nossa).

<sup>56</sup> KALMBACH, 2005, p.27. *Según el Nuevo Testamento, la vida cristiana comienza con el bautismo.* (tradução nossa)

<sup>57</sup> BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.* 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2009. p.210.

<sup>58</sup> HAMON, Bill. *The Eternal Church: a Prophetic Look at the Church – Her History, Restoration and Destiny.* 2. ed. Shippensburg: Destiny Image, 2003. p.199. *All Pentecostals practice water baptism by immersion.* (tradução nossa)

Neste período, conheci um evangelho que de fato passou a fazer sentido em minha vida e compor minhas crenças pessoais ao longo da pré-adolescência que se estabelecia. Passei a compreender a fé, o pecado, o arrependimento, o perdão, a aliança com Deus, a salvação por meio de Jesus, a promessa de eternidade e tantos outros fundamentos da vida cristã. A fé evangélica de origem protestante, desdobrada para o deuteropentecostalismo, respondeu muitas perguntas existenciais que, mesmo ainda na saída da infância, já faziam parte do meu ser, dadas as circunstâncias difíceis pelas quais passávamos.

Por meio do ensino e comunhão vivenciados na Igreja EVRED, de fato recebi e passei a praticar o Evangelho de Cristo, que “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”<sup>59</sup> (Rm 1:16).<sup>60</sup>

### **2.3 PRIMEIRAS PRÁTICAS MINISTERIAIS: IGREJA O BRASIL PARA CRISTO**

Em decorrência da evolução das enfermidades de meu pai, resultando numa consequente demanda intensa dos tratamentos, o que envolveu uma mudança radical na rotina da família, acabamos nos afastando consideravelmente das programações da igreja local EVRED, participando esporadicamente. Neste meio tempo, esta denominação passou por uma desestruturação de sua liderança e fechamento de congregações na cidade de Viamão.

Posteriormente, com uma situação mais estável de rotina, porém ainda no contexto de enfermidade, conhecemos, em 1997, uma nova comunidade para pertencer: a Igreja O Brasil Para Cristo (OBPC),<sup>61</sup> também parte do movimento pentecostal de segunda onda e estabelecida em nossa cidade.<sup>62</sup> Junto a outros parentes que frequentavam esta igreja local, que também atuava com grupos familiares, foi neste contexto de cristianismo que passei a maior parte da adolescência, num ambiente bastante similar ao vivenciado na EVRED.

Já com maior autonomia para me deslocar e frequentar a igreja sem uma dependência exclusiva da disponibilidade do restante da família, de fato passei a

---

<sup>59</sup> BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. 2003. BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

<sup>60</sup> Salvo quando indicado, todas as citações bíblicas seguirão o padrão de tradução e abreviaturas da Nova Versão Internacional.

<sup>61</sup> <https://www.igrejapoa.com.br/>, acesso em 01/12/2021.

<sup>62</sup> MARIANO, 2014, p.30.

viver a vida comunitária da igreja. O ambiente era cercado por muitos relacionamentos de amizade, reuniões de oração, cultos a Deus programados tematicamente para a participação de famílias e diversas programações para jovens, como retiros, gincanas e eventos especiais, nos quais fui muito ativo em participar.

No início desde novo ciclo de vivências cristãs, aos onze anos de idade, tive minha primeira experiência com a manifestação do poder sobrenatural de Deus, ao ser curado de sinusite após receber oração com imposição de mãos em um de nossos grupos familiares (veja Mc 16:18 e Tg 5:14-15), durante dias em que estava numa das crises desta inflamação. Nesta mesma época, como fruto de orações, lembro de também ter gradativamente vencido a insônia, situação persistente em praticamente toda a minha infância. Esta é uma das fortes características do deuteropentecostalismo, “centrado na mensagem da cura divina”.<sup>63</sup> Foi nesta igreja local, O Brasil Para Cristo, que atravessei o momento de luto pela morte de meu pai, que fui discipulado nos fundamentos da fé cristã, que orei em público pela primeira vez, que preguei a Palavra de Deus pela primeira vez (para um pequeno grupo de adolescentes), que aprendi a tocar alguns instrumentos musicais, entre tantas outras experiências marcantes.

### **2.3.1 Louvor e Adoração**

Até a década de 1990, a maioria das denominações pentecostais da região metropolitana de Porto Alegre utilizava hinários tradicionais, como a conhecida Harpa Cristã, para a orientação de sua liturgia musical. A partir de então, foi tornando-se cada vez mais corriqueiro o rompimento desta tradição e a inclusão de canções contemporâneas neste cenário. Especialmente o pentecostalismo de segunda e terceira ondas e as comunidades cristãs abraçaram a revolução da musicalidade cristã, que já ocorria desde a década de 1980 no Brasil.

A partir desta época, estas igrejas locais foram muito influenciadas por muitos cantores do que ficaria conhecido como o segmento “gospel”, como os americanos Ron Kenoly e Marcos Witt, a australiana Darlene Zschech e brasileiros como Asaph Borba, Adhemar de Campos, Aline Barros e tantos outros que desencadearam um verdadeiro processo de reforma e inovação na musicalidade

---

<sup>63</sup> MARIANO, 2014, p.30.

cristã, com a inclusão dos mais variados ritmos musicais no contexto litúrgico e a composição de inúmeras canções contemporâneas inéditas.

Em se tratando de louvor e adoração, lembro de ter lido o primeiro livro sobre o assunto em 1999: *Decolando nas Asas do Louvor*, de Atilano Muradas.<sup>64</sup> Nele, o autor faz uma analogia à missão das equipes musicais, contemporâneas a este processo reformador da musicalidade: como num voo de avião, proporcionar aos cristãos reunidos decolarem e aterrissarem em suas práticas litúrgicas de adoração por meio da música, compondo um dinamismo inerente à reunião.<sup>65</sup>

No contexto da Igreja O Brasil Para Cristo da cidade de Viamão/RS, foi nesta época que surgiu a função de “líder de adoração”, como a pessoa à frente da banda na composição litúrgica do culto, com o propósito não apenas de apresentar canções ao público presente, mas de liderar os participantes do culto a serem envolvidos e ativamente colaboradores deste momento. Desde 1998, fiz parte das equipes de louvor e adoração, como músico, posteriormente cantor e ainda como líder de equipes, experiência que contribuiu em muito para minha jornada ministerial, influenciando posteriormente a dinâmica litúrgica das reuniões de celebração praticadas na Família da Fé.

### 2.3.2 Visão Celular

No início dos anos 2000, a denominação O Brasil Para Cristo no estado Rio Grande do Sul propôs a implantação de células como parte da sistemática da igreja, o que foi aderido por várias unidades, especialmente na região metropolitana de Porto Alegre. Uma vez que já eram praticados Grupos Familiares em parte da vida da igreja local, havia um ambiente de transição e ampliação para os propósitos destes pequenos grupos, o que presenciei como membro da congregação da cidade de Viamão/RS. O modelo para esta nova visão foi aderido a partir do que era praticado na Colômbia pelo pastor César Castellanos, fundador da Missão Carismática Internacional.<sup>66</sup> Ganhando forte adesão no Brasil em torno do ano de 1999, o modelo conhecido como G-12 foi difundido em toda a nação. Inspirado na visão de pequenos grupos experimentada na Coreia do Sul pelo pastor Yonggi

---

<sup>64</sup> MURADAS, Atilano. *Decolando nas Asas do Louvor*. São Paulo: Vida, 1999.

<sup>65</sup> MURADAS, 1999, p.9.

<sup>66</sup> <https://mci12.com/>, acesso em 17/06/2021, às 13h.

Cho,<sup>67</sup> Castellanos desenvolveu uma visão celular contextualizada à cultura latino-americana, como ilustra em seu livro *Sonha e Ganharás o Mundo*.<sup>68</sup>

Ainda na adolescência, juntamente com os pastores e a equipe de liderança local, tive a experiência de participar de diversos treinamentos para a proposta de implantação das células na igreja O Brasil Para Cristo de Viamão/RS. Entretanto, a experiência foi frustrada e o pastor local decidiu não prosseguir com a transição para reestruturar a igreja em torno do modelo celular, dada a dificuldade de transição da cultura eclesiológica da comunidade, a falta de ferramentas de treinamento para esta transição no contexto denominacional deuteropentecostal e a insuficiência de voluntários disponíveis como possíveis novos líderes das células em nossa comunidade local. A Igreja O Brasil para Cristo de Porto Alegre/RS, por exemplo, prosseguiu com a implantação de uma estrutura celular, sendo até hoje, em 2023, uma igreja com células como sua principal metodologia de evangelização e pastoreamento.

Esta experiência foi crucial como um dos componentes de cuidado e sabedoria para um posterior processo bem-sucedido de implantação do modelo celular no contexto da Família da Fé.

## **2.4 LIDERANÇA LEIGA: IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA**

Devido a tantas novidades, adaptações e mudanças no modo de ser igreja local naquela época, algumas igrejas pentecostais denominacionais abriram certa margem dogmática, deixando muitas questões práticas ministeriais a critério da compreensão teológica de cada pastor local. Este foi o caso da igreja O Brasil Para Cristo nas décadas de 1990 e 2000, em minha experiência pessoal como membro, sendo justamente o principal motivo do final de meu ciclo de pertencimento à OBPC.

Este período de transição foi marcado por uma profunda variante na prática eclesial: após uma das corriqueiras trocas de pastor, avalizada pela convenção estadual, o que é uma das características da maioria dos sistemas denominacionais pentecostais, fomos surpreendidos por uma abordagem dogmática e litúrgica muito diferente daquela a que estávamos habituados. A congregação a que eu pertencia

---

<sup>67</sup> CHO, 1982.

<sup>68</sup> CASTELLANOS, César. *Sonha e Ganharás o Mundo*. São Paulo: Editora G12, 2006.

passou, repentinamente, de um ambiente de adoração, linguagem e relacionamentos contemporâneos para uma liturgia e dogmática mais próxima às igrejas pentecostais de primeira onda, também chamadas clássicas, em que, por exemplo, os hinários faziam parte da liturgia, bem como vestes mais formais no púlpito e uma linguagem estranha aos de fora, com baixo teor evangelístico e jovial.

Por esta desconexão e dificuldade de adaptação, o ano de 2004 foi marcado pelo meu afastamento e desvinculação da igreja O Brasil Para Cristo. A partir deste período, passei a frequentar a Igreja Presbiteriana Renovada (IPR) de Viamão/RS, numa nova experiência ministerial de vida cristã em comunidade, onde alguns amigos já congregavam. Num ambiente muito parecido com o que estava acostumado previamente, e agora na maioria, na IPR tive a oportunidade de seguir envolvido com ministérios de louvor e adoração e iniciei minha jornada de liderança leiga no ambiente eclesial, com responsabilidade sobre Pequenos Grupos de jovens, esporádicas pregações em cultos e maior compromisso ministerial.

A Igreja Presbiteriana Renovada, mesmo com características similares às igrejas pentecostais de segunda onda, pertence a um segmento eclesial que pode ser definido propriamente: as igrejas históricas renovadas.<sup>69</sup> A eclesiologia das igrejas históricas renovadas é distinta por carregar uma maior profundidade teológica e histórica na composição de seus valores e dogmas, aplicando a crença e restauração neotestamentária dos dons do Espírito Santo às suas práticas de culto e valores fundamentais, o que ficou conhecido como “renovação”. As igrejas históricas renovadas tornam-se novas denominações pela mescla de seu contexto Reformado com a aplicação das práticas pentecostais na relação com Deus tanto no âmbito coletivo como individual, como manifestações de cura divina, profecias e o falar em línguas, para citar alguns dos principais exemplos práticos.

Neste contexto, ao longo de três anos neste ministério, passei por um perceptível processo de amadurecimento de minha relação com Deus e com o ministério cristão. A IPR possui uma identidade teológica mais clara e padrões mais nítidos do modo de ser igreja do que as igrejas deuteropentecostais com que tive ligação. Atrelado ao fato de estar em uma nova fase de desenvolvimento, na juventude, foi neste local que desenvolvi muitas práticas ministeriais, especialmente

---

<sup>69</sup> MARIANO, 2014, p.48-49.

na liderança de alguns projetos como voluntário, na tecitura de raízes teológicas consideravelmente mais profundas e no estreitamento de muitos relacionamentos de amizade causados pela fé em comum.

Neste período de vinculação à Igreja Presbiteriana Renovada de Viamão, houve também o início de um novo ciclo em minha vida, causado pelo processo de namoro, noivado e casamento. Desde o princípio da formação de minha família nuclear, a partir deste relacionamento, tive a reciprocidade de minha esposa, Camila (antes noiva e namorada), ativamente nas práticas ministeriais e na liderança leiga eclesial. Nosso relacionamento foi iniciado, construído e ratificado em torno da vida cotidiana ministerial em pertencimento àquela comunidade cristã. Julgo que este fator foi preponderante para o rápido desenvolvimento de liderança ministerial que viveríamos nos próximos anos, inclusive quanto à viabilidade da implantação da Família da Fé, alavancados pelas oportunidades que aquela igreja local nos permitiu em exercer liderança, desenvolver projetos, discipular pessoas e anunciar o evangelho de variadas formas.

Vale ressaltar que a Igreja Presbiteriana Renovada de Viamão/RS também não era nesta época fundamentada por nenhum modelo celular na sua estrutura eclesial predominante. Contudo, os chamados Pequenos Grupos (PG) eram uma prática presente especialmente entre os jovens no contexto de praticar comunhão, discipulado e ensino da Palavra de Deus em ambientes residenciais. Neste sentido, Camila e eu exercemos liderança sobre um destes pequenos grupos, além de atividades diversas ministeriais ligadas à vida da igreja.

## **2.5 CRISTIANISMO PÓS-DENOMINACIONAL: COMUNIDADE SEMEAR**

Após o nosso casamento e mais uma experiência de troca de pastores causada pelo sistema denominacional na Igreja Presbiteriana Renovada, minha esposa e eu passamos a entender que um novo estágio em nossa caminhada cristã estava às portas. É notória a recorrência da rotatividade de pastores à frente de igrejas locais na realidade pentecostal denominacional brasileira: ao longo dos primeiros doze anos de prática cristã evangélica pentecostal, fui liderado por sete diferentes pastores. Uma média de vinculação de em torno de vinte meses, menos do que dois anos, com cada liderança pastoral local.

Foi assim que em 2006, alguns meses após nosso casamento, aliados a um tempo de busca a Deus para termos direção sobre como e onde deveríamos servir Sua Igreja, decidimos pela vinculação a um projeto que estava começando na cidade de Viamão/RS, num novo modelo de igreja local, não denominacional (ou pós-denominacional), liderado por amigos de longa data: a Comunidade Semear.

Os líderes deste novo movimento tinham suas raízes teológicas e eclesiais no cristianismo pentecostal de segunda onda, assim como nós. Nesta situação, o anterior pastor local daquele grupo simplesmente abandonou a igreja e se mudou, fechando a congregação. Assim, estes líderes emergiram, acompanhados por um grupo de em torno de vinte pessoas, reunindo-se inicialmente em casas e garagens, com ênfase em manter relacionamentos de discipulado e adoração, num contexto mais orgânico da prática cristã. Em seguida, uma sede foi locada e uma nova igreja local estabelecida no centro da cidade de Viamão/RS: nascia a Comunidade Semear.

Aqui cabe uma reflexão em meio a este processo: por que esta nova igreja não optou por se vincular a uma denominação existente? Por que minha esposa e eu optamos por pertencer a uma nova comunidade de cristãos que emergiu organicamente e sem a força estrutural de uma grande denominação cristã?

A resposta está diretamente ligada a fatos intrínsecos à narrativa e que são também comuns à história dos que estavam à frente desta igreja emergente: decepções com um sistema hierárquico eclesial denominacional, imposições dogmáticas visivelmente superadas na maioria dos ambientes cristãos contemporâneos em franco crescimento, a percepção de que algo novo pairava no ar no ambiente cristão brasileiro em termos de novas formas de cristianismo e o desejo de se viver a vida da igreja num modelo eclesial mais próximo das mutualidades bíblicas e das práticas neotestamentárias.

Neste ímpeto, no ano de 2007, os líderes da emergente igreja local Comunidade Semear firmaram uma aliança com uma rede de igrejas, uma nova estrutura de conexão de igrejas locais,<sup>70</sup> diferente do sistema tradicionalmente conhecido como denominacional. Esta rede de igrejas trazia como pertencimento de visão teológica e ministerial o movimento eclesial chamado Nova Reforma

---

<sup>70</sup> WAGNER, 1999, p.125-132.



Apostólica (NRA). Como afirma John Kelly, “a infraestrutura de uma rede apostólica é substancialmente diferente daquela de uma denominação”,<sup>71</sup> distinções estas que em seguida ficarão explicitadas na sequência desta narrativa. Desde então, a Comunidade Semear passou a vincular-se e integrar a Rede Apostólica Cristã, constituindo um modelo de igreja pós-denominacional na cidade de Viamão, em que minha esposa e eu estávamos ativamente participantes.

Por meio da Rede Apostólica Cristã, a Comunidade Semear recebeu uma visão clara quanto ao modo de ser igreja local dentro de muitos conceitos da Nova Reforma Apostólica, transicionando sua sistemática teológica e ministerial por meio de treinamentos que formariam uma equipe de liderança da igreja, estabelecendo a cultura de igreja estruturada em células, aprendendo sobre guerra espiritual, libertação, cura, atos proféticos, discipulado, entre tantos outros atributos que a Nova Reforma Apostólica traz consigo com diversas particularidades.

Foi neste período que tive a oportunidade de compreender e de fato praticar o modelo de igreja em células pela primeira vez. Após êxito inicial em liderar células e formar novos líderes, minha esposa e eu fomos comissionados a implantar uma segunda Comunidade Semear na cidade de Viamão/RS, no ano de 2011, por meio da qual tive minha primeira experiência no ministério pastoral voluntário, aos 23 anos de idade, sob a supervisão do pastor da igreja-mãe.

No final daquele ano, nossa trajetória familiar e ministerial foi consideravelmente alterada. O rumo de nossas vidas mudou completamente mediante a difícil decisão de mudarmos de cidade, devido a uma situação de desemprego. Sendo já casado, pastor em treinamento em tempo parcial e de forma voluntária, gestor industrial e estudante de engenharia, uma única e nova oportunidade de trabalho que contemplasse nossa realidade financeira surgiu na cidade de Lajeado/RS, 130km distante de Viamão/RS, em meio a uma crise no segmento industrial ao qual pertencia profissionalmente. Após orarmos e buscarmos conselho em nossos pastores, percebemos que Deus estava nos preparando para uma nova direção ministerial. Realizamos então o processo de mudança e posterior desvinculação da igreja-filha recém-implantada, que após algum tempo retornou às dependências da sede.

---

<sup>71</sup> KELLY, John P; BYLER, Philip R. *Visão e Provisão*. Belo Horizonte: Sete Montes, 2014. p.13.

## 2.6 REDE APOSTÓLICA CRISTÃ

A Rede Apostólica Cristã (RAC)<sup>72</sup> é uma rede de igrejas apostólicas, organizada desde o ano de 2003 a partir do estado do Rio Grande do Sul, fundamentada nos conceitos apostólicos teológicos e práticos ministeriais da Nova Reforma Apostólica, sendo uma das primeiras redes apostólicas estabelecidas dentro desta nomenclatura e conceitos no Brasil.

O termo “rede” tem sido adotado por muitas estruturas de vínculo entre igrejas que aderem à Nova Reforma Apostólica, numa terminologia que surge a partir de uma parábola de Jesus, que afirma: “O Reino dos céus é ainda como uma rede [...]” (Mt 13:47). Mesmo que a ilustração de Jesus refira-se diretamente a redes de pesca, entende-se o conceito “rede” como intencionalmente utilizado por Jesus para representar uma estrutura interconectada que potencializa a colheita, aplicando-se assim este termo às vinculações dinâmicas entre igrejas locais que compõem conjuntamente uma porção maior da Igreja de Cristo na terra. Como elucida Peter Wagner, as igrejas locais conectadas por redes apostólicas, nos conceitos da Nova Reforma Apostólica, são motivadas, por um lado, pelo desejo de não existirem de forma independente, e, por outro, pelo desejo de não perder a sua autonomia. Como na ilustração de uma rede de pesca, há um relacionamento dinâmico e interdependente entre as partes.<sup>73</sup>

Conforme define David Cannistraci, “uma rede apostólica [...] é um grupo de igrejas autônomas e ministérios individuais que se unem voluntariamente em uma estrutura organizada”.<sup>74</sup> Diferentemente de conceitos denominacionais tradicionalmente conhecidos, a Rede Apostólica Cristã é composta por igrejas locais e ministérios que se unem espontaneamente e organicamente sob uma liderança reconhecidamente apostólica com a finalidade de se fortalecer, crescer e multiplicar pela potencialização de suas forças. Em outras palavras, o vínculo de aliança entre as igrejas e a rede é causado muito mais pela visão comum e vínculo relacional entre seus líderes do que pela instituição em si. Assim como na esfera dos negócios, em que as redes de relacionamentos de trabalho, também chamadas *networking*,

---

<sup>72</sup> [www.redeapostolica.com.br](http://www.redeapostolica.com.br)

<sup>73</sup> WAGNER, 1999, p.127.

<sup>74</sup> CANNISTRACI, David. *Apostles and the Emerging Apostolic Movement*. Ventura: Renew Books, 1996. p.190. *An apostolic network [...] is a band of autonomous churches and individual ministries that are voluntarily united in an organized structure.* (tradução nossa)

estão suplantando organizações constituídas por meio de hierarquias tradicionais, no contexto da Nova Reforma Apostólica, esta é uma tendência na forma das igrejas locais serem conectadas, receberem suporte e serem fortalecidas, principalmente como desdobramento da vinculação à Nova Reforma Apostólica. Como ressalta Jonathan David, líder de uma grande rede de igrejas apostólicas na região da Malásia, uma das “características distintas do ministério apostólico é sua capacidade de atrair grupos de igrejas para serem conectadas em rede”.<sup>75</sup>

Para Bill Hamon, proeminente líder norte-americano vinculado à Nova Reforma Apostólica, “uma rede descreve um grupo de ministros, igrejas e outros ministérios especiais que estão inter-relacionados para unir sua visão, recursos, produtos e pessoas em um propósito unificado”.<sup>76</sup> Mais do que uma proposta de modelo estrutural organizacional de pertencimento e vinculação de igrejas, uma rede de igrejas apostólicas é causada pela afinidade de propósitos comuns ao Reino de Deus, conectando líderes e ministérios de forma relacional, visionária, estratégica e espiritual.

Foi a vinculação à Rede Apostólica Cristã, iniciada por meio do nosso pertencimento à Comunidade Semear e depois continuada por meio de nossa nova vivência ministerial na cidade de Lajeado/RS, como será descrito posteriormente, que protagonizou o fundamento teológico e sistemático para que a Família da Fé viesse a existir em vinculação à Nova Reforma Apostólica.

### 2.6.1 Estrutura de liderança relacional

A base de tudo o que ocorre numa rede apostólica são os relacionamentos. Neste fundamento relacional, existem patamares de autoridade e maturidade distintos que tanto possibilitam como promovem aconselhamento, discipulado e até mesmo diretrizes sobre o movimento apostólico global que a rede representa e sobre práticas ministeriais que os pastores tenham necessidade ou inexperiência. Sobre a perspectiva relacional do conceito de redes de igrejas, Cannistraci afirma

<sup>75</sup> DAVID, Jonathan. *Apostolic Strategies Affecting Nations*. 2. Ed. Muar: [s.n.], 1999. p.479. [...] distinctive feature of an apostolic ministry is its ability to draw groups of churches to be networked together. (tradução nossa)

<sup>76</sup> HAMON, Bill. Christian International Ministries Network. In: WAGNER, C. Peter (Ed.). *The New Apostolic Churches*. Ventura: Regal Books, 1998. p.155. A network describes a group of ministers, churches and other special ministries who are interrelated together to link their vision, resources, products and people in one unified purpose. (tradução nossa)

que “redes apostólicas são diferentes da maioria das denominações porque, nas redes, relacionamentos (não políticas ou regras) são a principal fonte de força organizacional”.<sup>77</sup> Desta forma, Cannistraci, que é um dos primeiros autores a propor definições para a prática teológica dos conceitos da Nova Reforma Apostólica, estabelece como princípios para o pertencimento e funcionamento de uma rede apostólica quatro elementos básicos: um apóstolo reconhecido na liderança ou uma equipe de apóstolos reconhecidos na liderança, uma atmosfera de relacionamentos dinâmicos, missão e propósito distintos e um conglomerado de igrejas apostólicas em pertencimento.<sup>78</sup>

Mark Pfeifer corrobora este conceito ao fazer uma análise da estrutura bíblica neotestamentária de governo da Igreja confrontando o aspecto relacional com o organizacional. Segundo Pfeifer, no contexto de governo da igreja local e sua vinculação com o ministério apostólico no Novo Testamento, “o vínculo da unidade era relacional, não organizacional”,<sup>79</sup> o que produz o entendimento de que, apesar da necessidade de organização e sistematização das práticas eclesiais e estruturas de governo das igrejas locais, o que causa a vinculação apostólica não é a organização institucional, mas sim o relacionamento com o ministério apostólico. O autor desenvolve seu estudo afirmando que “a igreja prosperou em seu ambiente social onde os relacionamentos foram forjados na presença de Deus. Isso criou as bases necessárias sobre as quais a igreja foi construída”.<sup>80</sup> Conectando a análise neotestamentária ao conceito de redes apostólicas de igrejas, Pfeifer conclui que “quaisquer conexões que fossem feitas entre congregações e o ministério dos apóstolos eram relacionais”.<sup>81</sup>

As definições de Cannistraci e Pfeifer traduzem-se na prática das estruturas relacionais da Rede Apostólica Cristã, que possui: um apóstolo sênior reconhecido na liderança, que é Ricardo Wagner; uma equipe apostólica de liderança que é

---

<sup>77</sup> CANNISTRACI, 1996, p.190. *Apostolic networks are different from most denominations because in networks, relationships (not policies and rules) are the main source of organizational strength.* (tradução nossa)

<sup>78</sup> CANNISTRACI, 1996, p.190-192.

<sup>79</sup> PFEIFER, Mark. *Alignment*. Chillicothe: SOMA, 2008. p.229. *The bond of unity was relational not organizational.* (tradução nossa)

<sup>80</sup> PFEIFER, 2008, p.229. *The church thrived on its social environment where relationships were forged in the presence of God. This created the necessary foundations upon which the church was built.* (tradução nossa)

<sup>81</sup> PFEIFER, 2008, p.229. *Any connections that were made between congregations and the ministry of the apostles were relational.* (tradução nossa)

composta por pastores locais com maior experiência e compreensão da visão da Nova Reforma Apostólica, aptos a treinarem e discipularem pastores e igrejas locais, denominada como Conselho Apostólico; dezenas de pastores e líderes de igrejas locais aliançadas à rede de igrejas e que se relacionam mutuamente em comunhão e com a equipe apostólica de liderança em discipulado; um modelo de fundamentos da prática eclesial e de treinamentos comuns aos cristãos para ensino teológico e práticas ministeriais que promovem visão, unção e estrutura para o funcionamento das igrejas dentro das perspectivas da Nova Reforma Apostólica bem como para o estabelecimento do Reino de Deus nas cidades em que cada igreja local estiver inserida.<sup>82</sup>

Dando prosseguimento à narrativa de trajetória ministerial, bem como para elucidar o fundamento ministerial da subsequente implantação da Família da Fé como pertencente à Rede Apostólica Cristã, minha esposa e eu, como líderes sêniores desta igreja local, balizamos o projeto de implantação de uma nova igreja a partir do vínculo relacional de aconselhamento e discipulado diretamente com o apóstolo líder da Rede Apostólica Cristã, Ricardo Wagner.

A partir de nossa mudança para a cidade de Lajeado, nossos pastores locais em Viamão, que já eram vinculados à Rede Apostólica Cristã, como mencionado anteriormente, por meio da igreja Comunidade Sear, nos enviaram para uma vinculação direta de discipulado junto ao apóstolo Ricardo Wagner, também facilitado pela proximidade geográfica de apenas 25km entre Lajeado/RS, cidade em que fomos morar, e Teutônia/RS, cidade em que reside o líder da Rede Apostólica Cristã. Este vínculo causado naquela situação perdura até hoje, numa relação de discipulado, aconselhamento e mentoreamento, baseada neste relacionamento estreitado desde o ano de 2011, numa configuração que elucidada, neste aspecto pessoal de discipulado de pastores, os pressupostos da Nova Reforma Apostólica quanto à estrutura das redes de igrejas apostólicas.

Por meio dos frutos relacionais que causaram supervisão ao nosso desenvolvimento ministerial, fomos, Camila e eu, publicamente comissionados pela Rede Apostólica Cristã como pastores locais no ano de 2014, enquanto liderávamos algumas células na cidade de Lajeado/RS e estávamos no processo de implantação da Família da Fé em Viamão/RS, já com uma equipe de líderes e uma estrutura de

---

<sup>82</sup> <http://redeapostolica.com.br/Rede-Apostolica/Quem-Somos/>

células, como será detalhado na sequência da narrativa. Este comissionamento público de novos pastores é prática comum nas conferências de líderes promovidas pela Rede Apostólica Cristã, que têm reunido anualmente em torno de 2000 pastores e líderes de célula de igrejas locais vinculados a esta rede de igrejas.

Ao longo dos anos, tanto pela experiência de discipulado diretamente com o líder da RAC, como pela implantação bem-sucedida da Família da Fé, aliados ao treinamento de outras igrejas na implantação ou transição para um modelo teológico prático da Nova Reforma Apostólica, passei também a fazer parte da equipe apostólica de liderança da Rede Apostólica Cristã, conhecida como Conselho Apostólico, com relacionamento com outros pastores e treinamentos diversos em nome da RAC para suporte e instrução a outras igrejas locais.

Pode-se portanto resumir o objetivo da Rede Apostólica Cristã como o intuito de compartilhar visão, unção e estrutura para as igrejas locais nas cidades, ajudando-as na missão de evangelização e discipulado em suas cidades e no estabelecimento do Reino de Deus em todas as esferas da sociedade a partir de vínculos relacionais entre uma equipe apostólica de liderança e os pastores e demais líderes das igrejas locais vinculadas à rede de igrejas. Como Cannistraci corrobora, “esta estrutura de relações humanas é suficiente para facilitar a interdependência entre os membros da rede e sua supervisão apostólica”,<sup>83</sup> sem ferir o senso de autonomia, desenvolvimento, criatividade, identidade e maturidade de cada igreja local em seu contexto.

Tão relevante é esta distinção da estrutura de uma rede de igrejas para um sistema denominacional hierárquico, que Peter Wagner afirma que “é certo que redes apostólicas constituem um dos mais significantes novos odres no protestantismo mundial atual”.<sup>84</sup> Isto posto, apesar de muitas igrejas inseridas numa organização hierárquica denominacional praticarem alguns preceitos da Nova Reforma Apostólica, o terreno apropriado para as práticas ministeriais deste modelo eclesiástico torna-se mais adequado no contexto estrutural relacional de vinculação por meio de redes de igrejas.

---

<sup>83</sup> CANNISTRACI, 1996, p.190. *This framework of human relationships is sufficient to facilitate interdependency between network members and their apostolic oversight.* (tradução nossa)

<sup>84</sup> WAGNER, 1999, p.126. [...] *it is certain that apostolic networks constitute one of the most significant new wineskins in worldwide Protestantism today.* (tradução nossa)

### **2.6.1.1 Potenciais problemas de Redes Apostólicas**

Como toda nova forma estrutural, o conceito de redes apostólicas carrega consigo alguns riscos de fracasso. Como os salva-vidas que vislumbram o horizonte para localizar riscos, para onde deveríamos direcionar nosso olhar a fim de prevenir potenciais falhas no sistema de redes de igrejas fundamentado apostolicamente? Temos a tendência de construir coisas novas sobre nossos paradigmas antigos, pois além de ser uma forma segura de liderarmos, muitas vezes tornam-se imperceptíveis aos nossos olhos. Glenn Schaffer, um dos primeiros autores a proporem uma estruturação de redes apostólicas descreve um alerta neste quesito, como explicitado a seguir.<sup>85</sup>

O principal fator de risco apontado por Shaffer é a perda de vitalidade. Uma vez que as redes apostólicas constituem-se por uma estrutura relacional, tanto o desejo por crescimento da rede como a eventual morte do líder principal elevam o risco de uma conseqüente institucionalização e frieza relacional, tendendo aos mesmos padrões das grandes denominações. Peter Wagner assinala que “no novo pensamento apostólico, a confiança está nas pessoas, não em juntas, comitês, equipes ou conselhos”.<sup>86</sup> Este é um dos motivos pelos quais Peter Wagner defende que as redes apostólicas devem carregar uma perspectiva de multiplicação, como desdobramento do crescimento e de novos relacionamentos; o autor advoga que o número ideal para uma rede apostólica não perder o seu caráter relacional, dependendo da disponibilidade e habilidade do líder apostólico, fica na faixa de 50 a 150 igrejas aliançadas, podendo chegar a 250 igrejas se houver uma equipe de liderança apostólica multiplicando o trabalho relacional e tendo vínculos similares ao seu líder sênior, com grupos de igrejas sob sua responsabilidade. Uma vez vislumbrada a perda de vitalidade relacional, deve-se planejar a multiplicação, por meio do desenvolvimento de novos líderes apostólicos a partir da própria rede.<sup>87</sup>

Uma segunda perspectiva que promove a perda da vitalidade de uma rede apostólica, além de um possível enfraquecimento dos relacionamentos devido ao crescimento numérico, é a motivação de pertencimento à rede por interesses

---

<sup>85</sup> SHAFFER, Glenn. *Apostolic Government in the 21ST Century*. Claremore: ATI publishing, 2005. p.97-104.

<sup>86</sup> WAGNER, 1999, p.128. *In the new apostolic thinking, trust is in individuals, not in boards, committees, teams or councils*. (tradução nossa)

<sup>87</sup> WAGNER, 1999, p.140-148.

diferentes de sua razão de ser. Shaffer alerta ainda que “quando equipes apostólicas formam uma nova rede, deve-se tomar cuidado para assegurar que aqueles em união com a rede estejam espiritualmente relacionados”.<sup>88</sup> É comum que na motivação de pertencer a um novo movimento, pastores convidem outros líderes eclesiais a conhecerem o que estão vivenciando. Por vezes, torna-se cultural em uma rede apostólica um programa de recrutamento de novas igrejas, para o crescimento da rede. Segundo Shaffer, este é um dos riscos de fracasso da estrutura, pois a autoridade apostólica deve preceder o interesse de associação. Como afirma o apóstolo Paulo aos Coríntios, “ainda que eu não seja apóstolo para outros, certamente o sou para vocês” (1Co 9:2), denotando uma união espiritual baseada no ofício do apostolado que precede e supera um mero vínculo de associação. Shaffer sintetiza que “ao manter a rede em uma base relacional, a disposição das equipes apostólicas é modelada, assim cada indivíduo pode ter um testemunho claro do porquê acredita pertencer àquela determinada rede”,<sup>89</sup> causando um crescimento orgânico e saudável.

### 2.6.2 Estrutura eclesiástica flexível

Como supracitado, as redes apostólicas são consideradas por Peter Wagner como um novo odre para o protestantismo. A partir desta referência à ilustração de Jesus, entendemos que novos movimentos eclesiásticos, lidos ilustrativamente como vinho novo, precisam ser adequados a novas estruturas eclesiásticas, lidas paralelamente como odres novos. As redes apostólicas constituem assim uma proposta para uma nova estrutura. Contudo, mais importante do que a estrutura de primazia relacional, quanto às esferas de pertencimento e funcionamento das redes de igrejas, é a nova estrutura que o vínculo à rede causa sobre a realidade das igrejas locais: as novas igrejas apostólicas precisam de uma nova concepção estrutural para que produzam os devidos frutos práticos que as identificam como parte da Nova Reforma Apostólica. Neste entendimento, as redes apostólicas devem promover novos odres na concepção estrutural das igrejas locais.

---

<sup>88</sup> SHAFFER, 2005, p.103. *When apostolic teams form a new network, caution must be taken to assure that those in union with the network are spiritually related.* (tradução nossa)

<sup>89</sup> SHAFFER, 2005, p.104. *By keeping the network on a relational basis, the order of apostolic teams is modeled, thus each individual can have a clear testimony of why they believe they belong to that particular network.* (tradução nossa)



Nem se põe vinho novo em vasilha de couro velha; se o fizer, a vasilha reventará, o vinho se derramará e a vasilha se estragará. Ao contrário, põe-se vinho novo em vasilha de couro nova; e ambos se conservam. (Mt 9:17)

A estrutura de governo de primazia relacional e não institucional presente nas redes de igrejas apostólicas deve ser refletida de forma análoga na estrutura das igrejas locais, de forma que a vida da igreja não seja restrita ou limitada por sua estrutura física institucional; os ambientes de pregação do evangelho, discipulado, comunhão e adoração não sejam exclusivos ao ambiente do prédio da comunidade, tampouco pelos recursos e insumos a este relacionados. A estrutura física e institucional da comunidade deve impulsionar, e não limitar o crescimento e edificação da própria comunidade.

Glenn Shaffer, no contexto da Nova Reforma Apostólica, define que “a Igreja não é uma organização, denominação ou construção. É um organismo vivo”.<sup>90</sup> Como organismo vivo, a igreja precisa possuir uma estrutura flexível para comportar o que Deus fará expandir naturalmente a partir de um novo mover, assim como o odre novo ilustrado por Jesus precisa ser capaz de se adequar para comportar a expansão do vinho novo. No mesmo sentido, Larry Kreider reflete sobre como igrejas locais que desejem constante expansão precisam de uma estrutura flexível e adaptável. A estrutura da igreja precisa adequar-se constantemente para receber, evangelizar, treinar e discipular novos cristãos, mantendo a saúde institucional de sua base relacional. Kreider afirma, nesta analogia, que “um odre é como um balão. Ele precisa ser flexível e maleável. Colocar um novo cristão (vinho novo) numa estrutura velha pode causar a quebra da estrutura e o novo cristão pode ser perdido”.<sup>91</sup> A preocupação das redes de igrejas em evitarem a tendência inflexibilidade que as tradições produzem é especialmente concernente ao cumprimento dos propósitos existenciais da igreja local. O autor continua: “os novos cristãos devem ser colocados em novas estruturas flexíveis e capazes de encorajar seu crescimento espiritual”.<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup> SHAFFER, 2005, p.20. *The Church is not an organization, denomination, or building. It is a living organism.* (tradução nossa)

<sup>91</sup> KREIDER, Larry. *House to House: Spiritual Insights for the 21<sup>st</sup> Century Church.* Ephrata: House to House Publications, 1995. p.3. *A wineskin is like a balloon. It needs to be flexible and pliable. Putting a new Christian (new wine) into an old structure can cause the structure to break and the new Christian may be lost.* (tradução nossa)

<sup>92</sup> KREIDER, 1995, p.3. *New Christians should be placed in new structures that are flexible and able to encourage their spiritual growth.* (tradução nossa)

Como afirma Robert Heidler, “a Igreja Primitiva não tinha prédios de igrejas, vitrais, hinários, campanários, púlpitos, bancos ou boletins”.<sup>93</sup> Mesmo que tenhamos descrições de vida pública da igreja acontecendo no pátio do templo desde os primeiros cristãos reunidos após a ressurreição de Jesus (At 2:46), sabemos que este local era restrito à cidade de Jerusalém. Uma base bíblica para descrever a estrutura funcional da igreja neotestamentária como modalidades de reunião ou agrupamento dos crentes em Jesus são referidas pelo apóstolo Paulo: “você sabem que não deixei de pregar a vocês nada que fosse proveitoso, mas ensinei tudo publicamente e de casa em casa” (At 20:20). Publicamente e de casa em casa. Uma esfera residencial de grupos menores e uma esfera pública de grupos maiores, seja em edifícios, praças, ou qualquer ambiente com a capacidade e o propósito de reunir o grande grupo, que varia de acordo com cada localidade. Haenchen confirma que a esfera residencial descrita por Paulo refere-se a igrejas nas casas e não simplesmente a estrutura nuclear familiar de consanguinidade.<sup>94</sup>

Isto parece óbvio para qualquer cristão compreender ou qualquer líder eclesiástico afirmar. Contudo, a prática eclesial e ministerial que vivenciei e percebo como comum em tantos ambientes cristãos reflete um grande apego às práticas “templistas” como sendo as de maior importância e até mesmo status. O termo “templismo” é utilizado por Aluizio Silva em alusão às atividades que ocorrem no contexto do prédio da igreja e que não raramente tornam-se de maior importância para a prática do cristianismo na concepção cultural da igreja local, o que, segundo Silva, é uma herança que nossa sociedade brasileira recebeu a partir da tradição cristã historicamente vinculada ao catolicismo.<sup>95</sup> Como ressalta Valdir Steuernagel em sua perspectiva missiológica do cristianismo, “um dos problemas inerentes a todo o processo de estruturação é a sua tendência à perpetuação e autossuficiência”, concluindo que “a estruturação que emerge a serviço do Espírito tende a colocar o Espírito a seu serviço”.<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> HEIDLER, Robert. Preparing For God's New Wine. In: HEIDLER, Robert; PIERCE, Chuck. *The Apostolic Church Arising*. Denton: Glory of Zion International, 2015. *The Early Church didn't have church buildings, stained glass windows, hymnals, steeples, pulpits, pews, or church bulletins.* (tradução nossa)

<sup>94</sup> HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles: a commentary*. Philadelphia: Westminster, 1971. p.591.

<sup>95</sup> SILVA, Aluizio A. *Manual da Visão de Células*. 5. ed. Goiânia: VINHA, 2008. p.133-134.

<sup>96</sup> STEUERNAGEL, Valdir. *Obediência missionária e prática histórica*. São Paulo, SP: ABU, 1993. p.95.

Larry Kreider descreve, por outro lado, o conceito de “ministério do templo”, para as atividades praticadas por meio da estrutura física das igrejas locais, como por exemplo cada função necessária para promover um culto público, também conhecido como celebração no contexto das igrejas em célula: limpeza, recepção, programação especial para as crianças ou demais faixas etárias, sonorização, projeção, fotografia, pregação da Palavra de Deus, performances artísticas musicais de palco, entre outros. Para Kreider, “embora o ‘ministério do templo’ seja benéfico para a adoração corporativa, ensino e celebração, talvez o Senhor queira que voltemos a ver a igreja como pessoas, não como um lugar onde os crentes se encontram”.<sup>97</sup> Mais uma vez saliento que é comum qualquer cristão declarar que a igreja são as pessoas, mas na prática, as atividades institucionais acabam tendo primazia não somente pela quantidade de tempo demandado para tais práticas, mas especialmente em ordem de importância no coração dos cristãos.

Em nossa trajetória ministerial, ao mudarmos nossa residência para a cidade de Lajeado/RS, passamos pela experiência de uma “abstinência” de atividades ministeriais institucionais. Desde a adolescência, minha esposa e eu fomos muito ativos nas práticas ministeriais promovidas pela igreja local e em torno de sua estrutura física. Mesmo que nos envolvemos com estratégias mais orgânicas e residenciais como os grupos familiares e depois o modelo celular, as atividades dominicais em torno do culto público tinham primazia, apesar de não percebermos. Em outras palavras, não sabíamos o que significava sermos cristãos sem uma estrutura física institucional para referenciar a prática da nossa fé. Esta é a essência do conceito de templismo destacado por Aluízio Silva.

Como não havia, em 2011, nenhuma igreja aliada à Rede Apostólica Cristã sediada na cidade de Lajeado, nos mudamos carregando a missão de estabelecer nesta cidade a visão da Rede Apostólica Cristã por meio de um projeto de implantação de uma nova igreja apostólica. Juntamente a esta missão ministerial, estavam presentes em nossa realidade a questão de vinculação profissional no segmento industrial e a designação de caminhar numa nova estação de discipulado junto ao líder sênior da Rede, apóstolo Ricardo Wagner, como já mencionado. Desta

---

<sup>97</sup> KREIDER, Larry. *What Every Small Group Leader Should Know*. Edição do Kindle. Minneapolis: Chosen, 2010. p.34. *Although “temple ministry” is beneficial for corporate worship, teaching and celebration, perhaps the Lord wants us to get back to seeing the church as people, not as a place where believers meet.* (tradução nossa)

forma, passamos por um período da prática do cristianismo desconectada de um local físico para chamar de igreja. Neste contexto, posso afirmar que, mesmo que anteriormente afirmasse que a igreja somos nós, que as reuniões caseiras são tão valiosas como os cultos públicos, descobri o quanto era forte dentro de mim o templismo: era um apego emocional, uma primazia, uma distorção do real sentido e da essência de ser igreja.

A libertação interior do templismo é uma experiência inexplicável. Com os devidos cuidados de seguir reconhecendo a necessidade de uma estrutura física institucional conforme as demandas da comunidade de cristãos que é gerada em cada projeto de implantação de igreja, faz parte de uma nova igreja apostólica a percepção de que o templo não é sua essência. Assim, nos primeiros tempos de nossa morada em nova cidade, passamos tanto a buscar a Deus no ambiente residencial como evangelizar pessoas ao nosso redor que estivessem de alguma forma demonstrando abertura à Palavra de Deus. Algumas pessoas começaram a frequentar nossa casa, conversar sobre assuntos que requeriam transformação, aprender a Palavra de Deus, serem batizadas e viverem a vida da igreja, ainda sem uma edificação específica para a instituição na cidade.

Hoje percebo, por meio de diversas situações e comportamentos ao redor, que muitos cristãos não compreendem o quanto são dependentes da estrutura física da igreja local como instituição para de fato serem Igreja, pois me incluo neste equívoco e me vejo nestas pessoas. Mesmo após muitos anos de prática de cristianismo, liderança leiga e pastoreamento voluntário, só percebi o quanto o templo estava dentro de mim quando o “perdi”. Como disse Neil Cole, autor proeminente na temática da igreja orgânica, “a questão não é se você está dentro das paredes, mas se as paredes estão dentro de você”.<sup>98</sup>

A Bíblia aponta para um conceito orgânico da Igreja de Cristo em todo o tempo. Escrevendo instruções à igreja de Corinto, o apóstolo Paulo destaca: “você não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (1Co 3:16), trazendo uma reflexão aos cristãos sobre a grandeza de serem portadores da presença de Deus. Noutra ocasião, em Atenas, diante de tantos

---

<sup>98</sup> COLE, Neil. *Organic Leadership: Leading Naturally Right Where You Are*. Grand Rapids: Baker Books, 2009. p.41/293. *It's not a question of whether you are inside the walls, but are the walls inside of you?* (tradução nossa)

templos construídos para as mais diversas divindades, Paulo prega o evangelho de Cristo, afirmando: “o Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra e não habita em santuários feitos por mãos humanas” (At 17:24), enaltecendo o fato de que não são os locais que abrigam a presença de Deus para que as pessoas o encontrem, mas é a reunião dos que creem em Deus por meio do evangelho de Cristo que faz com que naquele local seja manifesta a presença de Deus, como o Senhor Jesus ensinou: “pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mt 18:20). O local de culto público é importante para causar um ambiente apropriado para a reunião dos cristãos, mas não é o que de mais importante deve haver no coração das pessoas quando pensam “igreja”.

Em seu livro sobre transformação orgânica da igreja local, Cole e Helfer afirmam que a “vida nunca vêm a partir da estrutura”.<sup>99</sup> Assim como no corpo humano a formação óssea é consequência do crescimento do organismo, a vida do Corpo de Cristo deve preceder a estrutura. Como assinala Valdir Steuernagel, a criação de estrutura para a igreja local é um “mal necessário”. Nas palavras do autor, “mesmo que a estruturação não produza vida, ela é saudável quando gera espaço para a manutenção da vida”.<sup>100</sup> Neil Cole afirma ainda que “no pensamento da igreja orgânica, é imperativo que se crie uma estrutura somente quando necessário”.<sup>101</sup> Este é um dos conceitos mais importantes para a implantação de uma Nova Igreja Apostólica: não criar uma estrutura desnecessária, não investir recursos e energia em projetos inadequados às necessidades do Corpo que está sendo formado e, por fim, não pensar que igreja é o “templo”, no sentido predial.

Este aprendizado causou aceleração na compreensão real dos conceitos da Nova Reforma Apostólica e na prática de um cristianismo mais orgânico do que aquele que até então fazia parte de minha concepção eclesial coletiva. Ao mesmo tempo, como afirma William Beckham, “mudar a percepção da igreja como uma organização de grupo grande em um prédio é incrivelmente difícil”.<sup>102</sup> Na minha experiência pessoal, foram necessários ao menos dois anos para que realmente

---

<sup>99</sup> COLE, Neil; HELFER, Phil. *Church Transfusion: Changing Church Organically – From The Inside Out*. Kindle Edition. San Francisco: Jossey-Bass, 2012. p.23/196. *Life never comes from structure*. (tradução nossa)

<sup>100</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.95.

<sup>101</sup> COLE, Neil. *Igreja Orgânica – plantando a fé onde a vida acontece*. CIDADE: Editora Habacuc, 2007. p. 169

<sup>102</sup> BECKHAM, William A. *A Segunda Reforma: A Igreja do Novo Testamento no Século XXI*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007. p.12.

pudesse compreender a verdadeira proeminência da igreja em sua essência corporativa muito além da estrutura.

Ao ser a minha referência para os conceitos eclesiais da Nova Reforma Apostólica, atribuo à Rede Apostólica Cristã, tanto por seus treinamentos ministeriais como especialmente pela oportunidade que recebi de uma estação mais intensa e próxima geograficamente de discipulado com o apóstolo Ricardo Wagner, a compreensão da flexibilidade da estrutura da igreja em cada fase de sua implantação ou crescimento, como um odre novo, que tem a capacidade de ir adaptando e ampliando a sua estrutura à medida que o vinho é fermentado. Como adverte Steuernagel, “a interrelação entre Espírito e estrutura no processo de obediência missionária merece uma atenção cuidadosa”.<sup>103</sup> Veremos no caso da Família da Fé como esta flexível estrutura se apresentou na prática, desde o projeto de implantação às etapas de crescimento que culminam na realidade atual.

Minha experiência na cidade de Lajeado se estendeu até o ano de 2019. Trabalhei na área de gestão em engenharia por oito anos, concluí a graduação em engenharia mecânica e cursei bacharel e mestrado em teologia. Neste período, pregamos a Palavra de Deus para muitas pessoas, implantamos células, batizamos novos cristãos, capacitamos novos líderes de célula e colhemos muitos frutos para o Reino de Deus. Em meio a tudo isso, minha experiência na Rede Apostólica Cristã se tornava cada vez mais profunda, na relação de discipulado, na participação ativa e organizacional em eventos, no auxílio da transição de igrejas para o modelo apostólico, na ministração de treinamentos e em tantas outras experiências.

A partir deste pano de fundo ministerial, é possível falar do início propriamente dito da história da Família da Fé. Entretanto, é pertinente termos um capítulo de transição para descrever os fundamentos do movimento eclesial contemporâneo da Nova Reforma Apostólica. Subsequentemente serão agregados a trajetória ministerial e os princípios teológicos práticos descritos às práticas de implantação e funcionamento da Família da Fé.

---

<sup>103</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.95.

### 3 NOVA REFORMA APOSTÓLICA

Este capítulo visa apresentar um aporte teórico do movimento eclesiológico contemporâneo cristão da Nova Reforma Apostólica, seus conceitos fundantes, principais autores e a que se propõe reformar. Relacionando o aporte teórico à fundamentação de um estudo de caso, Robert Yin afirma que “a teoria apropriadamente desenvolvia também é o nível no qual ocorrerá a generalização dos resultados do estudo de caso”<sup>104</sup>. Através do aporte teórico conceitual da Nova Reforma Apostólica, o caso da Família da Fé ganha um parâmetro analítico que serve de modelo para gerar as considerações quanto à prática eclesial que se propõe elucidar através desta tese.

Em 1999, C. Peter Wagner (1930-2016), dois anos antes de completar sua carreira de 30 anos como professor de Crescimento da Igreja no Seminário Teológico Fuller (USA), publicou uma obra distinta, dentre mais de 80 livros que produziu, intitulada *Churchquake*; este neologismo une os termos Igreja (*Church*) e terremoto (*quake*), soando como “terremoto na igreja”. Notável pela descrição e interpretação dos moveres eclesiológicos com vistas ao estudo de Crescimento da Igreja, Wagner identificou um novo fenômeno emergindo junto à virada do milênio, que ele nomearia como a Nova Reforma Apostólica. Sua obra *Churchquake* inicia assim: “a maior mudança na maneira de fazer igreja desde a Reforma Protestante está ocorrendo diante dos nossos olhos”.<sup>105</sup> A partir disto, Wagner desenvolve, neste livro e em obras subsequentes, novos conceitos, que ganharam lugar em todo o mundo, inclusive no Brasil. Vejamos uma definição concisa de Wagner sobre este mover eclesiástico cristão contemporâneo:

A Nova Reforma Apostólica é uma obra extraordinária de Deus no final do século XX, que está, em uma extensão significativa, mudando a forma do Cristianismo Protestante em todo o mundo. Por quase 500 anos, as igrejas cristãs têm funcionado amplamente dentro de estruturas denominacionais tradicionais de um tipo ou de outro. Particularmente na década de 1990, mas com raízes que remontam a quase um século, novas formas e procedimentos operacionais começaram a surgir em áreas como o governo da igreja local, relacionamentos intereclesiais, financiamento, evangelismo, missões, oração, seleção e treinamento de liderança, o papel do poder sobrenatural, adoração e outros aspectos importantes da vida da igreja. [...] Em praticamente todas as regiões do mundo, essas novas igrejas

---

<sup>104</sup> YIN, 2005, p.52.

<sup>105</sup> WAGNER, 1999, p.5. *The greatest change in the way of doing church since the Protestant Reformation is taking place before our very eyes.* (tradução nossa)

apostólicas constituem o segmento de crescimento mais rápido do cristianismo.<sup>106</sup>

Contemporâneos e subsequentes aos escritos de C. Peter Wagner, surgiram diversos outros autores, entre eles acadêmicos, pesquisadores e líderes ministeriais, em diferentes localidades, falando sobre este mesmo novo modelo eclesial a partir de diferentes perspectivas: o movimento apostólico, as igrejas pós-denominacionais, as novas igrejas, a revolução apostólica, dentre tantas nomenclaturas propostas. Para esta tese, tomaremos como base a teologia eclesial apresentada por C. Peter Wagner, dada sua relevância acadêmica e autoridade reconhecida por muitas igrejas locais adeptas à Nova Reforma Apostólica. Muitos outros autores servirão de apoio para solidificar e elucidar os conceitos deste movimento contemporâneo cristão.

Apesar da tese de forma geral propor uma abordagem narrativa, como indicado na introdução e já utilizada no primeiro capítulo, este momento representa uma pausa para uma conceituação predominantemente bibliográfica e bíblica da Nova Reforma Apostólica, para evitar que se torne empírica ou rasa a abordagem que enraíza o sistema de crenças da eclesiologia apresentada no estudo de caso.

O capítulo está dividido em três seções, elucidando cada um dos termos que compõem a nomenclatura da Nova Reforma Apostólica. Será apresentada uma proposição do porquê o termo “nova” para este entendimento eclesial, seguida de uma justificativa do uso de “reforma” e suas implicações para a nomenclatura deste movimento e, por fim, abordará o porquê do uso do termo “apostólica”.

### 3.1 POR QUE NOVA?

“Vejam, estou fazendo uma coisa nova! Ela já está surgindo! Vocês não a reconhecem?” (Is 43:19). As palavras do profeta Isaías ecoam ao longo da história, revelando uma característica de Deus em causar renovo, fazendo emergir coisas

---

<sup>106</sup> WAGNER, 1999, p.5. *The New Apostolic Reformation is an extraordinary work of God at the close of the twentieth century, which is, to a significant extent, changing the shape of Protestant Christianity around the world. For almost 500 years Christian churches have largely functioned within traditional denominational structures of one kind or another Particularly in the 1990s, but with roots going back for almost a century, new forms and operational procedures began to emerge in areas such as local church government, interchurch relationships, financing, evangelism, missions, prayer, leadership selection and training, the role of supernatural power, worship and other important aspects of church life. In virtually every region of the world, these new apostolic churches constitute the fastest growing segment of Christianity.* (tradução nossa).



novas, as quais Ele deseja que sejam reconhecidas por seu povo. Há uma naturalidade divina na novidade, na criatividade, no surgimento de novas formas. No propósito divino da redenção humana, é necessário desejar e viver o novo (Jo 3:3). Neste aspecto, Paulo declarou: “também nós andemos em novidade de vida” (Rm 6:4, NAA).<sup>107</sup> O Deus que se revela por meio das Escrituras bíblicas é um Deus de novidade; Ele faz emergir coisas novas em variados aspectos da Criação e na própria vida de Seus filhos.

De maneira análoga, esta abertura à novidade pode também ser aplicada aos paradigmas eclesiais que carregamos. Ao longo da história, o Cristianismo foi estabelecido dentro de um conceito de abertura ao novo: a vinda do Espírito Santo, as reuniões nas casas, a evangelização dos gentios, o apostolado, o diaconato, o presbitério, a ressignificação da Lei e tantos outros atributos descritos em Atos dos Apóstolos atestam esta característica de constante renovação e revitalização da forma eclesial desde a Igreja Primitiva.

### **3.1.1 Novos Moveres e a Liberdade Religiosa**

Expressar novidade requer liberdade. Desde os primórdios da Igreja, ambientes de perseguição religiosa constituem ameaças à expansão e inovação do evangelho nas mais diversas sociedades, sendo potenciais barreiras a novas formas eclesiais. O Redentor da humanidade foi condenado à morte pela resistência ao novo por parte de muitos de seus compatriotas religiosos. A proposição de uma Nova Aliança denuncia que a letra mata (2Co 3:6): “os seus não o receberam” (Jo 1:12). É notória a perda de propósito que a religião produz quando resiste ao renovo.

Percebemos que os avanços da Igreja de Atos obtiveram primariamente uma resistência na esfera religiosa judaica. Sendo a liberdade assegurada, a pluralidade religiosa é direito fundamental humano. Contudo, quando alguma crença passa a ser perseguida pelo poderes instituídos, ocorre uma gradual diminuição da liberdade, refletindo numa cultura de resistência às mudanças e apego às tradições.

Os romanos do primeiro século conviviam com o politeísmo. Imperadores foram em muitas épocas objeto de adoração. Segundo André Reinke, “templos eram

---

<sup>107</sup> BÍBLIA. Português. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3. ed. (Nova Almeida Atualizada – NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

construídos em honra ao imperador, ao lado de templos gregos, com as mesmas características tradicionais”.<sup>108</sup> Não havia uma religião Estatal. Como afirma Reinke, “a religião romana assimilava muitas outras religiões ou crenças”.<sup>109</sup> Porém, a diversidade religiosa precisava de legalidade, para que não fosse vítima de perseguição militar. É neste aspecto que Wagner enaltece a diferenciação entre *religio licita* (do latim, “religião legal”) e *religio illicita* (“religião ilegal”). O autor afirma que, no recorte temporal neotestamentário, o judaísmo já era reconhecido por Roma como prática legalizada e, como tal, os judeus estavam isentos dos requisitos para participar nas cerimônias do culto imperial, por ser uma religião reconhecidamente monoteísta. A partir desta prerrogativa, os cristãos (na época dos escritos de Atos) eram vistos pelos romanos como um desdobramento do judaísmo, sendo, portanto, uma *religio licita*:

Os judeus, como os cristãos, também adoravam um só Deus. Os romanos reconheceram isso e declararam o judaísmo uma *religio licita*, latim para uma “religião legal”. Como tal, os judeus foram isentos dos requisitos para participar das cerimônias de culto imperial. Quando o cristianismo surgiu, começou como judaísmo messiânico e, portanto, o cristianismo era considerado pelas autoridades romanas simplesmente como um ramo do judaísmo.<sup>110</sup>

Como corrobora David Bosch sobre a perspectiva eclesial do período neotestamentário, mesmo que numa perspectiva de desdobramento missiológico distinta daquela desenvolvida por Wagner: “o judaísmo da época exibia um grau de pluralismo que permitia ao cristianismo judaico existir como um grupo entre muitos sem desfazer seus elos com o corpo principal”.<sup>111</sup>

Neste contexto, o livro de Atos narra uma tentativa dos judeus de Corinto em perverter este conceito, de licitude institucional, buscando juridicamente uma separação do cristianismo perante o procônsul romano: “sendo Gálio procônsul da Acaia, os judeus fizeram em conjunto um levante contra Paulo e o levaram ao tribunal, fazendo a seguinte acusação: ‘Este homem está persuadindo o povo a

---

<sup>108</sup> REINKE, André Daniel. *Os Outros na Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. p.304.

<sup>109</sup> REINKE, 2019, p.299.

<sup>110</sup> WAGNER, C. Peter. *The Book of Acts: A Commentary*. Ed. Kindle. Bloomington: Chosen Books, 2011. p.501. *Jews, like Christians, also worshiped only one God. The Romans had recognized this and had declared Judaism a religio licita, Latin for a “legal religion.” As such, Jews were exempted from the requirements to participate in the imperial cult ceremonies. When Christianity came along, it began as messianic Judaism, and Christianity was therefore considered by the Roman authorities as simply a branch of Judaism.* (tradução nossa)

<sup>111</sup> BOSCH, 2009, p.64.

adorar a Deus de maneira contrária à lei” (At 18:12-13). Sabemos que Gálio indeferiu o pedido. Contudo, este é um bom exemplo de como as novas formas eclesiais sempre estão sob risco de interferência governamental, quando fora de um contexto de Laicidade Estatal, como com as perseguições desencadeadas aos cristãos que passaram a ocorrer tão logo o Império percebeu a Igreja como ameaça aos seus interesses.

Outro extremo que potencialmente fere a liberdade religiosa foi ilustrado pelo próprio Império Romano em ocasiões posteriores: a Igreja Cristã Estatal. Desde o Imperador Constantino, o cristianismo deixou de ser perseguido, por meio do Édito de Milão, no ano 313. Porém, um cenário nocivo à liberdade religiosa se desdobraria no ano 380, quando no Édito de Tessalônica, “o cristianismo se torna a religião oficial do Império Romano, abolindo e rechaçando todas as práticas pagãs e politeístas, inclusive fechando seus templos”.<sup>112</sup> Este é o início da estatização da Igreja, um forte entrave às possibilidades de inovação do próprio sistema eclesiástico cristão.<sup>113</sup> A estatização do cristianismo o tornaria pesado e rígido. Isto é o que vemos no reflexo das civilizações europeias que emergiram posteriormente ao Império Romano. A autoridade da Igreja sobre as nações causou tanto os almejados avanços da evangelização como também uma profunda interferência na liberdade das pessoas. Apesar de não termos espaço para aprofundar estes conceitos, faz-se relevante a esta tese elucidá-lo ao menos sob o prisma da sociedade brasileira.

Do Brasil Colonial ao Imperial, Igreja Católica e Estado mantiveram relações exclusivas, impedindo a laicidade. Mesmo que permitidas outras formas religiosas na esfera familiar, o governo coibiu a institucionalização de tais práticas. Segundo Vieira e Regina, a constituição Imperial de 1824 “confessava a Igreja Católica Apostólica Romana como sendo a religião oficial do Estado”.<sup>114</sup> De acordo com os autores, “era possível a prática de outras religiões, desde que domesticamente e sem configuração exterior de templo, o que, na prática, relegava a maioria à clandestinidade, a exemplo do protestantismo”;<sup>115</sup> de acordo com o Código Penal do Império, era tipificado como crime “o fato de possuir uma edificação com forma de templo religioso, assim como a divulgação de outros dogmas que não aqueles

---

<sup>112</sup> VIEIRA, Tiago Rafael; REGINA, Jean Marques. *A Laicidade Colaborativa Brasileira*. São Paulo: Vida Nova, 2021. p.63.

<sup>113</sup> VIEIRA; REGINA, 2021, p.56-70.

<sup>114</sup> VIEIRA; REGINA, 2021, p.215.

<sup>115</sup> VIEIRA; REGINA, 2021, p.215.

defendidos pelo catolicismo romano por meio de material impresso para mais de 15 pessoas”.<sup>116</sup>

Foi somente em 1890, após a Proclamação da República (1889), que o Brasil passou a se tornar laico, pelo projeto constitucional de Ruy Barbosa, decretando “a proibição de qualquer intervenção ou embaraço estatal em qualquer igreja ou religião”,<sup>117</sup> princípio que segue válido pela atual Constituição (1988). O fato a ser destacado neste tema da liberdade religiosa e naturalidade da inovação dos parâmetros eclesiásticos é que o Brasil possui as mais variadas formas religiosas como lícitas enquanto instituições há apenas pouco mais de um século.

Em síntese, a liberdade religiosa é uma porta aberta para novas práticas eclesiais, como o que propõe a Nova Reforma Apostólica. Ambientes socioculturais que reprimem o cristianismo, reprimem também diversas possibilidades de renovação da Igreja. Ambientes socioculturais que impõem alguma forma exclusiva de cristianismo também reprimem o renovo eclesial. Esta repressão pode ser pela própria tradição religiosa ou por legislação civil. Em outras palavras, esta suscinta abordagem bíblica e histórica com respeito à relevância da liberdade religiosa para a cultura cristã quanto à inovação eclesial é preponderante para compreendermos nossa cosmovisão. Como pastor da Família da Fé, uma igreja emergente em seu contexto sociocultural e em certo aspecto inovadora em sua sistemática teológica, percebo o quanto ainda carregamos em nossa cultura brasileira recente um enrijecimento da cultura religiosa, em grande medida proveniente de se coibir pensamentos distintos àqueles reconhecidos como legítimos, seja pela legislação pregressa ou pela cultura familiar ou regional – a *religio licita* cultural.

### 3.1.2 Novos Moveres e o Crescimento da Igreja

Ilustrando a natureza do Reino de Deus, Jesus o comparou ao grão de mostarda, que mesmo sendo a menor das sementes, “uma vez plantado, *cresce* e se torna a maior de todas as hortaliças” (Mc 4:32, ênfase nossa). Nesta temática, Paulo afirmou que “por todo o mundo este evangelho vai frutificando e crescendo” (Cl 1:6) e ainda que “todo o corpo [...] cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Ef 4:16). Por este e muitos outros

---

<sup>116</sup> VIEIRA; REGINA, 2021, p.217.

<sup>117</sup> VIEIRA; REGINA, 2021, p.220.

textos neotestamentários, podemos afirmar que o Reino de Deus, do qual a Igreja carrega as chaves (Mt 16:18-19), é destinado a crescer nesta terra. Não importa o quão pequeno seja seu início, sua natureza é o crescimento. Como assinala Philip Byler sobre esta perspectiva bíblica, “crescimento indica vida”.<sup>118</sup>

Peter Wagner fez uso justamente dos estudos de Crescimento da Igreja para mensurar a funcionalidade e saúde das igrejas locais, embasado nas teorias de Donald McGravan. Em contrapartida, esta mesma metodologia conclui que modelos estruturais e de visão da igreja local que não estejam em crescimento sejam caracterizados como disfuncionais.<sup>119</sup> Por isso, a falta de crescimento de uma igreja local deve ligar um alerta de que algo precisa ser melhor compreendido, novos propósitos percebidos ou rotas corrigidas.

A premissa dos índices de Crescimento da Igreja compõe um dos muitos métodos possíveis para se avaliar e compreender os moveres de Deus em Sua Igreja ao redor do mundo para cada época. Estudar as igrejas que crescem e compará-las às que não crescem em determinado período da história é um dos caminhos para que se possa perceber novas formas ministeriais do cristianismo bem como necessidade de adaptações ou mudanças sistemáticas com o propósito de inculturação, sempre com o cuidado de que fundamentos não sejam corrompidos.

Wagner afirma, sobre a história recente do cristianismo, que o movimento Pentecostal liderou o caminho de crescimento da igreja ao redor do mundo durante as décadas de 1960 até 1980.<sup>120</sup> A partir da década de 1990, um novo modelo eclesial neste tempo específico, caracterizado por novas igrejas apostólicas, no contexto da Nova Reforma Apostólica, tomou a frente do crescimento da igreja no mundo, tornando-se, segundo Wagner, “o grupo de igrejas de maior crescimento nos seis continentes”.<sup>121</sup> Como um movimento emergente, as novas igrejas apostólicas não representam a maior porção numérica da Igreja de Cristo no mundo, mas sim a porção das igrejas locais que percentualmente mais cresceram na década de 1990 e início dos anos 2000, que foi o período limite de pesquisa atrelada aos escritos de Wagner.

---

<sup>118</sup> BYLER, Philip R. *The Changing Church in the Unchanging Kingdom*. Keller: Palm Tree, 2008. p.162. *Growth indicates life*. (tradução nossa)

<sup>119</sup> WAGNER, 1999, p.6-7.

<sup>120</sup> WAGNER, 1999, p.7-9.

<sup>121</sup> WAGNER, 1999, p.7. [...] *the fastest growing group of churches on six continents*. (tradução nossa)

Conforme as considerações de Wagner, três fenômenos missiológicos foram preponderantes para uma virada na tendência de crescimento relacionado à forma de ser igreja nas últimas décadas: primeiro, o crescimento extraordinário das igrejas independentes na África como reação à certa irrelevância cultural de tradições que as igrejas denominacionais missionárias buscavam implementar nos processos de evangelização do continente; segundo, o surpreendente surgimento das igrejas nas casas na China em vasta expansão, num contexto de perseguição religiosa governamental; terceiro, as comunidades cristãs emergentes na América Latina, igrejas que nascem e crescem de forma acelerada sob a liderança de pastores locais, que em sua maioria não foram treinados em bases missionárias nem tampouco frequentaram seminários no exterior, sendo de fato culturalmente imbricados, com no caso da Família da Fé. Como corrobora Valdir Steuernagel sobre esta tendência missional, “a saúde de um cristianismo local [...] depende da sua maturidade em manter o equilíbrio entre a mensagem central do Cristo crucificado e ressurreto [...] e o processo de apropriação e contextualização desta mesma mensagem”.<sup>122</sup> A perspectiva pós-denominacional das novas igrejas apostólicas facilita a tendência de que comunidades cristãs emerjam a partir de características de sua realidade sociocultural. Steuernagel conclui que “tornar ‘local’ a fé cristã é um passo essencial para a penetração desta mesma fé num determinado contexto”,<sup>123</sup> corroborando o pensamento de Wagner.

Fatores como estes, atrelados ao decréscimo do catolicismo nos últimos séculos, das igrejas tradicionais Reformadas nas últimas décadas e das igrejas pentecostais mais recentemente, trouxeram a atenção de muitos estudiosos para as chamadas novas igrejas apostólicas.<sup>124</sup>

Dentro da área de Teologia Prática, a edificação de comunidades eclesiais e dinâmicas pastorais constituem pertinente objeto de estudo no contexto acadêmico. Em seu texto sobre Edificação de Comunidade, o teólogo luterano Martin Volkmann reconhece que a funcionalidade de novas vertentes eclesiais revela carências ou, na nomenclatura de Wagner, disfuncionalidades de comunidades tradicionais: “sem entrar no mérito da questão em torno do movimento pentecostal (neopentecostalismo etc.), é preciso reconhecer que a grande afluência que essas

---

<sup>122</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.20.

<sup>123</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.20.

<sup>124</sup> WAGNER, 1999, p.11-12.

igrejas estão tendo revelado carências nas comunidades das igrejas tradicionais”.<sup>125</sup> Em correlação a este estudo de caso visando elucidar a Nova Reforma Apostólica, Volkmann enaltece, sob o prisma da eclesiologia luterana, aqui aderido de forma generalizante para a realidade de quaisquer comunidades cristãs, que “há uma relação dialética entre a Teologia Prática e a práxis eclesial em torno da edificação da comunidade”.<sup>126</sup> Desta forma, uma descrição local de práticas eclesiais vinculadas à Nova Reforma Apostólica constitui parte da edificação de Teologia Prática para movimentos eclesiais que tornam-se relevantes por sua funcionalidade respectivamente aos frutos da edificação desta comunidade.

Retomando a lógica missional a partir de Crescimento da Igreja de Wagner, o autor destaca três grandes fases de sua vida acadêmica na área teológico-prática de Crescimento da Igreja. Durante os anos 1970, trabalhou aspectos técnicos do crescimento das igrejas locais, analisando características estruturais, contextuais, administrativas e de liderança, como em seu livro *Leading Your Church to Growth* (Liderando Sua Igreja para o Crescimento, em tradução livre),<sup>127</sup> entre outras obras. A década de 1980 foi marcada em seus estudos da relevância dos aspectos espirituais para o crescimento de uma igreja local, na qual estudou as igrejas pentecostais, os movimentos de oração, de milagres e de guerra espiritual em sua influência para o crescimento, como apresentado, entre outras obras, no livro *Breaking Strongholds in Your City* (Quebrando Fortalezas em Sua Cidade, em tradução livre).<sup>128</sup> A década de 1990 foi marcada por seus estudos na Nova Reforma Apostólica, como apresentado ao longo dos escritos desta tese.

O autor afirma ainda que ao estudar as igrejas da Nova Reforma Apostólica cuidadosamente, conclui que estas compõem o modelo de igreja conhecido mais próximo da igreja de Atos dos Apóstolos dentre todas as igrejas estudadas por ele.<sup>129</sup> Como síntese desta terceira fase de sua trajetória, no primeiro livro que descreve a Nova Reforma Apostólica, Wagner afirma: “estou muito empolgado porque as novas igrejas apostólicas, mais que quaisquer outras que eu tenha

---

<sup>125</sup> VOLKMANN, Martin. Edificação de comunidade. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011. p.149.

<sup>126</sup> VOLKMANN, 2011, p.150.

<sup>127</sup> WAGNER, C. Peter. *Leading Your Church to Growth*. Ventura: Regal Books, 1984.

<sup>128</sup> WAGNER, C. Peter. *Breaking Strongholds in Your City: how to use spiritual mapping to make your prayers more strategic, effective and targeted*. Ventura: Regal Books, 1993a.

<sup>129</sup> WAGNER, 1999, p.15.

previamente estudado, combinam, no mais alto nível, sólidos princípios técnicos de crescimento da igreja com sólidos princípios espirituais de crescimento da igreja”.<sup>130</sup> Podemos vislumbrar neste contexto um crescimento quantitativo e qualitativo da igreja andando lado a lado como fundamento dos pressupostos da Nova Reforma Apostólica.<sup>131</sup>

### 3.1.3 Nova Estrutura

Quando questionado acerca de suas práticas ministeriais, Jesus estabeleceu duas correlações aos novos moveres de Deus: como uma roupa nova ou um remendo novo em roupa velha e com vinho novo em odres velhos ou em odres novos. Na primeira ilustração, Jesus afirma que “o remendo da roupa nova não combinará com a roupa velha” (Lc 5:36, NAA). Este é um aspecto primordial para novas formas eclesiais: é requerida uma mudança estrutural. Os sistemas de crenças e a prática dos mesmos precisam andar em sintonia. Adicionar um remendo de roupa nova em uma estrutura antiga, além de corromper o que existe, não combina. Quanto ao segundo aspecto da parábola, Robert Heidler descreve que “um odre é uma vasilha de couro para confinar o vinho. Um novo odre dá espaço para o vinho novo se expandir na fermentação. Mas quando um odre fica velho, torna-se duro e quebradiço, não sendo mais útil”.<sup>132</sup> Trazendo esta analogia para novos moveres de Deus, extraímos a intenção de Jesus em ilustrar que quando Deus quer causar um novo mover, estruturas antigas são mantidas com seu vinho antigo, ao passo que novas estruturas são necessárias para receber o vinho novo.

Jesus conhecia o coração daqueles que o indagavam e não o compreendiam, para os quais não cabiam mais mudanças, expansões ou adaptações. Mais do que isso, o “vinho” que carregavam era bom de ser experimentado, de alta qualidade e prazeroso, por ser um “vinho velho”. A ilustração continua: “ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo” (Lc 5:39, NAA); há neste contexto uma tendente resistência a mudanças estruturais e sistemáticas. Não

<sup>130</sup> WAGNER, 1998, p.14. *I am very excited because the new apostolic churches, better than any I have previously studied, combine, on the highest level, solid technical principles of church growth with solid spiritual principles of church growth.* (tradução nossa)

<sup>131</sup> WAGNER, 1999, p.13-15.

<sup>132</sup> PIERCE, Chuck D; HEIDLER, Robert. *The Apostolic Church Arising*. Denton: Glory of Zion International Ministries, 2015. p.49. *A wineskin is a leather bottle for holding wine. A new wineskin gives fermenting wine room to expand. But when a wineskin gets old, it becomes hard and brittle, and is no longer useful.* (tradução nossa)



entrava no odre dos escribas e fariseus o fato de Jesus comer com publicanos e pecadores. Não cabia no odre dos discípulos de João que Jesus não instigasse o jejum semanal durante o seu ministério terreno (Lc 5:33-39).

O mesmo aconteceu ao longo da história da Igreja. Quando, por exemplo, Lutero propôs suas 95 teses reformadoras da eclesiologia de seu tempo, acabou por ser expulso da Igreja Católica, pois o odre já não comportava tais mudanças, uma vez que, como afirma Philip Byler, “quanto mais institucionalizada a igreja se torna, mais difícil é abraçar novas ideias e novas perspectivas”.<sup>133</sup> Neste contexto surge o conceito de Reforma, de Restauração da Igreja, em que, nos mais variados contextos culturais e épocas, alguns são despertados a armazenar um vinho novo a ser fermentado, mesmo ao custo de novas estruturas, enquanto outros precisam manter a estrutura, já muito grande e complexa, para não perder o precioso vinho antigo que carregam sob sua responsabilidade.

Nesta normalidade e constância de mudança nos moveres de Deus e na inculturação da Igreja, Wagner afirma que “por 2000 anos, a Igreja de Jesus Cristo tem crescido e se espalhado por todos os continentes”, advertindo que “conforme revisamos estes 2000 anos, entretanto, fica bastante óbvio que Jesus nem sempre edificou Sua Igreja da mesma forma”.<sup>134</sup> Em cada época, houveram moveres distintos quanto ao modo de ser Igreja. Wagner conclui que:

Ele [Jesus] fez isto de uma forma no Império Romano antes de Constantino; de outra forma após Constantino; outra forma na Idade Média; outra forma após a da Reforma; outra forma durante a era da colonização Europeia; e ainda outra forma após a Segunda Guerra Mundial, apenas para nomear algumas.<sup>135</sup>

Claramente, para cada época, há uma nova estrutura, um novo odre necessário para que Deus siga instaurando algo novo nesta terra por meio da Igreja. O tempo em que vivemos é especial por comungar tantos odres diferentes do cristianismo. A questão preponderante é se o Senhor tem tido ou não liberdade de

<sup>133</sup> BYLER, 2008, p.1. *The more institutionalized the church becomes, the harder it is to embrace new ideas and fresh perspectives.* (tradução nossa)

<sup>134</sup> WAGNER, 1998, p.15. *For 2,000 years, the Church of Jesus Christ has grown and spread into every continent. [...] As we review those 2,000 years, however, it is quite obvious that Jesus does not always build His Church in the same ways.* (tradução nossa)

<sup>135</sup> WAGNER, 1998, p.15. *He did it one way in the Roman Empire before Constantine; another way after Constantine; another way in the Middle Ages; another way following the Reformation; another way during the era of European colonization; and yet another way post-World War II, just to name a few.* (tradução nossa)

liberar vinho novo sobre nossos odres e se estamos ou não sendo despertados para alguma renovação de entendimento. Parece razoável supor, de acordo com a ilustração de Jesus, que sempre haverá odres novos e velhos, vinho novo e velho concomitantemente. Wagner alerta que “é importante ter em mente que Jesus não estava estabelecendo uma linha divisória entre o bom e o ruim”.<sup>136</sup> Não se trata de uma competição entre os moveres de Deus ou as denominações cristãs, mas de explicitar a Nova Reforma Apostólica como um movimento contemporâneo que têm emergido no cristianismo e o porquê ele não se enquadra nas estruturas tradicionalmente conhecidas, requerendo nova estrutura, assim como provavelmente seguirá acontecendo ao longo da história futura da Igreja de Cristo, por meio da “multiforme graça de Deus” (1Pe 4:10). Neste aspecto, Greg Crawford aponta que “Deus não inicia um novo padrão para acabar com o antigo, mas altera a sua expressão”.<sup>137</sup> O mesmo corrobora Steuernagel como um alerta à concepção que os novos odres tenham de si mesmos, como no exemplo das novas igrejas apostólicas, ao afirmar que “nenhum cristianismo local, no entanto, deve encerrar-se localmente ou pensar-se exclusivo”.<sup>138</sup> Como pastor sênior da Família da Fé, esta é uma postura crítica para este estudo de caso que cabe aqui registrar, no intuito de que o caso seja uma contribuição ao todo sob o ponto de vista acadêmico e não uma exclusividade ou intransigência quanto às possibilidades de modelos eclesiais.

Por outro lado, tudo o que é novo inevitavelmente se tornará velho. A Nova Reforma Apostólica, vista nesta tese como um fenômeno a ser melhor compreendido e que requer uma nova estrutura eclesial, carrega consigo o mesmo risco de enrijecimento futuro, enaltecido por Jesus na parábola dos odres para com os vinhos. Como assinala Byler, “este será o destino da Nova Reforma Apostólica que estamos experimentando agora, a menos que abracemos o apostólico como uma realidade que deve ser reproduzida continuamente.”<sup>139</sup> Mesmo que outros moveres eclesiais farão parte do desenvolvimento futuro da Igreja de Cristo, a Nova Reforma Apostólica somente atravessará as gerações se for aplicada num sistema

---

<sup>136</sup> WAGNER, C. Peter. *Apóstolos nos dias de hoje*. Belo Horizonte: Sete Montes, 2013a. p.153.

<sup>137</sup> CRAWFORD, Greg. *Reformation Patterns for Building God's House*. Des Moines: Creative Release, 2009. p.29. *God does not start a new pattern to do away with the old, but changes the expression of it.* (tradução nossa)

<sup>138</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.20.

<sup>139</sup> BYLER, 2008, p.2. *This will be the fate of the New Apostolic Reformation we are now experiencing unless we embrace the apostolic as a reality that must be reproduced on a continuing basis.* (tradução nossa)

reproduzível. Para Byler, “o declínio de todo importante mover de Deus pode ser diretamente atribuído à falha em sustentar o mandato de discipulado”.<sup>140</sup> Já para Steuernagel, a questão do declínio de um modelo missiológico eclesial passa pela decodificação cultural para cada época. Segundo o autor, “precisamos estar conscientes da nossa própria ambiguidade na obediência cristã, e certos de que no futuro seremos criticados com a mesma (e justificada) radicalidade com que hoje avaliamos os caminhos de ontem”.<sup>141</sup> A história futura demonstrará o quanto este novo odre proposto estará ou não preparado para a dilatação que as transformações socioculturais requererão.

### 3.1.3 Novos Paradigmas

Como afirma Barbara Wentroble, “muitos líderes eclesiásticos concordam [...] que a Igreja está em meio a uma grande mudança; a Igreja está em uma reforma moderna”.<sup>142</sup> Há um senso de mudança, de adaptação, de transformação quase que consensual no cristianismo contemporâneo. Por outro lado, como odres já existentes, a balança pesa bastante na característica de lideranças cristãs serem resistentes às mudanças. Neste sentido, odres novos e paradigmas rompidos são pontos de conexão para nosso estudo. Reggie McNeal descreve o surgimento do que ele rotula como “congregações apostólicas” a partir de uma “revolução na liderança”, como é o título do livro que escreveu. Para McNeal, no sentido desta renovação de paradigmas, “esta revolução começa com uma forma diferente de pensar e de fazer igreja”.<sup>143</sup>

Para falar de um novo odre na prática de um novo movimento eclesial, como a Nova Reforma Apostólica, Peter Wagner aborda a necessária abertura à mudança de paradigmas. Segundo ele, “um paradigma é uma grade mental através da qual

---

<sup>140</sup> BYLER, 2008, p.3. *The decline of every major move of God can be traced directly to a failure to sustain a discipleship mandate.* (tradução nossa)

<sup>141</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.94.

<sup>142</sup> WENTROBLE, Barbara. *A People of Destiny.* Colorado Springs: Wagner Publications, 2000. p.8. *Many church leaders do agree [...] that the Church is in the midst of a major shift; the Church is in a modern-day reformation.* (tradução nossa)

<sup>143</sup> McNEAL, Reggie. *Revolution in Leadership: Training Apostles for Tomorrow' Church.* Nashville: Abingdon, 1998. p.32. *This revolution begins with a different way of thinking and doing church.* (tradução nossa)

certas informações são processadas enquanto são absorvidas”.<sup>144</sup> Em diálogo nesta temática, McNeal afirma no contexto da NRA que “a revitalização da missão virá apenas se a liderança apostólica desafiar corajosamente as igrejas a passar por [...] mudanças cruciais de paradigma”.<sup>145</sup> É por causa dos paradigmas já estabelecidos na mente de cada indivíduo que é tão corriqueiro que duas pessoas interpretem a mesma informação ou fato de maneiras completamente diferentes. As informações que absorvemos passam por estes filtros mentais modeladores, que chamamos de paradigmas. Os seres humanos são paradigmáticos. A cultura forma paradigmas que modelam nossos processos mentais.

J. B. Carvalho afirma que “é premente para todos nós escolher no que acreditar, pois estamos todos sendo transformados, remodelados por aquilo que aceitamos ser a verdade”.<sup>146</sup> A verdade aprendida e assumida por cada indivíduo é um caminho para entender a força dos paradigmas. Carvalho prossegue, afirmando que “uma mentalidade é como óculos, que você coloca a fim de enxergar a realidade. Se existem distorções de grau ou de luzes é assim que você enxergará seu mundo”.<sup>147</sup> Ao despertar um novo ciclo, o Senhor começa por revelar a necessidade de “novos óculos” em nossa forma de enxergar o mundo, o Reino de Deus, a Igreja, nossos propósitos, o sentido da vida e tantas questões paradigmáticas preponderantes.

Dentre os paradigmas que carregamos, Wagner faz distinção entre dois grandes grupos: imperativos morais e preferências pessoais.<sup>148</sup> A Bíblia possui a capacidade de construir ambos os tipos de paradigma em nossa mentalidade. Quanto mais nos dermos conta de quais as preferências pessoais [e não imperativos morais] que estejam em conflito com relação aos propósitos de Deus para cada tempo, mais facilidade teremos em abrir a possibilidade de mudança de paradigmas em nossa teologia. O apóstolo Paulo ensina que cada cristão precisa decidir abraçar uma transformação que vem pela renovação da mente, “para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2),

---

<sup>144</sup> WAGNER, C. Peter. *This Changes Everything*. Ventura: Regal Books, 2013b. p.7. *A paradigm [...] is a mental grid through which certain information is processed while it is being absorbed.* (tradução nossa)

<sup>145</sup> McNEAL, 1998, p.39. *Revitalization of mission will come only if apostolic leadership boldly challenges the churches to undergo [...] crucial paradigm shifts.* (tradução nossa)

<sup>146</sup> CARVALHO, J.B. *Metanoia: A Chave Está em Sua Mente*. Brasília: Chara, 2018. p.18.

<sup>147</sup> CARVALHO, 2018, p.57.

<sup>148</sup> WAGNER, 2013b, p.9.

o que aponta para o local de início do processo de mudança de paradigmas: a nossa mente. Wagner afirma que “uma mudança de paradigma não é tanto uma questão das emoções, da vontade ou do coração como o é da mente”.<sup>149</sup> Em outros termos, podemos inferir que o apóstolo Paulo está afirmando que perceber a vontade de Deus para cada tempo envolve a decisão por mudanças de paradigmas.

A prática da vida cristã é sobre mudança de paradigmas; os ensinamentos de Jesus causam constantemente tais mudanças. A grande questão é o quanto aceitamos ser surpreendidos por aquilo que o Espírito diz às igrejas, especialmente quando estamos em posição de liderança no contexto eclesial ou quando isto fere alguma hermenêutica ou dogma que carregamos como um tesouro teológico, mas que na verdade não passam de preferências pessoais ou institucionais. Isto aconteceu comigo em minha formação teológico-prática e ministerial. Eu fui curado por meio de orações em nome de Jesus Cristo: como negar os dons do Espírito Santo? Eu mudei minha perspectiva herdada do catolicismo para outras formas eclesiais: como negar um evangelho que deva persuadir à reflexão das crenças? Certos pressupostos dogmáticos por vezes passam a ter em nossa mente mais autoridade do que nítidos princípios bíblicos que os confrontam. Percebo que muitos cristãos chegam a desconsiderar certos textos bíblicos relevantes em detrimento da resistência mental, pelo forte desejo de não desorganizar o pensamento teológico que já esteja instaurado dentro de si.

É importante salientar que para que ocorra uma mudança de paradigmas saudável e frutífera no modo de ser do cristianismo, faz-se igualmente necessária uma solidez bíblica para causar o alicerce disto. As maiores mudanças da Igreja ao longo dos séculos foram de cunho restaurativo bíblico. Os cristãos Bereanos, em sua nobre atitude, podem sinalizar um modelo para a abertura à mudança, conforme o relato bíblico de que “receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo” (At 17:11).

Pertencer à Nova Reforma Apostólica não consiste simplesmente numa associação a uma instituição, mas sim em ressignificar muitos fundamentos do modo de ser igreja, que causa tal renovação de modo fundamentado. Segundo Wagner, o adjetivo “nova” possui algumas intenções distintas: primeiramente, trata-se de algo

---

<sup>149</sup> WAGNER, 2013b, p.13. *A paradigm shift is not so much an issue of the emotions, the will or the heart as it is of the mind.* (tradução nossa)

novo porque enaltece uma nova reflexão quanto à natureza apostólica da Igreja, tão presente nos três primeiros séculos do cristianismo. Em segundo lugar, é intitulado como novo para buscar distinguir o que está acontecendo atualmente de outros movimentos que também carregaram a nomenclatura “apostólica”. Ainda, o uso do termo “nova” para caracterizar esta proposta enaltece uma característica de mudanças de estruturas e paradigmas, em comparação às eclesiologias tradicionalmente conhecidas, que definem igrejas cristãs como pertencentes a um novo movimento eclesial.<sup>150</sup>

Sob este aspecto paradigmático, cabe ressaltar que este estudo de caso e pretensão de em algum nível elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica na realidade cristã brasileira do século XXI por meio da implantação e funcionamento da igreja Família da Fé pode carregar uma tendência de partidarismo autoral à leitura. Uma vez que a história da Família da Fé é parte da minha história como pastor sênior e, neste caso, também na qualidade de pesquisador de um aspecto específico de Teologia Prática, é muito sensível que se consiga fazer uma exposição narrativa puramente técnica e imparcial, uma vez que está imbricada a religião vivida e, com ela, os paradigmas que carrego e as verdades que tenho absorvido como raízes que fundamentam todas as práticas do meu ministério, que conseqüentemente se tornam meus paradigmas. Caso os leitores tenha paradigmas distintos e até mesmo pressupostos teológicos divergentes, é muito bem-vinda uma leitura crítica a partir de sua própria cosmovisão. Assim como uma tese teológico-prática narrativa e participante torna-se inevitavelmente, ao menos em alguns aspectos, uma defesa de fé, da mesma forma a leitura crítica. O objetivo em apresentar os paradigmas da Nova Reforma Apostólica de forma praticamente unilateral, sem espaço nesta tese para fundamentar e comparar outras formas eclesiais, é baseado na suposição de que a leitura seja acompanhada de uma comparação pessoal dos paradigmas sustentados pela pessoa que lê, a fim de enriquecer os resultados, para que novas perspectivas possam surgir a partir do prisma e conseqüente reflexão pessoal.

---

<sup>150</sup> WAGNER, 1999, p.37-43.

### 3.1.3.1 Paradigma Missional

Um paradigma que merece distinção pela relevância e pluralidade acadêmica da temática é o aspecto missional da Nova Reforma Apostólica. A vertente missional defendida por Wagner durante sua proeminência acadêmica como professor de Crescimento da Igreja no Seminário Fuller foi e tem sido motivo de muitas controvérsias por parte de diversos missiólogos renomados. David Bosch, por exemplo, como um expoente da missiologia cristã ecumênica contemporânea, define missão a partir de pressupostos distintos à perspectiva de crescimento da igreja como sendo fator central de avaliação. Da mesma forma, diversas são as perspectivas missiológicas que representam vertentes eclesiais nos séculos XX e XXI, entre tantos outros eruditos da missiologia cristã.

Quanto às mais conhecidas perspectivas paradigmáticas de missiologia contemporânea, Roberto Zwetsch sintetiza quatro grandes correntes teológico-missionárias: a corrente ecumênica, a corrente evangelical, o catolicismo romano e a corrente pentecostal. Mesmo que distintas quanto à confessionalidade ou sistematização, Zwetsch resume em dois principais paradigmas missionais, que resultam polarizadamente nas tendências evangelicais e ecumênicas ou num misto destas.<sup>151</sup>

Numa perspectiva tendente ao evangelicalismo missional, segundo Zwetsch, “missão é um conceito da igreja e serve aos ministérios ordenados, que desenvolvem programas e criam projetos que visam não só manter, mas expandir a igreja. [...] A ênfase recai sobre os frutos e sua capacidade de frutificação contínua”.<sup>152</sup> Por muitos anos, Wagner advogou esta perspectiva evangelical unilateral da missão, influenciando grande parte dos seus escritos, tendo ele mesmo sido missionário de corrente evangelical em tempo integral na Bolívia durante dezesseis anos, num período anterior à posição de docente no Seminário Fuller.<sup>153</sup> Na década de 1970, sucedendo Donald McGravan e ressoando este paradigma, Wagner definiu crescimento da igreja na perspectiva missional como “tudo que

---

<sup>151</sup> ZWETSCH, Roberto E. Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011. p.184-185.

<sup>152</sup> ZWETSCH, 2011, p.185.

<sup>153</sup> WAGNER, 2013b, p.9.

envolve trazer homens e mulheres que não tem um relacionamento pessoal com Jesus Cristo à comunhão com Ele e à uma membresia eclesial responsável”.<sup>154</sup>

Noutra perspectiva, tendente ao ecumenismo missional, Zwetsch destaca que “missão caracteriza aquelas atividades e projetos que têm em vista o público externo, dirigem-se para fora da instituição e procuram situar-se em meio às estruturas do mundo”.<sup>155</sup> O autor continua, “neste sentido adquirem antes um caráter mais testemunhal do que de proclamação, não visam a criação rápida e automática de instituições eclesiais, dando ênfase à singularidade tanto do contexto quanto da vocação missionária”.<sup>156</sup> Bosch emergiu como um dos teólogos missionais que defendem a perspectiva ecumênica em primeiro plano. Segundo Zwetsch, Bosch “desenvolveu um paradigma emergente e ecumênico da missão”.<sup>157</sup>

Os missiólogos evangélicos normalmente são oriundos de ambientes teológicos conservadores ao passo que os ecumênicos enquadram-se normalmente numa vertente teológica liberal, ambos com diferentes nuances com relação a outras áreas da teologia que venham a compor suas crenças. Esta polarização do paradigma missional causou grande controvérsia no final do século XX, inclusive com oposições acadêmicas entre Wagner, Bosch, René Padilla e outros.

O contexto apostólico neotestamentário da missão, também advogado pela Nova Reforma Apostólica, é abordado por missiólogos em diferentes vertentes. Refletindo sobre a tendência de institucionalização da Igreja Primitiva, também refutada pela teologia da Nova Reforma Apostólica, Bosch destaca o ministério apostólico em contraposição à institucionalização das comunidades locais. Para o autor, o ministério dos bispos e líderes locais “tendia a impelir o cristianismo primitivo a tornar-se uma instituição”<sup>158</sup> ao passo que o ministério móvel e missional dos apóstolos, profetas e evangelistas “retinha a dinâmica de um movimento”<sup>159</sup>, numa perspectiva de validação ao ministério apostólico da igreja primitiva por parte de um missiólogo ecumênico, sendo também uma das bases da Nova Reforma Apostólica.

---

<sup>154</sup> WAGNER, C. Peter. *Your Church Can Grow*. Glendale: Regal Books, 1976. p.170. [...] *all that is involved in bringing men and women who do not have a personal relationship with Jesus Christ into fellowship with Him and into responsible church membership*. (tradução nossa)

<sup>155</sup> ZWETSCH, 2011, p.185.

<sup>156</sup> ZWETSCH, 2011, p.185-186.

<sup>157</sup> ZWETSCH, 2011, p.186.

<sup>158</sup> BOSCH, 2009, p.75.

<sup>159</sup> BOSCH, 2009, p.75.



Neste contexto a polarização surge especialmente quanto ao cerne missional de valor primordial: implantação de igrejas via evangelização (viés evangelical) ou implantação do Reino de Deus via justiça social (viés ecumênico). Mesmo reconhecendo a expansão apostólica como válida no paradigma missional neotestamentário, Bosch fundamenta a perspectiva ecumênica da missão por outros pressupostos bíblicos. O autor destaca, por exemplo, que Jesus não agiu intencionalmente em direção aos gentios, mas correspondeu àqueles que o abordaram, numa abordagem passiva de evangelização.<sup>160</sup> Wagner, por outro lado, defende que “plantar novas igrejas é o método evangelístico mais eficaz debaixo do céu”,<sup>161</sup> numa visão de crescimento da expansão igreja na perspectiva proselitista. Em defesa da missão ecumênica, Bosch argumenta: “não podemos senão nos posicionar contra a proliferação de novas igrejas, que, muitas vezes, formam-se com base em distinções extremamente questionáveis”.<sup>162</sup> Percebe-se assim que ambos os pressupostos polarizados missionais possuem sua validade bíblica e defendem a porção da verdade que situam como primazia para o seu paradigma missional, numa discussão infundável.

Colocando o pensamento de Zwetsch como mediador do paradigma missional, retemos sua conclusão: “nem igreja separada nem igreja secularizada podem articular bem a *missio Dei*”.<sup>163</sup> A missiologia evangelical vista como um extremo, separa a igreja da sociedade, visando à salvação da alma muito acima de qualquer outro propósito; própria também de correntes missionais pentecostais, o paradigma estritamente evangelical visa desconectar os cristãos da Criação e não articula a *Missio Dei* para este mundo. Por outro lado, a missiologia ecumênica posicionada ao extremo tende à secularização da igreja, o que torna a evangelização ativa como secundária e até mesmo como ofensiva, diminuindo o contexto expansivo da missão apostólica da Igreja.

Apesar deste tema ser muito mais profundo do que o espaço que temos nesta tese para pontuá-lo, importa validarmos a posição missional da Nova Reforma Apostólica numa perspectiva equilibrada. Uma vez conhecido o criticismo missional sobre Wagner, cabe destacar que o desenvolvimento da teologia da NRA ocorreu

---

<sup>160</sup> BOSCH, 2009, p.87.

<sup>161</sup> WAGNER, C. Peter. *Plantar Igrejas para a Grande Colheita*. São Paulo: Abba Press, 1993b. p.17.

<sup>162</sup> BOSCH, 2009, p.556.

<sup>163</sup> ZWETSCH, 2011, p.188.

cerca de duas décadas após estes debates intensos entre missiólogos acadêmicos. Wagner reconheceu suas mudanças de paradigmas ao longo de sua carreira acadêmica e ministerial, o que gerou instabilidade a muitos de seus escritos, já que décadas depois carregava verdades distintas daquelas defendidas no passado, ao ponto que após 80 anos de idade, escreve um livro sobre as maiores mudanças de paradigmas que passou ao longo da vida.<sup>164</sup>

Quanto ao paradigma missional, Wagner viveu uma mudança de pensamento teológico antes de desenvolver os estudos sobre a Nova Reforma Apostólica. As maiores críticas à missiologia de Wagner surgiram principalmente a partir da cisão ocorrida com o pensamento missional de expoentes latino-americanos como Samuel Escobar e René Padilla, teólogo que mais tarde desenvolveria a teorização da Missão Integral.<sup>165</sup> Wagner integrou com Padilla, por exemplo, a fundação da Fraternidade Teológica Latino-Americana, em 1970.<sup>166</sup> Posteriormente, com o desenvolvimento dos conceitos de justiça social proeminentes à perspectiva missional latino-americana, Wagner foi duramente criticado por sua posição evangelical em preponderância à transformação social em razão de seus escritos missionais, conforme ele mesmo descreve:

O que eles leram com precisão nas entrelinhas foi meu argumento de que nossa missão principal sob Deus era evangelizar e plantar igrejas, enquanto nosso envolvimento social deveria ser relegado a um empreendimento secundário ou inferior. Eles sentiram que a ação social nunca deveria ser secundária, mas pelo menos deveria ser colocada no mesmo nível do evangelismo. [...] Minha posição agora está muito mais próxima da deles.<sup>167</sup>

Em escritos posteriores à carreira no Seminário Fuller, já em contribuição ao desenvolvimento da teologia da Nova Reforma Apostólica, Wagner reflete sobre os episódios passados e advoga que “muitos teólogos liberais latino-americanos pareciam estar dizendo que a verdadeira mensagem do evangelho era salvar a sociedade do capitalismo norte-americano ao invés de salvar almas e fazer crescer

---

<sup>164</sup> WAGNER, 2013b.

<sup>165</sup> PADILLA, René. *Missão Integral: ensaios sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: Fraternidade Teológica Latino-americana Setor Brasil, Temática Publicações, 1992.

<sup>166</sup> ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. 2. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2015. p.146.

<sup>167</sup> WAGNER, C. Peter. *Wrestling with Alligators, Prophets and Theologians: Lessons from a Lifetime in the Church- A Memoir*. Ed. Kindle. Ventura: Regal, 2010. Posição 1435/5835. *What they accurately read between the lines was my argument that our primary mission under God was evangelism and church planting, while our social involvement should be relegated to a secondary, or inferior, undertaking. They felt that social action should never be secondary, but that it should at least be placed on the same level as evangelism.* (tradução nossa)

igrejas”,<sup>168</sup> numa defesa ao polo missional unilateral do ecumenismo ou teologia missional liberal; Wagner então ressignificou sua perspectiva missional e se retratou:

Fui pego de surpresa por reações veementemente negativas por parte de alguns de meus amigos evangélicos latino-americanos, como Samuel Escobar, René Padilla e Orlando Costas. Achei que eles concordariam com meu apelo para manter o mandato evangelístico na frente e no centro. No entanto, a principal preocupação deles era que, para todos os efeitos, eu estava negligenciando intencionalmente o mandato cultural de transformar a sociedade. Olhando para trás, agora vejo que eles estavam corretos, embora deva confessar que na época comecei a argumentar publicamente e bastante vigorosamente contra eles.<sup>169</sup>

Neste sentido, a Nova Reforma Apostólica é congruente aos pressupostos missionais de Wagner desenvolvidos nos últimos anos de sua contribuição teológica e ministerial, em consonância aos postulados da NRA, não num evangelicalismo unilateral escapista do mundo, mas numa visão missional que equilibra o mandato evangelístico (Mc 16:15-18) e discipulador (Mt 28:18-20) com o mandato cultural (Gn 1:28).

A essência do pensamento de René Padilla, em seu conceito de missão integral, sem recair numa perspectiva conflitante à missão de evangelização, recai sobre a preocupação da dicotomia entre clérigos e leigos que o movimento missional evangelical tradicional reforçava, com os conceitos de missões transculturais. Para Padilla, se “bastasse enviar e apoiar alguns de seus membros para que se ocupassem da missão, algumas igrejas não teriam nenhum impacto significativo em sua vizinhança: a vida se desenvolveria na situação local, mas a missão em outro lugar, preferencialmente no exterior”.<sup>170</sup> A crítica de Padilla como essência do conceito que desenvolveu a teoria da missão integral é também a crítica da Nova Reforma Apostólica no combate ao clericalismo exclusivo, que nega o sacerdócio de todos os crentes, como veremos no próximo capítulo. Sobre isto, Padilla conclui:

---

<sup>168</sup> WAGNER, 2008, p.50. *Many liberal Latin American theologians seemed to be saying that the true message of the Gospel was to save society from North American capitalism rather than to save souls and grow churches.* (tradução nossa)

<sup>169</sup> WAGNER, 2008, p.50. *I was blindsided by passionately negative reactions on the part of some of my evangelical Latin American friends such as Samuel Escobar, René Padilla and Orlando Costas. I thought they would agree with my plea to keep the evangelistic mandate front and center. However, their main concern was that for all intents and purposes, I was intentionally neglecting the cultural mandate to transform society. Looking back, I now see that they were correct, although I must confess that at the time I proceeded to argue publicly and rather strenuously against them.* (tradução nossa)

<sup>170</sup> PADILLA, René. *O que é missão integral?* Viçosa, MG: Ultimato, 2009. p.17.

A missão não é responsabilidade e privilégio de um pequeno grupo de fiéis que se sentem chamados ao campo missionário (geralmente no exterior), mas sim de todos os membros, já que todos são membros do sacerdócio real e, como tais, foram chamados por Deus 'a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz' (1Pe 2:9) onde quer que se encontrem.<sup>171</sup>

Os escritos de Padilla sugerem um balanço entre os extremos da missiologia evangelical e ecumênica. O autor descreve sobre a facilidade de polarização no meio teológico cristão justamente quando se esbarra nos conceitos de evangelicalismo e ecumenismo missionais.<sup>172</sup> Padilla sintetiza que “o ecumênico e o evangélico não se excluem – se complementam”<sup>173</sup>. De forma similar a síntese supracitada de Zwetsch, Padilla argumenta que “o ecumênico sem o evangélico é secularismo; é o mundo dos projetos de redenção social centrados no ser humano, sem relação com Deus. O evangelho sem o ecumênico é *logos asarkos*, doutrina da salvação sem encarnação”.<sup>174</sup> O autor conclui: “se a missão da igreja é a missão do reino de Deus, ela deve ser ao mesmo tempo evangélica e ecumênica”<sup>175</sup>:

Evangélica porque anuncia a boa nova do estabelecimento de uma nova realidade na história por meio de Jesus Cristo e convoca indivíduos e nações a abandonarem seus ídolos e se voltarem para o Deus vivo e verdadeiro. Ecumênica porque tem como horizonte a comunidade cristã “universal” por meio da qual Deus quer manifestar seu amor e justiça em todas as nações. Evangélica e ecumênica em fidelidade a Jesus Cristo e visando um mundo melhor para a glória de Deus.<sup>176</sup>

Como ficará explícito ao longo dos escritos desta tese, a Nova Reforma Apostólica é um movimento eclesial emergente nas últimas décadas e, neste sentido, não carrega consigo pressupostos doutrinários plenamente sistematizados ou unânimes entre os seus adeptos. Entretanto, C. Peter Wagner e outros autores, muitos dos quais foram ou serão mencionados nestes escritos, possuem uma autoridade reconhecida entre aqueles que tem aderido à terminologia da Nova Reforma Apostólica como viés eclesial de pertencimento. Por isso, é possível discorrer nuances de uma perspectiva missional própria e condizente aos demais postulados teológicos da NRA.

---

<sup>171</sup> PADILLA, 2009, p.18-19.

<sup>172</sup> PADILLA, 2009, p.129.

<sup>173</sup> PADILLA, 2009, p.131.

<sup>174</sup> PADILLA, 2009, p.131.

<sup>175</sup> PADILLA, 2009, p.132.

<sup>176</sup> PADILLA, 2009, p.132.

Portanto, a perspectiva missional da Nova Reforma Apostólica pode também em certo sentido ser chamada “nova”, já que não é plenamente contemplada pelas correntes missionais tradicionalmente estudadas. Como veremos ainda neste capítulo, o uso do termo “apostólica” para definir a nomenclatura deste movimento é em si carregado pelo contexto missional. Como afirma John Eckhardt, “ser um apóstolo, ou ser apostólico, gira em torno do conceito de ser enviado”,<sup>177</sup> no contexto de envio para o cumprimento de missões. Uma igreja apostólica é uma igreja missional.

Cabe, entretanto, ressaltar que a Nova Reforma Apostólica abraça a transformação social e o mandato evangelístico a partir de um espectro teológico conservador. Neste sentido, a perspectiva missional voltada para o estabelecimento do Reino de Deus prefere a expressão transformação social ao invés do viés terminológico ecumênico. O uso do termo transformação social tornou-se, portanto, característico do aspecto missional cultural da Nova Reforma Apostólica. Segundo Luis Bush, tal transformação pode ser caracterizada como:

[...] uma consciência pervasiva da realidade de Deus, uma correção radical dos males sociais, uma redução proporcional nas taxas de criminalidade, bênção sobrenatural no comércio local, cura dos corações partidos (os alienados e privados de direitos), atos regenerativos de restauração da produtividade da terra, e uma exportação da justiça do reino.<sup>178</sup>

O aspecto missional da transformação social advém da expectativa da instalação do Reino de Deus na terra, em consonância à oração modelo de Jesus, que declara: “Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6:10). Ao escrever sobre o propósito da cruz na obra de Cristo por cada cristão, Joseph Mattera descreve no contexto missional da Nova Reforma Apostólica que “o propósito principal de Sua morte foi para que Seu reino pudesse ser estabelecido em você para que, como resultado, você pudesse exercer a autoridade do reino na terra e reconciliar o mundo de volta a Ele”,<sup>179</sup> mais uma vez denotando

<sup>177</sup> ECKHARDT, John. *Moving in the Apostolic*. Ventura: Renew Books, 1999. p.19. *To be an apostle, or to be apostolic, revolves around the concept of being sent.* (tradução nossa)

<sup>178</sup> BUSCH *apud* WAGNER, 2008, p.55. [...] *pervasive awareness of the reality of God, a radical correction of social ills, a commensurate decrease in crime rates, supernatural blessing on local commerce, healing of the brokenhearted (the alienated and disenfranchised), regenerative acts of restoring the productivity of the land, and an exporting of kingdom righteousness.* (tradução nossa)

<sup>179</sup> MATTERA, Joseph. *Ruling in the Gates: Preparing the Church to Transform Cities*. Lake Mary: Creation House Press, 2003, p.5. *The main purpose of His death was so that His kingdom can be established in you so that, as a result, you can exercise kingdom authority on the earth and reconcile the world back unto Him.* (tradução nossa)

uma perspectiva que integra o estabelecimento do Reino de Deus ao propósito de propagação do evangelho. Como corrobora Johnny Enlow, “quando nós pregamos o evangelho do reino como Jesus fez, não nos preocupamos apenas com almas, mas também com tudo o que afeta a humanidade, porque Deus se preocupa”.<sup>180</sup>

A abordagem missional da Nova Reforma Apostólica seguirá sendo descrita ao longo deste capítulo, com destaque à última seção, no porquê ser “apostólica”.

### 3.1.4 Novas Igrejas

Josimaber Rezende classifica estas novas igrejas contemporâneas noutra terminologia: as igrejas Pós-Protestantes. Para ele, “o pós-protestantismo diz respeito a um grupo de pastores e líderes de diversas denominações que buscam uma espécie de ‘reforma dentro da reforma’”. Para o autor, “isso configura o retorno às bases do cristianismo original, praticado pelos primeiros cristãos e descrito no livro bíblico de Atos”,<sup>181</sup> numa definição do que Peter Wagner intitula, com outros termos, como Nova Reforma Apostólica. Outra forma de elucidar, ao menos parcialmente, os movimentos cristãos que fazem parte das novas igrejas apostólicas é o termo Igrejas Emergentes. Este termo deve-se justamente ao fato de que são personalizadas formas de ser igreja local que emergem, em adaptação a novas realidades culturais. Rezende afirma, por exemplo, que “o cristianismo pós-protestante emergiu do cristianismo pós-moderno”.<sup>182</sup> E, ainda, caracteriza tais igrejas emergentes de forma muito interessante, afirmando que “igrejas emergentes são igrejas que possuem uma clara identificação com Jesus e visam promover a transformação da realidade secular. Assim como as igrejas missionais, não veem distinção entre o santo e o profano”; o autor continua: “outra prática muito importante – e que é bastante comum na igreja emergente – é a vida comunitária, tão apregoada por Jesus durante o seu ministério”.<sup>183</sup>

---

<sup>180</sup> ENLOW, Johnny. *RISE: A Reformer's Handbook for the Seven Mountains*. Franklin: Seven Mountains, 2018. P.12. *When we preach the gospel of the kingdom like Jesus did, then we not only care about souls, we care about everything that affects humanity, because God does.* (tradução nossa)

<sup>181</sup> REZENDE, Josimaber. *Eclesiologia Contemporânea: construindo igrejas bíblicas*. Curitiba: InterSaber, 2016. P.54.

<sup>182</sup> REZENDE, 2016, p.84.

<sup>183</sup> REZENDE, 2016, p.84.

A perspectiva emergente de transformação eclesial a partir da cultura e da contemporaneidade conectada ao rigor de pressupostos bíblicos fundantes abre muitas possibilidades. Dan Kimball afirma que “não é possível pôr a igreja emergente dentro de um molde. Ela está sendo formada por igrejas grandes, pequenas, igrejas nos lares, igrejas multirraciais e interculturais, igrejas urbanas, rurais e de periferia”.<sup>184</sup> A Nova Reforma Apostólica não é o abrigo para uma denominação cristã específica, para um grupo ou cultura específicas, mas os pontos de conexão e convergência de fundamentos que caracterizam este novo movimento eclesial emergente. Dentro desta perspectiva, podemos afirmar que a Nova Reforma Apostólica descreve um movimento emergente, que se justifica como novo pela adaptação à pós-modernidade, atrelado à restauração apostólica, como veremos na sequência.

### 3.2 POR QUE REFORMA?

Como efeito colateral da supramencionada estatização da Igreja pelo Império Romano, Robert Heidler escreve que “por volta do ano 600, quase nada que caracterizou a igreja primitiva permaneceu. A Igreja tornou-se um poder político corrupto, odiado e temido pelo povo, com poucas evidências da vida e poder que outrora havia conhecido”.<sup>185</sup> Esta decadência da cultura eclesial, anteriormente estabelecida por Jesus e pelos apóstolos fundadores da Igreja Primitiva, a partir da estatização da Igreja por meio da catolicidade romana e decorrentes desdobramentos políticos, financeiros e culturais, produziu uma realidade que fez emergir um longo processo de reforma, de restauração da Igreja de Cristo na terra. Como afirma Christopher Dawson, desde a Idade Média, esta decadência foi em muitas ocasiões percebida e combatida, produzindo diversos movimentos em monastérios, localidades específicas e por parte de diversos líderes católicos em

---

<sup>184</sup> KIMBALL, Dan. *A Igreja Emergente: cristianismo clássico para as novas gerações*. São Paulo: Editora Vida, 2008. P.22.

<sup>185</sup> HEIDLER, Robert. *The Messianic Church Arising: Restoring the Church to Our Covenant Roots!*. Ed. Kindle. Corinth: Glory of Zion, 2006. Posição 789-791. *By the year 600, almost nothing that had characterized the early church remained. The church became a corrupt political power, hated and feared by the common people, with little evidence of the life and power it had once known.* (tradução nossa).

fazerem parte de processos reformadores do cristianismo medieval, séculos antes da conhecida Reforma Protestante.<sup>186</sup>

Por outro lado, muito antes de quaisquer consequências de decadência dos fundamentos do cristianismo na história, o propósito restaurador de Deus por meio da Igreja já era elucidado nos primórdios da pregação da Palavra após a ressurreição de Cristo, quando, por exemplo, Pedro afirmou sobre Jesus que é “necessário que ele permaneça no céu até que chegue o tempo em que Deus restaurará todas as coisas” (At 3:21). A Igreja nasceu sob uma perspectiva restauradora. À sua época, os escritos neotestamentários nos revelam uma dupla missão eclesial: por um lado, de inserir o povo judeu em uma Nova Aliança, reformando seu sistema de crenças estabelecidas pela Antiga Aliança; por outro, de anunciar o evangelho do Reino de Deus a todos os povos da terra, proclamando uma nova concepção sobre Deus. Como define o apóstolo Paulo, o evangelho “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego” (Rm 1:16). Nesta hermenêutica, a afirmação de Paulo “primeiro do judeu, depois do grego” nos dá um indício bíblico para a ordem com que os propósitos da Igreja devem ser aplicados: primeiro reforma ou restauração e depois expansão.

Mesmo que os tempos avancem e as perspectivas culturais mudem, a Igreja sempre carrega em sua natureza uma missão ao mesmo tempo reformadora e de expansão. Em cada época e lugar, os líderes que emergem necessitam clareza de sua missão: primeiro o que é passível de reforma e, em seguida, o que é a sua missão de expansão. Esta é uma das justificativas para o uso do termo “Reforma” no movimento eclesial da Nova Reforma Apostólica, para uma perspectiva sistemática restauradora da prática eclesial.

### **3.2.1 Reforma da Prática**

Peter Wagner afirma que a escolha do termo “reforma” também se deu pela relevância e proporção que se vislumbra para o que a Nova Reforma Apostólica propõe restaurar, em comparação à conhecida Reforma Protestante. Wagner afirmou: “eu não ficaria surpreso se o grau das mudanças atuais acabasse sendo

---

<sup>186</sup> DAWSON, Christopher. *Criação do Ocidente: A Religião e a Civilização Medieval*. E-Book. São Paulo: É Realizações, 2016. N.p.



pelo menos tão radical quanto as da Reforma Protestante”.<sup>187</sup> Nesta mesma perspectiva, Donald Miller também afirmou: “eu creio que estamos testemunhando uma segunda reforma que está transformando a maneira como o Cristianismo será vivido no novo milênio”.<sup>188</sup> Assim, o termo “reforma” também busca elucidar a proporção das mudanças nas práticas eclesiais perante muitos sistemas tradicionalmente conhecidos, como assinala Greg Crawford, ao afirmar que “com cada reforma, há novos padrões que emergem para trazer maior discernimento”.<sup>189</sup>

Logicamente, não se pode comparar diretamente a Reforma Protestante com a Nova Reforma Apostólica, justamente por se tratarem de momentos distintos da história e com objetivos distintos a que se propõem reformar. Ainda mais injusta é a comparação se considerarmos o cenário cultural e sociorreligioso, a tecnologia de informação e comunicação e o ponto de partida da necessidade de reforma.

A Reforma Protestante, em seu contexto, carrega bandeiras de restauração de princípios teológicos fundamentais, como a justificação pela fé, o combate à idolatria, a disponibilidade da Bíblia, a compreensão da graça salvadora e diversos outros fatores essenciais à fé cristã que um sistema religioso estatizado, corrupto e apóstata havia maculado, com ápice no início do século XVI.

A Nova Reforma Apostólica, por sua vez, não busca desfazer emblemáticas conquistas teológicas da Reforma Protestante. Os princípios teológicos essenciais da Reforma Protestante permanecem legítimos de serem defendidos por aqueles que tem buscado novas perspectivas do cristianismo para o século XXI amparados pelos conceitos reformadores apostólicos. A Nova Reforma Apostólica é em sua essência uma proposta de reforma da prática, de uma reforma da relevância da Igreja na sociedade, uma reforma de aceleração de instauração dos princípios do Reino dos Céus numa cultura pós-moderna. Segundo Peter Wagner, “esta reforma não é tanto contra a corrupção e apostasia, mas sim contra a irrelevância”.<sup>190</sup> O autor continua:

---

<sup>187</sup> WAGNER, 1999, p.36. *I would not be surprised if the degree of current changes turned out to be at least as radical as those of the Protestant Reformation.* (tradução nossa)

<sup>188</sup> MILLER, Donald. *Reinventing American Protestantism: Christianity in the New Millenium.* Berkeley: University of California Press, 1997. P.11. *I believe we are witnessing a second reformation that is transforming the way Christianity will be we experienced in the new millennium.* (tradução nossa)

<sup>189</sup> CRAWFORD, 2009, p.23. *With every reformation, there are new patterns that emerge to bring greater understanding.* (tradução nossa)

<sup>190</sup> WAGNER, 1999, p.36-37. *This current reformation is not so much against corruption and apostasy as it is against irrelevance.* (tradução nossa)

É verdade que mudanças importantes na prática ocorreram nos séculos que se seguiram a Martinho Lutero e João Calvino, mas, na maior parte, ocorreram de forma relativamente lenta, porque naquela época a cultura mudava gradualmente. Dada a taxa acelerada de mudança cultural que vemos agora em nossa geração, pode-se esperar que as mudanças na vida da igreja também sejam mais rápidas e, portanto, mais radicais.<sup>191</sup>

A modernidade ocidental pautou muitos de seus valores sociais a partir de valores cristãos e suas respectivas tradições. Allen e Miller escrevem sobre isto que “o Cristianismo era a religião dominante no Ocidente. Como tal, ofereceu a estrutura moral e metafísica dentro da qual as pessoas compreendiam a realidade, a identidade e o propósito”.<sup>192</sup> Dan Kimball corrobora: “a religião era uma coisa positiva no solo moderno”.<sup>193</sup> A religião, e em especial o cristianismo, protagonizou forte influência sobre a cultura e sobre os valores familiares, sendo de grande relevância para a estruturação social. Ricardo Bitun, conectando a Reforma Protestante à ignição da Modernidade, afirma que “Lutero e os reformadores constroem uma ponte de transição entre o pensamento medieval e o pensamento moderno”.<sup>194</sup> A Reforma eclesial repercutiu fortemente na reforma social.

Com a virada do milênio, emergiu o conceito da pós-modernidade, carregando consigo novas perspectivas sociais e de cosmovisão. Na propagação e avanço dos conceitos pós-modernos, há uma tendente rejeição dos absolutos, especialmente sobre a concepção da verdade. Kimball corrobora a tendência gradual de irrelevância do cristianismo na sociedade pós-moderna, ao afirmar que “numa atmosfera pós-moderna, uma pessoa se desenvolve aprendendo que todas as crenças são equivalentes, mas que o cristianismo é fundamentalmente uma religião negativa, conhecida por ser ‘crítica’ e por condenar o comportamento dos outros”.<sup>195</sup> Em síntese, a pós-modernidade tem tornado a Igreja de Cristo e suas tradições com cada vez menos preponderância e influência para a vida das pessoas

---

<sup>191</sup> WAGNER, 1999, p.37. *It is true that important changes in practice did come about in the centuries following Martin Luther and John Calvin, but for the most part they came relatively slowly because in those days culture changed gradually. Given the accelerated rate of culture change we now see in our generation, it might be expected that changes in church life will also be more rapid and, therefore, more radical.* (tradução nossa)

<sup>192</sup> ALLEN, Scott D; MILLER, Darrow L. *A Toxic New Religion*. Ed. Kindle. Phoenix: Disciple Nations Alliance, 2020. P.5. [...] *Christianity was the dominant religion in the West. As such, it provided the moral and metaphysical framework within which people understood reality, identity, and purpose.* (tradução nossa)

<sup>193</sup> KIMBALL, 2008, p.91.

<sup>194</sup> BITUN, Ricardo. Breves Considerações sobre a Reforma Protestante e seu Caráter Profético nos Dias de Hoje. In: BITUN, Ricardo (Org.). *A reforma protestante: história, teologia e desafios*. Ed. Kindle. São Paulo: Hagnos, 2017. Posição 1088/2462.

<sup>195</sup> KIMBALL, 2008, p.92-93.

e para a cosmovisão que as sociedades sustentam. Como afirma Ronald Cottle frente às rápidas mudanças pós-modernas, “o que parecia funcionar bem há um milênio ou há um século, ou mesmo uma década atrás, perde sua capacidade de influenciar a cultura atual”.<sup>196</sup>

Retomando a afirmação de Peter Wagner, a Nova Reforma Apostólica é uma reforma da prática, em busca de relevância. Relevância é a palavra-chave que norteia uma reforma da prática teológica como necessária. Segundo Reggie McNeal, “precisamos de um paradigma teológico para sustentar uma revolução missional”.<sup>197</sup> A Nova Reforma Apostólica emerge como uma de tantas possibilidades e movimentos contemporâneos para combater um senso de perda de propósito da Igreja na virada do milênio. O que são estas novas práticas por meio dos conceitos da Nova Reforma Apostólica serão tópicos abordados ao longo da tese que este capítulo compõe. Contudo, cabe ressaltar que parece ser senso comum que o cristianismo tradicional tem perdido sua relevância, o significado de suas tradições, a influência sobre a sociedade e a estima perante a humanidade, e também por isso carece de reforma. Como sintetiza McNeal, as congregações apostólicas “buscam ser culturalmente relevantes e práticas na aplicação das Escrituras”.<sup>198</sup>

### 3.2.2 Reforma das Origens

O uso do termo “reforma” no âmbito eclesiástico cristão pode ter uma interpretação equivocada, abrindo a possibilidade cultural de um entendimento de invencionismo teológico. Quando em nossa cultura falamos por exemplo em reformar a casa, normalmente usamos este termo para indicar que iremos gerar nova aparência, novos ambientes, com base em nossas próprias concepções e preferências pessoais. Neste uso do termo, mudanças estruturais estão inclusas nas possibilidades de uma reforma. O mesmo vale quando ouvimos o termo para questões legislativas, quando são propostas reformas, sejam previdenciárias, econômicas, políticas, educacionais ou sociais, instintivamente esperamos por

<sup>196</sup> COTTLE, Ronald. *Leading Transition: effective strategies for the leadership challenges of tomorrow*. Columbus: TEC, 2011. P.2. *What seemed to work well a millennia or a century in the past, even a decade in the past, loses its ability to influence a current culture*. (tradução nossa)

<sup>197</sup> McNEAL, 1998, p.36. *We need a theological paradigm to support a missional revolution*. (tradução nossa)

<sup>198</sup> McNEAL, 1998, p.21. *They [apostolic congregations] seek to be culturally relevant and practical in scriptural application*. (tradução nossa)

mudanças na essência, no teor, alterando seu conteúdo conforme o novo cenário, por vezes para uma situação inédita. Com este olhar cultural, esta pode se tornar uma possibilidade de conjectura feita ao se ouvir o termo “reforma” dentro das perspectivas religiosas de nossa compreensão da realidade do cristianismo.

Como é de conhecimento comum no meio teológico, quando Lutero apregoou suas 95 teses, no que desencadeou os eventos da Reforma Protestante, seu objetivo não era edificar algo completamente novo, mas sim, por meio de suas percepções de distorções bíblicas das práticas e princípios apregoados pela Igreja, objetivou buscar conserto, restauração e cura daquilo que era por sua vida defendido, ensinado e pregado, da razão de sua fé e esperança, da Igreja de Cristo. Segundo Abraão de Almeida, os primeiros atos de Lutero eram “o zelo ardente de um religioso irrepreensível e sincero, suplicando ao seu superior as necessárias providências a fim de restituir à igreja de Roma aquela pureza e santidade dos dias apostólicos”.<sup>199</sup> O autor corrobora a intenção de Lutero como reformador e não como dissidente, afirmando que “por meio dessas teses, percebe-se o esforço de Lutero tanto em promover uma limpeza doutrinária e ética na igreja a que pertencia, quanto em permanecer ligado a ela”.<sup>200</sup>

Conectando esta reflexão aos propósitos da Nova Reforma Apostólica, Bill Hamon afirma que “entender o processo de Deus de restauração nos dará a visão que necessitamos para cumprir os Seus propósitos para nós hoje”.<sup>201</sup> Em outras palavras, a compreensão de onde estamos e quem somos como igreja em nosso tempo e cultura e nos moveres de Deus sobre a terra se faz crucial para que vivamos movimentos contemporâneos. Sobre a Nova Reforma Apostólica, Hamon continua em descrever este processo ao dizer que “um movimento de restauração é quando Deus soberanamente escolhe restaurar certas verdades importantes, ministérios e experiências que não têm sido ativas desde os primeiros anos da Igreja”.<sup>202</sup> Esta é a ênfase de objetivar os modelos eclesiológicos da Igreja Primitiva como objetivo final de restauração das origens, de atributos fundamentais que

---

<sup>199</sup> ALMEIDA, Abraão de. *A Reforma Protestante*. Ed. Kindle. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. P.27.

<sup>200</sup> ALMEIDA, 2017, p.34.

<sup>201</sup> HAMON, Bill. *The Day of the Saints*. Shippensburg: Destiny Image, 2002. P.117. *Understanding God's restoration process will give us the vision we need to fulfill His purposes for us today.* (tradução nossa)

<sup>202</sup> HAMON, 2002, p.129-130. *A restoration movement is when God sovereignly chooses to restore certain major truths, ministries and spiritual experiences that have not been active since the early years of the Church.* (tradução nossa)

possam ter sido perdidos pelo caminho, guardadas as proporções tecnológicas e culturais, no que Jonathan David sintetiza: “não podemos edificar a Igreja sem o padrão do Novo Testamento”.<sup>203</sup>

Em outras palavras, o uso do termo reforma, para o entendimento da Nova Reforma Apostólica, pode até mesmo gerar uma nova roupagem, novas práticas, novas doutrinas, uma nova aparência; pode mudar em muito as perspectivas teológicas práticas e sistemáticas daquilo que é realizado atualmente em muitas vertentes do cristianismo. Contudo, a essência do que a Nova Reforma Apostólica se propõe reformar é vinculada muito mais a um cunho restauracionista cultural das origens neotestamentárias do que a ideias infundadas ou desconectadas de fundamentação teológica. Infelizmente, é notória na cultura eclesial brasileira recente a existência muitos movimentos pentecostais, neopentecostais e até mesmo autodenominados “apostólicos” que emergem sem clareza de fundamentos bíblicos e sistemáticas teológicas, pautados em ideais rasos, maculando aquilo que está proposto e sendo defendido nesta tese.

Em síntese, assim como o que marca a história da Reforma Protestante, a Nova Reforma Apostólica carrega esta terminologia reformadora para indicar o desejo de restauração de um projeto original conhecido por meio da realidade da Igreja neotestamentária atrelado a um projeto de relevância cultural para a Igreja de Cristo no novo milênio. Assim como por meio de tantos protagonistas do processo da Reforma, como Wycliffe, John Huss, Savonarola, Lutero, Calvino e tantos outros, algo em comum parece arder no âmago de um anseio reformador: o desejo de trazer à tona a convergência da Igreja revelada nos escritos neotestamentários e sua poderosa influência de transformação social, assim como a inconformação com possíveis distorções entre os fundamentos bíblicos e a prática eclesial em cada época e localidade. Bitun descreve que os protagonistas da conhecida Reforma Protestante “foram homens inconformados com o seu tempo e sua religião”.<sup>204</sup> Esta é uma característica comum aos que têm proposto e pautado a NRA.

É neste sentido que os processos reformadores do cristianismo são nuances de uma reforma das origens, de purgar impurezas e estabelecer fundamentos de

---

<sup>203</sup> DAVID, Jonathan. *Apostolic Blueprints for Accurate Building*. Muar: Destiny Heights, 2008. P.6. [...] *we cannot build the Church without the New Testament pattern*. (tradução nossa)

<sup>204</sup> BITUN, 2017, posição 1102/2462.

forma diferente para obter frutos condizentes com sua missão na cultura em que estão inseridos. De acordo com Leonard Sweet, “para um cristão, é lógico, os tempos de mudança de paradigma não nos levam de volta à estaca zero, mas de volta às origens”.<sup>205</sup> Contrariando a tese de que os paradigmas voltam à estaca zero para serem renovados, requerendo que se desfaça o que outrora fora estabelecido, o autor continua sua reflexão, afirmando que, para o cristianismo não funciona desta forma, sendo que “a verdadeira originalidade está em voltar às raízes”.<sup>206</sup>

Este senso de “volta às raízes”, de reforma das origens, é um dos fundamentos que justifica o uso da terminologia “apostólica” no contexto da Nova Reforma Apostólica, assunto que será abordado na sequência.

### 3.2.3 Reforma Progressiva

Mesmo que a Nova Reforma Apostólica carregue a possibilidade de representar uma mudança tão fundamental para a igreja futura quanto representaram as mudanças ocasionadas pela Reforma Protestante, também precisamos compreender a temática da reforma como uma realidade presente no cristianismo em todas as épocas. Nesta perspectiva, podemos ampliar o conceito de reforma não como evento, mas como processo progressivo ao longo da história.

Em concordância, Ricardo Bitun sugere que “a caminhada dos reformadores nos desafia, nestes dias, a buscar este discernimento: o que diretamente devemos restaurar na igreja contemporânea?”<sup>207</sup> O autor, que organizou um livro sobre a Reforma no ano de 2017, em comemoração aos 500 anos da data marco das 95 teses de protesto, afirma também que a obra não se tratava de celebrar 500 anos “da” Reforma, mas sim 500 anos “de” reforma, “de uma igreja que está em constante reforma, dinâmica e, como organismo vivo, transformando-se dia após dia”.<sup>208</sup>

Desde o livro de Atos, percebemos o desvelar de momentos importantes em que mudanças estruturais e teológicas foram estabelecidas por parte da liderança da Igreja, num sentido reformador, reagindo às necessidades socioculturais. O aspecto da reforma como um processo carrega esta face, de reação à relevância da Igreja

---

<sup>205</sup> SWEET, Leonard (Ed.). *A Igreja na Cultura Emergente: cinco pontos de vista*. São Paulo: Vida, 2009. P.12.

<sup>206</sup> SWEET, 2009, p.12.

<sup>207</sup> BITUN, 2017, posição 1171/2462.

<sup>208</sup> BITUN, 2017, posição 1233/2462.

perante o tipo de sociedade e cultura à qual pertence e por meio da qual emerge. Neste processo reformador, como abordado a pouco, muitos fundamentos são restaurados, princípios enaltecidos, tradições revisadas para um purgar da essência, do retorno às origens. Em contrapartida, a reforma como um processo progressivo revela a constância da igreja em ser orgânica em adaptações estruturais e da prática de seus fundamentos teológicos de acordo com as necessidades das pessoas que congregam, da sociedade a que pertence e do ambiente em que está inserida.

Como exemplo de mudança predominantemente estrutural, temos no texto de Atos o exemplo conhecido como a instituição dos diáconos. Diz a Bíblia que “naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento” (At 6:1). Além das viúvas estarem desassistidas, os apóstolos estavam deixando de praticar suas incumbências mais importantes, perante a nova realidade numérica da igreja. Uma reforma estrutural se fez necessária, com práticas inéditas, em resposta à necessidade e para manter a relevância da igreja tanto nos aspectos espirituais como socioculturais. Como resposta, o texto continua: “irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa e nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6:3-4). Os líderes locais, neste caso os Doze Apóstolos, perceberam a necessidade e, após conselho coletivo, reagiram reformando parte da estrutura. Como corrobora Jonathan David sobre este episódio, “as circunstâncias exigiram que uma nova configuração de líderes surgisse”.<sup>209</sup>

Como exemplo de mudança predominantemente teológica, vemos o impasse em Atos 15 do que seria necessário transpor de costumes judaicos para os gentios que estavam se convertendo, no que ficou conhecido como Concílio de Jerusalém. Segundo o texto bíblico, “alguns homens [...] passaram a ensinar aos irmãos: ‘Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos’. Isso levou Paulo e Barnabé a uma grande contenda e discussão com eles” (At 15:1-2). Os judeus convertidos ao Caminho pareciam carregar boas intenções em instruir os novos irmãos gentios segundo a

---

<sup>209</sup> DAVID, 1999, p.84. *The circumstances demanded a new set of leaders to emerge.* (tradução nossa)

teologia que conheciam. Por outro lado, o apóstolo Paulo já havia percebido uma reforma teológica por resultado da obra da cruz entendida por uma perspectiva mais ampla. Aquilo que na mentalidade de muitos era o “novo judaísmo” agora transformou-se em cristianismo, de forma globalizada, e uma reforma teológica se fez necessária. Por meio deste episódio, a liderança da Igreja precisou mais uma vez entrar em conselho, verificar as necessidades, discutir a relevância de sua teologia e sistematizar-se de uma nova forma, dadas as novas perspectivas e revelações de Deus percebidas. Como afirma Wagner sobre este momento da história eclesiástica, “a questão missiológica central é a da contextualização”.<sup>210</sup> Ressalto aqui a afirmação bíblica dos apóstolos para enfatizar o temor necessário em discutirmos os caminhos que a igreja deve trilhar, quando afirmaram: “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (At 15:28). Sobre a importância da contextualização e possibilidades de reforma em resposta às necessidades socioculturais, Wagner sintetiza: “para ser franco, a inaptidão missiológica no ponto de contextualização aplicada pode resultar na não salvação de pessoas perdidas que, de outra forma, seriam salvas”.<sup>211</sup>

Diante de tantas nuances, culturas e povos diferentes em que o Evangelho de Cristo foi anunciado, a Igreja segue carregando esta missão de reforma como processo, atenta às necessidades socioculturais e aos ajustes necessários no avanço de sua compreensão sobre Deus e seus propósitos. Interessantemente, estas reformas descritas no livro de Atos se deram a partir de motivos nítidos: seja da dificuldade em seguir fazendo aquilo que Jesus havia estabelecido como prioridade: no caso dos apóstolos, ministrar a palavra; seja por meio de novos moveres que Deus quisera estabelecer, sendo testemunhado por cristãos idôneos de diversos locais, como Pedro, Paulo e Barnabé, trazendo a relevância de seu testemunho para o concílio.

A reforma como um processo intrínseco à natureza da igreja é um dos fundamentos que a Nova Reforma Apostólica carrega. Como afirma John Eckhardt, um dos autores expoentes deste movimento eclesiástico, “a Reforma Protestante do

---

<sup>210</sup> WAGNER, 2011, p.386. *The central missiological issue is that of contextualization.* (tradução nossa)

<sup>211</sup> WAGNER, 2011, p.387. *To put it bluntly, missiological ineptitude at the point of applied contextualization can result in lost people not being saved who otherwise would be saved.* (tradução nossa)



século XVI foi uma de muitas reformas para o povo de Deus, pois o Senhor está sempre preocupado com a forma e a configuração de Sua Igreja”.<sup>212</sup>

### 3.3 POR QUE APOSTÓLICA?

Na composição do entendimento da prática eclesial desde movimento eclesial contemporâneo, a qual buscamos elucidar pelo estudo de caso da Família da Fé, até aqui vimos alguns porquês do uso do termo “nova” e do termo “reforma”. Como terceira grande porção deste capítulo, introduziremos a justificativa para o uso do termo “apostólica” na nomenclatura da Nova Reforma Apostólica.

Antes de trazer o termo apostólico para sua relevância direta na eclesiologia contemporânea, precisamos compreender quais são as raízes por detrás da intenção de Jesus em trazer justamente este termo como nomenclatura pertinente ao contexto de seu ministério terreno. O primeiro porquê do uso desta terminologia na Nova Reforma Apostólica passa por uma compreensão mais profunda e cultural de seu significado, do conceito apostólico.

#### 3.3.1 O Conceito Apostólico

No âmbito cultural grego, contemporâneo à escrita neotestamentária, o verbo *apostello*, traduzido ao português como “enviar”, reflete uma relação entre alguém com autoridade governamental e um emissário de sua confiança, atrelada a uma missão para além dos limites territoriais dominados ou até mesmo conhecidos. Está incutido neste contexto uma autoridade recebida por delegação. O Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento traz à tona este princípio na definição de uma ação apostólica, quando afirma que “sendo que o emissário tem plenos poderes e é o representante pessoal de quem o enviou, estabelece-se uma conexão estreita entre quem envia e quem recebe a incumbência”.<sup>213</sup> Esta relação, que o cristianismo se apropriou para descrever uma perspectiva importante de propósitos e funções na Igreja de Cristo, só pode ser compreendida quando adquirimos

---

<sup>212</sup> ECKHARDT, 1999, p.77. *The Protestant Reformation of the sixteenth century was but one of many reformations for the people of God, for the Lord is always concerned about the shape and form of His Church.* (tradução nossa)

<sup>213</sup> BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* 2. ed. São Paulo: Vida, 2000. p.154.

subsídios que nos façam perceber os conceitos por traz de um termo que não é apenas religioso, mas essencialmente cultural.

O substantivo grego bíblico *apostolos*, traduzido ao português como “apóstolo”, portanto, não foi um neologismo utilizado por Jesus para estabelecer uma função inédita na missão da Igreja, mas sim a apropriação de um termo comumente conhecido no ambiente de cultura grega em que a vida encarnada de Jesus estava imersa.

### **3.3.1.1 Apóstolos nas Expedições Marítimas**

Os primeiros usos do termo *apostolos* são vinculados a um contexto expedicionário. O Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento define que este termo “acha-se, pela primeira vez, na linguagem marítima, onde significa um navio de carga, ou a frota enviada. Mais tarde, significava o comandante de uma expedição naval, ou um grupo de colonizadores enviados para além-mar”.<sup>214</sup> John Eckhardt descreve que o conceito apostólico na perspectiva cultural é compreendido como “uma expedição naval, um carregamento, uma frota de navios, enviados (*apostello*) com um desafio e missão específicos”.<sup>215</sup> Aplicando o termo a um indivíduo, Eckhardt afirma que o apóstolo era definido como “o almirante ou comandante de uma expedição naval ou de uma frota de navios, alguém que lidera o caminho para novas fronteiras”.<sup>216</sup> Neste aspecto, o conceito apostólico causa um senso de autoridade e comissionamento de forma expedicionária, agregando ao indivíduo nomeado como apóstolo uma delegação de liderança sobre a missão; de forma análoga, a missão como um todo recebe a mesma nomenclatura apostólica.

Para um breve panorama histórico-cultural, cabe destacar que, como afirma Mark Pfeifer, o conceito apostólico para expedições marítimas comerciais e colonizatórias remonta desde os tempos dos fenícios, em suas rotas comerciais pelo mediterrâneo.<sup>217</sup> Carvalho também contribui, afirmando que “o sentido original da palavra apóstolo veio dos fenícios e literalmente quer dizer: o navio líder de uma

<sup>214</sup> BROWN; COENEN (org.), 2000, p.154.

<sup>215</sup> ECKHARDT, John. *Dictionary of the Apostolic*. 2. ed. Oak Park: Crusaders Ministers, 2005b. p.25. *A naval expedition, a cargo, a fleet of ships, sent out (apostello) with a specific objection and mission.* (tradução nossa)

<sup>216</sup> ECKHARDT, 2005b. p.25. *The admiral or commander of a naval expedition or fleet of ships, one to lead the way into new frontiers.* (tradução nossa)

<sup>217</sup> PFEIFER, Mark. *Apostles Then and Now*. Kearney: Morris Publishing, 2014. p.11.

expedição que vai colonizar um país que foi conquistado”.<sup>218</sup> Elucidando o processo, o autor continua: “o apóstolo é o líder do navio principal que vai para a colônia – as colônias recriam a cultura do país conquistador no território ocupado – quando o rei visitar [...], verá estradas, comércio, educação, arquitetura e governo e se sentirá em casa”.<sup>219</sup>

Além do termo referir-se ao almirante ou comandante, David Cannistraci também enaltece que a própria frota de navios e até mesmo colônia que fosse fundada pelo almirante poderia receber a mesma designação apostólica.<sup>220</sup> O autor afirma que “se uma frota de navios deixasse Roma para estabelecer uma nova colônia em algum lugar, tudo isto era denominado como apóstolos – a frota, o almirante e a nova colônia fundada”.<sup>221</sup>

Trazendo Eckhardt, Carvalho e Cannistraci em diálogo, podemos compor o conceito cultural apostólico numa perspectiva expedicionária e colonizatória, com missões que visam especialmente a expansão de um reino ou governo cujos representantes são enviados apostolicamente. O líder de tal missão recebe autoridade e a transforma em substantivo, ao passo que toda a frota, a equipe e a própria nova colônia fundada também estão imersas neste conceito, como adjetivo e objetivo final, representando todo o envio. Em resumo, na cultura fenícia e romana antes de Cristo, a terminologia apostólica designava o envio de indivíduos e a definição de missões para expansão ou representação de um governo estabelecido, inicialmente usada para com frotas navais. O líder desta missão carregava a função de um apóstolo, a equipe era chamada apostólica assim como a própria missão era apostólica, revelando o propósito de tudo e todos que nela estavam envolvidos.

### **3.3.1.2 Apóstolos nas Conquistas Territoriais**

Com o passar do tempo, o conceito apostólico cresceu a uma nova conotação, não somente ligado às expedições marítimas comerciais e colonizatórias, mas também no contexto expedicionário militar de conquista de novos territórios. Segundo Paula Price, o apostolado “encontrou sua grande

---

<sup>218</sup> CARVALHO, 2018, p.123.

<sup>219</sup> CARVALHO, 2018, p.123.

<sup>220</sup> CANNISTRACI, 1996, p.84-85.

<sup>221</sup> CANNISTRACI, 1996, p.85. *If a fleet of ships left Rome to establish a new colony somewhere, all of these were called apostles – the fleet, the admiral and the newfound colony.* (tradução nossa)

proeminência em períodos de guerra e revoltas territoriais”.<sup>222</sup> Eckhardt afirma sobre este contexto que o termo descreve “emissários especiais enviados para estabelecer o domínio do império. Estes emissários eram enviados a certos territórios e encarregados de subjugar, conquistar, converter, instruir, treinar e estabelecer os novos subordinados na cultura do império”.<sup>223</sup> Na mesma abordagem sobre o uso do conceito apostólico pelo Império Romano, Bill Scheidler escreve que “seu significado tornou-se ainda mais específico ao longo do tempo à medida que os gregos, e posteriormente os romanos, buscaram propagar sua influência cultural a todas as regiões que tinham sido conquistadas por seus exércitos”<sup>224</sup> e conclui que “desta forma, aquelas nações [...] poderiam também ser conquistadas ideologicamente e culturalmente”.<sup>225</sup>

Apóstolos estabeleciam colônias em terras distantes, que serviam de base para todo o processo de conquista e transformação cultural. Vemos um exemplo desta característica social na cidade de Filipos no período neotestamentário, quando Paulo afirma que “dali partimos para Filipos, na Macedônia, que é colônia romana e a principal cidade daquele distrito” (At 16:12). A descrição como “colônia romana” enquadra provavelmente a cidade de Filipos na perspectiva apostólica romana. J. B. Carvalho conclui que quando Paulo escreve aos filipenses que “a nossa cidadania, porém, está nos céus” (Fp 3:20) é porque eles conheciam o conceito de dupla cidadania. “Filipos foi uma das cidades colonizadoras do mundo greco-romano. [...] Os cidadãos de Filipos eram também cidadãos de Roma, com todos os direitos e privilégios concedidos a qualquer romano nascido na cidade imperial”.<sup>226</sup> Portanto, assim como Jesus, Paulo também usou dos conceitos culturais apostólicos para exemplificar os princípios do Reino de Deus de cidadania e inculturação.

O conceito apostólico neotestamentário compõe-se, desta maneira, por um pano de fundo expedicionário e por um contexto militar de conquista colonizatória.

---

<sup>222</sup> PRICE, Paula A. *Eternity's Generals: The Wisdom of Apostleship*. Tulsa: Flaming Vision, 2005. p.37. [...] *found its greatest prominence in periods of war and territorial upheaval*. (tradução nossa)

<sup>223</sup> ECKHARDT, John. *Apostolic Ministry*. Oak Park: Crusaders Ministries, 2005a. p.12. [...] *“special envoys sent out to establish the dominion of the empire. These envoys were sent to certain territories and charged to subdue, conquer, convert, instruct, train and establish the new subjects in the culture of the empire*. (tradução nossa)

<sup>224</sup> SCHEIDLER, Bill. *Apostles, the fathering servant*. Portland: City Bible, 2001. p.13. *Its meaning grew even more specific over time as the Greeks, and later the Romans, sought to spread their cultural influence into all of the regions that had been conquered by their armies*. (tradução nossa)

<sup>225</sup> SCHEIDLER, 2001, p.13. *In this way, those nations [...] could be conquered ideologically and culturally as well*. (tradução nossa)

<sup>226</sup> CARVALHO, 2018, p.125.

Carvalho afirma que “os gregos tinham uma visão de assimilação cultural. Eles eram mais que conquistadores militares, eram colonizadores culturais que levaram seu idioma, arte, literatura e filosofia a todo o mundo”<sup>227</sup>. No mesmo contexto, Carvalho conclui que eles “enviavam seus apóstolos pra todos os lugares onde seu domínio se estendia”.<sup>228</sup> Sobre este atributo, Mark Pfeifer escreve que “os romanos se apropriaram deste termo e usaram-no para descrever uma pessoa que era comissionada pelo imperador para estender os limites do império em território desconhecido”.<sup>229</sup> Ele continua:

Quando o senado romano e o imperador queriam expandir o império, eles convocariam uma pessoa à sua presença para comissioná-lo como um apóstolo. A missão era explanada e o apóstolo seria enviado com suporte militar e recursos econômicos, comerciais e governamentais suficientes para completar a tarefa designada. Carpinteiros, fazendeiros, padeiros, banqueiros, intérpretes, professores e suas famílias faziam juntos a jornada para estabelecer uma colônia Romana funcional em algum lugar para além dos limites atuais do império. O apóstolo lideraria esta expedição de cidadãos Romanos para reivindicar novo território.<sup>230</sup>

Aprofundando a compreensão da questão cultural, John Eckhardt afirma que “muitos destes emissários [apóstolos] eram generais militares com autoridade para ir a novos territórios e lutar, se necessário, para estabelecer a cultura grega ou romana naquela região”.<sup>231</sup>

Compondo os escritos de John Eckhardt em adição às contribuições de Mark Pfeifer e outros sobre o assunto, podemos concluir que missões apostólicas adquiriram um senso de missões militares para expansão territorial além do alcance político já sabido. Missões apostólicas ganharam ao longo do tempo um sentido mais específico, com atribuições expedicionárias militares colonizatórias, visando

---

<sup>227</sup> CARVALHO, 2018, p.23.

<sup>228</sup> CARVALHO, 2018, p.23.

<sup>229</sup> PFEIFER, 2014, p.11. *The Romans picked up on this term and used it to describe a person who was commissioned by the Emperor to extend the borders of the empire into unknown territory.* (tradução nossa)

<sup>230</sup> PFEIFER, 2014, p.11. *When the Roman Senate and Emperor wanted to expand the empire, they would call a person into their presence and commission them as an apostle. The mission was explained and the apostle would be sent out with military support and enough economical, commercial and governmental resources to complete the assigned task. Carpenters, farmers, bakers, bankers, interpreters, teachers and their families all made the journey to establish a functioning Roman colony somewhere beyond the present borders of the empire. The apostle would lead this armada of Roman citizens to claim new territory.* (tradução nossa)

<sup>231</sup> ECKHARDT, 1999, p.23. *Many of these envoys were military generals with authority to go into new territories and fight, if necessary, to establish the Greek or Roman culture in that region.* (tradução nossa)

não somente expansão de domínio, mas também a implementação da cultura do governo que representavam, para onde quer que fossem os envios.

### **3.3.1.3 Apóstolos na linguagem grega**

O conceito apostólico aparece diretamente nas Escrituras por meio da língua grega. Este é um termo muito presente desde o início do ministério de Jesus e em todo o estabelecimento da Igreja de Cristo. No Novo Testamento, o termo grego *apostolos*, traduzido na maioria das vezes para o português como “apóstolo” ou “enviado”, possui 81 ocorrências no Novo Testamento, enquanto o verbo *apostello*, que designa a ação apostólica, geralmente traduzido para o português como “enviar” e suas conjugações, aparece 133 vezes, além de outras quatro ocorrências para a expressão *apostole*, traduzida ao português como apostolado.<sup>232</sup> Isto revela uma grande proeminência do termo no Novo Testamento.

O dicionário Vine descreve o termo grego *apostolos*, traduzido para português como “apóstolo(s)”, como literalmente “enviado”.<sup>233</sup> Esta é a tradução mais sucinta do termo, que forma seu conceito geral. A conotação apostólica está intimamente ligada a um adjetivo que pode inclusive tornar-se seu próprio substantivo, como a nomeação para tal ação, de ser enviado, como exemplificado anteriormente por meio das missões expedicionárias da cultura contemporânea aos evangelhos. Isto é, o uso da nomenclatura “apóstolo”, como substantivo, remete à ideia de que algo ou alguém personifica tal envio. Importa ressaltar a definição ampliada em que o verbo *apostello* que significa “enviar em serviço ou com uma missão”.<sup>234</sup> Este envio não é generalizado, mas sim remetido a objetivos claros, numa perspectiva de comissionamento. Isto fica ainda mais elucidado quando averiguamos o termo *apostole*, traduzido para português como apostolado, que Vine define como “missão”,<sup>235</sup> termo familiar à eclesiologia cristã.

Neste uso, no contexto linguístico grego, o termo *apostolos* pode ser descrito como “alguém enviado como um mensageiro ou agente, o portador de uma

---

<sup>232</sup> BÍBLIA Almeida Revista e Atualizada com Números de Strong - Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. SBB, 2002. Recurso Eletrônico do Aplicativo OliveTree.

<sup>233</sup> VINE W.E. *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016. p.407.

<sup>234</sup> VINE, 2016, p.601.

<sup>235</sup> VINE, 2016, p.408.

comissão, mensageiro, um apóstolo”.<sup>236</sup> O conceito se expande a uma conotação de autoridade delegada como um agente, um mensageiro, alguém comissionado. Tal autoridade recebida envolve portar algo maior do que si mesmo ou maior do que o que dele possa ser gerado. Este conceito amplia-se também para a característica de um “emissário”. O envio é carregado de missão, conteúdo e autoridade. Outra abordagem é a definição para o termo grego *apostolos* como um “embaixador”.<sup>237</sup> O conceito apostólico neste sentido segue aderindo uma esfera governamental, de representatividade do contexto, da autoridade ou do ambiente que o envia.

Em síntese, a terminologia apostólica em seus mais variados usos na linguagem grega do período dos evangelhos e da Igreja Primitiva carrega consigo a característica do envio para uma missão. O substantivo apóstolo define e qualifica aquele que é enviado. O indivíduo que age apostolicamente personifica a missão para o qual foi enviado. O conceito de um ministério apostólico bíblico está ligado às ideias de envio, comissionamento e representação governamental para missões específicas.

### 3.3.2 Natureza Apostólica do Cristianismo

Bill Hamon descreve o nascimento da Igreja a partir do evento da vinda do Espírito Santo, durante a festa de Pentecostes, em que os apóstolos e outros tantos discípulos estavam reunidos, como relatado no capítulo dois de Atos.<sup>238</sup> Jesus estabeleceu o ministério apostólico como outorgados aos seus doze discípulos escolhidos, muito antes de sua morte e ressurreição, muito antes da instauração social da Igreja. “Ao amanhecer, chamou seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também designou apóstolos” (Lc 6:13). Assim, cabe ressaltar que a Igreja não precedeu os apóstolos, mas sim os apóstolos precederam a Igreja. A igreja, portanto, possui essência e natureza apostólicas. Noutra terminologia da análise da natureza do cristianismo, David Bosch afirma que “o cristianismo é missionário por

<sup>236</sup> THE ANALYTICAL Greek lexicon: consisting of an alphabetical arrangement of every occurring inflexion of every word contained in the Greek New Testament scriptures, with a grammatical analysis of each word, lexicographical illustration of the meanings: a complete series of paradigms, with grammatical remarks and explanations. New York: Harper & Brothers, London: Samuel Bagster & Sons Limited, [19--] xlvii, 444 p. p.47. *One sent as a messenger or agent, the bearer of a commission, messenger, an apostle.* (tradução nossa)

<sup>237</sup> BROWN; COENEN (org.), 2000, p.154.

<sup>238</sup> HAMON, 2003, p.36.

sua própria natureza, ou nega sua própria razão de ser”,<sup>239</sup> e conclui analogamente: “os discípulos são chamados para serem missionários”.<sup>240</sup>

O termo apostólico como caracterização para a definição de um fenômeno eclesiástico, como a Nova Reforma Apostólica, tanto resgata a essência das características missionais do chamado de Cristo a todos os Seus discípulos como, principalmente, busca atribuir um senso de enaltecimento da natureza apostólica do cristianismo como um todo, perpassando a natureza apostólica de Jesus, da Igreja, e de como este ministério segue ativo no século XXI como um ofício distinto que vai além de uma característica institucional, num dos principais aspectos a serem restaurados no cristianismo contemporâneo.

### **3.3.2.1 A Natureza Apostólica de Jesus**

Jesus é o primeiro apóstolo descrito na Bíblia. O Jesus encarnado como um ser humano legítimo é o modelo para toda a obra do Espírito Santo em edificar os propósitos de Deus nesta terra. Vemos claramente o homem Jesus “cheio do Espírito Santo” (Lc 4:1) desde o início de seu chamado ministerial. João afirma que Jesus, como enviado por Deus, recebeu “o Espírito sem limitações” (Jo 3:34). Neste contexto, o apóstolo Paulo enfatiza que “em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2:9). Portanto, Cristo é o modelo para toda a Igreja, sendo também a sua máxima autoridade: Ele é o “Cabeça de todo poder e autoridade” (Cl 2:10).

Quando o apóstolo Paulo discorre a respeito de “preparar dos santos para a obra do ministério” (Ef 4:12), afirma que “a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo” (Ef 4:7) e que “Ele [Jesus Cristo] designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres” (Ef 4:11) justamente para este fim: o preparo dos santos. Por isso, fica claro que os ministérios para edificação do corpo de Cristo provêm do próprio Cristo. Jesus é, portanto, o modelo para toda a obra apostólica, profética, evangelística, pastoral e de ensino. O escritor bíblico do livro de Hebreus destaca a raiz do ministério apostólico na própria natureza messiânica de Jesus, quando reconhece o próprio Cristo como um apóstolo, conclamando os hebreus a que “fixem

---

<sup>239</sup> BOSCH, 2009, p.26.

<sup>240</sup> BOSCH, 2009, p.58.



os seus pensamentos em Jesus, apóstolo e sumo sacerdote que confessamos” (Hb 3:1). Isto posto, é razoável afirmar biblicamente Jesus Cristo como sendo o primeiro apóstolo da Igreja, enviado e comissionado por Deus. O envio de Jesus ao mundo é uma missão apostólica: “esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3). Nesta citação, a palavra “enviaste” atribuída como ação de Deus para com Jesus Cristo é, do grego, “apostello”.<sup>241</sup>

A partir do ministério apostólico de Cristo, Seu legado também foi estruturado nesta característica. Mike Breen propõe que “quando olhamos para sua vida [de Jesus] como ‘o apóstolo’, começamos a discernir uma perspectiva apostólica em tudo o que ele fez, e também começamos a ver os Evangelhos sob uma nova luz. Eles tornam-se um manual do ministério apostólico”.<sup>242</sup> Os relatos dos evangelhos, especialmente após o batismo de Jesus e o chamado dos primeiros discípulos, constituem a essência do que os apóstolos de Cristo receberam como instrução e experiência para o desenvolvimento de seu chamado. Jesus constitui o modelo para as ações futuras de sua equipe apostólica. Nisto David Cartledge corrobora, afirmando que “Jesus é o modelo completo do ministério apostólico”.<sup>243</sup>

Como consequência do trabalho de discipulado apostólico de Jesus, a Igreja foi fundada e fundamentada pelo protagonismo dos apóstolos que o próprio Cristo comissionou. Segundo David Bosch, “a noção dos primeiros discípulos como protótipos da igreja posterior se manifesta de muitas formas”.<sup>244</sup> No contexto eclesial neotestamentário, Paulo reafirma este princípio quando escreve aos efésios sobre a identidade da Igreja, declarando que eles foram “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular” (Ef 2:20). Jesus Cristo é o primeiro e principal protagonista do ministério apostólico para a Sua Igreja.

As características apostólicas de Jesus como modelo são uma das perspectivas do uso do termo “apostólica” para a Nova Reforma Apostólica.

<sup>241</sup> BÍBLIA, 2002. Recurso Eletrônico do Aplicativo OliveTree.

<sup>242</sup> BREEN, Mike. *The Apostle's Notebook*. Eastbourne: Kingsway Communications, 2002. p.40. [...] *when we look at his life as ‘the apostle’, we begin to discern an apostolic perspective in all that he did, and we also begin to see the Gospels in a new light. They become a handbook of apostolic ministry. (tradução nossa)*

<sup>243</sup> CARTLEDGE, David. *The Apostolic Revolution: The Restoration of Apostles and Prophets in the Assemblies of God in Australia*. Chester Hill: Paraclete Institute, 2000. p.266. *Jesus is the complete model of apostolic ministry. (tradução nossa)*

<sup>244</sup> BOSCH, 2009, p.102.

### 3.3.2.2 A Natureza Apostólica da Igreja

É notório no registro das Escrituras que tanto o estabelecimento como a expansão do Corpo de Cristo são descritos de forma significativa no texto bíblico por um livro intitulado como Atos dos Apóstolos, reiterando por meio desta nomenclatura o aspecto ministerial apostólico como chave para a realidade da Igreja, o que também enaltece a preponderância dos primeiros líderes da Igreja serem denominados como apóstolos. O mundo romano conheceu Jesus, após sua morte, por meio do ministério dos apóstolos. A maior parte do conteúdo neotestamentário é constituído por escritos de apóstolos. A maioria destes são cartas de apóstolos às igrejas locais ou a alguns de seus líderes ou ainda à Igreja global. Jesus dedicou a maior parte de seu ministério encarnado para a formação e envio dos primeiros apóstolos, fazendo disto o cumprimento de seu próprio ministério apostólico.

A vinda do Espírito Santo sobre os discípulos reunidos no dia de Pentecostes cumpriu um papel apostólico. O Espírito foi enviado. Paulo escreve aos Gálatas que “Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês” (Gl 4:6). O verbo enviar no referido texto (*exapostello*) possui o mesmo radical apostólico, denotando “enviar”.<sup>245</sup> Cannistraci ressalta que “o resultado do Espírito de Deus sendo derramado foi uma ativação do verdadeiro ministério apostólico, o que nos diz que o próprio Espírito que gerou estes resultados deve também ser apostólico”.<sup>246</sup> O autor conclui que “o Espírito de Deus é um Espírito Apostólico; Sua natureza e personalidade são apostólicas”.<sup>247</sup>

Para Mark Pfeifer, a prática de uma Igreja Apostólica remonta à identidade da Igreja durante os três primeiros séculos da era cristã. Pfeifer afirma que esta Igreja é caracterizada por uma natureza apostólica, uma unção apostólica e por um ambiente apostólico.<sup>248</sup> Este período da história da Igreja é por muitos autores intitulado, neste sentido, como “A Era Apostólica”. Em outras palavras, a Igreja, modelada a partir dos textos bíblicos, é fundamentalmente apostólica; seus líderes

---

<sup>245</sup> VINE, 2016, p.602.

<sup>246</sup> CANNISTRACI, 1996, p.24. *The result of the Spirit of God being poured out was an activation of true apostolic ministry, which tells us that the Spirit who generated these results must Himself be apostolic.* (tradução nossa)

<sup>247</sup> CANNISTRACI, 1996, p.24. [...] *the Spirit of God is an Apostolic Spirit; His nature and personality are apostolic.* (tradução nossa)

<sup>248</sup> PFEIFER, Mark. *Apostles Then & Now – Chapter 4* (Mark Pfeifer). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Il5PRFYn7pY&t=28s>>. Acesso em 22/12/2020, às 10:50.

são apostólicos, seus escritos são apostólicos, seu Espírito é apostólico, sua autoridade é apostólica e seu mandato é apostólico.

Por consequência, a distância da realidade teológico-prática contemporânea do cristianismo no século XXI para esta natureza apostólica da Igreja de Atos, que origina a Igreja Primitiva, é mais um fator que compõe forte justificativa para o uso da terminologia “apostólica” para a Nova Reforma Apostólica.

### 3.3.3 O Ministério Apostólico

A terminologia “apostólica” que Peter Wagner aderiu para intitular este movimento revela a característica intrínseca de busca por restauração do ofício e das características apostólicas na Igreja, como o autor sugere: “o nome que escolhi para este movimento é Nova Reforma Apostólica. Uso [...] ‘Apostólica’ porque a mais radical de todas as mudanças é o amplo reconhecimento do dom e do ofício de apóstolo nas igrejas de hoje”.<sup>249</sup> Conectando o ministério apostólico ao processo reformador, David Cannistraci afirma que “como uma parte deste processo de restauração, temos visto um renascimento parcial dos dons ministeriais de Efésios 4:11 dentro da Igreja”,<sup>250</sup> referindo-se à distinção dos ofícios de apóstolos na cultura eclesial.

A partir deste embasamento que traz maior lucidez ao uso da terminologia “apostólica” no contexto da NRA, justifica-se em síntese o seu uso da seguinte forma: em primeiro lugar, para se ter a primeira Era Apostólica, da Igreja de Atos, sua teologia e cultura como modelo de fundamentos que precisam ser extraídos para uma eclesiologia contemporânea pós-moderna, numa reforma das origens que traz algo novo para a Igreja neste contexto; em segundo lugar, a restauração do ofício apostólico como chamado pessoal, que gera decorrente ignição para o exercício dos ofícios dos demais ministérios listados em Efésios 4:11 (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres).

<sup>249</sup> WAGNER, C. Peter. *Changing Church*. Ventura: Regal Books, 2004. p.10. *The name I have chosen for this movement is the New Apostolic Reformation. I use [...] “Apostolic” because the most radical of all the changes is the widespread recognition of the gift and office of apostle in today’s churches.* (tradução nossa)

<sup>250</sup> CANNISTRACI, 1996, p.18. *As a part of this process of restoration, we have seen a partial rebirth of the gifts ministries of Ephesians 4:11 within the Church.* (tradução nossa)

Uma vez que a igreja possui uma natureza apostólica, a restauração de uma cultura apostólica ligada ao ofício e ministério apostólicos constituem uma proposta de reforma inovadora que altera em muito os paradigmas atuais. Como afirma Noel Woodroffe, “o propósito do apóstolo é liberar um espírito apostólico sobre a Igreja corporativa para que cada crente individual possa operar a partir de uma perspectiva apostólica e de uma mentalidade apostólica”.<sup>251</sup> A igreja do século XXI tem sido estabelecida predominantemente por um ministério pastoral, com os demais ministérios sendo gerados a partir deste; em muitas realidades eclesiais, apenas o ministério pastoral está presente, sendo isoladamente reconhecido como ofício para edificação da Igreja. A Nova Reforma Apostólica prevê igrejas locais apostolicamente formatadas e embasadas, com suas programações e treinamentos acontecendo como um desdobramento de práticas ministeriais influenciadas pela atuação conjunta de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Este é um prospecto idealizado, sendo ainda em muitos ambientes das novas igrejas apostólicas distante de ser realidade.

### **3.3.3.1 Apóstolos nos dias de hoje**

A Nova Reforma Apostólica traz em seus conceitos práticos teológicos eclesiais o reconhecimento da função e ofício de apóstolo atribuídos individualmente a líderes cristãos, assim como percebe-se na realidade da Igreja neotestamentária. Como supracitado, este ofício é uma das atribuições descritas na Bíblia como ministério específico para edificação do Corpo de Cristo, com o intuito de preparação dos santos, de cada crente em Jesus: “e ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado” (Ef 4:11-12). Uma vez que subentende-se que a Igreja segue com a necessidade de ser constantemente edificada e que ainda não atingiu a medida da “plenitude de Cristo” (Ef 4:13), como descreve Paulo ser o objetivo destes ministérios, a Nova Reforma Apostólica crê que tais ofícios precisam ser restaurados na realidade sistemática e teológico-prática da Igreja. Segundo Bill Hamon, novos

---

<sup>251</sup> WOODROFFE, Noel. *Understanding the Apostolic*. Ed. Kindle. Port of Spain: Congress Publishing House, 2019. p.11. *The purpose of the apostle is to release an apostolic spirit upon the corporate Church so that each individual believer can operate from an apostolic perspective and in an apostolic mentality.* (tradução nossa)

movimentos eclesiais já tem apresentado ao longo do século XX ofícios de profetas, evangelistas, pastores e mestres sendo, portanto, o ministério de apóstolo o último dos cinco a ser restaurado.<sup>252</sup> Neste sentido, a Nova Reforma Apostólica é também caracterizada pela proposição da restauração específica deste ofício.

Por outro lado, infelizmente, muitas lideranças eclesiais têm se apropriado de uma designação apostólica sem o devido pertencimento aos conceitos da Nova Reforma Apostólica, maculando a essência do que é proposto de forma bíblicamente fundamentada, como também já mencionado. Como afirma Ronald Cottle, “muitos indivíduos declararam a si mesmos como apóstolos ou foram comissionados descuidadamente como apóstolos sem desenvolver a maturidade ou ganhar a influência de que precisam para serem bem-sucedidos”.<sup>253</sup>

Uma das instituições pioneiras e mais reconhecidas por reunir lideranças ligadas à Nova Reforma Apostólica de todos os cinco continentes no século XXI é a Coalizão Internacional de Líderes Apostólicos (do inglês, ICAL), atualmente presidida por John Kelly.<sup>254</sup> A ICAL estabeleceu, desde 2006, uma proposta de definição para o ofício de apóstolo:

Um apóstolo é um líder cristão que recebeu dons, foi ensinado, comissionado e enviado por Deus com autoridade para estabelecer o governo fundamental da Igreja dentro de uma esfera ministerial específica, ouvindo o que o Espírito está dizendo às igrejas e colocando todas as coisas em ordem de maneira adequada, para o crescimento e maturidade da Igreja e para a expansão do Reino de Deus.<sup>255</sup>

A partir desta definição, a Nova Reforma Apostólica pontua por meio de diferentes autores quais as principais atribuições do ofício apostólico e das equipes apostólicas que atuam conjuntamente tanto na liderança de redes de igrejas como na liderança de igrejas locais. Como afirma John Eckhardt, “o ministério apostólico é essencialmente um ministério de equipe”.<sup>256</sup> Infelizmente, alguns ministérios cristãos contemporâneos aderiram a terminologia apostólica para promoção pessoal, de um líder hierárquico com proeminência sobre pastores, mas este não é um conceito

<sup>252</sup> HAMON, Bill. *Apostles, Prophets and the Coming Moves of God*. Shippensburg: Destiny Image, 1997. p.221.

<sup>253</sup> COTTLE, 2011, p.6. *Many individuals have either declared themselves to be apostles, or have been carelessly commissioned as apostles without developing the maturity or earning the influence they need to be successful*. (tradução nossa)

<sup>254</sup> <https://www.icaleaders.com/about-ical>

<sup>255</sup> WAGNER, 2013a, p.157.

<sup>256</sup> ECKHARDT, John. *Presbyteries and Apostolic Teams*. Chicago: Crusaders Ministries, 2000. p.8. [...] *apostolic ministry is essentially team ministry*. (tradução nossa)

bíblico. Biblicamente, Eckhardt corrobora que o presbitério, o corpo de liderança de maior autoridade numa igreja local, embora seja validado no processo de implantação da igreja local por apóstolos ou equipes apostólicas, torna-se um governo autônomo para a igreja local sobre a qual foi estabelecido, devendo haver um mútuo respeito entre os tipos de autoridade e distintos ofícios.

Entre as principais funções de um apóstolo ou da equipe apostólica sob sua liderança, segundo autores da Nova Reforma Apostólica a partir de uma perspectiva bíblica, estão: implantar igrejas e estabelecer e ordenar pastores locais (presbíteros);<sup>257</sup> supervisionar e fortalecer igrejas locais, desenvolver líderes, conectar ministérios em rede e gerenciar crises.<sup>258</sup>

A Rede Apostólica Cristã, rede de igrejas apostólicas com a qual a Família da Fé é aliançada, é uma das redes de igrejas vinculadas à Coalizão Internacional de Líderes Apostólicos (ICAL) e provê à Família da Fé supervisão apostólica e treinamentos de desenvolvimento para pastores e líderes, além de conectá-la a outros ministérios por meio dos relacionamentos em rede.

---

<sup>257</sup> ECKHARDT, 2000, p.2.

<sup>258</sup> CANNISTRACI, 1996, p.100-103.

## 4 PLANTANDO UMA NOVA IGREJA APOSTÓLICA

Este capítulo visa apresentar um quadro inicial da Família da Fé, como objeto principal de estudo nesta tese, pela descrição e embasamento das raízes de seu sistema operacional, no processo de sua implantação como uma emergente comunidade de cristãos na cidade de Viamão/RS, no contexto cultural brasileiro do século XXI e dos desdobramentos dos primeiros eventos de sua história. Na linguagem teológico-prática da área de missiologia, é comum o uso da expressão “plantio de igrejas” e suas decorrentes variações. Hendrik Vorster explica que “Plantação de Igrejas tornou-se a terminologia popular, descrevendo a natureza orgânica da fundação de novas Igrejas”.<sup>259</sup> Usaremos intercambiavelmente as terminologias de plantio e implantação, sendo esta mais utilizada para descrever o processo e aquela, o projeto. Também é importante ressaltar que o aspecto representado pela terminologia de plantio de uma nova igreja difere de outra realidade comum em nosso tempo, porém em muitos casos pejorativa à corporeidade da Igreja, causada pelo surgimento de novas igrejas por meio de rupturas e divergências ministeriais ou denominacionais. Plantar igrejas é sobre gerar, sobre expandir, sobre obedecer a um chamado, sobre começar com uma semente.

A Família da Fé pode ser definida como uma das muitas igrejas locais que carregam em sua identidade uma visão teológico-prática vinculada à Nova Reforma Apostólica<sup>260</sup>, sendo conseqüentemente uma das chamadas novas igrejas apostólicas.<sup>261</sup> Desde seu processo de implantação, a partir de maio de 2013, até as mais diversas práticas ministeriais atuais, esta comunidade cristã local vive inserida em muitos conceitos deste mover contemporâneo do cristianismo.

Como parte do entendimento de um processo de constante reforma da Igreja, a Família da Fé não se enquadra completamente em seu eixo eclesiástico e teológico nos conceitos eclesiais das tradicionalmente conhecidas igrejas Reformadas, nem pentecostais, tampouco neopentecostais ou sequer

---

<sup>259</sup> VORSTER, Hendrik. *Church Planting: How to plant a dynamic Church*. Ed. Kindle. [s.n.], 2018. Posição 1200/4050. *Church Planting has become the popular terminology describing the organic nature of founding new Churches*. (tradução nossa)

<sup>260</sup> No capítulo anterior, os principais termos e proposições da Nova Reforma Apostólica foram definidos e referenciados.

<sup>261</sup> WAGNER, 1998, p.18.

denominacionais. Por esta razão, o modo de ser e de operar da Família da Fé torna-se objeto de estudo deste caso na busca por elucidar a prática eclesial deste referido movimento contemporâneo eclesiástico emergente desde a virada do milênio e ainda pouco descrito na realidade brasileira: a Nova Reforma Apostólica. Retomando os escritos do teólogo luterano Martin Volkmann, “toda proposta de edificação de comunidade deve ter uma solidez teológica comprovada e, por sua vez, toda reflexão teológica sólida não pode prescindir de incluir a edificação da comunidade no âmbito de sua reflexão”.<sup>262</sup> Neste caso, a solidez teológica vem dos pressupostos eclesiais da Nova Reforma Apostólica e a edificação de comunidade que faz refletir tal teologia emerge por meio da prática eclesial da Família da Fé.

Desta forma, uma possível eclesiologia que elucide o pensamento teológico prático da Nova Reforma Apostólica a partir do caso da Família da Fé se fará presente no decorrer do texto, intrinsecamente ligada às vivências ministeriais, de forma tanto narrativa e experiencial como bibliográfica e substancial, conforme estabelece a metodologia adotada. Estas vivências serão compartilhadas desde a exposição das raízes teológicas, relacionamentos e sistemas de crenças que culminaram na implantação desta igreja local como um projeto factual, até uma descrição do processo e das fases de implantação desta igreja local e seus desdobramentos, constituindo os principais fundamentos que validam e distinguem a Família da Fé no que diz respeito ao pertencimento à Nova Reforma Apostólica.

Enquanto minha esposa e eu residimos em Lajeado/RS, vinculados à Rede Apostólica Cristã como fundamento para nossa prática ministerial, e implantávamos as primeiras células evangelísticas naquela cidade, como um ministério voluntário de tempo parcial (trabalhávamos e estudávamos no desenvolvimento de outras atribuições profissionais – eu como engenheiro mecânico ligado à indústria moveleira e minha esposa como educadora física, atuando como instrutora de Pilates), nossa família estendida permanecia com residência em Viamão/RS. Havia por isso uma naturalidade em fazermos rápidas viagens para seguir cultivando estes relacionamentos.

No cruzamento entre questões familiares e ministeriais, cabe ressaltar que minha sogra, Ilda, possui marcante presença em nossa trajetória pregressa, sendo ativa em contribuir de forma voluntária na equipe de liderança do ministério que

---

<sup>262</sup> VOLKMANN, 2011, p.150.



outrora praticamos, quando plantamos e pastoreamos uma nova congregação da Comunidade Semear entre os anos de 2010 e 2011, como descrito anteriormente na trajetória ministerial. Ilda também é participante da Rede Apostólica Cristã conosco desde o ano de 2007, carregando esta identidade teológico-prática ministerial. Neste contexto, desde nossa mudança de cidade, mantínhamos tanto um contato relacional familiar como uma constante troca de experiências, especialmente no compartilhamento de como estávamos desempenhando nossos novos propósitos ministeriais na nova cidade a que pertencíamos.

Desde o início deste novo ciclo em nossas vidas, não tínhamos planos de implantar igreja em cidade diferente de nossa residência, tampouco em Viamão. Isto não cabia em nossa mentalidade eclesial, não sendo algo possível ou intencional em nossos projetos pessoais. Entre novembro de 2011 e março de 2012, vivemos um período de transição ministerial: durante a semana, seja no trabalho, faculdade ou horários livres, tínhamos o desafio de conhecer novas pessoas e iniciar a implantação da primeira célula na cidade de Lajeado/RS; aos finais de semana, viajávamos para Viamão/RS com o intuito de proceder uma transição saudável de liderança sobre igreja local que havíamos implantado naquela cidade, o que culminou-se em 04 de março de 2012 com uma solenidade de envio perante a igreja e ratificada pela liderança dos pastores locais e pela presença do apóstolo Ricardo Wagner, em nome da Rede Apostólica Cristã. Dali em diante, nos desvinculamos ministerialmente de forma definitiva da igreja até então estabelecida em Viamão/RS e nos engajamos ministerialmente para evangelizar e discipular novos cristãos por meio da implantação de células na cidade de Lajeado/RS, sendo nós mesmos, minha esposa e eu, os anfitriões e líderes da primeira célula.

Neste ínterim, o relacionamento mais próximo de discipulado com o apóstolo Ricardo Wagner, líder sênior da Rede Apostólica Cristã, me fez compreender os conceitos da Nova Reforma Apostólica de forma muito mais acelerada e aprofundada do que já tivesse experimentado. Além de estabelecer novas células em Lajeado/RS, passei tanto a participar como contribuir com diversos treinamentos para novas igrejas aliançadas à RAC. Um grande fruto desta realidade vivida foi a percepção de que implantar novas igrejas é um dos aspectos fundamentais do pensamento apostólico, pois, como afirma Peter Wagner, “plantar novas igrejas é o

método evangelístico mais eficaz debaixo do céu”.<sup>263</sup> Wagner destaca que “sem exceção, as denominações que crescem têm sido aquelas que enfatizam a plantação de igrejas”.<sup>264</sup> Como já descrito, um dos objetivos da Nova Reforma Apostólica é que as igrejas locais sejam saudáveis tanto por seu crescimento expansivo como por sua relevância social. No sentido de expansão, a plantação de novas igrejas constitui uma poderosa ferramenta para o crescimento da Igreja, o que concorda com o modelo apostólico bíblico. Como corrobora Wagner, “plantar igrejas é a maneira neotestamentária de expansão do evangelho”.<sup>265</sup>

Foi nesta nova perspectiva aprendida que nossos laços familiares na cidade de Viamão/RS nos levaram a um novo projeto a partir do mês de março do ano de 2013. Neste período, um ano e meio após nossa mudança para a nova cidade, Ilda estava inativa ministerialmente na comunidade a que pertencia e, como uma oportunidade de novo ciclo ministerial, expressou o desejo de iniciar um novo projeto evangelístico na cidade de Viamão dentro da visão da Rede Apostólica Cristã, porém conectada conosco como aqueles que dariam suporte ministerial e liderança ao projeto como um todo, uma vez que mantínhamos contato constante como família e possuíamos muita afinidade relacional e ministerial. Como fruto desta decisão, dois meses depois, tivemos a oportunidade de iniciar uma nova célula na cidade de Viamão, liderada por ela e supervisionada à distância por nós (minha esposa e eu). Esta primeira célula foi estabelecida a partir de um grupo de cinco pessoas num bairro interiorano da cidade chamado Águas Claras, no que viria a ser a ignição do projeto da igreja local Família da Fé. Desta forma, nos comprometemos em prover suporte e supervisão à nova célula iniciada sob a liderança de minha sogra. Em paralelo, minha relação de discipulado com o apóstolo Ricardo Wagner foi supridora de diretrizes e tomadas de decisão, bem como proporcionou prestação de contas ao longo do processo de implantação de uma nova comunidade de cristãos, como relacionado aos conceitos da Nova Reforma Apostólica, no que Joel Garcia sintetiza: “o apóstolo se torna o pensador estratégico e o planejador sobre os empreendimentos de plantação de igrejas”.<sup>266</sup>

---

<sup>263</sup> WAGNER, 1993b, p.17.

<sup>264</sup> WAGNER, 1993b, p.14.

<sup>265</sup> WAGNER, 1993b, p.20.

<sup>266</sup> GARCIA, Joel. *The Apostolic Canopy*. USA: Xulonpress, 2007. p. ix. [...] *the apostle becomes the strategic thinker and planner over church planting endeavors*. (tradução nossa)

Neste início, uma nova igreja local, institucionalmente falando, ainda era um projeto de futuro. Na visão da Rede Apostólica Cristã, um grupo de novos crentes que se reúne sob a liderança de um projeto de envio apostólico constitui a ignição da plantação de uma nova igreja, contudo só é reconhecidamente uma igreja local quando uma estrutura mínima é atingida. Frequentemente iniciamos novas células em cidades em que ainda não temos igrejas locais estabelecidas. Estas novas células são como braços de alguma liderança que as supervisiona, na maioria das vezes oriunda de outra cidade. Aquele grupo tem a oportunidade de se reunir, evangelizar e discipular novos cristãos por meio de células e treinamentos, formando um corpo de liderança que, ao seu tempo, é devidamente reconhecido para que torne-se uma igreja autônoma. Esta sistemática prática para a implantação da Família da Fé e que elucida mais alguns conceitos da Nova Reforma Apostólica será descrita a seguir.

Em contrapartida, vale ressaltar que muitas células que são iniciadas em novas cidades, com vinculação a alguma nova igreja apostólica, não resultam, ao longo do tempo, em novas igrejas implantadas. Percebo a realidade sociocultural brasileira do século XXI, contexto em que tenho vivência, como tendenciosa a um pertencimento passivo quanto a práticas eclesiais cristãs e muito enraizada numa cosmovisão clerical, como abordaremos ainda neste capítulo sobre a barreira à prática do sacerdócio de todos os crentes. É comum que pessoas de outras localidades vinculem-se às células em novos territórios sem, todavia, assumirem o projeto de implantação de uma nova igreja local instituída como sua missão. De forma similar, facilmente os líderes destas células em novos territórios acostumam-se à rotina de reuniões do grupo e pertencimento remoto a alguma igreja já implantada em outra localidade, perdendo o afincamento pela multiplicação de células e formação de novos líderes, que causaria a expansão do evangelho, a formação de discípulos e a consequente institucionalização de novas igrejas locais numa perspectiva apostólica.

Implantar novas igrejas, apesar de todo o contexto de liberdade religiosa e tecnologias de comunicação multiplicadas em nosso tempo, segue sendo um grande desafio para o cristianismo como um todo. Nesta perspectiva, esta tese agrega valor por tratar-se de uma implantação de comunidade eclesial de forma predominantemente orgânica, através de um modelo celular. Em outras palavras,

implantar uma igreja em células não é algo tão natural como possa parecer ao longo dos escritos desta tese. Requer visão, metodologia, propósitos bem definidos e bem comunicados, gerando o engajamento necessário ao sucesso do projeto e superando todos os desafios que emergem no caminho.

Para estimular a leitura que segue e a atenção aos detalhes que compuseram a metodologia prática que originou a Família da Fé, faço minhas as palavras de Joel Comiskey, que afirma: “plantar igrejas me ajudou a crescer mais em meu relacionamento com Jesus do que qualquer outro ministério em que me envolvi”.<sup>267</sup> Acima de tudo o que eu possa relatar nesta observação participante que visa elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica, a experiência de liderar o processo de implantação de uma nova igreja apostólica mudou as minhas perspectivas ministeriais, a minha cosmovisão bíblica, o meu conhecimento sobre propósitos de Deus por meio da Igreja, a minha fé e o milagre que significa nascer uma nova igreja, não por força denominacional mas pela coesão de pessoas que passam gradativamente a envolver-se neste projeto e realiza-lo enquanto propósito de Deus.

Para sistematizar os escritos deste capítulo e facilitar a compreensão dos fundamentos do processo de implantação da Família da Fé na busca por uma elucidação da prática eclesial da Nova Reforma Apostólica, precisamos pontuar que o desenvolvimento eclesial do caso estudado contempla premissas da visão da Rede Apostólica Cristã, alinhado a princípios que compõem um sistema operacional eclesiástico que resultam numa igreja local autônoma, apostólica e saudável de acordo com os parâmetros eclesiológicos da Nova Reforma Apostólica, no que pode ser definido como o sistema operacional de uma igreja apostólica. As quatro grandes engrenagens deste sistema são compreendidas, neste contexto, como: células, treinamentos, discipulado e supervisão.

#### **4.1 CÉLULA**

As células tornaram-se conhecidas na igreja contemporânea como um dos modelos possíveis de se estruturar igrejas cristãs locais, especialmente no contexto de ministérios eclesiásticos cristãos que emergiram a partir da segunda metade do

---

<sup>267</sup> COMISKEY, Joel. *Plantando Igrejas que se Reproduzem*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2010. p.36.

século XX ou que tenham passado, neste período, por um processo de contemporaneização de suas práticas. As igrejas em célula normalmente intitulam esta sistemática como modelo celular ou visão celular.

Nos conceitos da Rede Apostólica Cristã inerentes à plantação de novas igrejas, a abertura de células consiste no primeiro passo prático do projeto de estabelecimento de uma igreja apostólica em um novo território. Alguns dos motivos que constituem esta prioridade são: viabilidade prática em qualquer cultura, baixo custo para estabelecer o projeto e, especialmente, estabelecimento de um modelo de importância orgânica e relacional para toda a prática futura da igreja sendo plantada, pois a partir dos primeiros grupos de cristãos que se reúnem surgirá a base de uma nova liderança que influenciará a história daquela igreja local. Como confirma William Beckham, pela análise estratégica de Jesus em constituir seu primeiro grupo de discípulos: “o estágio da liderança-base provê um grupo que toma posse da visão e a supervisiona. [...] Jesus chamou um grupo base para modelar sua *ecclesia*. [...] Eles formavam a sua comunidade básica por meio da qual ele prepararia futuros líderes”.<sup>268</sup>

Para a Nova Reforma Apostólica, as reuniões de pequenos grupos de cristãos num contexto praticado institucionalmente informal, como por exemplo em ambiente residencial, constituem um fundamento de suma importância para o contexto reformador das práticas da Igreja Primitiva.

#### **4.1.1 O que é uma célula?**

Joel Comiskey, que tem sido um estudioso mundialmente reconhecido e respeitado no contexto das igrejas em célula, define célula como:

Um grupo de três a quinze pessoas que se reúne semanalmente fora do prédio da igreja para praticar evangelismo, construir comunidade e crescer espiritualmente com o objetivo de multiplicar o grupo.<sup>269</sup>

De forma similar, Aluizio Silva, líder da Vinha, uma rede de igrejas em célula originada no Brasil com mais de 1300 igrejas locais aliançadas,<sup>270</sup> escreve uma definição de célula como:

---

<sup>268</sup> BECKHAM, 2007, p.175.

<sup>269</sup> COMISKEY, 2010, p.120.

Um grupo de cinco a quinze pessoas, que reúnem-se, semanalmente, para aprenderem como tornar-se uma família, adorar o Senhor, edificar a vida espiritual uns dos outros, orar uns pelos outros e levar pessoas ao Evangelho.<sup>271</sup>

Léo Matos, pastor da Igreja Central de Belo Horizonte/MG, igreja que origina a rede DNA, que atende milhares de pastores ao redor do mundo,<sup>272</sup> estabelece:

As células são uma maneira de nos organizarmos e de sermos expressivos e eficientes no cumprimento da visão e missão que Deus nos deu. [...] A célula é lugar de amizade, vida, aconchego, relacionamento, compartilhamento das necessidades pessoais, lugar de focalizar a Cristo e levar outras pessoas ao evangelho.<sup>273</sup>

Elias Dantas, notável por sua conexão com líderes cristãos de todo o mundo, especialmente por meio da liderança sobre a Rede Global de Parcerias do Reino (do inglês, *Global Kingdom Partnership Network*), descreve que:

Elas [as células] existem para serem lugares onde o ministério acontece, o cuidado mútuo é desenvolvido a um nível mais pessoal e a evangelização é praticada em um ambiente mais neutro.<sup>274</sup>

Larry Kreider, líder de uma das maiores redes apostólicas de igrejas no mundo, a *Dove International*,<sup>275</sup> também apresenta sua definição para o pequeno grupo de cristãos no modelo celular:

A célula é o lugar onde ele [o participante] pode receber treinamento, instrução e encorajamento enquanto alcança seus amigos e vizinhos com as Boas Novas de Jesus Cristo.<sup>276</sup>

A partir destas definições, surgem premissas importantes para a compreensão das células como uma prática de cristianismo, tais como: a célula é composta por um pequeno grupo de pessoas; este grupo se reúne regularmente (normalmente em período semanal); a reunião da célula é concebida em ambiente informal, comumente residencial; durante o encontro da célula, o cristianismo é praticado de forma simples e relacional com base na evangelização, cuidado e

<sup>270</sup> <https://www.vinhaministerios.com.br/palavra-do-presidente/>. Acesso em 30/11/22 às 14:36.

<sup>271</sup> SILVA, 2008, p.41.

<sup>272</sup> <https://central.online/dna/>. Acesso em 30/11/22, às 15:50.

<sup>273</sup> MATOS, Léo. *Células Excelentes*. Belo Horizonte: Central, 2020. p.31.

<sup>274</sup> DANTAS, Elias. *Não Deixe o Seu Grupo Morrer: uma visão bíblica, ministerial e histórica do movimento de pequenos grupos ou células*. [S.l.], 2017. p.18.

<sup>275</sup> <https://dcfi.org/>. Acesso em 06/12/2022, às 15:13.

<sup>276</sup> KREIDER, 1995, p.19. *The cell group is the place where he can receive training, instruction and encouragement as he reaches out to his friends and neighbors with the Good News of Jesus Christ*. (tradução nossa)

discipulado, junto a práticas de devoção como oração, adoração e reflexão bíblica; a célula é uma ferramenta que expressa a vida comunitária da igreja e que facilita o evangelismo, o cuidado e o discipulado; a célula tende a crescer e se multiplicar para contribuir com o estabelecimento do Reino de Deus, inicialmente pela expansão evangelística e posteriormente pelo discipulado dos cristãos para uma atuação bíblica em todas as esferas da vida.

O uso da terminologia “células” constitui uma analogia às células de organismos vivos, também presentes no corpo humano, sendo pequenos organismos que, estando vivos, tendem a crescer e a se multiplicarem. O pastor Paul Yonggi Cho, um dos maiores ícones e precursores mundiais do modelo celular no século XX, afirmou em sua primeira obra sobre o tema que “nossos grupos de células residenciais são células vivas e seu funcionamento é muito similar ao das células do corpo humano”,<sup>277</sup> trazendo luz à escolha do uso desta nomenclatura. Além da perspectiva da célula como grupo de cristãos ser um organismo vivo, Cho justifica com mais uma analogia significativa, afirmando que “em um organismo vivo, as células crescem e se dividem. Onde antes havia uma célula, tornam-se duas. Então quatro, depois oito, dezesseis, e assim por diante. Células não são simplesmente adicionadas ao corpo; elas multiplicam-se”.<sup>278</sup> Assim, o segundo grande aspecto da identidade das células como estrutura eclesial é a multiplicação. Em resumo, a célula é definida por expressar vida, crescer e se multiplicar.

Nesta mesma analogia, Aluízio Silva corrobora: “a célula da igreja pode ser comparada a uma célula do nosso corpo. Ela não é o corpo todo, mas traz dentro de si todas as informações necessárias para gerar um corpo inteiro. Isto é o que nós chamamos de informação genética”.<sup>279</sup> Este aspecto de analogia à estrutura genética das células também é muito significativo para sua aplicação como modelo eclesial. Cada célula como grupo de cristãos precisa carregar o DNA da igreja local. Como afirma o apóstolo Paulo aos Filipenses, podemos afirmar que cada célula, para viver de forma orgânica, saudável e conectada às outras células, precisa ter “o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude” (Fp 2:2).

<sup>277</sup> CHO, Paul Yonggi. *Successful Home Cell Groups*. Kindle Edition. Alachua: Bridge-Logos, 1981. Posição 728/1934. *The home cell groups are living cells, and they function much like the cells in the human body.* (tradução nossa)

<sup>278</sup> CHO, 1981, Posição 730/1934. In a living organism, the cells grow and divide. Where once there was one cell, there become two. *Then there are four, then eight, then sixteen, and so forth. Cells are not simply added to the body; they are multiplied.* (tradução nossa)

<sup>279</sup> SILVA, 2008, p.44.

Por conseguinte, uma igreja local neste modelo é composta por diversas células. Cada célula possui uma identidade particular, pois é um grupo único. Entretanto, todas as células precisam ser suficientes no sentido de cumprir os propósitos missionais de evangelismo e discipulado, causando um ambiente cheio de vida, relacionalidade, milagres e revelação da Palavra de Deus.

Em síntese às definições apresentadas e como um entendimento generalizado do propósito da estruturação de uma igreja local em células, podemos definir que uma célula é um pequeno grupo de cristãos que cultiva relacionamentos intencionais e regulares com o propósito de praticar o cristianismo mutuamente e expandir o Reino de Deus. Uma igreja estruturada em células contribuirá coletivamente para o mesmo propósito, suprimindo as necessidades dos pequenos grupos, oxigenando sua manutenção e crescimento. Este é o propósito idealizado.

Por outro lado, na prática, a maioria das pessoas não se aproxima da célula pela causa de estabelecer o Reino de Deus, mas sim por necessidades pessoais que revelam sua carência da presença de Deus, do amor de Deus, do poder de Deus e da Palavra de Deus. Na sequência deste capítulo, descreverei como a célula tem o evangelismo como um dos seus principais objetivos, numa ação que aproxima pessoas da célula pelos mais variados motivos, mas trabalha nos objetivos posteriores para que todos sejam maturados em sua caminhada com Deus como discípulos de Cristo. Neste caminho, muitos não perseveram. Contudo, este não é um problema diretamente das células, mas da Igreja de Cristo como um todo desde os seus primórdios. É o preço de negar a si mesmo, tomar a cruz e seguir Jesus, mesmo que alguma bênção já tenha sido alcançada. A célula, enquanto igreja, trabalha para transformar pessoas que reconhecem seus pecados e fraquezas e recebam a Cristo como Senhor em discípulos que carreguem a Sua presença e instaurem o Seu Reino nesta terra.

#### **4.1.2 Fundamentos Bíblicos para a Célula**

Muitas críticas a sistemas eclesiais diversos se dão pelo fato de não se encontrar terminologias específicas no texto bíblico. De forma similar, a expressão “célula” não é encontrada na Bíblia, tampouco a chamada “igreja em células”. Dito isto, como poderia se justificar esta prática como bíblica e, ainda mais, numa



perspectiva restauradora às práticas ministeriais neotestamentárias como advoga a Nova Reforma Apostólica? A resposta passa por não considerarmos as “células” como a finalidade ou imperativo teológico, mas sim por considerarmos as células como uma estratégia (ou ferramenta) facilitadora para alcançar propósitos bíblicos. Por outro lado, o modelo de pequenos grupos é muito presente na realidade neotestamentária e deve ser considerado como principal fundamento para o modelo celular.

Isto posto, as células devem ser encaradas como uma estratégia que, em nosso tempo, tem demonstrado eficácia no cumprimento de propósitos eclesiais numa perspectiva bíblica e, especialmente, neotestamentária. Como afirma Elias Dantas, “o Movimento Celular, que tem se tornado cada vez popular nos últimos 40 a 50 anos, de forma alguma é um modismo [...]. Ele é tão somente a redescoberta da vitalidade que levou a Igreja Primitiva a virar o mundo de ‘cabeça para baixo’”.<sup>280</sup> Trazendo a relevância das práticas cristãs no contexto doméstico ou ao menos institucionalmente informal, Aluizio Silva lembra que “até o século terceiro, a igreja não tinha templo”.<sup>281</sup> Isto nos remete à reflexão sobre o templismo anteriormente referenciada, em que percebemos a essência relacional da igreja com primazia à estrutura institucional. Contudo, mais do que isso, a ausência da estrutura institucional, logicamente influenciada por limitações políticas e culturais, nos desperta a pensar que nos primeiros séculos do cristianismo, em todo o período da Igreja Primitiva, o modelo que temos de estabelecimento e expansão eclesial, era suficientemente funcional, sistemático e frutífero numa base relacional não institucionalizada, justificando a abordagem do modelo celular como fundamento relacional e sistemático para a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica.

#### **4.1.2.1 No ministério público de Jesus**

Começando pelo ministério público de Jesus como modelo para as práticas da Igreja, percebemos que há uma ênfase no pequeno grupo com propósito de discipulado pessoal, envio para pregação do evangelho e transferência de autoridade espiritual: “escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar e tivessem autoridade para expulsar

---

<sup>280</sup> DANTAS, 2017, p.16.

<sup>281</sup> SILVA, 2008, p.133.

demônios” (Mc 3:14-15). Elias Dantas corrobora, afirmando que “ao iniciar suas atividades públicas, Ele [Jesus] introduziu um novo estilo de ministério – os pequenos grupos”.<sup>282</sup> Jesus trabalhou intencionalmente os aspectos relacionais, espirituais e de desenvolvimento pessoal dos participantes no contexto de pequeno grupo.

Outra mudança significativa que Jesus estabeleceu na perspectiva da relação com Deus foi a adoração. No encontro com a mulher samaritana, Jesus postulou princípios eclesiais radicalmente transformadores, ao afirmar: “creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém” (Jo 4:21); o Senhor transpõe a adoração de um local visto como sagrado para uma atitude vista como sagrada: “está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura” (Jo 4:23). Na continuidade deste entendimento, Dantas afirma que “com isso, a necessidade de estar em uma sinagoga como local de reunião foi substituída pelo conceito de que Deus poderia ser adorado em qualquer local”.<sup>283</sup>

Uma terceira mudança significativa que Jesus estabeleceu na perspectiva da relação de Deus com Seu povo foi o aspecto orgânico suprainstitucional da manifestação da presença divina. Ao longo do Antigo Testamento, este princípio era centrado na presença física diante da Arca da Aliança (Êx 25:22), seja no tabernáculo ou no templo, ou ainda por meio de chamados proféticos a indivíduos específicos, como no caso de Elias (2Rs 19:11). Jesus revoluciona a expectativa da manifestação da presença de Deus ao afirmar que “onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mt 18:20). Assim sendo, o Senhor prometeu estar em qualquer local onde um pequeno grupo de cristãos se reunisse, prefigurando o derramamento do Espírito Santo. Wagner compara a presença física de Jesus entre os apóstolos à Sua presença manifesta por meio do derramamento do Espírito Santo, que marca o desenvolvimento da Igreja Primitiva: “para a tarefa de evangelizar o mundo, edificar Sua igreja e expandir Seu reino, a presença imediata da Terceira Pessoa da Trindade seria mais importante para eles do que a

---

<sup>282</sup> DANTAS, 2017, p.25.

<sup>283</sup> DANTAS, 2017, p.25.

presença imediata da Segunda Pessoa da Trindade”.<sup>284</sup> A obra completa de Jesus ressignificou o acesso à presença divina.

Por último, como grande contribuição do ministério público de Jesus para fundamentar a visão celular está o aspecto multiplicador. Jesus enxergou em cada um dos integrantes de seu pequeno grupo de discípulos um multiplicador de seu próprio ministério e estratégia. Vale ressaltar, por exemplo, o que foi dito por Jesus a Pedro em seu chamado ao discipulado: “não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens” (Lc 5:10). Como sintetiza William Beckham, “por três anos e meio, Ele viveu com doze líderes que eram sua comunidade especial”.<sup>285</sup> Como parte deste aspecto multiplicador intencional de Jesus por meio de seu pequeno grupo, estava o treinamento para uma missão evangelizadora. Vemos ao menos duas ocorrências nos evangelhos em que claramente Jesus produz nos discípulos um modelo evangelístico residencial e de pequeno grupo. Primeiramente com o envio dos Doze (Lc 9:1-6) e depois multiplicando a discípulos que faziam parte de um grupo um pouco maior, o que suponho já estar sob influência de liderança dos Doze, num efeito multiplicador, na missão dos setenta e dois (Lc 10:1-21). Em ambas as situações, a estratégia de Jesus foi residencial e relacional. Para com os Doze, Ele disse: “na casa em que vocês entrarem, fiquem ali até partirem” (Lc 9:4); para os setenta e dois, analogamente: “quando entrarem numa casa, digam primeiro: Paz a esta casa” (Lc 10:5). O evangelismo não seria superficial à porta da casa, mas sim relacional, entrando e permanecendo na casa.

Além disso, vemos uma grande normalidade da presença de Jesus em diversos ambientes residenciais. Nos relatos dos evangelhos, a maioria dos milagres performados por Jesus, como um exemplo de sua atuação ministerial, foram fora do ambiente das sinagogas ou do templo, mas sim nas casas e nas ruas, inserido na realidade cotidiana das pessoas. Para Joel Comiskey, Jesus intencionalmente utilizou o ambiente dos lares com o intuito de que a vida cristã representasse uma nova família espiritual. Mais do que apenas ilustrar isto com a presença no ambiente familiar, o autor ressalta que “para fazer isso acontecer, ele [Jesus] primeiro teve que transformar as pessoas onde elas viviam e onde os valores essenciais do

---

<sup>284</sup> WAGNER, 2011, p.28. *For the task of evangelizing the world, building His church and expanding His kingdom, the immediate presence of the Third Person of the Trinity would be more important to them than the immediate presence of the Second Person of the Trinity.* (tradução nossa)

<sup>285</sup> BECKHAM, 2007, p.157.

caráter eram exibidos”.<sup>286</sup> O aspecto residencial da reunião de pequenos grupos e da prática do cristianismo carrega consigo uma transparência de caráter e valores facilmente omitidos em grandes grupos ou ambientes formais.

Assim, mesmo que Jesus constantemente relacionava-se e expressava compaixão para com grandes multidões, este público era variável e seu aprendizado era superficial. Foi no contexto de pequeno grupo que Jesus pôde trabalhar um projeto de longo prazo que culminou no êxito geracional de seu ministério e na real transformação de indivíduos em direção ao chamado de Deus para suas vidas. Por meio deste grupo, Jesus estabeleceu um discipulado completo, teórico e prático, ao ponto de delegar a estes a missão de continuidade de Seu ministério por meio da Igreja: “vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês” (Mt 28:19-20). O discipulado em pequeno grupo parece ser, segundo a escolha metodológica de Jesus, a melhor estratégia de ensino e desenvolvimento pessoal dos indivíduos.

#### **4.1.2.2 Na Igreja Primitiva**

A partir da ressurreição de Jesus, ficou a encargo dos apóstolos uma dupla missão: evangelística (Mc 16:15) e discipuladora (Mt 28:19). Após a primeira pregação evangelística de Pedro, uma multidão de novos convertidos foram batizados, totalizando três mil pessoas (At 2:42). Como estes viveriam o cristianismo? Quais os principais aspectos comunitários que possibilitariam que os apóstolos, sem uma estrutura predial para agrupar esta multidão rotineiramente, carentes de recursos tecnológicos de amplificação de comunicação e sendo apenas um pequeno grupo de homens, cumprissem a missão de discipular esta multidão e, ainda mais, seguir testemunhando sobre Jesus até os confins da terra (At 1:8)?

O apóstolo Paulo menciona uma dupla estratégia ministerial que, pela ausência de detalhamento no texto, parece senso comum aos cristãos da Igreja Primitiva: “vocês sabem que não deixei de pregar a vocês nada que fosse proveitoso, mas ensinei tudo publicamente e de casa em casa” (Atos 20:20). Cabe

---

<sup>286</sup> COMISKEY, Joel. *2000 Years of Small Groups: A History of Cell Ministry in the Church*. Edição do Kindle. CCS Editora, 2014. p.19. [...] *to make this happen, he first had to transform people where they lived and where essential character values were displayed.* (tradução nossa)

aqui o destaque para as expressões “publicamente” e “de casa em casa”. Tal como mencionado no primeiro capítulo como uma estrutura eclesial flexível, sabemos que o aspecto de grande grupo, do “publicamente”, é perfeitamente compreendido e praticado pela Igreja na história recente, o que é um aspecto condizente com a perspectiva bíblica, mesmo que parcialmente. A relevância para a descrição dos fundamentos bíblicos para o modelo celular a partir da igreja primitiva se dará pela porção “de casa em casa” da estratégia apostólica neotestamentária. Sobre esta afirmação do apóstolo Paulo, Larry Kreider corrobora este entendimento ao afirmar que “o padrão de reuniões em pequenos grupos nas casas dos crentes continuou durante toda a vida da igreja primitiva”.<sup>287</sup>

Neste mesmo aspecto, vemos na sequência dos acontecimentos após os primeiros três mil cristãos batizados em suas práticas sociais: “diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2:46, NAA). Nestas casas que serviam de base para o cumprimento da missão da igreja e das vivências comunitárias do cristianismo, vemos alguns exemplos nomeados no decorrer dos escritos bíblicos: a casa de Jasom, em Tessalônica (At 17:5); a casa de Tício Justo, em Corinto (At 18:7,11); a casa de Filipe, em Cesaréia (At 21:8); e, especialmente, pela menção direta de reuniões eclesialísticas residenciais na casa de Priscila e Áquila (Rm 16:3-5), em Roma; de Ninfa, em Laodiceia (Cl 4:15); e de Filemom (Fm 1:1-2). Como afirma Joel Comiskey, “a estratégia da igreja doméstica de Cristo foi o ponto de partida para o ministério dos discípulos após a ressurreição”.<sup>288</sup>

Mesmo que a perspectiva evangelística ocorreu fortemente na esfera do “publicamente” tanto no ministério de Jesus como no ministério posterior dos apóstolos e o discipulado prioritariamente na esfera do pequeno grupo, tanto no ministério de Jesus como na Igreja Primitiva, percebemos que a expansão multiplicadora de evangelismo também ocorre na esfera residencial. Como afirma Michael Green sobre a realidade evangelística da Igreja Primitiva, “é possível perceber claramente que os lares proporcionavam o contexto mais natural para

---

<sup>287</sup> KREIDER, Larry. *Micro Church Networks: A church for a new generation*. Edição do Kindle. Lititz: House to House, 2020. p.16. *The pattern of meeting in small groups in the homes of believers continued throughout the life of the early church*. (tradução nossa)

<sup>288</sup> COMISKEY, 2014, p.21. *Christ's house church strategy was the starting point for the ministry of the disciples after the resurrection*. (tradução nossa)

difundir o evangelho”.<sup>289</sup> Como corrobora Comiskey, “conviver na casa era uma parte chave do ministério de Cristo para alcançar o perdido”.<sup>290</sup>

O aspecto multiplicador da igreja nas casas como fundamento para o modelo celular é explícito, por exemplo, na segunda carta de Paulo a Timóteo, quando afirma: “e as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensiná-las a outros” (2Tm 2:2). Em outras palavras, Paulo recomenda a Timóteo que em sua prática de discipulado e ensino da Palavra de Deus seja intencional em preparar pessoas capazes de ensinar a outras pessoas aquilo que receberam.

Comiskey conclui que “as igrejas domésticas desempenharam um papel essencial no rápido crescimento e no triunfo final do cristianismo, e seria seguro dizer que os três primeiros séculos pertenceram ao movimento das igrejas domésticas”.<sup>291</sup>

#### 4.1.3 Objetivos da célula

Para que a igreja seja funcional e frutífera na estrutura de pequenos grupos por meio do modelo celular, é preciso que todos os envolvidos carreguem dentro de si uma clareza quanto aos objetivos deste grupo existir e se reunir, quanto aos propósitos que o distinguem como sendo uma célula da igreja local que os enviou a ministrar. A célula é uma estratégia que precisa cumprir certos parâmetros para que possa alcançar objetivos do cristianismo que são mais dificilmente alcançados no contexto de grande grupo.

De antemão, cabe ressaltar que uma célula não é uma simples transposição do que ocorre nas reuniões cristãs de culto em grande grupo para um contexto de pequeno grupo, o que em alguns ambientes denominado “culto doméstico”. Este é um dos erros que algumas igrejas locais cometeram ao buscar inserir a cultura dos pequenos grupos: supor que uma simples limitação na quantidade de pessoas

---

<sup>289</sup> GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. Edição do Kindle. São Paulo: Vida Nova, 2020. p.27.

<sup>290</sup> COMISKEY, 2014, p.20. *Living in the home was a key part of Christ's ministry to reach the lost*. (tradução nossa)

<sup>291</sup> COMISKEY, 2014, p.22. *House churches played an essential role in the rapid growth and ultimate triumph of Christianity, and it would be safe to say that the first three centuries belonged to the house church movement*. (tradução nossa)

reunidas seria o fator determinante para suprir lacunas das práticas cristãs que reuniões para toda a congregação local não contemplam. Em outros termos, tais igrejas locais não colheram os devidos frutos da estruturação em pequenos grupos por simplesmente realizar cultos nos lares, com uma mesma dinâmica e propósito das reuniões coletivas praticadas na estrutura da instituição. Como explica Aluizio Silva, “um culto doméstico é uma reunião realizada numa casa, na qual os presentes não estão necessariamente vinculados e, às vezes, nem mesmo se conhecem. A célula, por outro lado, é mais que uma reunião: é um grupo de cristãos vinculados entre si”.<sup>292</sup> Colaborando com esta diferenciação, Joel Comiskey afirma que “a experiência do grupo não é uma repetição da experiência de domingo, em que uma pessoa prega e outras sentam e ouvem. Ao contrário, os membros experimentam a liberdade de ministrar uns aos outros”.<sup>293</sup>

A dinâmica de uma reunião de célula é muito diferente daquela de uma reunião de grande grupo. Inclusive, se esperarmos os mesmos propósitos das macrorreuniões para o contexto de pequenos grupos, facilmente seremos frustrados. Comiskey descreve algumas diferenciações práticas do ambiente, ao assinalar como exemplo que, na célula, “as pessoas se sentam em círculo, não diante de longas mesas ou em fileiras opostas. Elas conversam entre si e permitem que o Espírito aja em seu meio”.<sup>294</sup>

Uma célula precisa ser antes de tudo um pequeno grupo, esta é a sua essência. O modelo celular deve apontar constantemente para possibilitar a existência de pequenos grupos que se reúnem e não simplesmente para possibilitar a existência de reuniões em formato de pequeno grupo. Neste sentido, é o grupo e não a reunião que possui primazia de intenções. Logicamente, a reunião semanal da célula constitui o ponto alto para o cumprimento de seus propósitos. Neste contexto, Léo Matos descreve a distinção de uma célula viva para um pequeno grupo sem vitalidade, ilustrando da seguinte forma:

[...] de um lado, temos um grupo que formalmente se reúne uma vez por semana, estuda alguns princípios bíblicos, conversa sobre trivialidades e compartilha as questões da vida de forma segura e reservada; ao final de cada reunião, despedem-se e dizem uns aos outros: “Até a próxima

---

<sup>292</sup> SILVA, 2008, p.47.

<sup>293</sup> COMISKEY, Joel. *Grupos que prosperam: 8 descobertas surpreendentes sobre grupos pequenos que transbordam vida*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2019a. p.22.

<sup>294</sup> COMISKEY, 2019a, p.22.

semana!” De outro lado, temos um grupo que vive célula: reúnem-se com alegria, caminham juntos, suportam uns aos outros nas questões da vida, chorando com os que choram e alegrando-se com os que se alegram; ao final de cada reunião, despedem-se dizendo: “Amanhã nos falamos!”<sup>295</sup>

Como corrobora Alúzio Silva, “a célula é maior que a sua reunião e vai muito além dela”.<sup>296</sup> Por isso, a reunião da célula é a principal ferramenta para que este pequeno grupo cumpra os seus propósitos. É possível uma célula existir, se reunir e não crescer nem tampouco frutificar ou até mesmo não justificar que haja toda uma estruturação celular numa igreja local, justamente pela falta de consciência e intencionalidade para que os propósitos que levam a célula a existir sejam praticados. Neste sentido, a vida do pequeno grupo torna-se de fato a sua religião vivida. Como afirma Júlio Adam, sobre esta nova perspectiva acadêmica da teologia prática, a religião vivida é “uma forma de perceber a religião em sua experiência cultural prática, cotidiana, de forma dinâmica e contextual, dando às pessoas um sentido para a vida”.<sup>297</sup>

Nos conceitos eclesiais da Rede Apostólica Cristã e por conseguinte da Família da Fé, os principais objetivos da célula são: evangelismo, consolidação, discipulado e multiplicação. Estes conceitos podem ser correlacionados biblicamente ao desenvolvimento da maturidade cristã em cada indivíduo comparados ao texto de 1 João 2:12-14, no qual o autor classifica: filhinhos, jovens e pais. Assim, o evangelismo produz novos membros para o Corpo de Cristo, pelo novo nascimento espiritual, como afirma Jesus ser necessário para a entrada no Reino de Deus (João 3:3); a consolidação, por sua vez, inicia o processo de maturação, atendendo às necessidades dos filhinhos; o discipulado prossegue com a formação dos jovens na fé; e a multiplicação gera a experiência para que os pais se reproduzam. A terminologia joanina de filhinhos, jovens e pais é vista pela sistemática eclesial da Rede Apostólica Cristã como um padrão de gradual desenvolvimento espiritual aplicado ao processo de maturação de cada cristão.

---

<sup>295</sup> MATOS, 2020, p. 33.

<sup>296</sup> SILVA, 2008, p.47.

<sup>297</sup> ADAM, Júlio Cesar. Lived Religion and Religion. In: WEYEL, Birgit, et al. (Ed.) *International Handbook of Practical Theology*. Berlin: De Gruyter, 2022. p.186. [...] *a way of perceiving religion in its practical, every day, cultural experience, in a dynamic and contextual manner, providing people with a meaning for life.* (tradução nossa)



#### 4.1.3.1 Evangelismo

O aspecto evangelístico da célula consiste no propósito de sua expansão numérica, no crescimento quantitativo de participantes. Esta diretriz como missão do pequeno grupo de cristãos que se reúne regularmente é fundamentada a partir da comissão de Jesus aos discípulos, quando após Sua ressurreição afirmou: “vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas” (Mc 16:15). Este imperativo de Jesus constitui uma das razões existenciais das células numa perspectiva apostólica: a sua missão e poder evangelísticos expressos pelo propósito de pregar o evangelho de Cristo a todas as pessoas e em todos os lugares. Como conceitua Lawrence Khong sobre as perspectivas de crescimento por meio do modelo celular como estratégia para a igreja local, “a menos que tanto o pastor quanto o povo estejam comprometidos com uma visão divinamente inspirada de ganhar sua comunidade para Cristo alcançando os perdidos, eles retrocederão do alto custo de funcionar como uma igreja em células”.<sup>298</sup>

Um grupo de cristãos que se reúne regularmente e não tem como propósito pregar o evangelho de Cristo a outras pessoas não é visto como uma célula, segundo a perspectiva da Nova Reforma Apostólica. Como afirma Paul Yonggi Cho, “a evangelização é um dos requisitos de uma igreja dinâmica e pujante”,<sup>299</sup> o que por meio do modelo celular torna-se um propósito existencial da religião vivida dos participantes.

Cabe aqui ressaltar que, assim como foi no ministério de Jesus, não é apenas no âmbito relacional residencial ou de reuniões de pequenos grupos em geral que o evangelismo acontece. Uma igreja local não estruturada em células também possui uma vasta gama de projetos evangelísticos. Mesmo uma igreja em células possui outras vertentes evangelísticas causadas pela força do grande grupo, como os próprios cultos públicos ou eventos em geral.

Por outro lado, o que é substancial para esta fundamentação dos objetivos da célula é que se este pequeno grupo de cristãos não carregar consigo o propósito

---

<sup>298</sup> KHONG, Lawrence. *The Apostolic Cell Church: Practical Strategies for Growth and Outreach*. Singapore: TMI, 2000. p.32-33. *Unless both the pastor and the people are committed to a divinely inspired vision to win their community for Christ by reaching the lost, they will shrink from the high cost of functioning as a cell church.* (tradução nossa)

<sup>299</sup> CHO, 1982, p.65.

de evangelismo, pela geração de novos cristãos, o que resulta em crescimento quantitativo do grupo, esta célula terá problemas a longo prazo, pois estará fechada em si mesma. Como afirma Ralph Neighbour Jr., “jamais acontecerá um verdadeiro discipulado em situações em que os cristãos focalizam toda a atenção para dentro do grupo, fazendo vista grossa ao mundo que sofre ao seu redor”.<sup>300</sup> Ainda, mesmo que sejamos conscientes de que haja inúmeras formas e possibilidades de se anunciar o evangelho de Cristo, há uma forma de evangelismo que a célula proporciona com distinção aos eventos coletivos da igreja local: evangelismo relacional proposital em ambientes informais do cristianismo. Como corrobora Lawrence Khong sobre a forma de praticar evangelismo por meio de uma igreja local estruturada em células, “o maior fruto vem quando o evangelismo acontece por meio da rede de relacionamento”.<sup>301</sup> Esta modalidade tem se revelado, na experiência prática da Família da Fé, uma das mais eficazes estratégias evangelísticas para o seu contexto.

Esta eficácia é consenso entre muitos autores e líderes cristãos de igrejas vinculadas ao modelo celular. Como exemplo, podemos enfatizar o que Joel Comiskey afirma em sua pesquisa sobre grupos que prosperam no modelo celular. O autor conclui que “grupos mobilizados evangelizam muito mais facilmente do que se dependessem de um evangelista talentoso”,<sup>302</sup> fazendo alusão aos grandes eventos evangelísticos tradicionalmente promovidos por igrejas locais ou por ministérios individuais de evangelistas itinerantes, com grande recorrência nos ambientes pentecostais da segunda metade do século XX.

Nesta perspectiva da eficácia de prática de evangelismo relacional, facilitada por meio da célula, Comiskey afirma que “cerca de 70 a 90 por cento das pessoas seguem a Jesus como resultado de evangelismo relacional por meio de contatos próximos”<sup>303</sup>. Indo além da estatística de contatos próximos relacionais, o ambiente do pequeno grupo proporciona algo mais à perspectiva evangelística; o autor conclui

---

<sup>300</sup> NEIGHBOUR, Ralph W., Jr. *Manual do líder de célula*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2006. p.10.

<sup>301</sup> KHONG, 2000, p.123. *The greatest fruit comes when evangelism takes place through the network of relationships*. (tradução nossa)

<sup>302</sup> COMISKEY, 2019a, p.41.

<sup>303</sup> COMISKEY, 2019a, p.45.

que “a forma mais natural de evangelismo é o tipo que ocorre por meio de relacionamentos de amor e cuidado”<sup>304</sup>.

Por isso, o evangelismo por meio da célula é muito mais relacional e em resposta às necessidades das pessoas do que uma tentativa de persuasão, num aspecto mais amplo da atividade missional da igreja. Neste sentido, pastor Yonggi Cho descreve: “nossos líderes instruem aos membros de seu grupo a estarem alertas para qualquer pessoa que esteja tendo problemas”.<sup>305</sup> É no amor e cuidado expressos às necessidades de pessoas que ainda não conhecem o evangelho de Cristo, que a célula recebe visitantes e reage causando o impacto da presença de Deus por meio de práticas como hospitalidade, comunhão, oração, ensino bíblico e testemunhos, possibilitando novas conversões juntamente com pequenas doses de transformação social causadas por tal relacionalidade. O processo evangelístico varia muito em sua duração, dependendo do contexto e acesso que cada pessoa permite à pregação da Palavra de Deus.

Em contraponto, é comum no modelo celular que ocorram algumas distorções do objetivo evangelístico, que precisam de constante atenção para que a saúde da célula seja mantida. Por um lado, de pessoas novas ao grupo que se aproximam da célula em busca de algum propósito periférico, em detrimento de transparência relacional ou busca a Deus. Por exemplo, em minhas vivências como líder de célula, tive que lidar com casos de pessoas que se aproximaram de células por exclusivo interesse amoroso em algum dos participantes, porém em contrariedade à fé cristã; outros, com interesses comerciais diversos, como a venda de algum produto ou captação de clientes para algum serviço, que em curto prazo se afastam por não estarem buscando a Deus verdadeiramente; outros ainda com interesse em promover marketing multinível no sistema de pirâmide, etc. Coisas assim não somente tornam superficial e ilusório a presença de visitantes como também podem causar graves problemas relacionais no grupo e éticos com relação à igreja que este representa. Neste sentido, sempre aconselhamos que o grupo não seja envolvido em questões comerciais relacionais. Pessoas podem livremente compartilhar serviços e negócios, mas fora do ambiente da reunião da célula e das redes sociais presenciais e virtuais do grupo. O propósito não pode se corromper.

---

<sup>304</sup> COMISKEY, 2019a, p.45.

<sup>305</sup> CHO, 1982, p.67.

Por outro lado, há no modelo celular um comum equívoco de evangelismo por parte da ação da liderança, quando busca-se o número de pessoas e a multiplicação acima do amor ao próximo, fazendo com que o grupo aja de forma bíblicamente incoerente em nome de contemplar seu crescimento. Um bom exemplo, que já testemunhei algumas vezes, é quando convidam-se visitantes para a célula como numa armadilha relacional, em que a pessoa que convida omite o que será a reunião ou o propósito do grupo, no sentido de “fisgar” alvos evangelísticos. Outro equívoco evangelístico não raro de acontecer no ambiente celular por parte dos líderes dos pequenos grupos, é conduzir a reunião na presença de visitantes de forma a “disfarçar” a cultura cristã, omitindo tempo de oração, cantando músicas que não falem conceitos bíblicos diretos, pregando baseado nas opiniões, permitindo interpretações bíblicas livre de fundamentos, etc. Alguns líderes acabam sustentando isto por um tempo e tendo vários interessados presentes na célula, todavia sem causar uma verdadeira conversão a Cristo e discipulado em obediência à sua Palavra. Inevitavelmente, tornam-se células doentes, que colocaram o número de participantes acima do propósito bíblico. É função da supervisão perceber e antever estes problemas, para manter a saúde das células da igreja local.

#### **4.1.3.2 Consolidação**

O segundo objetivo fundamental da célula, nos conceitos da Rede Apostólica Cristã, é a consolidação. Jesus afirmou que aquele que ouve as Suas palavras e as pratica “é como um homem que, ao construir uma casa, cavou fundo e colocou os alicerces na rocha. Quando veio a inundação, a torrente deu contra aquela casa, mas não a conseguiu abalar, porque estava bem construída” (Lc 6:48). Noutro momento, Jesus garante que neste mundo não estaremos isentos de aflições, mas que diante de tais adversidades devemos escolher pelo ânimo, seguindo o Seu exemplo (Jo 16:33). Estes dois conceitos bíblicos estabelecidos por Jesus nos fazem compreender que é possível esmorecer, abalar-se ou mesmo voltar atrás na decisão de caminhar com Cristo. A partir da ilustração da casa sobre a rocha, a Bíblia indica que esta instabilidade tem relação com o alicerce, com as raízes, o fundamento sobre o qual a edificação da vida cristã estiver estabelecida, o que remete à importância de que a consolidação aconteça justamente no início da

vida de fé, após a decisão de se crer no evangelho, a fim de preparar um crescimento espiritualmente saudável na vida de fé cristã.

Neste processo, temos através da célula a possibilidade direta de praticarmos as mutualidades de comunhão, como por exemplo no suporte aos desafios que os participantes enfrentam. Atrelado ao aspecto consolidador, os novos membros são alicerçados em sua fé e no pertencimento ao pequeno grupo, como um dos grandes objetivos de toda a célula. Conforme afirma Larry Kreider, “o pequeno grupo provê um local seguro para lidar com a dor e para crescer espiritualmente”.<sup>306</sup> Àqueles que estão em vulnerabilidade ou necessidade física, emocional ou familiar, a célula é um mecanismo que facilita o envolvimento e assistência espiritual, emocional e muitas vezes social. Numa relação de pertencimento, altruísmo e fé, atrelados a um ambiente de alegria, instrução bíblica e oração, muitas pessoas decidem crer em Jesus como Senhor de suas vidas e passam a estreitar cada vez mais os vínculos para caminharem em vivências de discipulado, gerando crescimento espiritual.

Se a perspectiva evangelística causa renovação e crescimento quantitativo, a consolidação faz com que os visitantes e novos convertidos participem regularmente e vivam em comunidade, desenvolvendo o senso de pertencimento ao grupo da célula e, conseqüentemente, à igreja local a que ela representa, numa perspectiva pastoral. Como sintetizam Paes e Azibeiro, “a célula é um dos melhores ambientes para ganhar e consolidar novos decididos no Corpo de Cristo”.<sup>307</sup> Na perspectiva pastoral da consolidação, servir é a ação correspondente de todo o pequeno grupo em direção ao suprimento de necessidades físicas, emocionais e espirituais dos participantes da célula, gerando uma perspectiva altruísta que envolve o ambiente do grupo e os desdobramentos práticos dos relacionamentos da célula. Ralph Neighbour Jr. corrobora este objetivo afirmando que “assim como um pastor de ovelhas cuida do rebanho e ministra às suas necessidades, assim também o líder de célula ministra em nível pastoral. Este líder terá paixão por cuidar das necessidades dos membros da célula e por ajudá-las a ministrar”.<sup>308</sup>

---

<sup>306</sup> KREIDER, 2010, p.22. *The small group provides a safe place to deal with pain and grow spiritually.* (tradução nossa)

<sup>307</sup> PAES, Carlito; AZIBEIRO, Artur. *Células Apostólicas: cuidar, crescer, capacitar, comissionar.* São José dos Campos: Inspire, 2018. p.38.

<sup>308</sup> NEIGHBOUR, 2006, p.16.

O aspecto consolidador da célula produz uma missão de nutrir os novos convertidos não somente em cuidado relacional como também em alimento espiritual, o que dá início a um crescimento qualitativo, em direção à maturação espiritual, como afirma o texto bíblico: “como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom” (1Pe 2:2-3). Neste sentido, o conteúdo das ministrações bíblicas da célula sempre visa suprir a necessidade de visitantes e novos cristãos, por meio de princípios compreensíveis em linguagem e aplicação prática às mais diversas situações da vida das pessoas no contexto em que a célula esteja inserida.

Como afirma o texto bíblico na correlação de maturidade à consolidação, “filhinhos, eu escrevo a vocês porque os seus pecados foram perdoados, graças ao nome de Jesus” (1Jo 2:12); e ainda: “filhinhos, eu escrevi a vocês porque conhecem o Pai” (1Jo 2:14). Isto indica que na prática do pequeno grupo em consolidar os novos convertidos estão implícitos o conhecimento da Palavra de Deus com relação ao perdão de pecados e à paternidade de Deus, atrelados às práticas relacionais de suporte e aconselhamento que levam ao suprimento das necessidades dos novos membros em direção a alicerces bem fundamentados para uma vida cristã abundante. Na experiência prática ministerial da Família da Fé, este processo acontece por em média três a seis meses após a decisão do batismo.

Como obstáculos naturais ao processo de consolidação no modelo celular, quero destacar dois grandes desafios: o senso de propriedade dos consolidadores com os novos cristãos e o apego emocional demasiado dos novos cristãos aos consolidadores.

Sobre o senso de propriedade, é uma falha corriqueira no modelo celular que agentes consolidadores no grupo da célula, seja o líder ou algum cristão designado para este cuidado pastoral aos novos integrantes do grupo, confundam o seu papel pastoral com um sentimento de posse. Como a pessoa consolidadora envolve-se muito e voluntaria-se ao cuidado e aconselhamento, especialmente em casos em que haja crises relacionais familiares ou financeiras e um pedido de ajuda neste sentido, naturalmente estreita-se um vínculo emocional nesta relação (motivo pelo qual sempre recomenda-se que consolidadores e novos cristãos vivam uma relação homogênea: homens para com homens e mulheres para com mulheres ou

também casais para com casais). Facilmente, a pessoa que consolida pode passar do ponto de pastoreamento para manipulação emocional ou até mesmo apego como um senso de propriedade, contrariando-se por exemplo a que a pessoa consolidada relacione-se com outros irmãos em Cristo de forma mais estreita. Este é um assunto que precisa ser constantemente abordado nas reuniões de liderança e nos treinamentos da igreja local, para que este sentimento seja evitado. As pessoas renderam-se a Cristo e não a nós. Os consolidadores são pastores do rebanho do Senhor.

Quanto ao apego emocional demasiado dos novos cristãos com seus consolidadores, é o problema inverso do anteriormente citado. Nesta situação, o novo cristão desenvolve um apego emocional e espiritual com a pessoa consolidadora acima de sua relação com Deus. A recomendação em situações como esta é que os agentes consolidadores sempre apontem para a Palavra de Deus e a relação pessoal com Deus. Faz parte do processo de consolidação que os novos aprendam a orar, aprendam a compreender os fundamentos bíblicos, aprendam a aplicar a sua fé e assim por diante. Consolidadores que façam tudo pelos novos cristãos por muito tempo, terão problemas relacionais e espirituais a lidar em breve, pois o crescimento individual na caminhada com Deus será freado.

#### **4.1.3.3 Discipulado**

Outro aspecto significativo que compõe os objetivos de uma célula é o discipulado. Como afirma Vorster, “o discipulado é fundamental para levar as pessoas à maturidade e frutificação”,<sup>309</sup> sintetizando o propósito deste objetivo da célula. Além de pregar o evangelho a todas as pessoas e em todos os lugares, Jesus comissionou aqueles que comporiam a liderança principal da fundação de Sua Igreja à geração de novos discípulos: “vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês” (Mt 28:19-20). William Hendriksen destaca que a expressão “façam discípulos” é um imperativo na fala de Jesus.<sup>310</sup> Desta forma, este texto sintetiza a prática do cristianismo, fazendo com que as

---

<sup>309</sup> VORSTER, 2018, posição 110/4050. *Discipleship stands central to bringing people to maturity and fruitfulness*. (tradução nossa)

<sup>310</sup> HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: The Gospel of Matthew*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974. p.999.

demais esferas da vida da igreja se desdobrem a partir desta base. Na perspectiva deste comissionamento, David Bosch define que “a fé cristã é intrinsecamente missionária”.<sup>311</sup> Tanto evangelizar como discipular constituem a essência missional da fé cristã.

Particionando este mandato de Jesus, podemos entender uma dupla comissão: conduzir as pessoas ao batismo como resultado de uma resposta de fé à pregação do evangelho e ensinar a obedecer a tudo o que Jesus ordenou, para que se tornem verdadeiros discípulos de Cristo, com aplicação de seus preceitos em todas as áreas da vida. A primeira parte deste mandato, mediante a decisão de seguir Jesus, habilita aquele que crê a se tornar um discípulo de Cristo; a segunda parte, que chamamos discipulado no modelo celular, é um processo de longo prazo em direção a conhecer dia após dia um “modo de ser”, segundo a Palavra de Cristo e através de relacionamento com cristãos mais maduros. Segundo Bosch, “os dois gerúndios ‘batizando’ e ‘ensinando’ estão claramente subordinados a ‘fazer discípulos’ e descrevem a forma que o fazer discípulos deve assumir”.<sup>312</sup>

No discipulado, a célula constitui uma ferramenta para que os novos cristãos, já convictos de Sua fé em Jesus, sejam ensinados em todos os aspectos da Palavra de Deus para que pratiquem os ensinamentos de Cristo em direção à maturação espiritual. Conectando aos pressupostos da Nova Reforma Apostólica, Philip Byler afirma que, na essência da ação, “o fazedor de discípulos sempre será uma pessoa apostólica”.<sup>313</sup>

É interessante perceber bíblicamente que o discipulado não é uma opção para somente alguns cristãos que queiram entrar em um programa específico oferecido pela igreja local, mas sim uma característica essencial do cristianismo. Na narrativa bíblica do desenvolvimento da Igreja, em Atos dos Apóstolos, não foram os curiosos por Jesus ou apenas participantes de reuniões que foram reconhecidos como cristãos: “em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos” (At 11:26). Desta referência e na mentalidade de uma perspectiva restauradora da Igreja Primitiva, podemos afirmar que no modelo celular vinculado à Nova Reforma Apostólica, espera-se que todo o cristão viva uma esfera de

---

<sup>311</sup> BOSCH, 2009, p.26.

<sup>312</sup> BOSCH, 2009, p.101.

<sup>313</sup> BYLER, 2008, p.11. *The disciple maker will always be an apostolic person.* (tradução nossa)



discipulado como parte da composição de suas vivências religiosas, por meio de relacionamentos propositais que produzam frutos perceptíveis de maturidade na Palavra de Deus, pois como afirma Steuernagel, “o Evangelho se faz vida na vida da gente”.<sup>314</sup> Apesar do discipulado ganhar substância, profundidade e intimidade por um relacionamento individual com cristãos mais maduros, é no pequeno grupo que ele ganha ignição e prática vivencial em como ser um discípulo de Cristo, como praticar o discipulado aprendido. Como afirma Wolfgang Simson, “o ser discípulo na realidade nunca acontece ‘de pessoa para pessoa’, ou seja, como relacionamento individual, mas é uma função da comunhão”,<sup>315</sup> justificando para o autor uma das maiores vantagens da prática eclesial vinculada aos relacionamentos de grupo causados por ambientes residenciais.

Remetendo mais uma vez à analogia descrita por João em sua carta à igreja, lemos: “jovens, eu escrevi a vocês, porque são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno” (1Jo 2:14). Nesta ilustração da juventude da vida cristã como análoga às demandas de relacionamento no pequeno grupo por meio da célula, o objetivo do discipulado por meio destes vínculos está conectado ao crescimento espiritual dos participantes que já tenham passado pela fase de consolidação e, por consequência, desejam seguir crescendo em sua vida cristã, aprendendo a vencer o Maligno e a reter a Palavra de Deus, tornando assim fortalecidos em Sua vida de fé por meio de Cristo.

No contexto das igrejas aliançadas à Rede Apostólica Cristã, durante esta fase de discipulado ligada à participação da célula, cada um dos membros do pequeno grupo são estimulados pelo líder à participação de diversos momentos de treinamento ministerial que ocorrem dentro da programação da igreja local, oferecendo subsídios bíblicos e metodológicos para o desenvolvimento e maturidade na vida cristã; por outro lado, é estimulada uma relação mais próxima com o líder de célula com propósito de internalizar os ensinamentos de Jesus, resultando num maior envolvimento em ministrar de forma intencional suporte aos novos membros da célula que vão sendo formados, compondo assim, um aprendizado experiencial, na prática da vida da célula.

---

<sup>314</sup> STEUERNAGEL, 1993, p.25.

<sup>315</sup> SIMSON, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo: igreja nos lares*. 3. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2014. p.56.

Um aspecto relevante quanto ao objetivo do discipulado por meio da estrutura celular, é que sua forma mais direta ocorre predominantemente fora do horário da reunião da célula, sendo a reunião em si uma das oportunidades de pôr em prática atributos do discipulado praticáveis na comunhão da igreja. Segundo Roberto Bottrel, o discipulado ocorre “por meio do relacionamento, da convivência, da influência”.<sup>316</sup> O autor continua, detalhando esta prática vivencial, ao dizer que “cabe a nós apresentar Jesus a estas pessoas por meio da nossa própria vida, do nosso casamento, da nossa postura profissional, como tratamos a quem nos ofende, como lidamos com o dinheiro e tudo mais”.<sup>317</sup> Nesta proposição, Larry Kreider corrobora ao afirmar que “ter uma reunião de pequenos grupos todas as semanas não fará discípulos automaticamente de acordo com o padrão de Jesus”,<sup>318</sup> enaltecendo o aspecto relacional intencional cotidiano que contempla este objetivo, sintetizando que “o pequeno grupo é o lugar onde inicialmente podemos encontrar esses relacionamentos, mas o discipulado real na maioria das vezes acontece principalmente fora da reunião do pequeno grupo”.<sup>319</sup>

O discipulado é o aspecto mais relevante para garantir a subsistência do modelo e a expansão da igreja local, como corrobora Simson ao afirmar que “nas igrejas nos lares o discipulado desempenha um papel central”,<sup>320</sup> classificando as igrejas estruturadas em células como uma das possibilidades de se conceber o conceito de igreja nos lares proposto pelo autor.<sup>321</sup> É por meio das relações de discipulado que novos líderes são preparados e que o sistema ganha vida em direção à multiplicação. Como afirma Dave Earley, “no cristianismo, o mundo nunca vai ser alcançado e a próxima geração estará perdida a não ser que discipulemos outros”.<sup>322</sup> Princípios e cultura do discipulado serão melhor apresentados na sequência do texto como uma esfera do sistema operacional de uma igreja apostólica.

---

<sup>316</sup> BOTTREL, Roberto. *Multiplicação – o desafio do cristão, da liderança e da igreja*. Belo Horizonte: 3i Editora, 2015. p.70.

<sup>317</sup> BOTTREL, 2015, p.70.

<sup>318</sup> KREIDER, 2010, p.155. *Having a small-group meeting every week will not automatically make disciples according to the pattern of Jesus*. (tradução nossa)

<sup>319</sup> KREIDER, 2010, p.156. *The small group is the place where we can initially find these relationships, but the actual discipleship often happens mostly outside of the small-group meeting*. (tradução nossa)

<sup>320</sup> SIMSON, 2014, p.228.

<sup>321</sup> SIMSON, 2014, p.47.

<sup>322</sup> EARLEY, Dave. *8 Hábitos do Líder Eficaz de Grupos Pequenos*. Curitiba: Ministério Igreja em Célula, 2005. p.74.

Um dos maiores desafios à prática do discipulado no modelo celular é a abnegação necessária por parte de quem coloca-se em discipulado e a disponibilidade por parte de quem tem algo a ensinar nesta relação. Em dias de rotinas intensas e horários de trabalho e estudo cada vez mais variados, muitas vezes o discipulado deixa de acontecer por indisponibilidade ou incompatibilidade de agendas. Por outro lado, a abnegação necessária torna-se um obstáculo numa cultura pós-moderna que tende ao hedonismo e relativização da verdade. Estes são desafios contemporâneos às relações de discipulado que precisam ser discutidos, compreendidos e propositalmente superados para que as células cresçam e formem cristãos maduros de forma saudável. Como digo em algumas reuniões de liderança, precisamos fazer discipulado com o tempo que temos. Se Jesus formou em 3 anos pessoas que estavam totalmente disponíveis, podemos igualmente formar, porém em mais tempo, pessoas com menor disponibilidade.

#### **4.1.3.4 Multiplicação**

O objetivo final de uma célula é a multiplicação. Por este propósito, a igreja local passa a alcançar novas pessoas, consolidar novos cristãos e oportunizar que os processos de discipulado frutifiquem a ponto de que novos líderes de célula passem a protagonizar o cristianismo na realidade de novos pequenos grupos que liderarão bem como na atuação de ministérios em que estejam envolvidos em outras esferas da sociedade com vistas ao estabelecimento do Reino de Deus. Ou seja, todos os objetivos anteriores também se multiplicam. Como afirma Bottrel, “toda a Vida se sustenta na multiplicação”,<sup>323</sup> numa analogia das características da criação aos propósitos do Reino de Deus. No caso da célula, qual a evidência de que este pequeno grupo cresceu de forma saudável tanto na esfera quantitativa como na qualitativa? Multiplicação.

A multiplicação é marcada pelo momento em que uma célula madura dá origem a uma nova célula. A multiplicação é o resultado de um processo constante e intencional de evangelismo, consolidação e discipulado através da vida da célula, desde a reunião semanal, até os relacionamentos periféricos e ainda aos treinamentos de suporte por parte da igreja local. A multiplicação é o resultado da

---

<sup>323</sup> BOTTREL, 2015, p.29.

maturação do processo de discipulado. O líder da célula chega ao ápice deste propósito ao enviar um novo líder para assumir uma nova responsabilidade de autoridade espiritual sobre uma nova célula. Como sintetiza Bottrel, o discipulado consiste em multiplicar-se em outros, especialmente no contexto de preparar, internalizar e levar a praticar uma mesma missão.<sup>324</sup>

Os objetivos da célula são interconectados. O evangelismo leva à consolidação, que gera discipulado, que causa multiplicação, que por sua vez desperta novamente ao evangelismo. É um ciclo de vida, crescimento, maturação e geração de mais vida. Para isto, a multiplicação deve ser almejada desde o início de cada célula, pois é o propósito que leva mais tempo para ser alcançado, especialmente a geração de um novo líder, que normalmente emerge da própria célula. Como afirma Bottrel, “a geração de novos líderes é o coração da estratégia celular”,<sup>325</sup> pois são os novos líderes que protagonizam o objetivo da multiplicação.

Segundo o autor, uma célula saudável precisa carregar cinco grandes características, que precisam ser individualmente multiplicadas para que a célula em si cumpra seu objetivo: presença de Deus, visão, líder, participantes e anfitrião. Isto significa que, para que a célula se multiplique, ela precisa trabalhar para multiplicar também o ambiente da presença de Deus, a visão da nova célula, um novo líder, novos participantes e um novo anfitrião.<sup>326</sup>

Presença de Deus e visão são atributos intangíveis, porém substanciais para a vida da célula. A expressão “presença de Deus” refere-se à importância de uma cultura de oração, adoração e devoção como característica do pequeno grupo, na primazia deste grupo ser uma porção do Corpo de Cristo e não apenas um grupo de convívio social. Para que a célula se multiplique sem perder esta característica, o líder precisa constantemente estimular o grupo a cultivar um ambiente de presença de Deus, já que mediante a multiplicação, ambas as células ficam com menos participantes, o que se desdobra num menor engajamento em termos de intensidade do ambiente nas orações, louvores, interações, etc. Já a expressão “visão” refere-se a que todos os participantes da célula tenham clareza do propósito do grupo, de evangelismo, consolidação, discipulado e, especialmente, multiplicação.

---

<sup>324</sup> BOTTREL, 2015, p.69.

<sup>325</sup> BOTTREL, 2015, p.133.

<sup>326</sup> BOTTREL, 2015, p.175-185.

Normalmente, o líder já estabelece uma data como meta de multiplicação, para que todos tenham a mesma visão, já que é muito comum que as pessoas tenham certa resistência a que o grupo se multiplique.

Já as características de um novo líder, novos participantes e novo anfitrião são visualmente perceptíveis. Um novo líder é formado por meio do discipulado, do compartilhamento da visão e dos treinamentos vinculados à estrutura comum de todas as células por meio da igreja local, a fim de que todos os líderes tenham uma mesma linguagem e pressupostos ministeriais práticos. Novos participantes são causados pelos frutos dos objetivos de evangelismo e consolidação com visitantes e novos cristãos batizados rotineiramente. Por último, um novo anfitrião é resultado do trabalho do líder da célula em visualizar a localidade pretendida ao novo grupo, o público-alvo, o ambiente residencial e o incentivo a que alguém dentre os participantes, já consolidado em sua fé, assuma como uma nova missão a abertura de sua casa para a pregação do evangelho através da instauração de uma nova célula.

Na prática do modelo celular, dois são os principais desafios em face do objetivo da multiplicação: a formação encorajadora de novos líderes e a aceitação do grupo à mudança em sua estrutura em direção a dois novos grupos.

A formação de novos líderes passa por dois grandes pilares que serão mais amplamente discutidos ainda neste capítulo: o treinamento e o discipulado parental. Contudo, em nosso contexto cultural há uma nítida carência de líderes em todos os segmentos da sociedade. Por isso, a igreja como um todo tem um papel muito importante no fomento à liderança, à paternidade e maternidade no contexto familiar, ao empreendedorismo, ao desenvolvimento profissional, no sentido de causar identidade e segurança para que as pessoas desenvolvam seu potencial de liderança inerente à natureza divina, como imagem e semelhança do Senhor (Gn 1:26). A igreja em células depende de novos líderes para que possa crescer e se fortalecer. É comum que a formação de novos líderes seja o grande gargalo de crescimento de igrejas em células idôneas e saudáveis em suas práticas eclesiais, como se pretende no contexto da Nova Reforma Apostólica.

Outro obstáculo comum à multiplicação é com relação à resistência às mudanças que o grupo gera naturalmente. Quando mais saudáveis os relacionamentos do grupo da célula, mais dolorosa é a ruptura causada pela

multiplicação. Neste sentido, o propósito de multiplicação precisa estar claro desde o início a todos os participantes, e não como uma surpresa comunicada abruptamente (o que já vi acontecer muitas vezes no contexto celular). Além disso, a multiplicação deve ser celebrada como uma grande conquista, como um feito em que a célula gerou discípulos maduros que assumirão uma nova família espiritual. É preciso sabedoria na liderança pastoral e nos treinamentos para fomentar a multiplicação de forma praticável e eficaz.

#### **4.1.4 Células na Família da Fé**

O início de toda a história da Família da Fé é correlacionado à implantação da primeira célula na cidade de Viamão/RS, projeto que se estruturou entre os meses de março e maio do ano de 2013. Para estabelecer uma célula em novo território, é preciso que haja, antes de tudo, um líder treinado, experimentado e disponível para dar início à execução do projeto. Em segundo lugar, faz-se necessária uma casa que abra suas portas para as reuniões semanais regulares, por meio da disponibilidade de alguém que atue como anfitrião das reuniões e que também compreenda e faça parte do projeto de plantio de uma nova igreja apostólica na sua cidade. Esta célula inicial é chamada por Joel Comiskey de “grupo protótipo”, que será cuidadosamente conduzido para carregar os valores fundamentais da vida futura da igreja.<sup>327</sup> Normalmente, ou os líderes do projeto são os próprios implantadores ou o fazem por meio do discipulado direto com o primeiro líder que tenha vínculo na cidade.

No caso da Família da Fé, como relatado anteriormente, minha sogra, Ilda, reconectou-se conosco ministerialmente desde março de 2013, permanecendo vinculados à Rede Apostólica Cristã. Em nossa caminhada ministerial pregressa como pastores em treinamento, Ilda já havia desempenhado o ministério de liderança de célula sob nossa supervisão. Por isso, ela se tornou a líder pioneira da Família da Fé na cidade de Viamão, sendo já previamente capacitada e experimentada. Nesta época, minha esposa e eu residíamos na cidade de Lajeado, onde também desempenhávamos outras atividades profissionais, enquanto Ilda seguia com residência em Viamão.

---

<sup>327</sup> COMISKEY, 2010, p.132.

Este projeto de implantação de uma nova igreja apostólica teve início a partir de uma reunião presencial entre Ilda (minha sogra), Camila (minha esposa) e eu junto ao apóstolo Ricardo Wagner, em Teutônia/RS, no dia dois de março de 2013. Apóstolo Ricardo avalizou o projeto e passou a supervisionar e aconselhar minha liderança e decisões principais, além de motivar e impulsionar cada um de nós para a realização dos procedimentos inerentes ao plantio de uma nova igreja apostólica na cidade de Viamão/RS, no que viria a ser a Família da Fé. Desde o início, Ilda, Camila e eu formamos a equipe principal de liderança do projeto desta nova igreja, assim como mantínhamos contato frequente sobre o planejamento de implantação da primeira célula, os desdobramentos para o plantio de uma nova igreja apostólica e diretrizes para os primeiros procedimentos e para o enfrentamento dos primeiros desafios tanto presencialmente, em alguns finais de semana, como virtualmente, por contato telefônico, de forma mais corriqueira.

Após um período de alinhamento de propósitos e de oração em prol da missão de implantar a primeira célula na cidade, Deus abriu uma porta para que pudéssemos começar. Sendo funcionária do município, vinculada nesta época à secretaria de educação, Ilda contactou intencionalmente uma colega de trabalho que, assim como seu esposo, já haviam participado de células vinculadas ao nosso ministério pastoral no passado, mas estavam inativos e desvinculados do pertencimento a uma igreja local. Esta colega demonstrou necessidades emocionais, familiares e espirituais que causaram abertura à prática do cristianismo de forma mais efetiva, bem como o desejo de que sua família se envolvesse. Isto fez com que nosso primeiro casal de anfitriões fosse identificado. Eles residiam no bairro de Águas Claras, região rural de Viamão. Como sistematiza Hendrik Vorster, após um período de preparação e já abraçando uma visão clara para o plantio de uma nova igreja, “o primeiro passo é começar a evangelizar e pregar a Palavra de Deus onde Deus o chamou para ir e plantar uma igreja”.<sup>328</sup> No caso de uma igreja sendo plantada sobre o fundamento de uma estrutura celular, este objetivo inicial é praticado através da primeira casa que abre as portas para promover uma reunião de célula. Vorster discorre sobre como João Batista, Jesus e Paulo iniciaram seus

---

<sup>328</sup> VORSTER, 2018, posição 1258/4050. *Step 1 is to start evangelizing and preaching the Word of God where God called you to go and plant a church.* (tradução nossa)

ministérios em diferentes localidades a partir da pregação evangelística voltada ao arrependimento e consequente conversão.<sup>329</sup>

Assim, a primeira reunião da célula da Família da Fé ocorreu na segunda semana do mês de maio de 2013, a partir desta casa na zona rural de Viamão, por meio do casal que abriu as portas de sua casa para serem anfitriões, num total de cinco participantes no primeiro encontro: a líder Ilda, o casal de anfitriões e mais um casal de visitantes. Quanto a estes que foram o primeiro casal de convidados (compondo estas primeiras cinco pessoas), ele era um ex-aluno da anfitriã, enquanto sua esposa, colega de trabalho de ambas (líder e anfitriã). Percebemos assim o quão natural, relacional e orgânica é a formação de uma célula evangelística, por meio da qual as pessoas se reúnem a partir de seus relacionamentos pessoais para buscar a Deus e se fortalecerem mutuamente. Sobre a similaridade com a cultura da Igreja Primitiva que a Nova Reforma Apostólica busca restaurar, Comiskey afirma que “cada um era um evangelista e compartilhava o evangelho com amigos, vizinhos e colegas de trabalho. Hoje, Deus está movendo dessa mesma maneira”.<sup>330</sup>

Um aspecto interessante do processo de evangelização por meio do modelo celular é que para começar a pregar sobre Cristo, as pessoas não necessitam necessariamente promover uma argumentação teológica nem tampouco apologética, mas sim testemunharem o que Deus tem feito em suas vidas por meio de Cristo aos seus vínculos relacionais. O maior papel dos participantes da célula na evangelização consiste simplesmente em convidar familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos e outros para conhecerem a célula, por meio da motivação causada por seu testemunho. Ao chegar na célula, os visitantes conhecerão pessoas mais maduras no conhecimento da Palavra de Deus que estarão disponíveis para anunciar os preceitos bíblicos e sanar eventuais dúvidas com maior propriedade. Esta estratégia evangelística do modelo celular possibilita que visitantes regulares ou novos membros sejam os maiores evangelizadores, já que possuem muitos relacionamentos diferentes daqueles do grupo de participantes da célula.

---

<sup>329</sup> VORSTER, 2018, posição 1258-1290/4050.

<sup>330</sup> COMISKEY, 2019, p.40.



Um exemplo bíblico desta estratégia de alcance de novas pessoas para conhecerem a Cristo é a atitude evangelística da mulher que Jesus abordou no poço de Jacó, em Sicar, na região de Samaria (Jo 4:4-42). Após um diálogo com Jesus que trouxe revelação de Deus sobre sua realidade, a mulher samaritana saiu imediatamente a testemunhar sobre ter encontrado o Messias. “Então, deixando o seu cântaro, a mulher voltou à cidade e disse ao povo: Venham ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Será que ele não é o Cristo? Então saíram da cidade e foram para onde ele estava” (Jo 4:28-30). Como destaca Carla Louis-Wallace, “a mulher samaritana, que foi uma evangelista, não teve problemas em contar às pessoas sobre um homem que ela conheceu no poço, que era Jesus Cristo”.<sup>331</sup> Como resultado, muitas outras pessoas tiveram a oportunidade de ouvir as palavras de Jesus e receber algo espiritual que os convencesse a crer no Cristo. “E disseram à mulher: agora cremos não somente por causa do que você disse, pois nós mesmos o ouvimos e sabemos que este é realmente o Salvador do mundo” (João 4:42). Em síntese, o visitante da célula vai primeiramente por crer no testemunho de quem o convidou. Para que permaneça, precisa conhecer a Cristo de forma mais significativa por meio do pequeno grupo.

Apesar de uma única célula ainda não possuir a capacidade de ser uma instituição religiosa reconhecida na cidade, por ser um pequeno e único grupo de pessoas, ela precisa carregar a visão e o propósito de ser Igreja, portando toda a essência do que significa a vida cristã, fundamentada por aspectos orgânicos e relacionais. Comiskey define que “o grupo pequeno é um microcosmo da futura igreja a ser plantada”.<sup>332</sup> Ou ainda, como ressalta Ralph Neighbour Jr., “as células são os blocos básicos, com os quais se constrói a vida da igreja”.<sup>333</sup> Em outras palavras, mesmo que por meio de uma primeira célula na cidade ainda não seja possível praticar todas as possibilidades ministeriais de uma igreja local institucionalmente estruturada, aquele primeiro pequeno grupo de cristãos precisa estar apto tanto para viver toda a essência da vida cristã como para, dentro de sua esfera de ação, cumprir com o grande comissionamento outorgado por Jesus:

---

<sup>331</sup> LOUIS-WALLACE, Carla. The Samaritan Woman: The Unnamed City Shaker. In: SIPPACH, Alex (Org.). *Junia Arise: Apostolic Women on the Frontlines*. Ed. Kindle. [S.l.] Alpha Book, 2018. p.98. *The Samaritan Woman who was an evangelist, had no issue with telling people about a man she met at the well who was Jesus Christ.* (tradução nossa)

<sup>332</sup> COMISKEY, 2010, p.39.

<sup>333</sup> NEIGHBOUR, 2006, p.7.

pregar o evangelho e fazer discípulos. A partir deste comissionamento, comunhão, serviço, hospitalidade, suporte mútuo, ensino bíblico, orações, aconselhamento pastoral e diversos outros atributos da vida da igreja são também praticados por meio da célula e da religião vivida de cada um dos participantes em seu envolvimento com a vida da célula.

A primeira célula da Família da Fé já carregava intencionalmente esta clareza de propósito por meio dos objetivos de evangelização, consolidação, discipulado e multiplicação. Assim, durante os meses subsequentes, os primeiros anfitriões foram consolidados e discipulados ao passo que os primeiros visitantes foram evangelizados e consolidados. Passadas algumas semanas, mais duas famílias que já haviam participado de células em nossa experiência pregressa na cidade e que também não estavam vinculadas a um pertencimento eclesial local, passaram a frequentar a célula.

Cabe salientar aqui algo relevante ao plantio de novas igrejas na perspectiva da Nova Reforma Apostólica. Em primeiro lugar, sobre o princípio de não serem convidadas às reuniões de célula pessoas que já estejam vinculadas a comunidades cristãs, como disse o apóstolo Paulo, pioneiro neste ministério: “sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido, de forma que não estivesse edificando sobre alicerces de outro” (Rm 15:20). Comiskey corrobora: “não é aconselhável aceitar pessoas em seu grupo protótipo que já têm compromisso com outra igreja evangélica”.<sup>334</sup> Este foi um cuidado que sempre tivemos. Ao longo da história da Família da Fé, algumas pessoas oriundas de outros ministérios cristãos acabaram vindo às células, cultos e eventos; alguns vincularam-se à igreja e outros não, contudo esta nunca foi uma ação intencional ativa por parte da liderança da Família da Fé, mas sim passiva, em receber aqueles que voluntariamente procuraram a igreja local como oportunidade de novos ciclos em sua forma de servir a Cristo. Os líderes de célula são inclusive orientados a sempre respeitarem eticamente aqueles que já tem sido pastoreados em outras comunidades e não proceder convites de persuasão nem instigar ao pertencimento à Família da Fé.

Por outro lado, ainda neste sentido, como ficou explícito no exemplo das primeiras pessoas que passaram a frequentar a primeira célula, perceba como pessoas que estavam afastadas da comunhão com a igreja, mas com uma

---

<sup>334</sup> COMISKEY, 2010, p.135.

experiência pregressa de cristianismo, foram atraídas com maior facilidade. Nesta época ainda não tínhamos consciência e intencionalidade neste aspecto, que acabou ocorrendo naturalmente. Peter Wagner afirma que “mesmo que seu objetivo seja alcançar os que ainda não frequentam igreja, é bom ter pessoas ao seu redor com alguma experiência do que é uma igreja e como geralmente funciona”.<sup>335</sup> Dentre os que compuseram o grupo protótipo, na terminologia de Comiskey, alguns carregavam experiências anteriores de vivências eclesiais no modelo celular. Hoje percebo como isto facilitou a eficácia do projeto de implantação da igreja. Wagner sintetiza: “a maioria dos plantadores de igreja se saíam bem se tivessem um grupo de pessoas ao seu redor com algumas capacidades técnicas que as pessoas fora da igreja não teriam”.<sup>336</sup> Talvez este seja um dos motivos pelos quais o apóstolo Paulo comumente iniciava o projeto apostólico em novas cidades de nações gentílicas indo primeiro às sinagogas e depois àqueles que não tinham nenhum conhecimento sobre a revelação de Deus aos judeus: “em Icônio, Paulo e Barnabé, *como de costume*, foram à sinagoga judaica. Ali falaram de tal modo que veio a crer grande multidão de judeus e gentios” (At 14:1 – grifo nosso).

Atrelado aos momentos das primeiras reuniões de célula, visitantes com pouca ou nenhuma vivência eclesiástica oriunda do protestantismo começaram a corresponder aos convites para participação, dos quais alguns permaneceram e passaram a fazer parte da vida do pequeno grupo. Conforme o grupo ganhava coesão, os participantes começavam a sonhar com uma nova igreja na cidade à medida que este primeiro grupo que se reunia, relacionava-se corriqueiramente e recebia o compartilhamento da visão que a liderança comunicava.

Sobre a natureza deste processo orgânico de plantio de igreja no modelo celular, Comiskey corrobora: “a simplicidade da plantação da igreja em células é o que a torna emocionante. Mesmo sem o apoio de uma igreja mãe, o plantador de igrejas pode abrir a primeira célula em uma casa e começar a alcançar não cristãos”.<sup>337</sup> Esta é uma das grandes diferenças entre uma igreja local que começa com células em seu processo de implantação e outra existente sobre uma cultura mais clerical e templista para transicionar para o modelo celular. Um processo de transição precisa combater diferenças culturais do próprio cristianismo já praticado,

---

<sup>335</sup> WAGNER, 1993b, p.52.

<sup>336</sup> WAGNER, 1993b, p.52.

<sup>337</sup> COMISKEY, 2010, p.121-122.

ao passo que a implantação de uma nova igreja no modelo celular estabelece uma cultura de pequenos grupos desde o início, facilitando em muito a eficiência do modelo. Nas vivências ministeriais da Rede Apostólica Cristã temos tido ambas as experiências e comprovado nitidamente a diferença entre implantação e transição.

Neste sentido, William Beckham afirma que “durante as últimas décadas, Deus tem desafiado a igreja a restituir os grupos pequenos ao ministério da igreja”<sup>338</sup>, numa abordagem da teologia restauracionista que engloba a Nova Reforma Apostólica. Entretanto, estabelecer uma nova igreja confiando grande porção da possibilidade de sucesso ao trabalho de líderes voluntários e ao evangelismo relacional por parte dos novos membros é um enorme desafio, pois, desde o início, a instauração do cristianismo tem uma prevalência orgânica e transformativa ao invés de institucional e respaldada por uma estrutura robusta que possa conduzir os parâmetros. Implantar uma nova igreja apostólica é uma questão de clareza de visão aliada a uma grande medida de fé.

Foi a partir deste eixo eclesial que em setembro de 2013 iniciávamos nossa segunda célula na cidade de Viamão. Ainda não tínhamos um segundo líder apto, porém tínhamos famílias sob nossa responsabilidade que já somavam em torno de 15 participantes regulares da célula, mas que moravam em bairros relativamente distantes para conseguir manter relacionamentos próximos. Por isso, Ilda assumiu a responsabilidade de uma segunda reunião de célula semanal, no centro da cidade de Viamão, aproximadamente quinze quilômetros distante da primeira célula. A abertura desta nova célula possibilitou uma primeira experiência de multiplicação àquele grupo que instaurava, mesmo sem perceber, uma grande influência cultural sobre a história da Família da Fé. Uma nova residência abriu suas portas, com um novo casal solícito e convertido a Cristo como anfitriões. Dois grupos menores se formavam e novas possibilidades evangelísticas se abriam. Encerramos o ano de 2013 com duas células, numa experiência emocionante.

As primeiras células sabiam que, para que uma igreja local fosse instituída com reuniões públicas, precisariam ainda se multiplicar algumas vezes, gerarem novos líderes de célula, viverem evangelismo, consolidação e discipulado constantemente e, especialmente, cultivarem uma cultura de oração e treinamentos ministeriais que causariam uma mesma linguagem e propósito ao grupo, já que

---

<sup>338</sup> BECKHAM, 2007, p.12.

agora reuniam-se em residências diferentes. Nesta época começamos a usar os finais de semana para momentos de comunhão entre os grupos, momentos de oração e treinamentos. Camila e eu aproveitávamos para conhecer e cultivar relacionamentos por meio de visitas, conversas informais, momentos de refeição juntos e constantes conversas de supervisão com a Ilda. Derek Prince corrobora sobre esta essência do cristianismo, afirmando que “a igreja foi manifestada pela primeira vez em uma forma móvel – somente mais tarde em uma forma residente”.<sup>339</sup> Prince continua, constatando que:

Sempre pensamos a igreja como um grupo de pessoas que se reúnem num prédio e moram em casas, mas a primeira manifestação da igreja através de Jesus foi a equipe apostólica móvel. Devemos voltar a pensar a igreja como basicamente móvel e secundariamente residente, e será uma grande revolução”.<sup>340</sup>

A Família da Fé, como igreja local, é a resultante de um projeto que traz como bagagem muitas vivências ministeriais pregressas, narradas de forma resumida no primeiro capítulo posterior à introdução, atreladas aos conceitos da Nova Reforma Apostólica, como descritos substancialmente no capítulo subsequente, e imbricados na visão da Rede Apostólica Cristã. David Cannistraci afirma que um dos principais atributos deste pensamento é “alcançar e estabelecer pessoas na verdade e ordem do Reino com sucesso, especialmente através da fundação e supervisão de igrejas locais”.<sup>341</sup> Por isso, mesmo ainda sendo apenas duas células na cidade de Viamão, tratávamos e vislumbrávamos constantemente o amadurecimento destes pequenos grupos como uma futura Nova Igreja Apostólica sendo plantada.

Sobre os desdobramentos do estabelecimento das células, suas multiplicações, novos líderes e demais detalhes pertinentes, vou descrever na sequência do texto, para que possamos seguir uma ordem relativamente cronológica. Além da primeira multiplicação de células, o segundo semestre de 2013 também foi especialmente marcado pelas primeiras turmas de treinamento

---

<sup>339</sup> PRINCE, Derek. *Rediscovering God's Church*. New Kensington: Whitaker House, 2006. p.179. *The Church was first manifested in a mobile form – only later in a residential form.* (tradução nossa)

<sup>340</sup> PRINCE, 2006, p.179. *We always think of the Church as a group of people who meet in a building and live in houses, but the first public manifestation of the church through Jesus was the mobile apostolic team. We must get back to thinking of the church as primarily mobile and secondarily residential, and that is going to be a major revolution.*

<sup>341</sup> CANNISTRACI, 1996, p.29. [...] *to successfully reach and establish people in Kingdom truth and order, especially through founding and overseeing local churches.* (tradução nossa)

ministerial que proporcionamos e disponibilizamos aos participantes das primeiras células, também como uma cultura intencionalmente transmitida.

Portanto, no processo prático de plantio de uma nova igreja, após planejamento, oração e designação do primeiro líder, é necessário uma clareza sistemática de ações ministeriais: antes de tudo, deve-se estabelecer a primeira célula. Em seguida, as primeiras turmas de treinamento.

## 4.2 TREINAMENTO

Desde a Reforma Protestante, há uma tônica para a necessidade de implementação do sacerdócio de todos os crentes como praticável na religiosidade vivida do cristianismo. Comiskey ressalta que “uma das principais doutrinas que Lutero ensinou foi o sacerdócio do crente. Ele acreditava que cada crente poderia ler a Bíblia, entender o significado claro das Escrituras, ter igual acesso a Deus e estar ativamente envolvido como ministro do evangelho”.<sup>342</sup> Contudo, percebemos que, especialmente, o atributo de estar ativamente envolvido como ministro do evangelho demonstra-se falho nas práticas eclesiológicas oriundas da Reforma proposta por Lutero, com algumas exceções ao longo da história. Por este motivo, Comiskey concorda que o movimento celular desperta novamente uma perspectiva reformadora, como abordado na terminologia que intitula a Nova Reforma Apostólica. O autor afirma que “a razão pela qual as pessoas acreditam que seja uma segunda reforma é porque o sacerdócio de todos os crentes nunca foi plenamente realizado na primeira reforma”.<sup>343</sup> O sacerdócio de todos os crentes é limitado pelas estruturas templistas e clericais que a própria Igreja desenvolveu, especialmente como herança da cristianização do Império Romano por meio das construções de basílicas católicas. Comiskey conclui que “as formas da igreja e as estruturas de construção que estavam profundamente enraizadas na Europa e mais

---

<sup>342</sup> COMISKEY, 2014, p.80-81. *One of the key doctrines that Luther taught was the priesthood of the believer. He believed that each believer could read the Bible, understand Scripture's plain meaning, have equal access to God, and be actively involved as a minister of the gospel.* (tradução nossa)

<sup>343</sup> COMISKEY, 2014, p.12. *The reason people believe it to be a second reformation is because the priesthood of all believers was never fully realized in the first reformation.* (tradução nossa)

tarde na América do Norte impediram a plena implementação do sacerdócio de todos os crentes”.<sup>344</sup>

Como aborda Aluizio Silva, o clericalismo instaurou uma problemática sistemática e cultural para o desempenho do sacerdócio de todos os crentes. Segundo Silva, “ele [o clericalismo] é o sistema que surgiu dentro da igreja depois do quarto século e estabeleceu que na Igreja há dois tipos de pessoas: os clérigos e os leigos”.<sup>345</sup> O sistema clerical limita em muitos aspectos o desempenho do sacerdócio de todos os crentes, justamente por conceber que as pessoas leigas, participantes das programações da comunidade não possuem autorização nem capacitação para ministrar. Por outro lado, o sistema clerical protege a igreja de heresias, uma vez que uma minoria de cristãos que assumem o ministério em tempo integral e preparam-se para isso com anos de estudo tornam a proclamação do evangelho e o discipulado menos suscetível a discrepâncias teológicas. Segundo Elias Dantas, “o crescimento da igreja em todo o território romano passou a exigir uma estruturação melhor e mais detalhada de sua linha de atividades e comando, tendo em vista os inúmeros casos de surgimento de heresias, com potencial para destruir a igreja nascente”.<sup>346</sup>

O combate às heresias é uma função da liderança da Igreja, inclusive na perspectiva da Nova Reforma Apostólica, como exemplificado no episódio em que Paulo relembra a Timóteo: “roguei que você permanecesse em Éfeso para ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas e que deixem de dar atenção a mitos e genealogias intermináveis, que causam controvérsias em vez de promoverem a obra de Deus” (1Tm 1:3-4). Contudo, para que heresias e distorções da visão da Igreja sejam combatidas sem prejuízo ao constante impulso do sacerdócio de todos os crentes, restringir a liderança e o acesso ao ministério, tornando-os exclusivo a um grupo pequeno, como no clericalismo, não mostrou ser uma opção viável. Vemos biblicamente o mesmo apóstolo Paulo dedicando-se exaustivamente ao treinamento dos crentes, “tomando consigo os discípulos, passou a ensinar diariamente na escola de Tirano. Isso continuou por dois anos [...]” (At 19:9-10). Esta mesma ênfase de treinamento e capacitação multiplicada é expressa

---

<sup>344</sup> COMISKEY, 2014, p.12. *The church forms and building structures that were deeply embedded in Europe and later in North America hindered the full implementation of the priesthood of all believers.* (tradução nossa)

<sup>345</sup> SILVA, 2008, p.15-16.

<sup>346</sup> DANTAS, 2017, p.144.

em diretrizes práticas em carta subsequente ao próprio Timóteo: “e as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensiná-las a outros” (2Tm 2:2). Esta parece ser a mesma preocupação de Jesus, ao advertir seus discípulos que na continuação de seu legado, formassem novos discípulos “ensinando-os a obedecer a tudo o que lhes ordenei” (Mt 28:20), para que ao mesmo tempo em que a liderança se multiplicasse, a essência não se perdesse. Em resumo, o sacerdócio de todos os crentes exercido de forma saudável e duradoura através das gerações, passa por uma cultura de ensino prático, de treinamento como missão da Igreja de Cristo.

Esta é uma doutrina importante porque, como afirma Paulo aos Efésios, o Corpo de Cristo “cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Ef 4:16), o que traz a compreensão de um chamado universal a todos os membros do Corpo a desempenhar um papel no projeto de Deus por meio de Cristo. Sobre este aspecto, Jonas Clark ressalta que “todo crente recebeu algo que ajudará a promover o Evangelho do Reino”.<sup>347</sup> É importante perceber que no mesmo contexto bíblico, é função de uma realidade eclesial composta por apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres o preparo de todos os santos para a obra do ministério (Ef 4:11-12), trazendo esta esfera de treinamentos como essencial à vida da igreja local de forma pertinente às perspectivas da Nova Reforma Apostólica. Clark afirma que “todo crente nascido de novo está qualificado para ser equipado e posicionado para obras de serviço”,<sup>348</sup> concluindo que “para realizar esta grande estratégia e entrar na dimensão de capacitação apostólica, será necessário um foco no treinamento de liderança”,<sup>349</sup> o que constitui um dos motivos pelos quais consideramos, na Rede Apostólica Cristã, uma cultura eclesial de treinamentos como uma das engrenagens principais do sistema operacional das igrejas locais.

A cultura eclesial de treinamentos corresponde, portanto, a um ambiente de ensino ministerial aplicado à prática da vida cristã, promovendo o desenvolvimento

---

<sup>347</sup> CLARK, Jonas. *Advanced Apostolic Studies: Transitioning Every Believer into Apostolic Ministry*. Hallandale Beach: Jonas Clark Ministries, 2008. p.52. *Every believer has been given something that will help to advance the Gospel of the Kingdom*. (tradução nossa)

<sup>348</sup> CLARK, Jonas. *The Apostolic Equipping Dimension: equipping and deploying every believer*. Hallandale: Spirit of Life, 2001. p.36. *Every born again believer is qualified to be equipped and deployed for works of service*. (tradução nossa)

<sup>349</sup> CLARK, 2001, p.103. *To accomplish this great strategy and enter the apostolic equipping dimension will require a focus on leadership training*. (tradução nossa)



do sacerdócio de todos os crentes. Como supracitado, na tarefa de fazer discípulos em todos os lugares da terra, Jesus usou a expressão “ensinar a obedecer” como maior ação daqueles que já são seus discípulos devem praticar para com a nova geração (Mt 28:19-20). Apesar do discipulado não ser genuíno sem o aspecto relacional e afetivo, o que trataremos posteriormente ainda neste capítulo, ele precisa ser fundamentado em instruções práticas e claras a partir de uma base comum de fundamentação ministerial. Jesus é o maior modelo de liderança que combina discipulado com treinamento, o que Clark corrobora ao afirmar que “Ele pegou doze homens comuns com várias personalidades, fraquezas, falhas e pontos fortes e os transformou em uma equipe dinâmica e revolucionária que mudou o mundo”.<sup>350</sup> A partir do modelo recebido, os discípulos foram comissionados a replicarem-no às futuras gerações de cristãos.

De forma praticável, o conceito de treinamento na prática sistemática de uma igreja apostólica pode ser correlacionado ao conhecido termo bíblico *didaskalía*, como uma dinâmica de ensino, numa mesma raiz, por exemplo, da palavra didática em português. *Didaskalía* aparece no texto neotestamentário quinze vezes e é traduzida normalmente como “ensino” (1Tm 4:13) e “doutrina” (Tt 2:1).<sup>351</sup> Segundo a plataforma digital de estudos de termos gregos HELPS Word-studies, *didaskalía* pode ser definido como um “ensino adequadamente aplicado; doutrina cristã (ensino) conforme especialmente se estende ao seu necessário estilo de vida (aplicações)”.<sup>352</sup>

Um ambiente de ensino no contexto eclesiástico faz com que os cristãos produzam avanço em direção à maturidade espiritual. Como afirma Paulo aos Efésios em sua preocupação com a saúde desta igreja local, “o propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro” (Ef 4:14). Por outro lado, Pedro também descreve esta preocupação com o preparo dos crentes, com que os porquês de nossa fé estejam claros dentro de todos, ao recomendar que “estejam sempre preparados

<sup>350</sup> CLARK, 2001, p.104. *He took twelve ordinary men with various personalities, weakness, flaws and strengths and transformed them into a dynamic, world changing revolutionary team.* (tradução nossa)

<sup>351</sup> VINE, 2016, p.579.

<sup>352</sup> Disponível em <https://biblehub.com/greek/1319.htm>, acesso em 09/12/2022, às 20:20. *Properly applied-teaching; Christian doctrine (teaching) as it especially extends to its necessary lifestyle (applications).* (tradução nossa)

para responder a qualquer pessoa que pedir a razão da esperança que há em vocês” (1Pe 3:15). Na Família da Fé, entendemos que uma das missões da igreja local é causar este preparo em cada cristão que escolhe estar sob nossa responsabilidade pastoral.

Além disso, a capacitação dos crentes por meio de dinâmicas de ensino proporciona mais frutos para o Reino de Deus. Joel Comiskey conclui que “quando os membros se sentem capacitados, eles se sentem responsáveis por ministrar aos visitantes e também por acompanhá-los”.<sup>353</sup> Sobre a função de quem lidera a célula, Comiskey revela como resultado de uma pesquisa em oito grandes igrejas em células crescentes em diferentes continentes, que “líderes de célula que se sentem melhor treinados multiplicam suas células com maior rapidez”.<sup>354</sup> Em síntese, um ambiente dinâmico de treinamento por parte da igreja local faz com que, além de promover o crescimento pessoal em direção à maturidade cristã, líderes de célula e seus participantes produzam mais frutos para o Reino de Deus e contribuam para o crescimento qualitativo e quantitativo do cristianismo em sua realidade.

A partir desta visão ministerial, o treinamento como uma prática eclesial disponível a todos os crentes compõe um relevante aspecto do sistema operacional de uma igreja apostólica, já que, como afirma Larry Kreider, na Igreja do Novo Testamento, “todos os membros funcionavam como sacerdotes porque todos serviam como um ministro”.<sup>355</sup> Nesta perspectiva, é comum que as redes de igrejas apostólicas disponibilizem uma metodologia de ensino formal facilmente reproduzível no contexto das igrejas locais conectadas. A Rede Apostólica Cristã, por exemplo, possui uma Trilha de Treinamentos, composta por cursos práticos ministeriais, que todos os cristãos são encorajados e habilitados a trilhar, que a Família da Fé adota como currículo de ensino formal disponibilizado a todas as pessoas vinculadas às células. Desde a compreensão de princípios fundamentais, como a salvação por meio de uma Nova Aliança com Cristo, até conceitos ministeriais, como por exemplo diretrizes praticáveis para evangelizar, discipular e liderar um pequeno grupo de novos cristãos, a Trilha de Treinamentos traz uma base comum para todos nos fundamentos da Nova Reforma Apostólica. São três

---

<sup>353</sup> COMISKEY, 2019a, p.44.

<sup>354</sup> COMISKEY, Joel. *Crescimento Explosivo da Igreja em Células*. 3. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008a. p.30.

<sup>355</sup> KREIDER, 2020, p.10. *All members functioned as priests because everyone served as a minister.* (tradução nossa)

grandes módulos de ensino, aplicáveis em qualquer ambiente pela reprodução de um material teológico-prático para a vida de fé das pessoas, sendo intitulados como: Primeiros Passos, Fundamentos e Liderança. Como afirma Dantas, “no modelo celular, os membros das células proveem o ‘ninho’ da doutrinação e ensino bíblico da igreja. Este privilégio não pode ser tratado levianamente”.<sup>356</sup>

Numa igreja em células já estabelecida institucionalmente, normalmente concentram-se todos os treinamentos vinculados à estrutura predial comum da igreja, com professores capacitados que ensinam numa mesma sistemática e que reproduzem a cultura da igreja local, congregando as diferentes células e causando também o pertencimento ao coletivo de cada novo participante. Por outro lado, em igrejas em processo de implantação, é comum ainda não se ter um local específico para treinamentos; desta forma, desde as primeiras células, são promovidos os mais diversos treinamentos em ambiente residencial, vinculando os alunos das primeiras células às primeiras turmas, ainda pequenas, comumente conduzidas pelos líderes das primeiras células, que reproduzem o treinamento aprendido, por meio de um material já teologicamente sistematizado recebido.

Numa sequência lógica de aprendizado, partindo de temas mais básicos para outros mais complexos, a Trilha de Treinamentos da Rede Apostólica Cristã, objetiva causar este ensino de forma gradativa, como sustentado pela descrição do apóstolo João em sua carta à igreja, quando afirma:

Filhos, eu escrevo a vocês porque os seus pecados foram perdoados, graças ao nome de Jesus. Pais, eu escrevo a vocês porque conhecem aquele que é desde o princípio. Jovens, eu escrevo a vocês porque venceram o Maligno. Filhos, eu escrevi a vocês porque conhecem o Pai. Pais, eu escrevi a vocês porque conhecem aquele que é desde o princípio. Jovens, eu escrevi a vocês, porque são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno. (1Jo 2:12-14)

Em síntese, numa primeira fase de cristianismo, é preciso aprender sobre o perdão dos pecados e a paternidade de Deus; posteriormente, a internalizar a Palavra de Deus, vencer o Maligno e ser fortalecido; por último, conhecer profundamente a Deus, como aquele que é desde o princípio. Assim como apresentamos esta sistematização nos objetivos da célula de consolidação, discipulado e multiplicação, assim também cada módulo de treinamento que a igreja local disponibiliza corresponde a etapas crescentes de maturidade espiritual.

---

<sup>356</sup> DANTAS, 2017, p.41.

Na prática do modelo celular, não são todas as pessoas que envolvem-se imediatamente com os treinamentos propostos pela igreja local, uma vez que torna-se um compromisso à parte da participação em células. Há quem precise de horários alternativos ou que realmente não esteja disposto a dedicar-se a estudar perspectivas bíblicas mais intensivas que auxiliarão em sua formação. O pertencimento à igreja tem relação com o pertencimento às células e não à frequência nos treinamentos. Todavia, tomando o caso da Família da Fé como exemplo, sempre temos a expectativa que todas as pessoas sejam treinadas, avancem e se desenvolvam em sua caminhada com Deus e respectiva maturidade decorrente, entre outras coisas, de treinamentos intencionais para a compreensão de preceitos bíblicos fundamentais à vida cristã.

No caso da Família da Fé, com a Trilha de Treinamentos oriunda da Rede Apostólica Cristã, desenvolvemos turmas de treinamento presencial e virtual, ao longo dos anos, em diferentes propostas, cargas horárias e modalidades. Independentemente destas variáveis, percebemos que sempre há uma porção dos participantes das células que não se envolvem em alguns treinamentos, especialmente o curso de liderança. Como o treinamento de primeiros passos é um pré-requisito para o batismo, então torna-se o mais comumente aplicado e com maior número de pessoas envolvidas. Após o batismo, todos são estimulados aos próximos passos na Trilha de Treinamentos, respeitando a ação correspondente de cada participante da igreja local.

Para uma melhor compreensão da prática eclesial do caso estudado, serão descritos a seguir cada um dos três maiores módulos que compõem a Trilha de Treinamentos aplicada sistematicamente na realidade eclesial da Família da Fé.

#### **4.2.1 Primeiros Passos**

O curso de Primeiros Passos é o primeiro módulo de treinamento oferecido pelas igrejas vinculadas à Rede Apostólica Cristã. Consiste numa capacitação bíblica e doutrinária com duração total de seis horas, normalmente dividido em três encontros de duas horas, pautado em premissas fundamentais da fé cristã: a conversão a Cristo, a nova aliança, o novo nascimento, dinâmicas para edificação de um relacionamento com Deus, diretrizes práticas para a vida cristã e principais

pilares da visão da Igreja. Todas as pessoas que passam a pertencer às células da Família da Fé, são convidadas a cursarem este treinamento para um período inicial de formação espiritual e educação cristã.

Além de capacitar cada um dos novos crentes em Jesus com subsídios bíblicos elementares para as convicções de sua fé, o curso de Primeiros Passos também corresponde ao treinamento para fundamentar e sanar quaisquer dúvidas quanto à decisão pelo batismo nas águas e ao pertencimento à igreja local, em concordância às necessidades espirituais das pessoas que desejam conhecer a Deus por meio de Sua Palavra, como afirma o apóstolo Pedro: “como crianças recém-nascidas, desejem de coração o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom” (1Pe 2:2-3).

Em síntese, cada pessoa que passa a participar de uma célula precisa receber a oportunidade de conhecer as principais premissas da fé cristã e ter a capacidade de tomar uma decisão quanto à conversão a Cristo. Em caso afirmativo, é missão da Igreja causar o batismo e assumir responsabilidade pastoral pelo cuidado e crescimento espiritual de cada novo crente em Jesus. Esta decisão e possível vinculação possui como pré-requisito, na prática eclesial da Família da Fé, o curso de Primeiros Passos. Este treinamento também protege a pessoa que esteja conhecendo a igreja por meio das células de estar tomando uma decisão de pertencimento meramente emocional ou até mesmo fundamentada em princípios equivocados.

Biblicamente, vemos esta instrução presente na vida da Igreja Primitiva, quando, por exemplo, Filipe foi conduzido pelo Espírito Santo a encontrar o eunuco etíope que, ao ler os escritos dos profetas, não compreendia a Palavra de Deus. “Então Filipe, começando com aquela passagem da Escritura, anunciou-lhe as boas-novas de Jesus” (At 8:35). Na sequência deste período breve de ensino e pregação clara do evangelho, houve uma oportunidade de batismo: “prossequindo pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água. O eunuco disse: ‘Olhe, aqui há água. Que me impede de ser batizado?’ Disse Filipe: ‘Você pode, se crê de todo o coração’” (At 8:36-37). Da mesma forma, nos moldes da Nova Reforma Apostólica, entendemos que os únicos obstáculos ao batismo consistem ou na falta de entendimento das premissas básicas do Evangelho de Cristo ou na falta de fé nesta Palavra. “O eunuco respondeu: ‘Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus’. Assim,

deu ordem para parar a carruagem. Então Filipe e o eunuco desceram à água, e Filipe o batizou” (At 8:37-38). cremos que o batismo deve acontecer assim que a pessoa conheça o evangelho e creia em Jesus como Filho de Deus e seu Senhor, o que é claramente instruído por meio de Primeiros Passos.

No processo de implantação da Família da Fé, passamos a treinar os novos participantes das células em sequência à implantação da primeira célula. Nas primeiras turmas de Primeiros Passos, eu me desloquei para liderar o treinamento presencialmente (lembrando que entendemos este treinamento como pré-requisito tanto para o batismo como para o pertencimento à igreja local). Nas turmas subsequentes, Ilda replicava o treinamento aos novos participantes. Os treinamentos sempre são praticados em momento semanal distinto ao da reunião da célula, ocasionando, desde então, dois momentos semanais da vida coletiva da igreja sendo praticados. Desta forma, novos cristãos foram sendo batizados, vinculados à igreja, amadurecidos e encorajados. Desde o início do projeto de estabelecimento da igreja na cidade até hoje, todos os crentes vinculados à Família da Fé como igreja local recebem este treinamento como base comum para o entendimento e para o desenvolvimento de suas crenças.

De início, nos reuníamos no ambiente mais amplo que tínhamos para promover os grupos de treinamento: a sala de estar da casa da líder da primeira célula. Com o passar do tempo, assim que a igreja passou a ter uma sede institucional como referência, os treinamentos, em grupo cada vez maior, passaram a ocorrer na estrutura predial institucional e não mais nas residências. Com o crescimento das células, os treinamentos se tornam cada vez mais corriqueiros, o que pode prejudicar a rotina das famílias, caso mantidos numa residência fixa. Por isso, sempre preferimos que, à medida do possível, as células ocorram em ambiente residencial e os treinamentos numa sede institucional comum a todos.

Baseado na lógica de maturação espiritual de 1João 2:12-24, supracitada, concebemos o treinamento de Primeiros Passos como o ensino formal que corresponde ao objetivo bíblico de que todos conheçam Deus como Pai e tenham convicção, pela graça liberada mediante a fé em Cristo, que seus pecados são perdoados. Para que se faça parte do Reino de Deus, o batismo é uma premissa, uma vez que o entendemos como o ato espiritual que ratifica e simboliza o nascer da água e do Espírito, assim como afirmou Jesus: “digo a verdade: ninguém pode

entrar no Reino de Deus se não nascer da água e do Espírito” (Jo 3:5). Assim, todos os participantes da célula que correspondem ao treinamento no sentido de vincular-se à igreja e ainda não são conscientemente batizados por imersão como fruto de decisão de aliança com Cristo mediante o arrependimento de pecados, são convidados ao batismo, finalizando o processo de evangelismo como objetivo da célula para com cada um. A Família da Fé já batizou centenas de pessoas na cidade de Viamão, promovendo em média quatro cursos de Primeiros Passos por ano.

#### **4.2.2 Fundamentos**

O segundo módulo de treinamento numa modalidade de ensino formal que a Rede Apostólica Cristã disponibiliza para as igrejas locais vinculadas à sua visão eclesiológica é o curso de Fundamentos. Nesta etapa, os cristãos, já batizados e vinculados à comunidade local, aprendem subsídios sensivelmente mais profundos da Palavra de Deus para a prática da vida cristã, como sua identidade em Cristo, disciplinas espirituais para crescimento devocional, princípios basilares para a vida em família, preceitos bíblicos financeiros, seu papel na instauração do Reino de Deus e perspectivas sobre a era vindoura. São em média doze horas de treinamento, normalmente subdivididos em seis encontros de duas horas cada.

A proposta deste treinamento para com cristãos já vinculados à igreja é que sua caminhada com Cristo não seja abalada pelas circunstâncias adversas que a vida possa lhes proporcionar. Como afirmou Jesus, aquele que ouve as Suas palavras e as pratica “é como um homem que, ao construir uma casa, cavou fundo e colocou os alicerces na rocha. Quando veio a inundação, a torrente deu contra aquela casa, mas não a conseguiu abalar, porque estava bem construída” (Lc 6:48), ao passo que outra casa, como de quem ouve as Suas palavras e não pratica, não foi fundamentada e, por isso, acabou caindo (Lc 6:46-49). Este colocar de alicerces assinalado por Jesus é correlacionado à nomenclatura desta etapa, como fundamentos para a vida cristã. Esta advertência de Jesus ocorre, tanto no relato de Lucas como de Mateus, após uma série de ensinamentos práticos para aplicação da fé no cotidiano (Mt 5-7; Lc 6), como também é o objetivo deste curso.

Os momentos posteriores ao batismo, ao entendimento do perdão dos pecados e de uma relação nova e vívida com Deus como Pai por meio de Jesus

Cristo, abrem as portas para um período de consolidação da caminhada cristã. Trazendo novamente a correlação dos treinamentos com uma sistematização bíblica de maturação espiritual apresentada em 1Jo 2:12-14, o curso de fundamentos contribui para o aspecto de fortalecimento espiritual à medida que a Palavra permanece no interior de cada crente em Jesus. “Jovens, eu escrevi a vocês, porque são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno” (1Jo 2:14). Desta forma, a conclusão do curso de fundamentos normalmente anda junto com a finalização do processo de consolidação que a célula possui como objetivo para cada um de seus participantes. Por isso, os objetivos deste treinamento compreendem o enraizar da Palavra de Deus de forma mais profunda nos corações e na mente, o enfrentamento e a vitória sobre o mal a partir da prática da Palavra, para que a casa espiritual não seja desestabilizada, e consequente força e vigor em sua nova vida com Deus.

No processo de implantação das primeiras células da Família da Fé, no final do ano de 2013, já com duas células estabelecidas na cidade de Viamão, realizamos a primeira turma de Fundamentos, num grupo de catorze pessoas que se reuniam semanalmente, com o propósito de trilhar esta etapa da Trilha de Treinamentos proposta pela igreja. Concomitantemente, à medida que novos cristãos iam se conectando à realidade das células, novas turmas de Primeiros Passos foram sendo praticadas, criando uma rede de treinamentos contínuos como característica da igreja local, até então de Primeiros Passos e Fundamentos.

Quando uma pessoa entende os pressupostos fundamentais que lhe dão subsídios para cultivar o seu relacionamento pessoal com Deus, a maturação espiritual é inerente a tal ganho de autonomia e convicção de fé. Por isso, o curso de Fundamentos desperta o interesse em participar do curso de liderança, uma vez que o Espírito Santo de Deus já tem sido ativo em causar frutos que promovem o desenvolvimento de um chamado pessoal. Como conclui Jonathan David, “a pessoa que é capaz de ser liderada pelo Espírito Santo em sua própria vida já tem desenvolvido o alicerce para liderar outros com sucesso”.<sup>357</sup>

---

<sup>357</sup> DAVID, 1999, p.260. *The person who is able to be led by the Holy Spirit in his own life has already developed the foundation to successfully lead others.* (tradução nossa)



### 4.2.3 Liderança

Na Trilha de Treinamentos que a Rede Apostólica Cristã sistematiza e compartilha como visão para as igrejas locais vinculadas, o curso de Liderança é o módulo que finaliza o processo elementar de aprendizado teológico-prático e ministerial para a vida com Deus e, especialmente neste caso, para o desempenho funcional de cada indivíduo no corpo de Cristo. Como já afirmava Paulo aos Efésios, “todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Ef 4:16). Sendo o sacerdócio de todos os crentes uma das grandes características da Igreja Primitiva e, portanto, um dos objetivos restauradores da Nova Reforma Apostólica, o preparo para o desempenho de funções no corpo de Cristo é fundamental com relação à responsabilidade da liderança da igreja local em delegar propósitos e funções. No âmbito da Família da Fé, uma base comum para este preparo passa pela experiência de cursar Liderança, o que lança um piso comum a todos que pretendem desempenhar responsabilidades espirituais, especialmente no que tange ministrar espiritualmente a outras pessoas em nome da igreja local.

Tendo, no contexto da Nova Reforma Apostólica, o modelo celular como principal estratégia de pastoreamento das comunidades de cristãos que se estabelecem, o treinamento de liderança é uma peça-chave para que o efeito multiplicador das células ocorra de forma saudável, pois, como afirma Joel Comiskey, “o crescimento não pode ser maior do que sua capacidade de gerar novos líderes”.<sup>358</sup> Para Aluizio Silva, uma das premissas do modelo celular é que a igreja local seja edificada com base na expectativa de que cada membro seja um ministro.<sup>359</sup> O autor assinala neste contexto que “na igreja em células, seus membros têm a oportunidade de desenvolver seus potenciais e se tornarem produtivos”,<sup>360</sup> em contraste à modelos eclesiais em que os membros sentem-se como consumidores do trabalho ofertado pelos clérigos. Um treinamento como o de Liderança constitui uma importante ferramenta cognitiva para oportunizar o desenvolvimento ministerial de todos.

---

<sup>358</sup> COMISKEY, Joel. *Jovens no Ministério de Pequenos Grupos*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2019b. p.113.

<sup>359</sup> SILVA, 2008, p.15-18.

<sup>360</sup> SILVA, 2008, p.17.

O treinamento de Liderança aplicado na Família da Fé é um módulo composto por 28 horas de ensino formal, que são normalmente divididos em quatorze encontros semanais de duas horas cada. Este período é associado ao objetivo de discipulado por meio do pertencimento à célula, naquilo que a Bíblia descreve em conhecer a Deus como “aquele que é desde o princípio” (1Jo 2:13), o que significa ir além de conhecer a Deus para suprir as necessidades pessoais, mas enxergando a revelação divina em direção a propósitos maiores do que a relação pessoal espiritual que compõe a vida de fé. A conclusão deste treinamento é um dos parâmetros para que o objetivo de multiplicação da célula ocorra. Como afirma Larry Kreider, “como pequenos grupos estão constantemente crescendo e multiplicando, treinamento de liderança é uma parte muito importante da nossa missão”.<sup>361</sup>

Nesta perspectiva, o módulo de Liderança aborda temáticas práticas ministeriais voltadas para a dinâmica de liderar uma célula, como por exemplo, personalidade, credibilidade, evangelismo, consolidação, discipulado, adoração, oração intercessória, estratégias de crescimento, fatores influentes na multiplicação, entre diversos outros temas pertinentes. Como corrobora Wolfgang Simson, “o alvo do ensino no Novo Testamento não é a transmissão unilateral do conhecimento, mas consiste em ajudar pessoas a obedecer melhor a Deus e poder colocar-se melhor à disposição dos seus propósitos”.<sup>362</sup> Assim, os alunos do curso de liderança que estiverem abertos a iniciar imediatamente as práticas ministeriais podem se tornar líderes em treinamento no próprio ambiente das células a que pertencem, auxiliando os líderes ao mesmo tempo em que aprendem a praticar os conceitos que vêm sendo aprendidos no módulo de ensino.

Como posto anteriormente, a célula carrega a cultura da igreja local e a essência do cristianismo como religião vivida. Desta forma, as multiplicações sempre carregam consigo o risco de que a visão e os objetivos que se desdobram sejam perdidos ou ao menos mal compreendidos, por falta de capacitação dos novos líderes. Um bom treinamento de liderança minimiza a chance de desconexão de linguagem e propósito para com as novas células. Como assinala Dantas, “para um

---

<sup>361</sup> KREIDER, 2010, p.22. *As small groups are constantly growing and multiplying, leadership training is a very important part of our mission.* (tradução nossa)

<sup>362</sup> SIMSON, 2014, p.99.

ensino efetivo acontecer na esfera da célula, a liderança tem que estar sendo muito bem treinada”.<sup>363</sup>

Em sequência à história de implantação da Família da Fé, em março de 2014, esta emergente igreja local concluiu a capacitação de catorze cristãos para avançarem no seu envolvimento com o Reino de Deus em serem parte ativa da multiplicação das células e da expansão da igreja local na cidade. Celebramos assim a primeira turma de cristãos que concluíram toda a Trilha de Treinamentos, o que, neste ínterim, possibilitou que muitos se voluntariassem a colocar as mãos no arado e assumir novas responsabilidades em direção à multiplicação das células.

O meu envolvimento como responsável pelo projeto, como pastor local, se deu de forma muito mais intensa nos treinamentos do que propriamente na presença dentro das células, especialmente devido à distância geográfica. Enquanto as duas células existentes iam acontecendo de forma saudável, orgânica e simples, lideradas por Ilda, minha sogra, meu foco era viajar semanalmente de Lajeado/RS para Viamão/RS para formar esta equipe de novos líderes que voluntariamente estavam se dispondo em aprender mais sobre Deus e serem preparados para servir à igreja. Como afirma Peter Wagner, “muitos estudos têm confirmado o fato de que a variável institucional mais importante de crescimento e expansão da igreja local é a liderança”.<sup>364</sup> Por isso, a principal função do pastor principal de uma Nova Igreja Apostólica é a instrução, discipulado e supervisão de líderes, bem como a prioridade de uma contínua formação de novos líderes.

### **4.3 DISCIPULADO**

O atributo de discipulado praticado na Família da Fé é baseado num conceito relacional parental espiritual, que muitos autores da Nova Reforma Apostólica advogam. Em outras palavras, cristãos mais maduros colocam-se à disposição, como pais na fé que professam em comum aos que estão sendo gerados, para aconselhar, encorajar, instruir e impulsionar a vida de fé destes cristãos mais novos, como filhos, em sua caminhada com Deus, com base na estrutura relacional criada pelas células. Para Larry Kreider, “pequenos grupos são mais efetivos quando grupos se tornam uma família espiritual e o líder assume o

---

<sup>363</sup> DANTAS, 2017, p.41.

<sup>364</sup> WAGNER, 1993b, p.20.

papel de parentalidade espiritual”.<sup>365</sup> Discipulado pode ser definido como um relacionamento cristão com propósito intencional de maturação espiritual, tanto na esfera individual como em pequeno grupo. Mais profundamente, Vorster define que “um discipulador é alguém que já esteve aonde você quer ir, tem as qualidades e o caráter que você deseja ter estabelecido em sua vida e está disposto a ajudá-lo a alcançar todo o seu potencial e cumprir o objetivo dado por Deus para você”.<sup>366</sup>

Apesar de termos abordado o discipulado como um dos objetivos da célula, ele também consiste numa das engrenagens do sistema operacional de uma igreja apostólica. O discipulado vai além dos objetivos internos da célula, como por exemplo na perspectiva do relacionamento desta natureza que os líderes de célula precisam para terem subsídios de discipularem a outros. O teor do discipulado de líderes ocorre no contexto de supervisão, o que será abordado ainda neste capítulo. O discipulado precisa ser, assim como as células, uma cultura presente no ambiente eclesial das novas igrejas apostólicas. Como Philip Byler corrobora, “cada congregação e cada célula da igreja, para ser de natureza apostólica, deve tornar-se intencional na busca de fazer discípulos.”.<sup>367</sup>

Para compreendermos a importância do discipulado como parte do sistema operacional de uma nova igreja apostólica precisamos entender a sua relevância. Trazendo novamente à tona a grande comissão, temos os aspectos complementares de evangelismo e discipulado. Contudo, sabemos que, proporcionalmente ao todo da vida de um cristão, ser evangelizado é uma pequena parte do processo de vivência do cristianismo quando comparado à esfera do discipulado, que é um processo contínuo. Apesar do evangelismo ser de extrema relevância e importância, se não for seguido por práticas de discipulado, terá sido uma ação superficial e infrutífera, como as sementes que caem à beira do caminho, em solo pedregoso ou que crescem entre espinhos, na analogia da parábola do semeador (Mt 13:3-23). O solo que frutificou foi um solo preparado, fértil e com profundidade, e, posteriormente ao plantio, irrigado e livre de espinheiros. Este é o resultado do processo de discipulado, que faz com que cada cristão frutifique,

---

<sup>365</sup> KREIDER, 2010, p.51. [...] *small groups are most effective when groups become a spiritual family and the leader takes on the role of a spiritual parent.* (tradução nossa)

<sup>366</sup> VORSTER, 2018, posição 690/4050. *A Discippler is someone who has been where you want to go, has the qualities, and character, you desire to have established in your life, and is willing to help you to reach your full potential, and fulfil your God-given goal.* (tradução nossa)

<sup>367</sup> BYLER, 2008, p.6. *Every congregation and every cell of the church, if it is to be apostolic in nature, must become intentional in the pursuit of making disciples.*

conforme Jesus expressa Sua expectativa: “meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos” (Jo 15:8). Ao escrever profundamente sobre o tema, Michael Wilkins sintetiza: “podemos ir ao ponto até de dizer que, de muitas maneiras, o discipulado é o objetivo maior da igreja”.<sup>368</sup>

Ao abordar o discipulado como um processo de vida, Wilkins conclui: “se o discipulado é a vida cristã, e se o discipulado é um processo, então a igreja precisa se dirigir a todas as áreas do processo da vida do cristão”.<sup>369</sup> Por isso, o discipulado como cultura precisa estar presente nas intenções de todas as programações da igreja. Ao se praticar reuniões de pequeno ou grande grupo, treinamentos formais, evangelismo, consolidação, comunhão, adoração, estudo bíblico, aconselhamento, refeições, visitas, compartilhamento de desafios ou qualquer outra prática eclesial, a intenção de promover discipulado deve estar contida direta ou indiretamente. Como sintetiza David Mesquiati de Oliveira, escrevendo sobre a natureza eclesial de maturação cristã, uma vez recebido o evangelho, “esse indivíduo estabelece relações mútuas de discipulado e serviço com os demais, em um processo de amadurecimento espiritual contínuo”.<sup>370</sup> Oliveira descreve de forma crítica alguns movimentos missionais muito difundidos recentemente na América Latina que estabeleceram uma tradição de ter como finalidade última o anúncio da mensagem salvífica de Cristo, desprovidos de uma intenção sequencial de formação e maturação por meio de dinâmicas de discipulado, o que por sua vez minimizou uma perspectiva de que a Igreja pudesse penetrar a sociedade com os valores de Cristo por meio de sua própria comunidade leiga, como abordado anteriormente no paradigma missional da Nova Reforma Apostólica.<sup>371</sup>

Joel Comiskey afirma que o propósito do ministério de células é “fazer discípulos que façam discípulos”,<sup>372</sup> ressoando as palavras de Jesus na Grande Comissão (Mt 28:19). O apóstolo Paulo também ensinou este princípio de formação continuada de novas gerações no contexto da igreja em sua carta a Timóteo, quando orienta-o para que “as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas

---

<sup>368</sup> WILKINS, Michael. *Following the Master: Discipleship in the steps of Jesus*. Ed. Kindle. Grand Rapids: Zondervan, 2021. p.279.

<sup>369</sup> WILKINS, 2021, p.346.

<sup>370</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011. p.123.

<sup>371</sup> OLIVEIRA, 2011, p.119-123.

<sup>372</sup> COMISKEY, Joel. *Fazer Discípulos na Igreja do Século 21*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2017. p.14.

testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros” (2Tm 2:2). O cristianismo se sustenta por meio de um sistema reproduzível a partir da formação discipulos que geram discipulos, o que pode ser uma definição substancial para o propósito maior de um líder de célula.

A cultura de discipulado também carrega consigo uma proteção à visão celular, para que não torne-se algo numérico e metodológico e, por consequência, instável e infrutífero. Comiskey ressalta que “se o fundamento é superficial, há uma grande chance de o ministério de células não resistir aos temporais de dúvida, resistência e cansaço. Líderes de célula, supervisores e equipe podem desistir quando as coisas se tornarem difíceis”.<sup>373</sup> Por outro lado, a vida da célula representa um terreno apropriado para que tudo o que é aprendido no âmbito do discipulado possa ser praticado. Comiskey ressalta, destacando o modelo de discipulado de Jesus, que “os discípulos certamente tinham um relacionamento pessoal com Deus, mas esse relacionamento pessoal precisava ser moldado e formado em uma atmosfera de comunidade onde os ‘uns aos outros’ bíblicos eram priorizados”,<sup>374</sup> o que concorda com as palavras de Jesus na validação da identidade dos discípulos: “um novo mandamento dou a vocês: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (Jo 13:34-35).

Portanto, quando falamos de discipulado, falamos sobre a realidade última de ser um seguidor de Cristo e receber o seu amor sacrificial, tornando-se um discípulo do Senhor Jesus; como afirma Dietrich Bonhoeffer, em primeira instância “o discipulado é um compromisso com Cristo”.<sup>375</sup> Contudo, Jesus delegou este objetivo para ser causado no contexto das relações humanas, quando afirma ao seu primeiro grupo de discípulos, já treinado e mais maduro que os demais que expressassem este amor uns para com os outros (Jo 13:35) e, principalmente, gerassem novos discípulos continuamente (Mt 28:19-20).

Por isso, relações propositais e orgânicas de discipulado devem estar presentes numa igreja que preze pelos conceitos da Nova Reforma Apostólica. O discipulado é um dos pilares a serem restaurados no contexto do cristianismo do

---

<sup>373</sup> COMISKEY, 2017, p.28.

<sup>374</sup> COMISKEY, 2017, p.37.

<sup>375</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. p.34.

século XXI a uma perspectiva bíblica. Muitas comunidades cristãs têm transformado o princípio do discipulado em programações formais, treinamentos teológicos ou até mesmo numa busca individualizada. Não é isto que Cristo praticou. Discipulado é causado por relacionamentos com propósito claro para crescimento em direção à vivência da Palavra de Deus e da esfera comunitária do cristianismo.

O treinamento como parte do sistema operacional de uma nova igreja apostólica contribui como estímulo e ignição às relações de discipulado que permeiam a igreja. Contudo, não se pode reduzir discipulado a uma aula ou a um encontro semanal, mas sim a uma esfera relacional que mescla ensino, aconselhamento, compartilhamento, amizade, correção e diversos outros aspectos em resposta aos desafios do contexto em que estiver inserido (2Tm 3:16). Como afirma Joel Comiskey, “Jesus não os reunia simplesmente uma vez por semana para uma ‘aula de discipulado’. Ele viveu com eles, compartilhou recursos financeiros e os ensinou sobre os valores do reino”.<sup>376</sup>

#### 4.3.1 Parentalidade espiritual

Como contribui Joseph Hellerman, “a formação espiritual ocorre principalmente no contexto da comunidade”.<sup>377</sup> Deus estabeleceu em sua Palavra a essência do cristianismo a partir da vida comunitária, tanto no modelo terreno de Jesus em seu ministério como posteriormente na vida da Igreja Primitiva. Comiskey refuta práticas unilateralmente individualistas de cristianismo; para ele, “um relacionamento pessoal e exclusivo com Deus é estranho ao cristianismo do Novo Testamento”,<sup>378</sup> em alusão à naturalidade da vida comunitária e das relações de discipulado. A formação espiritual de cada indivíduo também se dá e cresce neste meio, na comunidade de cristãos. Contudo, são necessários relacionamentos intencionais para isso. As palavras de Paulo a Timóteo ecoam em nossos dias, sobre relacionamentos infrutíferos mesmo no contexto da comunidade cristã: “rejeite, porém, as fábulas profanas e tolas e exercite-se na piedade” (1Tm 4:7). Por isso, o discipulado não ocorre simplesmente pelo cultivo de relacionamentos. Por

<sup>376</sup> COMISKEY, 2014, p.19. *Jesus didn't simply gather them once a week for a "discipleship class." He lived with them, shared financial resources, and taught them about kingdom values.* (tradução nossa)

<sup>377</sup> HELLERMAN, Joseph H.. *When the Church Was a Family*. Ed. Kindle. Nashville: B&H Publishing, 2009. p.1. *Spiritual formation occurs primarily in the context of community.* (tradução nossa)

<sup>378</sup> COMISKEY, 2017, p.50.

outro lado, não há uma cultura eclesial de discipulado sem relacionamentos. Há, portanto, um caminho bíblico para como este relacionamento deva acontecer a fim de produzir os frutos do verdadeiro discipulado e causar formação espiritual de forma saudável e proveitosa. A conceituação relacional eclesial dentro do conceito de famílias espirituais é uma alternativa elucidada pela Nova Reforma Apostólica para se vislumbrar de forma mais assertiva a cultura do discipulado no ambiente de uma igreja em células. Como afirma Ronald Cottle, “o relacionamento de pais e filhos espirituais é muito diferente daquele entre um professor e aluno ou aprendiz. Estes tendem a ser instrucionais ao invés de existenciais”.<sup>379</sup> Tradicionalmente, o discipulado é visto como uma relação de aprendizado. Na perspectiva parental espiritual, ele adquire maior profundidade relacional e significado.

Para Keith Phillips, “o discipulado é a única maneira de evitar a má nutrição espiritual e a fraqueza dos filhos espirituais pelos quais sou responsável”,<sup>380</sup> trazendo este conceito de que discipuladores entendam uma distinção de maturidade e experiência, mas também causando uma relação afetiva e de responsabilidade sobre os novos crentes como filhos que precisam ser amados, instruídos e nutridos. Neste contexto, não basta à igreja “suportar a fraqueza dos fracos” (Rm 15:1), é preciso trabalhar para “preparar os santos para a obra do ministério” (Ef 4:12). Portanto, é propícia também uma definição mais técnica de Greg Ogden, quando afirma que “discipular é um relacionamento intencional no qual caminhamos com outros discípulos a fim de encorajar, equipar e desafiar um ao outro em amor para crescer em direção à maturidade em Cristo”.<sup>381</sup>

Quando temos a célula como ferramenta para que a vida de pequeno grupo seja praticada, podemos vislumbrar por meio dela também a prática de discipulado, tanto no ato da reunião, como principalmente em momentos cotidianos, nos quais não há formalidades, mas sim profundidade, sinceridade, convivência espontânea e propósito de maturação. Como afirma Comiskey, “a célula proporciona uma estrutura

---

<sup>379</sup> COTTLE, Ronald. *The Joining of the Lord: Understanding Spiritual Father and Son Relationship*. Columbus: TEC, 2012. p.23. *The spiritual father/son relationship is much different from the one between a teacher and a student or learner. These tend to be instructional instead of existential.* (tradução nossa)

<sup>380</sup> PHILLIPS, Keith. *A Formação de um Discípulo*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2008. p.18.

<sup>381</sup> OGDEN, Greg. *Transforming Discipleship*. 2. ed. Downers Grove: IVP Books, 2016. p.124. *Discipling is an intentional relationship in which we walk alongside other disciples in order to encourage, equip and challenge one another in love to grow toward maturity in Christ. [...] spiritual adoption.* (tradução nossa)



menor de prestação de contas que possibilita o desenvolvimento de relacionamentos mais profundos”,<sup>382</sup> lembrando de conceituar a célula como o grupo e não somente como a reunião do grupo. Ao comparar o aspecto das reuniões da célula com as reuniões públicas, de grande grupo, o autor caracteriza que os grupos pequenos “ajudam os membros a retirar suas máscaras e participar na vida uns dos outros ao permitirem que o amor prevaleça”.<sup>383</sup> Contudo, mesmo numa perspectiva familiar espiritual, se todos os participantes unicamente se considerarem irmãos em Cristo, há um risco muito grande de conflitos, divisões e até mesmo rupturas. As relações de discipulado podem ser consideradas como relacionamentos de parentalidade (pais e mães) espiritual sobre os cristãos mais novos, como filhos espirituais que estão sendo gerados e acompanhados, tanto na esfera individual como no âmbito do pequeno grupo. Como ressalta Cottle, “o fundamento de qualquer relacionamento verdadeiro entre pais e filhos espirituais deve ser formado por um vínculo autêntico”, no que o autor caracteriza como um processo de “adoção espiritual”.<sup>384</sup>

Comiskey exalta o ambiente residencial da célula como fator gerador de uma cultura familiar espiritual para os relacionamentos que se desdobram da participação das reuniões e conseqüente vinculação à igreja local. Desde o contexto neotestamentário, quando afirma que “a igreja primitiva reunia-se em casas para dar continuidade a essa mentalidade familiar”,<sup>385</sup> até a prática contemporânea, ao ressaltar que “quando uma pessoa sente o aconchego de amor e segurança de uma família, a cura flui com maior liberdade”,<sup>386</sup> Comiskey conclui: “Deus escolheu as igrejas nas casas para fortalecer a imagem da família nas Escrituras”.<sup>387</sup> Michael Wilkins concorda, afirmando que “discípulos individuais precisam funcionar como família de Deus”.<sup>388</sup> Carlito Paes, por sua vez, sintetiza o conceito de igreja-família, afirmando que “a família é o melhor modelo para a Igreja de Cristo na Terra”.<sup>389</sup>

Desde o início da implantação da Família da Fé, minha esposa e eu atuávamos nas relações de discipulado para com cada um dos líderes que foram

---

<sup>382</sup> COMISKEY, 2017, p.51.

<sup>383</sup> COMISKEY, 2017, p.52.

<sup>384</sup> COTTLE, 2012, p.26. *The foundation of any true spiritual father/son relationship must be formed in an authentic bond.* (tradução nossa)

<sup>385</sup> COMISKEY, 2017, p.38.

<sup>386</sup> COMISKEY, 2017, p.58.

<sup>387</sup> COMISKEY, 2017, p.59.

<sup>388</sup> WILKINS, 2021, p.247.

<sup>389</sup> PAES, Carlito. *Uma Igreja-Família: Biblicamente Apostólica, Profética e Pastoral.* São José dos Campos: Inspire, 2019. p.35.

sendo formados, ao passo que os líderes causavam as relações mais diretas de discipulado com os participantes das células, formando uma rede relacional. Estas relações de discipulado causam orientação, segurança e propósito, a fim de que cada cristão não sinta-se um aventureiro “no escuro” daquilo que Deus lhe dá como missão, mas sim confiante no novo terreno eclesial por cristãos mais maduros que disponibilizam suporte, ensino e conselho sempre que necessário.

É importante pontuar que os relacionamentos de discipulado ocorrem em maior proporção de forma orgânica pelo relacionamento proposital que se dá por convívio, comunhão e desempenho em conjunto de tarefas ministeriais e práticas devocionais. Assim como Jesus ensinava seus discípulos na rua, nas casas, no barco, durante as refeições, temos como modelo causar esta proximidade relacional com um pequeno grupo de cristãos para gerar maturidade e orientação. Como o discipulado é limitado em alcance para não se perder esta proximidade, conforme íamos causando este ambiente, outros líderes mais maduros foram sendo formados, como auxiliares dos líderes de célula, e iniciando o processo de discipular os novos cristãos que estavam chegando às células constantemente, numa perspectiva natural de relacionamentos parentais espirituais acontecendo na vida da igreja local.

Sobre este aspecto parental espiritual, a Bíblia relata a ausência relacional de Jesus para com os seus discípulos como orfandade: “não os deixarei órfãos; voltarei para vocês” (Jo 14:18), o que denota que o discipulado de Cristo nesta terra foi baseado numa pressuposição relacional afetiva parental; de forma análoga, reflete os relacionamentos de Paulo com Timóteo (1Tm 1:2), Tito (Tt 1:4) e Onésimo (Fm 1:10), como relações de pai e filhos espirituais, para citar alguns exemplos. Nas instruções neotestamentárias para a igreja também vemos esta linguagem de parentalidade espiritual nos escritos de Paulo aos Coríntios (1Co 4:15), Gálatas (Gl 4:19) e Tessalonicenses (1Ts 2:7-11), e nas cartas aos Hebreus (Hb 5:12-14), de Pedro (1Pe 2:2) e de João (1Jo 2:12-14), para citar algumas contextualizações bíblicas deste atributo relacional familiar espiritual entre discipuladores e discípulos.

Jesus é o primeiro a causar o conceito de família espiritual nas práticas vividas do Reino de Deus, inclusive com primazia relacional sobre a família natural, ao responder: “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”, perguntou ele. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: ‘Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha

irmã e minha mãe” (Mt 12:48-50). Outro exemplo da concepção de Jesus sobre o discipulado como família espiritual foi quando Jesus disse a um homem: “Siga-me’. Mas o homem respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai’. Jesus lhe disse: ‘Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus” (Lc 9:59-60). Sobre este episódio, N. T. Wright afirma que “a única explicação para a surpreendente ordem de Jesus é que ele considerava a lealdade a si mesmo e ao movimento de seu reino como a criação de uma família alternativa”.<sup>390</sup> Nesta mesma temática, Jesus afirma aos discípulos, no episódio do jovem rico, que “ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, deixará de receber cem vezes mais, já no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, e com eles perseguição; e, na era futura, a vida eterna” (Mc 10:29-30), indicando que uma grande família espiritual é parte da recompensa de Deus em vida àqueles que praticaram abnegação em prol do evangelho.

Interessantemente, Jesus não diz que receberemos apenas irmãos e irmãs, mas também mães e filhos, neste contexto de família espiritual, na terminologia de Kreider, ou família alternativa, como define Wright. Kreider sintetiza sobre isto que “todos são chamados para serem uma mãe espiritual ou um pai espiritual: cada um de nós é nutrido como uma criança para se tornar um pai ou mãe”.<sup>391</sup> Assim, cremos que nas relações de discipulado, indiferente da idade natural do novo crente em Jesus, todos nascemos de novo por meio do batismo para nos tornarmos recém-nascidos espiritualmente (1Pe 2:2). Depois passamos pela infância, juventude e conseqüente maturidade, que vem pela experiência de contribuir para gerar outros novos discípulos, no que João caracteriza como “pais” (1Jo 2:12-14).

Na prática do relacionamento parental de discipulado, deve haver clareza do papel de cada um. Kreider contextualiza afirmando que “experiência e maturidade devem ser o padrão de medida que indica quem deve mentorear quem”,<sup>392</sup> o que logicamente deve estar intencionalmente sob influência de supervisão líderes mais

<sup>390</sup> WRIGHT, N. T. *Jesus and the Victory of God*. Ed. Kindle. London: SPCK, 1996. p.509. *The only explanation for Jesus’ astonishing command is that he envisaged loyalty to himself and his kingdom-movement as creating an alternative family.* (tradução nossa)

<sup>391</sup> KREIDER, Larry. *The Cry for Spiritual Mothers and Fathers*. Ed. Kindle. Minneapolis: Chosen Books, 2014. p.25. *Everyone is called to be a spiritual mother or spiritual father: Each of us is nurtured as a child to become a parent.* (tradução nossa)

<sup>392</sup> KREIDER, Larry. *Mentoria Espiritual Autêntica: ajudando pessoas a chegar à maturidade espiritual*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2011. p.39.

experientes. Um cuidado que temos na Família da Fé é que as relações mais estreitas de discipulado ocorram entre homens com homens e mulheres com mulheres, para que não ocorra nenhuma confusão emocional ou social. Contudo, é bem comum que casais de discipuladores tenham momentos de orientação com homens ou mulheres ou casais. Por outro lado, a idade não é um empecilho. Apesar de na prática se mostrar mais fácil uma dinâmica de discipulado quando a pessoa menos madura também é ou mais jovem ou da mesma idade, fisicamente, também é possível discipular pessoas mais velhas. Temos um bom exemplo na essência da origem da Família da Fé, por meio da qual minha esposa e eu somos discipuladores da minha sogra, que obviamente é mais velha do que nós.

Como último aspecto da parentalidade espiritual, está a distinção entre os filhinhos, jovens e pais, na caminhada cristã com relação à visão e atitude do discipulador, na analogia, referida anteriormente, de 1João 2:12-14.

Larry Kreider faz uma boa comparação sobre esta analogia. Segundo o autor, “há muitos bebês espirituais (novos cristãos) na igreja hoje, com poucos pais e mães espirituais disponíveis para discipular”; ele resume as características dos filhinhos: “eles fazem barulho quando não conseguem o que querem, reclamam por não serem alimentados e ainda não assumiram a responsabilidade espiritual de treinar a próxima geração”.<sup>393</sup> Os jovens espirituais apresentam outros frutos, que devem ser percebidos pelo discipulador. “rapazes (e moças) espirituais, de acordo com a Bíblia, têm a Palavra de Deus habitando neles e venceram o maligno. Eles aprenderam a se alimentar da Palavra para vencer o diabo, mas ainda não se tornaram pais ou mães espirituais”.<sup>394</sup> A paternidade/maternidade muda a perspectiva da realidade do indivíduo, tanto na esfera natural como na espiritual. Para Kreider, “um dos maiores catalisadores para a maturidade como cristão é tornar-se um pai ou mãe espiritual. Muitos dos problemas que surgem nas igrejas

---

<sup>393</sup> KREIDER, 2020, p.62. *There are many spiritual babies (new Christians) in the church today, with few spiritual fathers and mothers available to disciple them. [...] They make a fuss when they don't get their own way, complain about not being fed, and have not yet taken spiritual responsibility to train the next generation.* (tradução nossa)

<sup>394</sup> KREIDER, 2020, p.62. *Spiritual young men (and women), according to the Bible, have the Word of God abiding in them and have overcome the wicked one. They have learned to feed on the Word for themselves in order to overcome the devil, but they have not yet become spiritual fathers or mothers.* (tradução nossa)

hoje são causados por jovens espirituais que estão cheios da Palavra de Deus, mas não tiveram a experiência de se tornarem pais espirituais”.<sup>395</sup>

Na prática, os discipuladores como pais espirituais, assim como fazem os pais naturais, devem discernir a maturidade daqueles sobre os quais têm compromisso de contribuir para o crescimento, nutrição e maturidade, e reagir adequadamente à luz da Palavra de Deus. Isto faz com que se formem laços relacionais estreitos e se desenvolva uma amizade, o que resulta em novas experiências com Deus e testemunhos de transformação.

#### 4.4 SUPERVISÃO

O último aspecto compreendido pela Rede Apostólica Cristã para o funcionamento do sistema operacional de uma Nova Igreja Apostólica é a supervisão, que atua conjuntamente com as células, os treinamentos e o discipulado. A supervisão possui dois objetivos principais: a gestão contínua da liderança, causando coletividade e vinculação às células pertencentes à igreja local, e o provimento de um ambiente de conexão relacional que possibilite o discipulado dos líderes de célula. Neste sentido, Roberto Bottrel define a função de supervisão sobre os líderes de célula como “um equilíbrio entre pastoreio, visão e gestão”.<sup>396</sup> Em termos de relevância, a supervisão é tão fundamental como as células, os treinamentos e o discipulado, para um funcionamento saudável da igreja local. Com a multiplicação das células e a formação de uma equipe de liderança, a supervisão torna-se vital para um crescimento sustentável da comunidade. Jim Egli e Dwight Marable corroboram ao afirmar: “nossa pesquisa demonstra que a supervisão é o fator mais importante na saúde dos ministérios de pequenos grupos”.<sup>397</sup>

Ao descrever uma estrutura multiplicadora de liderança no modelo celular William Beckham afirma que “os líderes são ligados um ao outro para apoio e

---

<sup>395</sup> KREIDER, 2020, p.62-63. *One of the greatest catalysts to maturity as a Christian is to become a spiritual father or mother. Many of the problems that surface in churches today are caused by spiritual young men and women who are full of the Word of God but have not had the experience of becoming spiritual parents.* (tradução nossa)

<sup>396</sup> BOTTREL, 2015, p.268.

<sup>397</sup> EGLI, Jim; MARABLE, Dwight. *Small Groups, Big Impact: Connecting People to God and One Another in Thriving Groups.* Ed. Kindle. CCS Publishing, 2014. Posição 954/1163. *Our research demonstrates that coaching is the most pivotal factor in the health of small group ministries.* (tradução nossa)

prestação de contas”.<sup>398</sup> Esta conexão entre líderes é responsabilidade do âmbito da supervisão de uma igreja local. Inicialmente, assim como ocorreu na implantação da Família da Fé, os pastores principais são responsáveis por reunir, supervisionar o ministério e discipular cada um dos novos líderes que vão sendo formados e enviados. Posteriormente, com a multiplicação das células e o desenvolvimento de líderes de líderes, novos supervisores emergem para causar este atributo na equipe multiplicada e os pastores passam a dar suporte aos supervisores. Como afirma Comiskey, “assim como um líder de célula não deve ficar sozinho, assim também um supervisor precisa de ajuda”,<sup>399</sup> refletindo a estrutura múltipla de gestão e discipulado que precisa estar presente numa igreja estruturada em células.

Desta forma, a supervisão também é cultivada e praticada com base no conceito de pequenos grupos. Como escreve Joel Comiskey sobre o modelo bíblico de liderança eclesial, “Jesus praticou o princípio da concentração: quanto menor o tamanho do grupo, maior é a possibilidade de instrução”.<sup>400</sup> Assim, a supervisão torna-se como uma célula de líderes, um pequeno grupo em que são pastoreados, nutridos e discipulados. Na analogia de Jesus para com seus discípulos, que discipulavam outros, o pastor líder da igreja local é o primeiro supervisor, causando, desde o início, reuniões regulares com a equipe de liderança para promover um pastoreamento coeso e saudável de todos. Como afirma Paul Yonggi Cho, “ele [o pastor] deve continuar a ter um ativo relacionamento com os líderes de célula”.<sup>401</sup>

No caso da Família da Fé, durante o primeiro ano de implantação da igreja, minha esposa e eu exercemos diretamente a função de supervisão, o que foi facilitado pelo fato de que foi minha sogra que liderou durante aquele ano as duas primeiras células que estabelecemos. Os vínculos familiares, a experiência pregressa e o fato de ser apenas uma pessoa na liderança possibilitou que desempenhássemos com êxito este papel, tanto de forma presencial como virtual.

O ano de 2014 foi marcado pelas primeiras multiplicações de célula na Família da Fé, por meio das quais novos líderes passaram a exercer ministério. Na linguagem cultural das igrejas estruturadas em células, supervisores são líderes de

---

<sup>398</sup> BECKHAM, 2007, p.211.

<sup>399</sup> COMISKEY, Joel. *Seja um Supervisor de Células Eficaz*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2006. p.13.

<sup>400</sup> COMISKEY, Joel. *Multiplicando a Liderança*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008b. p.82.

<sup>401</sup> CHO, 1981, posição 1165/1934. *He [the pastor] must continue to have an active relationship with the cell group leaders*. (tradução)

líderes. Assim, devido à nossa distância geográfica, seguimos supervisionando individualmente minha sogra como líder local, que por sua vez reunia presencialmente e semanalmente os líderes que foram sendo estabelecidos à frente das novas células, no contexto de pequeno grupo. Numa frequência menor e sempre que possível, minha esposa e eu participamos juntos das reuniões de gestão da liderança e atuávamos também conjuntamente com Ilda no discipulado dos primeiros líderes. Desde o período de implantação da igreja Família da Fé, este foi o sistema operacional de supervisão até retomarmos residência na cidade de Viamão, em 2019, quando já contávamos com quinze células. Egli e Marable concluem que “toda a igreja com mais de três pequenos grupos precisa de um sistema de supervisão”,<sup>402</sup> o que tivemos o cuidado de estabelecer desde o início.

A supervisão é a engrenagem mais complexa do sistema operacional de uma igreja apostólica. Primeiramente, porque precisa contar com crentes que tenham tido êxito na liderança e multiplicação de suas células, que sejam experimentados em seu caráter e que tenham capacidade de exercer liderança sobre outros líderes, para que somente então exerçam a função de supervisores; isto requer tempo e frutos perceptíveis na caminhada ministerial.<sup>403</sup> Em segundo lugar, porque requer disponibilidade para planejar reuniões de pequeno grupo com os líderes de célula, praticar eventualmente o discipulado individual e visitar rotineiramente as células sob sua supervisão; requer entrega e abnegação. Como concorda Wagner Carvalho, pastor da Igreja Central em Belo Horizonte e responsável pela mentoria de transição de igrejas para o modelo celular, “uma supervisão eficiente de células tem sido o maior desafio de nossa igreja”.<sup>404</sup>

A supervisão é essencial numa igreja estruturada em células, pois protege a visão e mantém sua cultura, assim como eleva o nível de discipulado dos líderes, a fim de serem supridos nas demandas pessoais e ministeriais. Como afirma Comiskey, “sem supervisão, as células que eram saudáveis começam a morrer lenta e dolorosamente”.<sup>405</sup> O teor da esfera de gestão da liderança por meio da supervisão, o que provê um ambiente de vida, resolução de desafios e manutenção

---

<sup>402</sup> EGLI; MARABLE, 2014, posição 971/1163. *Every church with more than three small groups needs a coaching system.* (tradução nossa)

<sup>403</sup> BOTTREL, 2015, 266-270.

<sup>404</sup> CARVALHO, Wagner. *Transição: o passo a passo para o modelo celular.* Belo Horizonte: Central, 2016. p.96.

<sup>405</sup> COMISKEY, 2006, p.11.

preventiva das células, é estruturado por meio de reuniões semanais, que podem variar sua dinâmica de acordo com o tamanho da equipe de liderança, dados informados pelos líderes de célula (pessoalmente ou virtualmente) e visitas dos supervisores às células que estão sob sua responsabilidade. Como destaca Bottrel, nesta prática de gestão da liderança, “são colocadas as metas da igrejas para as células, apresentadas as barreiras e dificuldades encontradas, compartilhadas soluções e caminhos, adotadas novas práticas e, sempre, celebrada cada vitória”.<sup>406</sup>

O fator da supervisão carrega consigo desafios enormes para os pastores que são responsáveis pela gestão geral da igreja e das células. Pois supervisores são líderes que estão com uma autoridade delegada maior, tanto como gestores de um grupo de células como discipuladores de uma equipe de líderes. Isto requer um treinamento e discipulado específicos. Infelizmente, muitas igrejas em células esbarram no estabelecimento de supervisões como barreira ao crescimento, ou por não conseguirem delegar a liderança de líderes e a gestão de células de forma saudável ou por não conseguirem capacitar adequadamente os supervisores com uma visão clara de suas atribuições. A supervisão das células constante e multiplicadora é uma das principais chaves para uma igreja em células não esbarrar em barreiras de crescimento ou passar por processos de divisão em sua comunidade.

Em resumo, o sistema de implantação de uma Nova Igreja Apostólica, como no caso da Família da Fé como parte da Nova Reforma Apostólica, possui quatro grandes práticas: células, treinamentos, discipulado e supervisão. A partir da operacionalização destas quatro engrenagens, a igreja local tende a funcionar de forma orgânica, sadia e crescente. Quando já estávamos com um número de nove células ligadas à Família da Fé, partimos para o processo de inauguração da igreja local como instituição com sede na cidade, o que trouxe novas demandas de liderança, ministério, estrutura física, recursos financeiros, visão e gestão.

---

<sup>406</sup> BOTTREL, 2015, p.268.



## **5 CARACTERÍSTICAS FUNCIONAIS DE UMA IGREJA APOSTÓLICA**

Após a definição do sistema operacional de uma igreja apostólica como pressuposto nuclear das prioridades de ações no processo de implantação da Família da Fé bem como na descrição dos conceitos da Nova Reforma Apostólica, o presente capítulo visa conectar, contextualizar e elaborar um cenário mais completo de como estas práticas se desenvolveram, como outras práticas se fizeram necessárias para responder às demandas da vida da igreja, em que medida foram encontrados e superados os desafios e como resultam no final do processo de implantação e no funcionamento dos primeiros anos da Comunidade Cristã Família da Fé como uma igreja local institucional sediada em Viamão/RS.

Como afirmam Paes e Azibeiro, “implementar um ministério pastoral, baseado em células, não é fácil e impõe riscos”.<sup>407</sup> Por isso, é imprescindível que o projeto de implantação de uma nova igreja parta do pressuposto de uma convicção de chamado de Deus e de visão específica sobre como desenvolver uma estratégia para executar o projeto e como são as bases teológicas que firmam este alicerce. Este é o porquê de toda a sustentação sistemática funcional do capítulo anterior, o qual se torna o motivo de todas as demais práticas e eventos que sucederam o primeiro ano de implantação da igreja, como descritos daqui em diante de forma mais evidentemente narrativa e participante, ainda com pequeno teor bibliográfico para referenciar algumas novas práticas teológicas que aparecerão, em consonância ao que estabelece a metodologia adotada. Como afirma Comiskey, “é fácil para líderes de igreja ficarem tão apaixonados pela estrutura das células que eles falham em entender os papéis dentro dessa estrutura”.<sup>408</sup>

### **5.1 ESTRATÉGIAS PERIFÉRICAS DE EVANGELISMO**

Numa igreja estruturada em células, tudo o que acontece na igreja deve carregar a intenção de fortalecer, nutrir, capacitar e estimular as células a crescerem e se multiplicarem de forma orgânica e saudável, como a maior ferramenta que a igreja local se vale para cumprir suas missões de evangelismo e discipulado. Nesta centralidade celular, como supramencionado, o evangelismo é um dos grandes

---

<sup>407</sup> PAES; AZIBEIRO, 2018, p.23.

<sup>408</sup> COMISKEY, 2006, p.13.

objetivos da estratégia de pequenos grupos da estrutura celular. Contudo, é comum que as células entrem numa rotina de reuniões semanais em que caminhem para uma tendência de enfraquecer o seu poder evangelístico. Como afirma Neighbour, “no mundo inteiro a tendência dos pequenos grupos cristãos é eliminar a evangelização, concentrando-se exclusivamente em si mesmos”.<sup>409</sup>

Por esta tendência natural das práticas eclesiais no contexto sociocultural pós-moderno, é comum que as igrejas estruturadas em células estabeleçam o que pode ser chamado de estratégias periféricas de evangelismo. “Estratégias”, por serem alternativas pensadas para alcançar um propósito específicos; “periféricas”, para enaltecer que trabalham sempre para abastecer o núcleo celular da igreja, o centro de todo o sistema operacional de uma nova igreja apostólica; “de evangelismo” para distinguir de outras estratégias que nutrem outras lacunas que se desenvolvem culturalmente no contexto eclesial celular, além de enaltecer que o propósito de cada estratégia é alcançar novas pessoas para a pregação do evangelho de Cristo.

No caso da Família da Fé, aplicamos regularmente três grandes estratégias periféricas de evangelismo: Casas de Paz, Encontro com Deus e Eventos de Colheita.

### **5.1.1 Casas de Paz**

No início do ano de 2014, implantamos na Família da Fé uma estratégia periférica de evangelismo chamada Casas de Paz, que a Rede Apostólica Cristã adota como prática potencializadora para o alcance de novas pessoas, inspirada no trabalho do pastor Danilo Figueira, da Comunidade Cristã de Ribeirão Preto/SP.<sup>410</sup> As Casas de Paz são como protótipos de célula, com dois meses de duração, nas quais duplas capacitadas pela liderança da igreja local são enviadas a lares que abrem suas portas para receber a paz do Senhor, por meio da pregação de Sua Palavra, orações e novos relacionamentos cristãos. Este modelo é inspirado na atitude de Jesus em enviar seus discípulos adiante dele, de dois em dois, para

---

<sup>409</sup> NEIGHBOUR, 2006, p.10.

<sup>410</sup> FIGUEIRA, Danilo. *Casas de Paz: Uma Estratégia Eficaz de Evangelismo e Multiplicação Celular*. 2. ed. Ribeirão Preto: Selah Produções, [2019].

anunciar o evangelho com palavras e com o poder de Deus (Lc 9:1-6,10 e Lc 10:1-12,17-20).

Tendo encerrado o ano de 2013 com duas células e uma turma do módulo de liderança em andamento, com catorze alunos, decidimos promover uma ação proativa de evangelismo. Neste intuito, promovemos para toda a turma do treinamento de Liderança um retiro de um dia inteiro num final de semana do mês de Janeiro de 2014, para causar um treinamento intensivo em como aplicar a estratégia das Casas de Paz. Passamos aquele dia de verão num sítio da região rural de Viamão, pertencente ao meu sogro, em que oramos, adoramos a Deus, sonhamos com a multiplicação das células e contextualizamos a estratégia das casas de paz à nossa realidade como igreja em implantação e aos relacionamentos que tínhamos como possibilidade de evangelismo.

Estando as duas células bem consolidadas neste período, tivemos a diretriz de transformá-las em microcélulas com o intuito de promover as duplas ou trios para o estabelecimento das casas de paz. Quando Jesus quis aumentar a capacidade evangelística sobre as cidades que ele estava para ir, estabeleceu uma estratégia que nos serve como modelo: “depois disso o Senhor designou outros setenta e dois e os enviou dois a dois, adiante dele, a todas as cidades e lugares para onde ele estava prestes a ir” (Lc 10:1). Por duas ocasiões, Jesus reagrupou seus discípulos em duplas, tanto os Doze, num primeiro momento, como os setenta e dois, nesta citação, no que podemos definir como microcélulas. Estas duplas carregavam consigo um propósito evangelístico, conforme a intenção evangelizadora de Jesus: “quando entrarem numa casa, digam primeiro: Paz a esta casa” (Lc 10:5). O propósito consiste em serem mensageiros da paz, uma paz sobrenatural que somente o evangelho de Cristo pode causar (Jo 14:27). Ao serem recebidos numa casa, os discípulos eram incumbidos de pregar o evangelho do Reino de Deus e operar milagres conforme a necessidade da casa e, provavelmente, do povo da cidade que viesse àquela residência, pois o intuito de Jesus era anunciar sua mensagem não apenas a algumas casas, mas a toda a cidade (Lc 10:1): “curem os doentes que ali houver e digam-lhes: O Reino de Deus está próximo de vocês” (Lc 10:9). Como sintetiza Figueira, “as duplas de discípulos deveriam buscar portas que

se abrissem, estabelecer relacionamentos, permanecer naqueles lares pregando o evangelho do reino e curando os enfermos, até que Jesus chegasse”.<sup>411</sup>

No contexto sociocultural do ministério terreno de Cristo, os discípulos foram orientados a se hospedarem na casa em questão, provavelmente devido às limitações de transporte e distância de sua residência. Entendemos que este não é um fator crucial para a estratégia. Por outro lado, os aspectos de enviar discípulos treinados como mensageiros da paz, proatividade em busca dos que ainda não conhecem a Jesus e que estejam receptivos, de praticar o evangelismo na esfera residencial e de buscar milagres e anunciar o evangelho na casa fazem parte da contextualização das Casas de Paz como estratégia de evangelismo para nosso tempo. Utilizamos uma cartilha com oito lições pré-definidas que os líderes em treinamento utilizam ao entrarem nas casas e acompanhamos semanalmente o progresso de cada reunião por meio de reuniões de supervisão e contato informal de discipulado.<sup>412</sup>

Na prática desta estratégia no início do ano de 2014, organizamos líderes em treinamento em duplas ou trios, juntamente com mais alguns participantes das células que ainda não cursavam Liderança, em busca das Casas de Paz. Houve situações de parentes de participantes que abriram seus lares para o projeto, de participantes das células abrirem suas próprias casas, no intuito de anunciar o evangelho ao restante da família que ainda não frequentava a célula, e de novas pessoas que foram alcançadas pelo convite evangelístico a partir de relacionamentos existentes no cotidiano dos líderes em treinamento e demais participantes das células. Em resumo, cinco novas Casas de Paz foram estabelecidas a partir de nossas duas primeiras células na Família da Fé.

Esta estratégia foi ocorrendo à medida que as casas foram abertas, e uma célula, mesclando os participantes das duas existentes, foi mantida para congregar alguns que não conseguiram se envolver na estratégia, bem como aqueles que demoraram algumas semanas para conseguir uma nova Casa de Paz. Em síntese, entre início de fevereiro e final de abril de 2014, realizamos o projeto, envolvendo mais de trinta pessoas, causando experiência prática aos líderes em treinamento, conversão de novos crentes à fé cristã, novas turmas de Primeiros Passos, batismos

---

<sup>411</sup> FIGUEIRA, [2019], p.3.

<sup>412</sup> FIGUEIRA, [2019].

e a multiplicação das duas primeiras células em cinco novas células, durante o primeiro semestre de 2014.

#### **5.1.1.1 Prós e contras das Casas de Paz**

Na avaliação prática ministerial da Família da Fé, em seu contexto específico, a estratégia evangelística das Casas de Paz precisa sempre ser considerada como periférica e não como nuclear. Ao contrário da Comunidade Cristã de Ribeirão Preto/SP, que aplica anualmente o projeto das Casas de Paz, em 2014, no período de implantação da igreja, foi a única vez que mobilizamos toda a força ministerial em prol desta estratégia.

Os pontos a favor do uso das Casas de Paz como mobilização evangelística consistem especialmente nos seguintes aspectos: despertamento e encorajamento da comunidade de cristãos existente para o evangelismo; experiência dos líderes de célula em treinamento, em pôr em prática vários conceitos aprendidos no treinamento e no discipulado; e a possibilidade de que, no decorrer das semanas do projeto, novas pessoas se convertam a Cristo como seu Senhor, façam uma aliança por meio do batismo e até mesmo abram suas casas para que seja dada a continuidade do projeto, inaugurando uma nova célula.

Os pontos contra, a partir de nossa experiência com casas de paz desde 2014, podem ser sintetizados da seguinte forma: passividade das pessoas em receber o evangelho (são as duplas que vão ao encontro das casas e não a casa que vai ao encontro de Cristo), o que leva a um baixo percentual de conversões ao final do projeto; desestruturação das células que têm caminhado numa sequência de visitantes e consolidações – ao enviar toda a célula em forma de duplas, é quebrado o ritmo das células que estão funcionando bem em seus objetivos, apesar de ser estimulante ao objetivo do discipulado; alcance de famílias em território distante, pois os cristãos saem em busca de lares com muito afinco, fazendo com que seja comum, por relacionamentos familiares ou de trabalho, que se encontrem casas em outras cidades, o que dificulta a longo prazo o pertencimento da família à igreja local e o bom funcionamento da célula em todos os seus objetivos, pela distância do líder e falta de participação na célula das atividades de grande grupo promovidas pela igreja local.

Como fruto deste projeto ministerial no processo de implantação da Família da Fé, tanto os aspectos positivos como negativos da implementação das Casas de Paz foram colhidos. Logicamente, o saldo é positivo e o projeto é válido, pois sem ele, muitas pessoas não teriam sido alcançadas. Algumas famílias que receberam a Palavra de Deus e formaram as primeiras células por meio deste projeto não seguiram vinculadas à igreja em longo prazo. Contudo, a semente da Palavra de Deus foi semeada num alcance maior que as programações corriqueiras da igreja local, causando mudança nas famílias; muitas outras pessoas envolveram-se com a igreja em desdobramento das relações criadas pelo projeto e muitos líderes amadureceram para estabelecerem novas células.

Em síntese, a estratégia de Casas de Paz pode beneficiar o sistema operacional de uma igreja apostólica se praticada dentro de limites geográficos e dentro de contextos específicos da vida da célula. Mesmo que conseguimos multiplicar de duas para cinco células por meio das casas de paz, muitos ajustes foram necessários ao longo do tempo para que estas células vencessem os desafios da passividade dos participantes e da distância geográfica. Após diversas experiências, definimos que o melhor uso das Casas de Paz como estratégia periférica de evangelismo se dá em dois principais contextos: células que estejam há algum tempo estagnadas e com um número expressivo de líderes em treinamento dentro daquele pequeno grupo ou que existam líderes já preparados que queiram abrir novas células, mas que estejam pertencendo a células que ainda não estão em condições de multiplicar. Em outras palavras, na Família da Fé não mais usamos as Casas de Paz como estratégia global, pausando as reuniões semanais de todas as células em busca de multiplicação por meio exclusivo desta estratégia. Neste sentido, temos o exemplo de algumas casas de paz que foram aplicadas pontualmente por líderes ou líderes em treinamento e tornaram-se células ou agregaram novas pessoas a células existentes. Contudo, reconhecidamente, há outros exemplos de igrejas locais estruturadas em células que conseguiram melhores frutos e fazem uso anual deste projeto.

### **5.1.2 Encontro com Deus**

A segunda estratégia periférica de evangelismo que praticamos na Família da Fé é o retiro denominado Encontro com Deus. Também conhecido como

“Encontro”, o desenho geral da programação deste retiro espiritual, característico da prática de inúmeras igrejas estruturadas em célula no Brasil, foi originalmente elaborado e descrito por César Castellanos, líder da Missão Carismática Internacional em Bogotá (Colômbia), igreja pioneira no modelo celular contemporâneo da América Latina.<sup>413</sup> Apesar de muitas igrejas estruturadas em células usarem a mesma nomenclatura para promover maturação espiritual a cristãos já vinculados à igreja local, os “Encontros com Deus” promovidos pela Rede Apostólica Cristã carregam um propósito primariamente evangelístico. Muito presentes no século XX em variadas culturas cristãs oriundas do protestantismo, retiros ganharam muita popularidade também no contexto das comunidades cristãs, assim como nos grupos eclesiais que aderiram ao movimento celular nas últimas décadas.

Cabe aqui lembrarmos-nos de que o conceito de retiro é bíblico na cultura de busca a Deus e práticas eclesiais estabelecida por Jesus no relato dos evangelhos. Jesus retirou-se por 40 dias no deserto, levado pelo Espírito (Mt 4:1-2), retirou-se também por noites inteiras para buscar a Deus (Lc 6:12), conduziu alguns discípulos a um retiro para uma experiência sobrenatural no local que ficou conhecido como “monte da transfiguração” (Mt 17:1-3), ensinou e curou uma multidão inteira que retirou-se por um dia para ouvir Jesus, o que resultou na primeira multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 14:13) e depois repetiu a prática por três dias consecutivos, resultando na segunda multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 15:32). Desta forma, vemos retiros acontecendo na realidade do ministério terreno de Cristo com três grandes propósitos: edificação pessoal, edificação de um grupo que já caminha em discipulado e evangelismo aos que ainda não conhecem a revelação de Deus por meio de Cristo, sempre no intuito de promover experiências sobrenaturais marcantes na realidade dos participantes. Como corrobora Lawrence Khong, “o crescimento na igreja em células muitas vezes vem através encontros de poder com o Senhor”.<sup>414</sup>

Numa perspectiva de alcance de novas pessoas para a pregação do evangelho 2014, a Rede Apostólica Cristã percebeu a necessidade de implementar uma nova possibilidade evangelística por meio da modalidade de retiro. Inspirados

---

<sup>413</sup> CASTELLANOS, 2006, n.p.

<sup>414</sup> KHONG, 2000, p.34. [...] *growth in the cell church often comes through power encounters with the Lord.*

no modelo de evento que a Igreja Videira<sup>415</sup>, também estruturada em células, contextualizou e formatou para o Encontro com Deus,<sup>416</sup> numa proposta bastante interativa, começamos a implementar, com algumas adaptações, esta programação coletiva no contexto das igrejas aliançadas à RAC.

O Encontro com Deus consiste num retiro de final de semana, em que os participantes se deslocam ao local designado, normalmente um sítio edificado em área rural da cidade, dispendo de estrutura para alojamentos, reuniões coletivas e ambiente arejado por paisagens naturais, com início das programações no início da manhã do primeiro dia, hospedagem e finalização após o almoço do segundo dia. O público-alvo são pessoas vinculadas às redes de relacionamento dos membros das células e que respondam ao convite de participarem de um Encontro com Deus por meio de um retiro com propósitos de edificação espiritual; por questões éticas ministeriais, os participantes convidados não são vinculados à prática do cristianismo em outra igreja local – para casos de exceção, precisam da autorização do seu pastor para participar; além do grupo de participantes, que chamamos de “encontristas”, também contamos com um grupo ainda maior de trabalhadores, composto por membros da igreja local que já tenham sido participantes e que se voluntariem a servir aos participantes, tanto em questões de cozinha, limpeza e organização geral como em participar de forma relacional das diversas dinâmicas que envolvem a programação.

Através de muitos estímulos relacionais e dinâmicas que de forma informal transmitem conceitos bíblicos importantes e promovem experiências práticas para todas as pessoas que participam do evento, tanto encontristas como trabalhadores, os principais propósitos do Encontro com Deus podem ser descritos por dois grandes aspectos. Por um lado para aqueles que participam como encontristas: evangelismo de pessoas que ainda não tiveram uma experiência de conversão a Cristo, fortalecimento do processo de evangelismo de pessoas que já frequentam uma célula; consolidação de membros da célula já convertidos a Cristo, mas que ainda não criaram senso de pertencimento à igreja local ou que estejam carentes de uma experiência mais profunda com Deus; retorno à vinculação com a igreja local de pessoas que tenham por algum motivo pausado seu envolvimento com a vida da

---

<sup>415</sup> <https://www.igrejavideira.com.br/>, acesso em 16/12/2022 às 18:57

<sup>416</sup> <https://videiracuiaba.com.br/encontro-com-deus/>, acesso em 16/12/2022 às 18:58.



igreja e estejam ausentes da célula. Por outro lado, para os cristãos vinculados à igreja local que se voluntariam ao trabalho no evento: experiência prática do servir uns aos outros para edificação espiritual; maturação nas relações de discipulado por momentos relacionais informais entre a equipe de trabalho; edificação pessoal por momentos profundos de busca a Deus em oração, adoração, imposição de mãos e aconselhamento; coesão da igreja local pela interatividade entre as células.

Na programação do evento, uma revelação bíblica de Deus é apresentada gradativamente: por expressões afetivas da equipe de trabalho para com os participantes, compartilhamento de testemunhos pessoais, atenção individualizada, escuta em situações direcionadas, dinâmicas relacionais e serviço altruísta; experiências cognitivas de aprendizado de conceitos bíblicos por meio de vários aspectos, como por meio de palestras interativas, vídeos, teatros e dinâmicas coletivas; convite a experiências práticas dos conteúdos apresentados, como quebrantamento emocional (Sl 51:17), oração (Jo 14:14), liberação de perdão a ofensas (Mc 11:25), cura de emoções (1Jo 4:18), cura de enfermidades (Mc 16:18), arrependimento de atos pecaminosos (Rm 13:12) e busca pelo enchimento com o Espírito Santo (Ef 5:18).

Desde o segundo semestre de 2014, mesmo ainda como uma igreja em fase de implantação, a Família da Fé passou a adotar o Encontro com Deus como prática periférica de evangelismo, com benefícios secundários à consolidação e ao discipulado. Esta estratégia trouxe muitos frutos de novos participantes para células, assim como contribuiu para um crescimento substancial na maturação dos cristãos que já estavam vinculados à igreja. Nesta época, contávamos com cerca de trinta cristãos batizados participando das células, dos quais um grupo já haviam concluído a Trilha de Treinamento, enquanto prosseguíamos com novas turmas de Fundamentos e Liderança para os demais. Como ainda não tínhamos recursos humanos suficientes para desenvolver uma equipe completa para a realização do retiro, a vinculação à Rede Apostólica Cristã contribuiu de forma a possibilitar esta prática pela união de igrejas próximas, como equipes que realizariam o Encontro com Deus, primeiro passando nossa equipe de trabalho pela experiência de participação do evento, numa transição prática ministerial à estratégia; depois, desenvolvendo nossa equipe de coordenação do evento em parceria com outros

ministérios até chegarmos ao ponto de termos capacidade de fazermos todo o evento com nossa equipe local.

Desta forma, participamos e auxiliamos em quatro retiros ao longo de 2014 como treinamento de transição para a equipe de trabalho, levando alguns participantes novos mas especialmente fazendo com que a maioria dos então membros das células passassem pela experiência de serem encontristas, desde pastores e líderes até líderes em treinamento e demais participantes regulares. Assim, ao final de 2014, já tínhamos condições de coordenar, juntamente com alguma outra igreja local, a organização do evento, com propósito predominantemente evangelístico, realizando nos dias 22 e 23 de Novembro daquele ano nosso primeiro Encontro com Deus em Viamão/RS.

Ao longo do tempo, a equipe foi crescendo e as células se multiplicando e o retiro Encontro com Deus passou a fazer parte da cultura eclesial da Família da Fé. Após consolidar nossa equipe de trabalho, ao final de 2015, passamos a ajudar outras igrejas vinculadas à Rede Apostólica Cristã a implantarem o retiro em sua realidade, recebendo encontristas e trabalhadores congregados em igrejas locais regularmente. Seguindo a perspectiva de crescimento, dadas as limitações dos locais que proporcionam o evento, desde 2020 temos praticado o retiro Encontro com Deus com encontristas e trabalhadores predominantemente vinculados à Família da Fé. Centenas de pessoas já participaram do evento promovido pela Família da Fé. Atualmente, são exceções os membros da Família da Fé que ainda não tenham participado do Encontro com Deus.

#### **5.1.2.1 Prós e contras do retiro Encontro com Deus**

O retiro Encontro com Deus possui muitos aspectos positivos como estratégia periférica de evangelismo, resultando como benéficos para a vida de uma nova igreja apostólica estruturada em células. Em primeiro lugar, por mobilizar os membros das células em seu objetivo de evangelização, alcançando pessoas que, como supramencionado, não tenham ainda correspondido ao convite de comparecer ao pequeno grupo ou que, frequentando a célula, carecem de uma experiência com Deus suficiente em sua realidade para causar a convicção da conversão a Cristo ou ainda de participantes da célula que tenham se afastado após algum tempo de

vínculo com a igreja local. Em segundo lugar, a prática do retiro Encontro com Deus é eficaz pelos resultados gerados à equipe de trabalhadores, causando senso de corporatividade, estreitamento de comunhão entre células, oportunidade de discipulado e crescimento tanto em experiências pessoais com Deus como no serviço ao próximo oportunizadas diretamente pelo evento.

Como pontos contrários ou de desafios com relação à prática do Encontro com Deus estão dois grandes fatores: primeiramente a baixa eficácia no processo de conversão posterior à evangelização. Na realidade contextual da Família da Fé, em média 30% dos participantes do Encontro com Deus que ainda não conheciam a Cristo convertem-se, decidem por uma aliança com Deus e passam a participar assiduamente das programações da igreja como fruto do evento. Destes, estatisticamente, em torno de 50% deixam de congregar durante o período de um ano após o evento, não perseverando na prática de fé. Em síntese, 15% das pessoas que não possuem uma prática pública da fé em Jesus pela vinculação a alguma comunidade de cristãos e que participam do evento como encontristas de fato se convertem e permanecem mais de um ano vinculados à igreja. Isto demonstra, de um lado, uma falha do sistema da igreja local no processo de consolidação de encontristas e, por outro lado, um resultado baixo comparado ao crescimento orgânico das células por convite à reunião da célula, uma vez que as práticas de consolidação de ambos os processos são similares. Nos parece que um dos principais motivos para esta baixa eficácia da estratégia em termos de conversão a Cristo e real mudança de práticas de vida é o fato de que muitas pessoas vinculam-se emocionalmente à igreja a partir da experiência vivida, mas não seguem com o mesmo afincamento quando são ensinadas a praticar a Palavra de Deus cotidianamente. Ainda, muitos encontristas, apesar de relatarem uma excelente experiência, desejam seguir o curso de sua rotina de vida sem abrir espaço para novas práticas eclesiais.

Ainda nesta perspectiva, em dado momento da gestão da liderança das células da Família da Fé, percebi um desvio de propósito quanto à visão de muitos líderes de célula com relação às suas perspectivas e possibilidades evangelísticas. O que era para ser uma estratégia periférica por meio do retiro Encontro com Deus começou a tornar-se uma estratégia principal de evangelismo, para não dizer única, no contexto de algumas células. Isto significa que, várias células passaram a

depender do retiro para ter alguma perspectiva ou ação evangelística, que, como já relatado, deve ser um dos principais objetivos da vida normal da célula. Desta forma, precisamos revisar, por meio de treinamentos com a liderança, a prioridade do evangelismo orgânico e relacional por meio da célula, que ainda é a estratégia mais eficaz de expansão da igreja local e que é um dos aspectos que faz a célula seguir viva e saudável por buscar constantemente os seus visitantes.

Em segundo lugar, deve-se ter um cuidado com a periodicidade dos eventos, uma vez que há um desgaste financeiro e físico que põe em risco a mobilização da equipe e a realização de outros projetos necessários para a igreja, já que a equipe de trabalhadores promove o encontro repetidamente e assume os custos de sua participação no evento. Atualmente, na Família da Fé, chegamos a um número praticável de três edições anuais do retiro Encontro com Deus, para que siga como estratégia periférica e ao mesmo tempo não sobrecarregue a agenda e finanças da equipe de trabalho.

Uma terceira observação pertinente é que a capacidade do evento de causar estreitamento de comunhão e discipulado torna-se limitada com o decorrer do crescimento da igreja local, pois o Encontro com Deus, por ser um evento extremamente pastoral e relacional, apesar do propósito evangelístico principal, precisa trabalhar com um número limitado de participantes como encontristas. Percebemos ao longo do tempo que Encontros com Deus com mais de 60 encontristas ou mais de 100 trabalhadores começam a perder as características relacionais de atenção e comunhão bem como a fluidez da programação, por se tornar um grupo muito grande para cumprir as dinâmicas propostas dentro do tempo estabelecido. Isto faz com que a igreja precise ajustar o número de eventos anuais com a perspectiva de participantes, para que não descaracterize o evento. Neste sentido, quando a igreja avança para centenas de pessoas, o Encontro com Deus, com em média 100 integrantes da equipe, passa a impactar menos a comunhão e o discipulado, quando comparado ao número total de pessoas envolvidas nas células, cultos e eventos em geral.

### 5.1.3 Eventos de Colheita

Uma terceira estratégia periférica de evangelismo que merece destaque na funcionalidade eclesial da Família da Fé são os chamados Eventos de Colheita. Esta é uma terminologia genérica para diversos tipos de evento promovidos por células, por grupos de células ou por toda a igreja local com a intenção de fomentar o objetivo evangelístico. Por “evento”, nos referimos a uma programação extraordinária, para além da programação normal que a igreja local proporciona, com um propósito adicional e intencional evangelizador. Por “colheita” nos referimos ao que Jesus estabelece como analogia a um grupo de pessoas recebendo intencionalmente a mensagem do Reino de Deus: “ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos seus discípulos: A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9:36-37). Donald McGravan descreve que por muito tempo o enfoque missionário foi na busca pelo perdido, sem importar-se de fato com quantos seriam ou não alcançados. O autor advoga que na perspectiva evangelística da missão da Igreja, precisamos migrar de uma “Teologia da Busca” para uma “Teologia da Colheita”. Para McGravan, “o alcance cristão no mundo receptivo de hoje exige uma teologia da colheita que o Novo Testamento oferece de forma única”.<sup>417</sup> Peter Wagner corrobora ao afirmar que “Jesus estabeleceu o fundamento do princípio da colheita”.<sup>418</sup> Nesta cosmovisão neotestamentária de colheita como resultado da pregação do evangelho de Cristo a um grupo maior de pessoas, designamos um esforço proposital de alcance evangelístico, dentro da estrutura existente da igreja local e dos vínculos relacionais ligados aos participantes das células, como Eventos de Colheita.

Cada célula possui liberdade de perceber a necessidade e organizar, junto ao conselho da supervisão, eventos de colheita em sua programação. Tanto na esfera individual da célula como por iniciativa da supervisão em mobilizar algum grupo de células, normalmente por afinidade relacional, as programações variam desde uma reunião de célula especial com uma ou mais células até momentos sociais informais, como jantares, confraternizações, passeios ou práticas de esporte,

<sup>417</sup> McGRAVAN, Donald A. *Understanding Church Growth*. 3. ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1990. p.24. *Christian outreach in today's responsive world demands a theology of harvest that the new testament uniquely offers*. (tradução nossa)

<sup>418</sup> WAGNER, 2011, p.458. *Jesus established the foundation of the harvest principle*. (tradução nossa)

com a finalidade de convidar pessoas de fora do grupo. Comumente, tais eventos possuem data agendada e mobilização coletiva, precedida de oração intercessória pelos nomes daqueles que são convidados pretendidos e de criatividade tanto na preparação do ambiente como nas dinâmicas que ocorrerão durante o evento. Estimulamos que em média a cada dois meses todas as células ou grupos de células de uma mesma supervisão programem e realizem eventos de colheita em seu contexto.

Como igreja local, também é comum que periodicamente realizem-se reuniões especiais de cunho evangelístico ou eventos sociais, em proporção maior que a capacidade de uma célula, como reuniões evangelísticas de casais, homens, mulheres, jovens, crianças, programações esportivas, propostas de lazer, refeições coletivas temáticas, passeios, entre tantas outras possibilidades. De forma análoga, tanto nas células como em toda a igreja local, tais programações sociais podem ocorrer com outros propósitos norteadores, como por exemplo para estimular comunhão ou discipulado. Cabe à liderança perceber a ênfase, no contexto de gestão e necessidades coletivas, e estimular o objetivo específico. Como descreve Wagner Carvalho, “os Eventos de Colheita são [...] mais elaborados e geralmente reúnem mais de uma célula”.<sup>419</sup>

No período compreendido entre março de 2014 e outubro de 2015, a partir das células multiplicadas por meio das Casas de Paz e a primeira turma da Trilha de Treinamentos concluída, passamos a locar um espaço, de estrutura simples e com capacidade para em torno de sessenta pessoas, para a realização de reuniões de oração, treinamentos, reuniões de liderança e, com relação aos eventos de colheita, o que chamamos de macrocélula. As macrocélulas consistem em reuniões coletivas de um agrupamento de células, que, no caso da implantação de uma nova igreja, como a Família da Fé, proporcionaram momentos iniciais de culto e celebração coletiva na vida da igreja. Neste contexto inicial, todas as células estavam sob a mesma supervisão, representando toda a igreja naquilo que expressaria o avanço do processo de plantio. Durante o primeiro ano, entre março de 2014 e março de 2015, as macrocélulas ocorreram com periodicidade mensal. Depois, até outubro de 2015, com periodicidade quinzenal. Desta forma outras pessoas começaram a ser alcançadas, pelo ambiente público de anúncio do evangelho e pelo contínuo

---

<sup>419</sup> CARVALHO, 2016, p.157.

crescimento e maturação das células existentes e líderes em treinamento que gradualmente aderiam aos processos da Trilha de Treinamento e aos relacionamentos de discipulado resultantes da vida da célula. Além das macrocélulas, passamos a promover na estrutura locada outras programações diversas de eventos de colheita, tais como os exemplos mencionados anteriormente.

A dinâmica das macrocélulas segue ocorrendo no contexto atual da Família da Fé, porém com o intuito de conectar células umas às outras, relacionadas à sua supervisão. Sobre a multiplicação das supervisões, trataremos mais adiante neste capítulo.

Após a conclusão da implantação da Família da Fé, toraram-se rotineiros os mais diversos eventos de colheita, por meio dos quais promovemos anualmente reuniões temáticas específicas para homens, mulheres, jovens, crianças, casais, empreendedores e cultos especiais temáticos, como ênfase em milagres, família, etc., além de momentos informais promovidos pela igreja para causar novos relacionamentos por práticas de convívio, lazer ou esportes.

Outra estratégia que a Família da Fé adota como evento de colheita, muito comum às igrejas locais vinculadas à Rede Apostólica Cristã é a Formatura da Trilha de Treinamentos. A partir de 2015, passamos a adotar a estratégia de que cada cristão que conclui os módulos de ensino fica apto para uma solenidade anual de formatura, com todo o grupo de concluintes, ao mesmo tempo em que é estimulado para convidar alguém não crente em Jesus para ser seu “padrinho” na solenidade. Desta forma, organizamos um culto especial em conjunto com a solenidade de formatura da Trilha de Treinamentos, no qual temos um momento específico de pregação do evangelho de forma expositiva e dinâmica para os padrinhos que, por sua vez, quebram barreiras culturais com a presença num culto cristão e, muitas vezes, iniciam uma nova caminhada com Cristo, já sendo consolidados pela própria pessoa que os convidou e já foi devidamente capacitada pelo sistema de ensino da igreja local.

#### **5.1.3.1 Prós e contras dos Eventos de Colheita**

Em geral, os Eventos de Colheita fazem parte da vida normal da igreja e carregam consigo muitos benefícios ao cumprimento da missão evangelística, seja

por meio de práticas de uma célula, grupos de célula ou de toda a igreja local. Os prós ocorrem primeiramente porque, comparados às Casas de Paz e ao Encontro com Deus, desgastam menos a equipe de trabalho. Ainda, possuem uma eficácia equivalente às demais estratégias periféricas em termos de conversão a Cristo dos participantes, porém o fazem num período mais curto, comparados às casas de Paz, e com menos investimento financeiro, comparados ao Encontro com Deus. É essencial que esporadicamente a igreja local pratique tais eventos para estimular criatividade, vencer o senso de rotina e cumprir propósitos com maior eficácia.

Como riscos à saúde do sistema operacional de uma igreja apostólica, os eventos de colheita não podem deixar de ser periféricos e tornarem-se o centro das práticas evangelísticas, pois podem corromper a estrutura orgânica e relacional das células, tornando a igreja centrada em eventos e não na vida causada pelos relacionamentos de pequeno e grande grupo. Ademais, carregam consigo uma probabilidade de que a conversão das pessoas a Cristo seja mascarada por objetivos secundários, como o afeto relacional que o grupo condiciona pelo evento, pela adesão social causada pelo evento ou até mesmo por uma mensagem superficial do evangelho em que a pessoa participante do evento não compreende o significado de uma aliança com Deus perante o reconhecimento de Cristo como Senhor de sua vida. Quando planejamos eventos de colheita como estratégia periférica, sempre temos o cuidado de consolidar esta participação com o estímulo, por exemplo, ao treinamento de Primeiros Passos ou a momentos de aconselhamento em conexão a posteriores participações na vida normal da célula, a fim de que ninguém tome decisões de pertencimento à igreja em função da dinâmica de um momento ou de uma emoção aflorada.

Para dar um exemplo de como uma boa estratégia pode prejudicar os objetivos principais, tive a experiência de liderar uma célula em que os anfitriões perceberam a importância de um momento de refeição ao final. Com boas intenções, as células semanais passaram a tornar-se um evento de refeição coletiva. Ainda, o anfitrião preocupava-se em buscar e levar em casa mais da metade do grupo, que já passava de quinze pessoas. Como líder, ao acompanhar a realidade da família dos anfitriões, percebi necessidades financeiras ao mesmo tempo em que ele fazia questão de patrocinar toda a alimentação da célula e as caronas. Foi necessária uma ação imediata para dividir as tarefas e reduzir os custos, para que a



célula não se tornasse um status social a ser sustentado pelos anfitriões. Como resultado, a célula seguiu crescendo e se multiplicou, mesmo sem todos serem transportados e sem um exuberante lanche ao final de todas as reuniões. Contudo, alguns deixaram de frequentar, o que demonstrou a motivação de seus corações.

## **5.2 DE UMA IGREJA EM IMPLANTAÇÃO A UMA IGREJA ESTABELECIDADA**

Este poderia ser o primeiro subtítulo deste capítulo. Contudo, como a aplicação das estratégias periféricas de evangelismo constituíram parte essencial no processo de implantação da Família da Fé, priorizando uma ordem mais cronológica para a narrativa, como sugere a metodologia aplicada à tese no sentido da compreensão do caso como uma história, e o conseqüente entendimento mais fluido na seqüência de leitura, cabe descrevermos neste momento a finalização do processo de implantação da igreja que culminou com a inauguração de sua nova sede, o estabelecimento de cultos públicos semanais e demais características funcionais da igreja local que se desdobrarão no texto em seqüência ao seu estabelecimento.

Nos conceitos teológicos práticos da Rede Apostólica Cristã, uma nova igreja local estará apta a realizar cultos semanais com uma sede institucional pública e ser reconhecida como uma igreja autônoma na cidade quando seu projeto de implantação estiver concluído. Uma das premissas fundamentais para isto é a existência de no mínimo sete células bem estruturadas, devido à grande energia e recursos financeiros e humanos para a manutenção da rotina de programações de uma sede estabelecida. Além disso, fazemos questão de um período inicial sem uma sede estabelecida (culturalmente chamada de “templo”) para que as raízes do pensamento cristão não sejam dependentes da estrutura física da igreja local. Como pesquisador e consultor de muitas igrejas em células ao redor do mundo, Ralph Neighbour Jr. corrobora este conceito ao afirmar que “durante a implantação de uma igreja em células, as congregações deverão ser formadas quando houver cinco ou mais células na mesma área geográfica”.<sup>420</sup>

Ao final do ano de 2014, à medida que a nova igreja foi criando corpo, surgiu a convicção da sua identidade como igreja local, em consenso com toda a liderança,

---

<sup>420</sup> NEIGHBOUR, 2006, p.21.

sendo definida como Família da Fé, posteriormente registrada como Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, iniciando o seu processo de institucionalização perante a sociedade. Neste aspecto, o ano de 2015 iniciou com a grande expectativa de que a Família da Fé chegaria ao final do seu processo de implantação e se tornaria de fato uma nova igreja emergente instituída na cidade.

### 5.2.1 Comissionamento Pastoral

Uma das premissas para que uma igreja local seja autônoma e seu processo de implantação esteja finalizado é o reconhecimento de autoridade pastoral local. Segundo John Eckhardt, “um grupo de crentes se torna uma igreja local quando governo (presbíteros) é estabelecido”.<sup>421</sup> Nos conceitos da Nova Reforma Apostólica, a função e terminologia neotestamentária de presbíteros refere-se analogamente ao conceito atual da conhecida função de pastor no meio cristão oriundo do protestantismo.<sup>422</sup>

Na Rede Apostólica Cristã, há uma cultura de comissionamento de pastores após serem experimentados na prática ou de implantação de igrejas sob supervisão apostólica ou pelo crescimento ministerial dentro de uma igreja local existente, sob a orientação de um pastor sênior, em consonância com o que recomenda Paulo a Timóteo na relação de discipulado de um novo líder eclesiástico: “mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai” (Fp 2:22). Em nosso caso, minha esposa e eu havíamos tido uma experiência pregressa no ano de 2011 sob supervisão de um pastor sênior pela multiplicação da igreja local a que pertencíamos. Contudo, pela mudança de cidade e mudança de contexto ministerial que ocorreu alguns meses depois da nova igreja estabelecida, não obtivemos experiência suficiente para o reconhecimento de autoridade pastoral.

Desta forma, após alguns anos sob discipulado com o apóstolo sênior da Rede Apostólica Cristã, Ricardo Wagner, tendo sido experimentados na implantação de células na cidade de Lajeado e na liderança do projeto de implantação desta nova igreja apostólica na cidade de Viamão/RS, em novembro de 2014, durante a

---

<sup>421</sup> ECKHARDT, 2000, p.2. *A group of believers becomes a local church when government (elders) has been set in place.* (tradução nossa)

<sup>422</sup> ECKHARDT, 2000, p.10.

Conferência de Líderes, evento anual promovido pela RAC, recebemos o reconhecimento e comissionamento pastoral. Sobre as práticas de governo eclesial da Nova Reforma Apostólica, Jonathan David ressalta que “quando uma equipe apostólica trabalha com suas igrejas locais e reconhece seu presbitério local, isso fornece um reconhecimento adicional para a liderança local”.<sup>423</sup> Este reconhecimento é muito importante para validar perante a igreja local a autoridade pastoral, pois como afirma o apóstolo Paulo, “não é aprovado quem a si mesmo se recomenda” (2Co 10:18).

Por estas justificativas, o comissionamento pastoral constitui um marco importante para o processo de finalização do plantio de uma nova igreja local pelo estabelecimento de uma liderança reconhecida. Derek Prince ilustra exhaustivamente esta tradição na Igreja Primitiva pelo comissionamento de presbíteros nas igrejas implantadas, como por exemplo por Paulo e Barnabé, narrados no capítulo 14 de Atos dos Apóstolos.<sup>424</sup> O autor sintetiza este conceito: “até que os presbíteros sejam designados, algo está faltando. Não creio que uma igreja seja uma igreja sem presbíteros. Na verdade, a nomeação de presbíteros é a transição decisiva de meros discípulos para uma igreja”.<sup>425</sup>

### 5.2.2 Células Multiplicadas

Como descrito no processo de implantação da Família da Fé, em maio de 2013, estabelecemos a primeira célula na cidade de Viamão, sob liderança da Ilda, que por sua vez caminhava em discipulado e supervisão pastoral conosco. Em setembro daquele mesmo ano, a primeira célula se multiplicou em duas, sob a mesma liderança, mas em contextos geográficos diferentes da cidade.

No início do ano de 2014, realizamos a implantação da estratégia das Casas de Paz para causar um efeito multiplicador nas células existentes, ao mesmo tempo em que formávamos a primeira turma do módulo de Liderança na Trilha de Treinamentos. A aplicação desta estratégia evangelística resultou, ainda no primeiro

---

<sup>423</sup> DAVID, 1999, p.473. *When an apostolic team works with their local churches and recognizes their local eldership, it provides an added recognition for the local leadership.* (tradução nossa)

<sup>424</sup> PRINCE, 2006, 166-195.

<sup>425</sup> PRINCE, 2006, p.169. *Until elders are appointed, something is lacking. I do not believe a church is a church without elders. In fact, the appointment of elders is the decisive transition from mere disciples to a church.* (tradução nossa)

semestre de 2014 em cinco células existentes na estrutura da igreja local em implantação. Encerramos o mesmo ano consolidando estas novas células e capacitando seus participantes na cultura da igreja e nos treinamentos formais, instigando discipulado e senso de pertencimento, praticando treinamentos práticos, reuniões de oração, gestão e supervisão da liderança, momentos de comunhão e macrocélulas mensais para conectar as células ao grande grupo que ia se formando.

No ano de 2015, multiplicamos as cinco células existentes para um total de nove até o mês de setembro, pelo despertar de novos líderes e resultado da instauração do sistema operacional da igreja sendo assimilado como cultura. No decorrer deste processo, passamos a realizar macrocélulas quinzenais, dando forma e estrutura ministerial para o que seriam os primeiros cultos públicos após a igreja ser definitivamente estabelecida.

### **5.2.3 Sede Institucional**

No segundo semestre de 2015, começamos a procurar um local para contemplar a necessidade estrutural que tínhamos de uma sede institucional. Em setembro daquele ano, assinamos o contrato de aluguel de um pavilhão de 300m<sup>2</sup>, num pequeno complexo industrial de uma rodovia que conecta ao centro da cidade, numa estrutura predial conveniente a nossa realidade financeira e necessidade de espaço. Contudo, a estrutura locada era crua, ainda não apropriada para as demandas das atividades ministeriais. Esta lacuna causou uma grande mobilização da maioria dos participantes das células, com mutirões semanais que contavam com mais de trinta pessoas trabalhando simultaneamente. Desde doações para materiais até muito voluntariado de mão de obra, concluímos o mínimo necessário para inaugurar em 75 dias de trabalho, prioritariamente noturno e de fim de semana, enquanto todos seguiam cumprindo suas obrigações de trabalho em horário comercial, inclusive minha esposa e eu, morando na cidade de Lajeado e viajando semanalmente a Viamão. Foram dias de muito trabalho, mas que resultaram numa grande sinergia e senso de pertencimento a todas as células.

Assim, no desencadear destes fatores, o dia 15 de Novembro de 2015 foi marcado em nossas vidas pela inauguração da Família da Fé de Viamão/RS. Resultado de uma trajetória de dois anos e meio de implantação, a existência formal

da Família da Fé como igreja local instituída passou pelo processo de estabelecimento das primeiras células, o batismo dos primeiros cristãos, a formação de novos líderes e a multiplicação desta estrutura ao ponto de nove células, contando com em torno de cinquenta pessoas envolvidas, gerando autonomia de recursos financeiros e uma rotina semanal cada vez mais intensa. Junto ao funcionamento das células, discipulado acontece de forma orgânica e relacional, e os líderes são reunidos semanalmente para a gestão da igreja como um todo, com uma comunicação e instrução fluida e acessível.

A partir de então, a Família da Fé passou a operar com a inclusão de cultos semanais, aos domingos, em sua programação.

### **5.3 TREINAMENTOS PRÁTICOS**

Dentro da funcionalidade da Família da Fé, praticamos treinamentos que vão além da Trilha de Treinamentos como módulos formais de ensino para todos os cristãos. Estes treinamentos práticos aplicam-se desde crescimento pessoal até aperfeiçoamento específico ministerial, promovido pela igreja em suporte a todas as células ou a algum grupo específico de interesse nos objetivos dos treinamentos. Quatro principais modalidades serão descritas na sequência: Libertação, Espírito Santo, Academia Apostólica e Reunião Geral de Líderes. Além destes, também ocorrem treinamento com vistas ao papel social do cristão, como em temáticas de educação, governo, comunicação, família, entre outros.

#### **5.3.1 Libertação**

A libertação é um conceito bíblico relativo à obra da cruz para com aqueles que creem em Cristo como Senhor, sendo assim inerente à prática vívida do cristianismo, como escreveu Paulo aos Gálatas: “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5:1). Os conceitos de libertação apregoados pela Nova Reforma Apostólica são resultantes de premissas neotestamentárias como parte da vida normal da igreja. Neste sentido, a Bíblia descreve que “Ele nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado” (Cl 1:13 - NAA). Isto significa que praticar libertação carrega implicitamente o enfrentamento de poderes espirituais de trevas que possam estar causando dano à realidade das pessoas.

Nos conceitos de maturidade cristã que apresentamos ao longo do desenvolvimento desta tese em paralelo à descrição bíblica de 1Jo 2:12-14, a vitória sobre o Maligno é inerente à juventude espiritual, conectada ao fortalecimento espiritual do indivíduo e à internalização da Palavra de Deus: “jovens, eu escrevi a vocês, porque são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno” (1Jo 2:14). Por isso, disponibilizamos como igreja local um treinamento prático chamado Libertação para todos os membros das células que tenham concluído o curso de Fundamentos, na Trilha de Treinamentos da Rede Apostólica Cristã, numa analogia mais próxima desta juventude espiritual.

Este treinamento, que tem duração de quatro turnos sequenciais, normalmente aplicado num primeiro dia no turno da noite conectado ao dia posterior nos três turnos, seja num final de semana ou feriado, tem duas principais ênfases: conhecer conceitos fundamentais da Palavra de Deus com relação a possíveis situações que requeiram libertação e dinâmicas práticas para causar frutos espirituais do conhecimento aprendido. Assim como declarou Jesus “e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8:32), da mesma forma aplicamos ministrações bíblicas que são divididas em cinco grandes áreas: pecados pessoais, feridas emocionais, maldições, pecados geracionais e vínculos por práticas espirituais diversas. À medida que os participantes compreendem os conceitos bíblicos, são conduzidos às respectivas práticas que podem ser sintetizadas como arrependimento de pecados, perdão sobre quem os ofendeu, oração de quebra de maldições e de iniquidades e oração de renúncia aos vínculos espirituais. Esta condensação de temas para ministrar libertação foi sistematizada por Ricardo Wagner para a Rede Apostólica Cristã a partir do desenvolvimento teórico de Bob Beckett.<sup>426</sup>

No comissionamento de Jesus aos seus discípulos à pregação do evangelho a todas as pessoas e em todos os lugares, um dos sinais resultantes do cumprimento desta missão é que os demônios sejam expulsos: “estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios” (Mc 16:17). Assim, nas práticas de ensino bíblico e oração, para a vitória contra qualquer poder das trevas, é comum, especialmente nas dinâmicas do treinamento de Libertação,

---

<sup>426</sup> BECKETT, Bob. *Commitment to Conquer: redeeming your city by strategic intercession*. Edição do Kindle. Minneapolis: Chosen Books, 2012. Posição 1216-1436/2631.

que hajam manifestações demoníacas e que pessoas sejam libertas em nome do Senhor Jesus Cristo. Ter autoridade para expulsar demônios foi um dos grandes motivos de Jesus ter se dedicado tanto ao discipulado: “escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar e tivessem autoridade para expulsar demônios” (Mc 3:14-15). Baseados neste modelo, treinamos toda a equipe de líderes de célula e líderes em treinamento para exercer autoridade e ter compreensão de como orar para expulsar demônios em nome de Jesus Cristo ou para auxiliar um ministrador numa situação prática de libertação.

Além disso, ocasionalmente, podem ocorrer manifestações demoníacas nos ambientes das células e dos cultos públicos, para as quais o mesmo preparo por parte da igreja à liderança dá suporte às pessoas em sofrimento – temática que é contemplada em uma das lições do módulo de liderança, na Trilha de Treinamentos. Assim como na missão de Jesus aos discípulos como mensageiros da paz, cremos que cada líder de célula possui autoridade para ministrar libertação, se necessário, no contexto em que estiver sob sua responsabilidade: “os setenta e dois voltaram alegres e disseram: Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome” (Lc 10:17). Indo mais além, entendemos que quando o jovem na fé aprende a vencer o Maligno, está apto para exercer autoridade em nome de Jesus para promover libertação sobre si mesmo ou sobre outros. Contudo, partindo dos pressupostos do modelo de discipulado de Jesus, percebemos que cabe aos líderes experimentados o objetivo de instruírem os novos os cristãos nesta temática.

Na cultura eclesial da Família da Fé, desde 2014 disponibilizamos o treinamento de Libertação. Inicialmente, contamos com a parceria de outras igrejas locais aliançadas à Rede Apostólica Cristã para causar uma estrutura mínima de pessoas para a realização do evento. A partir de 2016, passamos a ministrar de forma autônoma todo o treinamento, também recebendo cristãos de igrejas parceiras para contribuir com a edificação mútua.

### **5.3.2 Espírito Santo**

Outro treinamento prático ministerial que é inerente aos conceitos da Nova Reforma Apostólica e praticado pelas igrejas vinculadas à Rede Apostólica Cristã, como a Família da Fé, chama-se Espírito Santo. Este treinamento possui duração de

oito horas e é normalmente aplicado ao longo de três turnos de um mesmo dia previamente agendado.

Na analogia de maturação espiritual de 1Jo 2:12-14, é característica dos pais, como cristãos aptos a gerar outros, que tenham uma percepção mais profunda de conhecimento de Deus: “pais, eu escrevo a vocês porque conhecem aquele que é desde o princípio” (1 Jo 2:13). Neste sentido, disponibiliza-se este treinamento para todos os cristãos que já tenham concluído o curso de Liderança, na Trilha de Treinamentos da Rede Apostólica Cristã, como uma conexão mais próxima ao correspondente crescimento ministerial.

No treinamento Espírito Santo, em síntese, são ministrados pressupostos temáticos com relação à trindade, atuação do Espírito Santo no projeto de Deus, relacionamento com o Espírito Santo, diferenciando o Espírito habitar dentro dos crentes (Jo 14:17) e vir sobre os crentes (At 1:8), o fruto do Espírito Santo e os dons do Espírito Santo. Aliando o ensino teórico com ministrações práticas, muitas pessoas testemunham experiências significativas com Deus por meio da atuação do Espírito Santo, como o falar em línguas, interpretação de línguas, profecia, palavra de conhecimento, palavra de sabedoria, etc. (1Co 12). Como afirma Lawrence Khong, “quando membros não exercitam os dons sobrenaturais do Espírito Santo, a reunião da célula rapidamente se torna apenas mais um estudo bíblico – ou pior, um ajuntamento social superficial de cristãos”.<sup>427</sup>

Nas práticas ministeriais da Família da Fé, aplicamos o treinamento Espírito Santo com uma frequência menor do que os demais treinamentos, no intuito de agrupar diversas turmas que tenham concluído o módulo de Liderança.

### **5.3.3 Academia Apostólica**

Em janeiro de 2016, a Rede Apostólica Cristã teve a iniciativa de promover um curso intensivo avançado de cunho teológico-prático ministerial, com duração de duas semanas, voltado para pastores e líderes, chamado Academia Apostólica – ACA.<sup>428</sup> Neste treinamento, foram fundamentados os maiores pressupostos

---

<sup>427</sup> KHONG, 2000, p.33. *When members do not exercise the supernatural gifts of the Holy Spirit, the cell meeting quickly becomes just another Bible study - or worse, a superficial social gathering of Christians.* (tradução nossa)

<sup>428</sup> <https://web.facebook.com/acanobrasil>



teológicos e funcionais para o sistema operacional de uma igreja apostólica, distribuídos em 60 conteúdos distintos, com 90min de duração cada.

Com o sucesso do projeto e a realidade geográfica ampla das igrejas locais aliançadas à Rede Apostólica Cristã, a partir do segundo semestre de 2016 a Academia Apostólica passou a ser disponibilizada em módulos de finais de semana, contemplando oito disciplinas por módulo, em diversos polos como unidades de treinamento. Ao longo dos últimos anos, a ACA já foi realizada em polos localizados nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Pará e Rio de Janeiro. Desde o início do projeto, faço parte da equipe de professores e de administração da Academia Apostólica na estrutura da Rede Apostólica Cristã e a Família da Fé é sede de um dos polos na região metropolitana de Porto Alegre.

Desta forma, nossos pastores, supervisores e líderes de célula possuem acesso a treinamentos teológicos profundos e são ensinados sobre os conceitos da Nova Reforma Apostólica regularmente. Dentre os grandes temas que os módulos da Academia Apostólica contemplam, estão: Sistema Operacional de uma Igreja Apostólica; Estratégias Apostólicas; Governos Espirituais; Autoridade, Poder e Unção; Libertação; Armamento Espiritual; Liderança; Identidade; Adoração; Cinco Ministérios; Escatologia, dentre outros.

#### **5.3.4 Reuniões Gerais de Líderes**

As reuniões gerais de líderes são treinamentos locais voltados para todos os líderes e líderes em treinamento. Desde o processo de implantação da igreja, esta tem sido uma prática contínua de treinamento, dentro da percepção da liderança das necessidades de enfoque ministerial a cada tempo, com uma periodicidade mínima mensal.

O apóstolo Paulo como responsável pela saúde da igreja implantada em Corinto, escreve: “irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês; antes, que todos estejam unidos num só pensamento e num só parecer” (1Co 1:10). Neste sentido, entendemos que o presbitério local carrega uma responsabilidade apostólica de prevenir divisões ao manter toda a equipe de

liderança num mesmo propósito, tendo uma linguagem comum e trabalhando conjuntamente em sinergia às demandas de manutenção e avanço da igreja local.

Durante nossa residência em Lajeado, que perdurou até março de 2019, organizei reuniões gerais mensais com a equipe de liderança em caráter de treinamento, enquanto Ilda como supervisora realizava reuniões semanais para gestão e supervisão das células, o que na cultura da Família da Fé ocorre segundas-feiras à noite. Com nosso retorno em residir em Viamão e o constante crescimento da igreja local, Camila e eu passamos a exercer liderança semanal de gestão e supervisão juntamente com Ilda e mensalmente reuníamos todos os líderes em exercício e os membros da igreja já formados em toda a Trilha de Treinamentos.

As reuniões gerais de liderança são muito importantes para a manutenção da igreja local, pois constituem uma oportunidade imediata de traçar planos para vencer desafios do momento bem como enxergar metas de curto, médio e longo prazo que fomentam a vida das células, a motivação da equipe e a instauração de novos projetos decorrentes da necessidade estrutural que o crescimento proporciona. Além disso, causam senso de coletividade que o crescimento da célula pode diluir, por cada líder trabalhar pela saúde do seu pequeno grupo e acabar não tendo o devido olhar para o todo da igreja local a que pertence.

A partir de 2022, alcançando em torno de cinquenta células, passamos a fazer reuniões distintas, uma vez por mês com todos os líderes e outra vez apenas com os líderes em treinamento. Isto resultou em maior engajamento, já que os líderes em treinamento podem ter um momento de orientação e acesso diretamente com os pastores, crescendo na esfera relacional, nos conceitos da visão teológico-prática ministerial da igreja local e no senso de responsabilidade com a sua célula e o desenvolvimento de seu ministério pessoal.

#### **5.4 DINÂMICA DAS REUNIÕES DE CÉLULA**

Nos aspectos funcionais primordiais da Família da Fé, importa ressaltar a dinâmica das reuniões da célula, que refletem os objetivos de evangelismo, consolidação, discipulado e multiplicação por meio dos encontros semanais, que duram em média 60 a 90 minutos. Nos primeiros anos da Família da Fé, deixávamos todas as células em liberdade de ocorrer em qualquer momento da semana, exceto

durante o horário da celebração de grande grupo, em nosso caso domingo 18h30, ou das reuniões de supervisão, segunda-feira 20h. Contudo, com o crescimento e novas demandas para agrupar as pessoas em reuniões para treinamentos diversos e atividades ministeriais, desde 2022 temos praticado as células prioritariamente quartas e quintas-feiras, exceto mediante alguma necessidade do grupo previamente combinada com a sua supervisão.

A Rede Apostólica Cristã adota como metodologia para estruturar a reunião da célula o conceito que Joel Comiskey intitula como os “4E’s da Célula”, que são: Encontro, Exaltação, Edificação e Evangelismo.<sup>429</sup> Por outro lado, como afirma Aluizio Silva, “a principal característica de uma célula é a espontaneidade”.<sup>430</sup> Assim, o líder deve buscar um equilíbrio entre não descaracterizar a reunião, mantendo-a como sendo uma célula com todos os seus objetivos em mente, ao passo que permite a liberdade e espontaneidade de acordo com as necessidades e interações do pequeno grupo naquela semana.

Dentre as quatro grandes etapas da dinâmica da reunião da célula, é de suma importância que haja o estímulo à uma cultura participação e interatividade. Como sinalizam Aluizio e Márcia Silva, “as pessoas querem fazer parte de um grupo onde se sintam importantes e possam ser ouvidas”.<sup>431</sup> Uma célula saudável é um ambiente em que todos se sentem parte e exercem suas expressões pessoais com liberdade, causando maior aprendizado, comunhão, discipulado, inspiração, identificação e profundidade relacional. Como afirma Léo Matos, “quanto mais envolvidas as pessoas estiverem, mais dispostas estarão para se comprometerem em amor”.<sup>432</sup> Neste aspecto, Lawrence Khong conclui que “uma razão para a efetividade da igreja estruturada em células é a sua habilidade de facilitar a mobilização ministerial de cada crente”.<sup>433</sup>

Vejamos agora algumas diretrizes praticáveis que norteiam os 4E’s como pilares da reunião da Célula:

<sup>429</sup> COMISKEY, Joel. *Reuniões Atraentes: como conduzir encontros de grupos pequenos/células que estimulam o retorno das pessoas*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008c. p.31-40.

<sup>430</sup> SILVA, 2008, p.78.

<sup>431</sup> SILVA, Aluizio; SILVA, Márcia. *Multiplicando Discípulos*. 4. ed. Goiânia: AMS Publicações. p.22.

<sup>432</sup> MATOS, 2020, p.137.

<sup>433</sup> KHONG, 2000, p.58. *One reason for the effectiveness of the cell church structure is its ability to facilitate ministry mobilization of each believer.* (tradução nossa)

### 5.4.1 Encontro

O momento de encontro inicia com a recepção de cada participante no local, num espaço comumente residencial, previamente preparado pelo anfitrião. Líderes das células e líderes em treinamento devem ser os primeiros a chegar – em torno de 30 minutos antes do horário marcado com os convidados – e os últimos a irem embora, a fim de auxiliar o anfitrião na recepção das pessoas e nos ajustes e organização do ambiente, sem causar constrangimentos à casa ou aos participantes da célula que cheguem cedo ou que fiquem por último para irem embora.

Conforme os participantes e visitantes da célula vão chegando, devem ser calorosamente recebidos e integrados ao local, que pode contar com algum lanche, bebida (no Rio Grande do Sul, compartilhamos chimarrão com frequência neste momento da célula), música ambiente ou clipes de louvores e, especialmente, uma atmosfera de alegria e receptividade relacional. Durante este momento, os participantes estão espalhados ao longo do ambiente proposto pelo anfitrião. Grupos de conversa informal são gerados intencionalmente, fazendo com que todos se conectem para que em seguida, como um grupo, se reúnam para buscar a Deus coletivamente.

O período do encontro finaliza com a concentração do grupo para o início da reunião, por meio de alguma dinâmica coletiva, como uma pergunta, uma reflexão, o testemunho de alguém ou uma proposta de interação, no que sintetizamos como sendo o momento de “quebra-gelo”. Como afirma Comiskey, “o quebra-gelo aproxima o grupo, unindo-o em uma atmosfera familiar”.<sup>434</sup> Quando a reunião inicia, no horário previamente estabelecido, o lanche é pausado. O momento de quebra-gelo dura entre cinco e quinze minutos.

Nos primeiros anos da Família da Fé, realizávamos um lanche para motivar à comunhão sempre praticado ao final da reunião da célula. Desde 2022, temos praticado uma nova modalidade, inspirada na metodologia apresentada por Léo Matos, de instaurar o lanche no início, como parte do encontro, a fim de que se alguém chegar atrasado, não perca as dinâmicas da reunião e também para que os visitantes sejam melhor ambientados ao participar de imediato de um momento de confraternização ao invés de um momento de busca a Deus, com o qual podem ficar

---

<sup>434</sup> COMISKEY, 2008c, p.33.

receosos quanto menos integrados estiverem. “Percebo que esta ação possibilita um ambiente mais descontraído, promove conversas, quebra a formalidade e facilita muito a recepção dos novos que chegam”.<sup>435</sup>

#### 5.4.2 Exaltação

O período de exaltação compreende um momento coletivo e dirigido de busca a Deus e adoração, em que o grupo é mobilizado e concentrado neste propósito. Na prática da Família da Fé, normalmente inicia-se com um período breve de oração, numa linguagem compreensível a todos, dirigida por algum dos participantes previamente designado, seguido por um período de adoração por meio de canções. Este é o período em que canalizamos o grupo para a manifestação da presença de Cristo, pois como ele prometeu: “onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles”. (Mt 18:20). Como ressalta Comiskey, “o tempo de exaltação faz com que o grupo vá além da socialização. Sem a presença de Cristo, a célula não é diferente de uma festa do trabalho, um encontro familiar ou uma reunião entre amigos”.<sup>436</sup>

Este período pode ser conduzido por alguém que saiba tocar algum instrumento musical, como violão, ou por algum participante que maneje um dispositivo eletrônico para controlar o início, final e volume da música entoada de forma digital, através da qual os participantes acompanham, cantando simultaneamente. O período de exaltação deve durar em torno de quinze minutos, o que compreende um período de oração e em torno de duas ou três canções. Na prática da Família da Fé, sugerimos que todas as células proporcionem acesso às letras das canções de forma que todo o grupo possa participar. Alguns líderes levam as canções impressas, outros enviam as letras em grupo de aplicativo de mensagens, ainda outros projetam por meio de televisor ou computador. Semanalmente, são sugeridas aos líderes canções relacionadas à temática da ministração. Há também um acervo no aplicativo Spotify que pode ser utilizado como referência.<sup>437</sup>

---

<sup>435</sup> MATOS, 2020, p.123.

<sup>436</sup> COMISKEY, 2008c, p.34.

<sup>437</sup> <https://open.spotify.com/playlist/1tWLS3HDVXuvqfsCi6cfns?si=6a97b6796eca45c5>

### 5.4.3 Edificação

O momento de edificação é o momento compreendido por uma ministração bíblica contextualizada e praticável, dirigida ao grupo, normalmente guiada pelo líder da célula e esporadicamente pelo líder em treinamento. Retomando neste momento a importância do estímulo à participação de todo o grupo, para que a Palavra de Deus seja melhor aprendida e aplicada, Wagner Carvalho afirma que “o líder deve ministrar a Palavra de modo a envolver os participantes com o seu testemunho e com o dos presentes”.<sup>438</sup>

Durante os primeiros anos da Família da Fé, trabalhamos com uma pasta virtual pelo aplicativo Dropbox, por meio do qual todos os líderes tinham acesso a um acervo de dezenas de ministrações como possibilidade para serem aplicadas em sua célula, em sua maioria produzidas pela liderança da Rede Apostólica Cristã. A partir de 2022, com o crescimento da equipe de liderança e muitos líderes novos sendo estabelecidos, rompendo a barreira de 200 membros na igreja local, percebemos a necessidade de aplicar nas células a mesma temática ministrada no culto público do domingo anterior. Desta forma, passamos a elaborar uma folha para ministração da célula própria da Família da Fé, com sugestões de quebra-gelo, perguntas interativas, temática semanal análoga à do grande grupo, desafios coletivos, sugestões de canções e avisos da rotina da igreja.

Mesmo neste contexto, Comiskey adverte que “mesmo que a igreja prepare o estudo, é essencial que cada líder de célula examine e aplique de acordo com as necessidades de seu grupo”.<sup>439</sup> O período de edificação dura entre 20 e 40 minutos, dependendo dos outros momentos e do contexto participativo da célula em questão.

### 5.4.4 Evangelismo

Por último, o momento de evangelismo promove um propósito comum ao grupo para o alcance de novas pessoas para Cristo por meio da pregação do evangelho. Na presença de visitantes que demonstrem interesse por conhecer mais a Deus, o líder pode conduzir uma oração pessoal de rendição e entrega a Cristo. Ainda neste momento, deve-se estimular o convite a novas pessoas, orar por nomes

---

<sup>438</sup> CARVALHO, 2016, p. 89.

<sup>439</sup> COMISKEY, 2008c, p. 37.

que participantes tenham em mente para receberem a Palavra de Deus por meio da participação da célula, preparar algum projeto social, planejar a multiplicação da célula, planejar um próximo evento de colheita da célula, orar por famílias da vizinhança ou parentes de participantes para que tenham quebrantamento de coração e disposição de buscar a Deus, etc.

Este período dura aproximadamente dez minutos na programação da célula, que por sua vez é encerrada com oração pelas necessidades dos presentes ou pelo compartilhamento de testemunhos de respostas de oração por motivos anteriormente mobilizados. Este é um momento muito importante em que o líder deve conduzir de forma inspiradora, com base na compaixão por pessoas que ainda não conheçam a Deus. Como afirma Comiskey, “células que não acrescentam regularmente vida nova ao grupo estagnam ou morrem”.<sup>440</sup>

## 5.5 DINÂMICA DOS CULTOS PÚBLICOS

Tradicionalmente, as igrejas estruturadas em célula praticam poucas reuniões públicas na semana, normalmente intitulados como cultos ou celebração, para que os pequenos grupos, os treinamentos, a supervisão da liderança e os relacionamentos de discipulado possam ser cumpridos com êxito e sem sobrecarga à equipe de trabalho predominantemente voluntária e normalmente com atividades profissionais concomitantes.

No caso da Família da Fé, desde o estabelecimento institucional da igreja, praticamos cultos públicos semanalmente regulares domingos, numa programação que promove o encontro simultâneo de todas as células que compõem a igreja local. Apesar de os cultos públicos cumprirem vários papéis secundários na vida da igreja, o principal é a conexão e coletividade da reunião de todas as células, no que era referido nos pressupostos teóricos supramencionados como os aspectos complementares do “publicamente” e “de casa em casa”, predominantemente regado por um ambiente de alegria e celebração num contexto familiar.

Além dos cultos dominicais, a Família da Fé promove eventos de grande grupo esporadicamente programados em sextas ou sábados para públicos específicos, como homens, mulheres, jovens, adolescentes ou casais.

---

<sup>440</sup> COMISKEY, 2008c, p.39.

A dinâmica dos cultos passa por pressupostos similares à dinâmica das células, contendo encontro, exaltação, edificação e evangelismo. Contudo, por ser uma reunião de grande grupo, a participação de cada um é de caráter predominantemente reativo ao que está sendo conduzido a partir de uma plataforma com amplificação de som e projeção de imagens. Desta forma, cabe aqui algumas características que tornam os cultos públicos distintos das células:

### **5.5.1 Comunhão entre células**

Ao participar do culto, os membros das células praticam o pertencimento ao grande grupo. Contudo, é natural que, mesmo num grupo maior, as pessoas sigam se relacionando apenas com aqueles que já conhecem. Por isso, cabe à igreja local proporcionar ambientes e dinâmicas de interatividade que promovam comunhão e amizades entre células diferentes.

#### **5.5.1.1 A hora do abraço**

Desde o início das macrocélulas na fase de implantação e depois na prática dos cultos dominicais, estabelecemos na Família da Fé uma dinâmica de estímulo à comunhão no meio da programação do culto. No mesmo momento em que as pessoas têm oportunidade de contribuir financeiramente como parte da dinâmica do culto, estimulamos todos a que saiam de seus lugares e manifestem expressões de comunhão, como cumprimentos, abraços e rápidas conversas, enquanto uma canção é entoada. Esta foi uma característica muito forte da Família da Fé, inclusive pela identidade familiar atrelada ao nome da igreja, num ambiente de muita alegria e estímulos relacionais, que ficou conhecida como “a hora do abraço”.

Infelizmente, devido ao contexto de pandemia por coronavírus, desde março de 2020 tivemos que abolir esta prática por dois anos. Com o crescimento da igreja, a cultura deste momento acabou se dispersando, pois todos que chegaram após este período não aprenderam esta prática como natural ao ambiente coletivo. Assim, desde o segundo semestre de 2022 temos trabalhado para retomar este momento em todos os cultos e causar novamente uma espontaneidade de interatividade e comunhão.



Vale ressaltar que ainda em 2023 temos encontrado dificuldade de voltar à normalidade dos relacionamentos de comunhão durante os cultos por meio da hora do abraço. O efeito do distanciamento social causado pelo contexto de pandemia tem gerado consequências de longo prazo no ambiente eclesial da Família da Fé. Não percebemos uma restrição ao convívio ou ao contato por parte dos participantes, tanto que quando solicitado as pessoas se relacionam. Contudo, é notório um esfriamento das relações em geral, perdendo a organicidade de uma comunhão calorosa que carregávamos como característica anteriormente ao período pandêmico. Sobre as mudanças ocorridas na cultura da igreja em decorrência da pandemia, haverá discussão mais detalhada ainda no teor deste capítulo.

### ***5.5.1.2 Reflexos das estratégias evangelísticas e dos treinamentos***

Outro facilitador para a comunhão entre células expressa no ambiente dos cultos públicos são os reflexos das estratégias evangelísticas e das turmas de treinamentos. Estratégias como o retiro Encontro com Deus e os Eventos de Colheita, causam dinâmicas relacionais que abrem portas para relacionamentos de amizade que se criam e se fortalecem ao longo do tempo no convívio semanal das programações da igreja local. As turmas dos módulos da Trilha de Treinamentos também causam novos relacionamentos. Sempre procuramos proporcionar intervalos de interação e ambiente participativo nos cursos, o que desperta novos vínculos. Após o término das turmas, as pessoas seguem com familiaridade e proximidade por meio dos cultos públicos semanais.

### ***5.5.1.3 Estrutura predial para convivência***

Uma das grandes tendências das igrejas que têm crescido no contexto pós-moderno, especialmente no alcance das novas gerações, é a adesão a uma estrutura de convivência como parte da estrutura da igreja, espaço que normalmente chamamos de hall, que, originado da língua inglesa, remete à ideia de um saguão, um espaço amigável de receptividade e convívio, que antecede o espaço formal.

Quando praticamos as reformas estruturais no prédio locado para sediar a Família da Fé, entre setembro e novembro de 2015, de 300m<sup>2</sup> disponíveis, separamos 50m<sup>2</sup> de área para estabelecer o hall de entrada, composto por ambiente

cantina, livraria e hall de circulação, sempre pensando no estímulo relacional e práticas de convívio.

A partir de 2021, como reflexo do contínuo crescimento da igreja, ampliamos nosso espaço, aderindo também a locação do prédio ao lado, no mesmo complexo predial a que já pertencíamos. Com um total aproximado de 750m<sup>2</sup> de área construída locada, temos atualmente todo um amplo espaço dedicado ao âmbito social, que chamamos de Lobby, numa área de 300m<sup>2</sup>. No lobby da Família da Fé, dispomos de sala para reuniões menores, cantina, livraria, hall de entrada, banheiros e um grande saguão para convivência, com mesas pequenas e cadeiras, jogos de sinuca, pebolim e pingue-pongue, projeção de clipes e música ambiente, para proporcionar e estimular comunhão por relacionamentos vinculados à participação dos cultos. Normalmente, as pessoas desfrutam do lobby 30 minutos antes dos eventos e até 120 minutos após.

Apesar de destacar a relevância de espaços de comunhão, é pertinente ressaltar também o custo financeiro para promover estrutura predial à igreja local, que conta com necessidades de sonorização, iluminação, decoração e manutenção. Muitas igrejas emergentes frustram o projeto de implantação por visar começar sua história com uma estrutura predial de elevado custo. Além disto canalizar ao já referido “templismo”, isto gera um elevado risco da liderança da igreja se deslocar do propósito principal de fortalecer as células para o propósito secundário de angariar recursos financeiros. Mesmo que sempre desejamos trabalhar com excelência e oferecer o melhor para a comunidade de cristãos que congregam, sempre tivemos o cuidado como Família da Fé de dar passos de investimento a partir dos patamares de renda mensal gerada organicamente pelo ensino de princípios de dízimos e ofertas num ambiente de contribuição voluntária. Este é um dos fatores delicados de administração eclesial de novas igrejas apostólicas que requer sabedoria à liderança, pela falta de aporte causado por investimentos externos, comuns ao meio denominacional.

### **5.5.2 Conexão com a liderança pastoral**

Os cultos dominicais causam uma conexão dos participantes de todas as células com a liderança pastoral da igreja. Como o pastoreamento numa igreja

apostólica é feito de forma escalonada por pequenos grupos, o culto torna-se um dos principais ambientes em que a liderança sênior da igreja comunica-se com as células.

A principal maneira através da qual ocorre esta conexão é por meio do momento de edificação, pela ministração pública de uma mensagem fundamentada na Palavra de Deus como uma das partes predominantes na programação do culto. Inicialmente tínhamos um período de edificação nos cultos de em média 60 minutos, compondo-os como eventos mais longos, de até 2h30min de duração. Com as novas tecnologias e avanços das tendências pós-modernas, desde 2020 temos aderido à uma programação mais enxuta e cronometrada nas reuniões de grande grupo, num período médio de 40 minutos para o momento de edificação e o evento dura em torno de 1h45min, até mesmo para promover maior tempo de permanência no lobby. Como pastor sênior da igreja local, conduzo o momento de edificação dos cultos no mínimo três domingos por mês, diferentemente de outros contextos eclesiais em que há uma escala de revezamento na ministração pública da Bíblia, pois é a única oportunidade semanal que temos para congregar a igreja e comunicar algo conjuntamente de forma presencial.

Em outros eventos de grande grupo, como treinamentos, estratégias de evangelismo e de edificação, distintos do culto dominical, é comum que outros pastores e supervisores, tenham proeminência na comunicação ao coletivo.

### **5.5.3 Contribuição financeira**

Diferentemente de outras igrejas estruturadas em células, na Rede Apostólica Cristã, temos o princípio de não estimular a coleta de dízimos e ofertas no ambiente residencial da célula, mas somente no momento de culto público semanal.

Na dinâmica de culto, separamos dez minutos para que, neste período seja ministrada uma palavra breve sobre princípios bíblicos financeiros, comunicada por pastores, supervisores ou líderes de célula previamente solicitados, haja momento de oração sobre a realidade financeira das pessoas e, por fim, oportunidade de contribuição. Desde 2020, adotamos formas de contribuição digital, como transferências bancárias e PIX, estimuladas dentro da mesma dinâmica do culto.

Nas perspectivas teológicas financeiras da Nova Reforma Apostólica, estão os conceitos de ofertas, dízimos e primícias conectadas a contribuições financeiras dos cristãos com relação à vida da igreja. Primícias ou primeiros frutos, contemplam o princípio de oferecer a Deus uma porção dentre as primeiras coisas recebidas, denotando honra e primazia ao Senhor (Pv 3:9-10). Dízimos correspondem à décima parte dos rendimentos pessoais que pertencem ao Senhor (Lv 27:30 e Lc 11:42). Ofertas correspondem a contribuições que expressam generosidade, adoração e gratidão (2Co 9:6-11). Entendemos que são práticas neotestamentárias que servem também como mecanismo de sustento e avanço para os projetos do Reino de Deus por meio da igreja local.

#### **5.5.4 Estrutura múltipla ministerial**

Uma das premissas para que não se realizem cultos públicos desde o início de um projeto de implantação de uma nova igreja são os recursos não apenas financeiros, mas também humanos necessários, com demandas de tarefas e habilidades a serem desempenhadas para o bom funcionamento institucional. Após um corpo formado pelas primeiras células, este trabalho pode ser desenvolvido, organizado e praticado de forma a causar um ambiente confortável e receptivo aos participantes das reuniões de grande grupo.

Nos primeiros anos da Família da Fé com sede institucional, os líderes de célula protagonizaram a liderança ou organização do desempenho de serviço ministerial mais intenso, como cantina, recepção, decoração, sonorização, projeção e música, para ambientes de culto e limpeza, organização, manutenção e assistência social, para ambientes extra-culto. Numa divisão de tarefas conforme disponibilidade e habilidades, este mecanismo orgânico funcionou muito bem até rompermos a barreira de 100 participantes regulares semanalmente.

Após este número, tudo começa a ficar mais burocrático e passa a requerer mais energia. Cada demanda se multiplica e as tarefas gerais são ampliadas. Este fator começou a desgastar a equipe de liderança, movendo parte de seu principal objetivo, que são as células, pelo esforço necessário para cumprir as tarefas relacionadas aos “ministérios do templo”, na terminologia supracitada de Larry Kreider.

No início de 2020, com em torno de 140 membros em célula, começamos a estabelecer mudanças de avanço na estrutura ministerial da igreja. Procedemos a contratação de uma pessoa membra da igreja para prestação de serviços administrativos, o que aliviou bastantes demandas de alguns líderes. Este serviço prestado gira em torno de mídias digitais, organização geral de eventos e suporte financeiro e logístico para as demandas da comunidade. Começamos com dois dias por semana e atualmente temos uma pessoa dedicada 40h semanais para o desempenho de serviços administrativos, contratada formalmente pela igreja enquanto pessoa jurídica.

Também em 2020, passamos a organizar uma estrutura de ministérios, compreendidos como serviços específicos praticados por pessoas que se voluntariam em disponibilidade e que possuam as requeridas aptidões para tal. A partir de então, estas equipes começaram a ter autonomia com relação às células. Em outras palavras, nem todos os líderes de célula trabalham ativamente nos ministérios e, dentro dos grupos dos ministérios, há uma participação de pessoas de diferentes células. É um braço de suporte à vida da igreja local em paralelo ao funcionamento das células, porém sabidamente secundário, o que significa que, para servir em um dos ministérios, a pessoa precisa estar participando de uma célula e receber a recomendação do seu líder, para que a tarefa a que se voluntaria não tire o lugar da essência do modelo celular.

Ao longo do tempo, fomos ajustando as equipes e detalhando as atividades, de acordo com as demandas. Primeiramente, organizamos uma equipe para recepção, cantina e limpeza. Depois, treinamos novas pessoas para projeção e sonorização. Ainda, padronizamos a equipe de mídias, separadas em fotografia, edição de áudio e vídeo e produção de conteúdo digital. Também treinamos e desenvolvemos uma equipe especializada no cuidado e ensino para as crianças, que desaguou em outra equipe para lidar com os pré-adolescentes, ambos com atuação durante o momento de edificação dos cultos. Com a expansão da estrutura, também desenvolvemos um grupo para dar suporte à dinâmica dos eventos, que chamamos *staff*, uma terminologia oriunda da língua inglesa, comum para designar a equipe de apoio em eventos públicos. E assim por diante, conforme as necessidades e projetos surgem, formatamos equipes de trabalho que conectam as pessoas da célula e, especialmente, produzem senso de pertencimento à igreja,

principalmente para aqueles que ainda não estão trabalhando voluntariamente em nenhuma atividade da igreja. Como disse Jesus, “há maior felicidade em dar do que em receber” (At 20:35). Os ministérios estimulam as pessoas a servirem umas às outras por meio da igreja local.

Em 2021, passamos a ter como padrão a contratação de mão de obra para a maioria dos serviços de manutenção, o que até então era predominantemente feito via voluntariado. Os mutirões foram famosos nos primeiros tempos de avanço estrutural da igreja. Contudo, pelo aumento gradual das demandas das células e da estrutura, precisamos de serviços especializados e com maior disponibilidade para suprir as necessidades. Ocasionalmente, ainda mobilizamos alguns mutirões quando necessário.

## 5.6 FUNCIONALIDADE DA IGREJA NA PANDEMIA

A pandemia mundial causada pelo coronavírus instaurou-se na realidade gaúcha a partir da segunda quinzena de março de 2020. A partir de então, a igreja local precisou adaptar várias de suas práticas para continuar contribuindo para a vida de fé das pessoas, num momento em que foi imprescindível a manutenção das relações de espiritualidade e de mútuo fortalecimento emocional. N. T. Wright corrobora sobre este papel da igreja no contexto de pandemia, ao afirmar que “Cristãos, neste ponto, podem não ter palavras para expressar seu lamento. Mas ainda assim têm trabalho a ser feito: na cura, no ensino, na assistência ao pobre, em campanhas sociais, no consolo dos abatidos”.<sup>441</sup>

Mesmo diante de diferentes entendimentos sobre qual deveria ser o papel da igreja, carregamos uma constante convicção de não nos omitirmos em prestar suporte àqueles que necessitavam. Divergências políticas e éticas pairaram sobre nossa sociedade, suscitando por um grupo social críticas aos que optavam por uma quarentena voluntária, para evitar a proliferação de contágio e, por outro grupo social, críticas aos que optavam seguir trabalhando no entendimento de sua missão. Neste aspecto, concordo novamente com Wright, ao declarar que “nesse caso, não devemos ter medo de agir segundo a nossa convicção moral, ainda que em meio a

---

<sup>441</sup> WRIGHT, N. T. *Deus e a pandemia*. Ed. Kindle. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p.63.

discórdias e tensões”.<sup>442</sup> Esta convicção missional em tempos de crise também faz parte dos pressupostos neotestamentários que compõem a eclesiologia da Nova Reforma Apostólica.

### **5.6.1 Células, treinamentos e reuniões por videochamada**

A partir da pandemia, assim como em diversos ambientes de trabalho e salas de aula, a Família da Fé instaurou uma cultura de relacionamentos virtuais por videochamada ou transmissão virtual em suas programações. Ao longo dos dois anos de pandemia, tivemos alguns poucos períodos de células completamente virtuais por videochamada, devido ao *lockdown* do primeiro mês ou casos de contágio em participantes do grupo, e uma normalidade de células que chamamos híbridas, que ocorriam simultaneamente presencial e virtualmente, de acordo com as condições de saúde e práticas de convívio de cada participante.

Com cuidados sanitários redobrados, como por exemplo constante higienização, uso de máscaras e ausência de sintomas gripais, a Família da Fé manteve a maioria de suas células disponíveis para participação presencial durante a pandemia. Da mesma forma procedemos com os módulos da Trilha de Treinamento e reuniões de supervisão, com possibilidades presencial e virtual. E ainda, alguns eventos presenciais de evangelismo agendados tiveram que ser cancelados, devido à previsão de elevada aglomeração de pessoas.

Somos gratos a Deus por não termos registrado nenhuma morte por coronavírus dentre os membros frequentadores da Família da Fé durante todo o período de pandemia. Pelo contrário, a manutenção das programações da igreja adaptadas à pandemia fizeram com que a maioria das células crescessem e várias se multiplicassem, dada a abertura de muitas pessoas a buscarem a Deus no contexto social da pandemia. No decorrer deste período, conduzimos mais de noventa pessoas ao batismo e posterior acompanhamento para crescimento em suas práticas cristãs.

---

<sup>442</sup> WRIGHT, 2020, p.79.

### 5.6.2 Adaptação dos cultos públicos na pandemia

Com o distanciamento social estabelecido por decretos governamentais no primeiro mês de pandemia, precisamos aprender novas formas de reunir as pessoas no domingo para o momento de culto. Começamos com transmissões ao vivo numa modalidade interativa via Facebook e edição de vídeos de ministrações bíblicas postadas no canal do YouTube.<sup>443</sup> Para tanto, a equipe de mídias passou por uma curva de aprendizado técnico e a igreja local por aquisição de recursos midiáticos que foram sendo aprimorados para uma mínima qualidade audiovisual.

Após o término de um período inicial de *lockdown*, ao invés de promover uma programação exclusivamente virtual, passamos a realizar transmissões ao vivo dos cultos presenciais ao longo de toda a pandemia, tendo sido encerradas temporariamente para aprimoramento tecnológico no final do primeiro semestre de 2022; a disponibilização das ministrações bíblicas semanais no canal do YouTube seguem até hoje.

Sobre o contexto híbrido da pandemia, uma nova dinâmica de cultos se estabeleceu, sendo adaptada diversas vezes em decorrência de decretos governamentais sobre os contingentes de pessoas permitidos por área, uma vez que no Rio Grande do Sul, os serviços religiosos foram considerados essenciais e, por isso, as igrejas que quiseram puderam manter atividades presenciais. Adotamos o distanciamento entre lugares que se seguiu pelo distanciamento entre famílias ocupantes da mesma casa. Retiramos o momento de comunhão dentro da programação do culto bem como os momentos de interatividade espontânea antes e depois do evento, recomendando a chegada no horário e saída após o término da programação. Cuidados sanitários de higienização constante, uso de máscaras e ausência de sintomas gripais, assim como estabelecido para as células, também foram adotados.

Com restrições mais rigorosas em momentos de pico de contágio, chegamos a realizar cinco cultos num mesmo domingo, agrupando o limite de trinta pessoas participando de cada um. Noutros momentos, praticamos quatro, três e dois cultos, de acordo com a capacidade permitida. Desde novembro de 2021, inauguramos um espaço maior para cultos públicos, o que possibilitou a volta de um culto apenas por

---

<sup>443</sup> <https://www.youtube.com/@familiadafe5885>



domingo, congregando todos que estivessem dispostos a participar presencialmente, o que permanece até hoje.

Estas adaptações desgastaram bastante a equipe de liderança tanto com relação à intensidade das programações da estrutura da igreja local como com novas formas de discipulado e consolidação das pessoas na célula, o que causou em 2022 a necessidade de uma nova oxigenação de motivação, visão para a igreja local e o estabelecimento de mudanças nas dinâmicas das células e no suporte dos líderes em treinamento aos líderes de célula.

## **5.7 ESTRUTURA DE GOVERNO**

A estrutura de governo é um aspecto relevante para a compreensão da funcionalidade de uma igreja local vinculada à Nova Reforma Apostólica. Todo sistema eclesial precisa de parâmetros quanto à estrutura de liderança que sejam nítidos, tanto por parte do entendimento dos membros do grande grupo como por parte dos próprios líderes que são estabelecidos. No contexto neotestamentário da Igreja Primitiva, vemos diversas vezes instruções sendo dadas aos líderes da igreja em separado, como por exemplo nas cartas a Timóteo e a Tito ou quando são chamados apenas os presbíteros de Éfeso para o recebimento de instruções quanto ao governo da igreja local (At 20:17). Na mesma perspectiva, o autor de Hebreus destaca que os líderes da Igreja não de prestar contas a Deus por sua missão: “eles [seus líderes] cuidam de vocês como quem deve prestar contas” (Hb 13:17). Da mesma forma como o apóstolo Paulo se coloca como modelo à igreja em sua liderança, não devemos, especialmente em posição de liderança eclesial, demandar energia em nossas ações no cristianismo como “quem esmurra o ar” ou como quem “corre sem alvo” (1Co 9:26). Uma comunidade de cristãos que se preocupa em viver seus princípios debaixo de características apostólicas neotestamentárias, precisa ter clareza de propósito, o que remete consequentemente à clareza de um sistema de liderança.

De acordo com Brian Sauder e Larry Kreider, que apresentam um modelo de governo eclesiástico numa perspectiva coerente à Nova Reforma Apostólica, a estrutura de governo de uma igreja local, com base no modelo neotestamentário, opera em três níveis distintos: líderes que atuam diretamente no pastoreamento dos

cristãos (também chamados diáconos), líderes que supervisionam o pastoreamento e formam novos líderes para o pastoreamento (também chamados presbíteros ou bispos) e líderes apostólicos, que supervisionam e treinam novos presbíteros.<sup>444</sup> Outra característica clássica, como corroboram Sauder e Kreider, é que a “liderança (em todos os níveis) é caracterizada pelo serviço”<sup>445</sup>, numa referência tanto ao padrão bíblico da Igreja Primitiva como à instrução direta de Jesus: “quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo” (Mt 20:26).

Como exemplos bíblicos desta distinção de níveis de liderança, vemos por exemplo no concílio de Jerusalém as figuras distintas de apóstolos e presbíteros, como a liderança máxima representando a autoridade sobre as igrejas locais naquele momento: “os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar essa questão” (At 15:6). Quando os primeiros apóstolos começaram o projeto da Igreja na cidade de Jerusalém, é implícito no contexto bíblico que eles mesmos também eram os presbíteros – Pedro, por exemplo, intitula-se também como presbítero noutra ocasião (1Pe 5:1). Com o crescimento das demandas ministeriais consequentes do crescimento da igreja, discerniram o estabelecimento dos diáconos, como líderes sob supervisão, para o suprimento de necessidades ministeriais da localidade. Posteriormente, com as viagens missionárias, era função dos apóstolos designar o estabelecimento de presbíteros para a liderança das igrejas locais estabelecidas: “Paulo e Barnabé designaram-lhes presbíteros em cada igreja” (At 14:23).

Na sequência do desenvolvimento da Igreja Primitiva pelos escritos do Novo Testamento, vemos, por exemplo Paulo, como líder apostólico, maior autoridade de governo sobre a igreja local, endereçar a carta aos filipenses a “três grupos” de cristãos: os santos, os diáconos e os bispos (Fp 1:1). Quanto ao uso da terminologia “bispos” na estrutura de governo da igreja neotestamentária, consideramos como sinônimo de “presbíteros” na referência à liderança local, apesar de denotar aspectos diferentes do mesmo ofício. Como corroboram Brown e Coenen, “há evidências de que suas funções coincidiram, e que os dois títulos possam ter sido termos diferentes para aquele que era essencialmente o mesmo ofício”.<sup>446</sup> De forma similar, Vine afirma que “a palavra *presbuteros*, ‘ancião/presbítero’, é outro termo

---

<sup>444</sup> SAUDER, Brian; KREIDER, Larry. *Helping You Building Cell Churches: a comprehensive training manual for pastors, cell leaders and church planters*. 2. ed. Ephrata: House to House, 2004. p.118.

<sup>445</sup> SAUDER; KREIDER, 2004, p.118.

<sup>446</sup> BROWN; COENEN (org.), 2000, p.220.

para descrever a mesma pessoa na função do bispo”.<sup>447</sup> Num aspecto relacional de autoridade e discipulado, presbítero faz referência ao ancião, aquele que é mais velho, que recebe o título de honra por sua liderança, denotando uma raiz cultural judaica de influência sobre a sistema de liderança cristã.<sup>448</sup> Por outro aspecto da mesma função, numa questão mais relacionada à gestão e responsabilidade administrativa, bispo remete àquele que supervisiona, “à necessidade da supervisão pastoral para conservar a igreja no caminho da fé”.<sup>449</sup> Há ainda uma interpretação mais específica, adotada por alguns líderes conectados à Nova Reforma Apostólica, de que a nomenclatura de bispo represente o presbítero que seja o líder sênior da igreja local, numa realidade plural de presbíteros na estrutura de governo local, o chamado presbitério.<sup>450</sup>

Quanto aos diáconos, sua função pode ser traduzida como “aqueles que servem nas igrejas”.<sup>451</sup> Trata-se de uma posição de autoridade ministerial vinculada à igreja local, comissionada por líderes de maior autoridade. Na carta de Paulo a Timóteo, o terceiro capítulo carrega orientações sobre dois níveis distintos de autoridade: dos bispos (1Tm 3:1-7) e dos diáconos (1Tm 3:8-13). As credenciais de um bispo são de maior exigência do que as de um diácono, denotando a diferença de autoridade ministerial. Como suprarreferido, bispos indicam uma função de supervisão pastoral, o que denota sua liderança sobre os diáconos.

### **5.7.1 Líderes de célula**

No contexto da Nova Reforma Apostólica, numa perspectiva de igrejas locais estruturadas em célula, os líderes de célula constituem uma relação análoga aos diáconos comissionados na Igreja Primitiva. A razão pela qual desconheço qualquer igreja em células que use diretamente o termo “diácono” se dá pelo vasto uso desta terminologia principalmente nos ambientes pentecostais, numa função entendida de forma distinta à perspectiva bíblica. No contexto tradicional pentecostal, do qual fiz parte em minha trajetória eclesial, diáconos são comissionados pela liderança da igreja, porém não são vistos como pessoas de autoridade espiritual. Ao contrário,

---

<sup>447</sup> VINE, 2016, p.434.

<sup>448</sup> BROWN; COENEN (org.), 2000, p.223-231.

<sup>449</sup> BROWN; COENEN (org.), 2000, p.223.

<sup>450</sup> BYLER, 2008, p.132.

<sup>451</sup> VINE, 2016, p.563.

são vistos como pessoas que servem à igreja em trabalhos manuais ou técnicos, como recepcionar as pessoas, cuidar das crianças, servir a Santa Ceia aos irmãos, zelar pela estrutura física da igreja, etc.

Pelo crivo que os apóstolos fizeram passar os primeiros candidatos ao diaconato (At 6:1-7) bem como pelas características recomendadas por Paulo a Timóteo (1Tm 3:8-13) e pela menção a estes no início da carta aos Filipenses ao lado dos bispos, é razoável supor que na cultura da Igreja Primitiva, a função diaconal referia-se a pessoas que desempenhavam autoridade eclesiástica no suprimento das demandas dos membros do Corpo de Cristo:

Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos. Devem apegar-se ao mistério da fé com a consciência limpa. Devem ser primeiramente experimentados; depois, se não houver nada contra eles, que atuem como diáconos. (1Tm 3:8-10)

Assim, autoridade espiritual é reconhecida e delegada aos líderes de célula por parte dos pastores locais. Os líderes de célula pastoreiam diretamente as necessidades das pessoas do pequeno grupo pelo qual são responsáveis e prestam conta de sua liderança. Atualmente, no início de 2023, contamos com quarenta e cinco líderes de célula atuantes na Família da Fé.

Formar continuamente novos líderes de célula para que estejam aptos a pastorear pequenos grupos de pessoas é um dos maiores desafios de qualquer igreja em células e ao mesmo tempo uma das maiores chaves do sucesso do modelo celular. Como afirma Joel Comiskey, “a menos que os membros dos grupos pequenos se convertam em líderes de grupos pequenos, poucos frutos duradouros vão aparecer”.<sup>452</sup> Sem o enfoque de treinar e delegar o pastoreamento aos líderes de célula, o modelo celular fracassa.

Por outro lado, mais uma vez é válido destacar os efeitos de uma teologia dual entre o clericalismo e o laicato, no sentido de que o senso comum é que as pessoas concebiam a si mesmas como participantes de uma comunidade religiosa e não como parte da equipe de liderança. Como pastor sênior da Família da Fé, este é um dos meus principais propósitos: trabalhar para causar uma mentalidade de discipulado e na formação e manutenção de novos líderes de forma bíblica

---

<sup>452</sup> COMISKEY, 2008b, p.12.

constantemente. Christian Schwarz em sua pesquisa sobre o desenvolvimento natural da igreja conclui que “os líderes das igrejas que crescem concentram seus esforços em capacitar outras pessoas para o ministério”.<sup>453</sup>

No ambiente de igrejas em célula com uma prática eclesial ligada à Nova Reforma Apostólica, como a Família da Fé, o discipulado não é um fator estritamente controlado, mas primariamente orgânico. Esta característica torna um ponto sensível a manutenção da liderança, pois a sua multiplicação precisa carregar a identidade da igreja, o caráter cristão e os valores da comunidade que representa. Esta falta de controle sobre as relações é um dos motivos pelos quais muitas igrejas em células não crescem, pois o pastor sênior não confia a delegação de pastoreamento efetivamente. No modelo celular, uma das principais funções do pastor sênior é garantir o pastoreamento e discipulado da equipe de liderança, para que estes garantam estes mesmos atributos, de forma multiplicada, aos participantes das células.

#### **5.7.1.1 Líderes em Treinamento**

Um dos primeiros modelos de igreja estruturada em célula na América Latina foi descrito por César Castellanos, líder da Missão Carismática Internacional. Castellanos descreve a figura do líder em treinamento na célula como o “Timóteo”, numa alusão ao treinamento que Paulo teve para com este aprendiz, no contexto de formação de liderança neotestamentária. O “Timóteo” é o próximo líder da célula, sendo treinado pelo líder atual e reconhecidamente desenvolvido na vida da célula.<sup>454</sup>

Na Rede Apostólica Cristã, temos o conceito de líder em treinamento presente na cultura eclesial. Algumas igrejas adotam a nomenclatura “Timóteo”, como herança cultural de Castellanos, outros como “Líder auxiliar” e ainda outros, como atualmente na Família da Fé, literalmente como “Líder em Treinamento” ou LT, numa nomenclatura também utilizada pelo modelo celular DNA, oriundo da Igreja Batista Central, de Belo Horizonte/MG.<sup>455</sup>

---

<sup>453</sup> SCHWARZ, Christian. *O Desenvolvimento Natural da Igreja: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2010. p.24.

<sup>454</sup> CASTELLANOS, César. *Manual para Células*. Atibaia: Editora G12, 2018. E-book. n.p.

<sup>455</sup> BOTTREL, 2015, p.217-237.

O conceito de Líder em Treinamento surge a partir do texto bíblico no contexto diaconal: “devem ser primeiramente experimentados; depois, se não houver nada contra eles, que atuem como diáconos” (1Tm 3:10). Além do contexto missional de discipulado, premente às práticas do cristianismo, o estabelecimento de futuros líderes para as células passam também por experiências supervisionadas por parte dos líderes de célula, causando uma relação de amizade, discipulado e desenvolvimento ministerial dentro das próprias células, entre líderes e líderes em treinamento. Na Família da Fé, não utilizamos a nomenclatura “Timóteo” por vários fatores, mas especialmente para não restringir a uma pessoa sendo treinada e pelo estímulo cultural à liderança feminina, na forma de nomear os futuros líderes. Percebemos que quando abrimos a possibilidade para que numa célula exista uma pluralidade de líderes em treinamento, as pessoas se desenvolvem ministerialmente mais rapidamente do que se a função for exclusiva a um indivíduo.

Com o crescimento da equipe de liderança e de novos líderes sendo treinados, adotamos desde 2022 reuniões mensais exclusivas com líderes em treinamento junto aos pastores e supervisores, numa forma de aplicação do que referimos anteriormente como Reuniões Gerais de Líderes. No início de 2023, contamos com uma equipe de trinta líderes em treinamento na Família da Fé.

### 5.7.2 Pastores

Na estrutura de governo que constitui o sistema de liderança de uma igreja local fundamentada na Nova Reforma Apostólica, pastores correspondem à designação bíblica de presbíteros ou bispos.<sup>456</sup> Sua função primária é pastorear as pessoas, que com a multiplicação das primeiras células se desdobra primariamente em pastorear e supervisionar os líderes de célula. Derek Prince corrobora, afirmando que “presbíteros governam, administram e concedem liderança. O presbítero vive para levar seu povo à maturidade, paz e ordem”.<sup>457</sup> Com o crescimento da equipe de liderança, os pastores discipulam e lideram primariamente os supervisores, que são líderes de líderes de célula, como veremos a seguir.

Sobre mulheres em posição de governo eclesial, apesar de não haver unanimidade na prática, os conceitos eclesiásticos da Nova Reforma Apostólica não

---

<sup>456</sup> ECKHARDT, 2000, p.10.

<sup>457</sup> PRINCE, 2006, p.174. *Elders rule, govern and give leadership. [...]*

restringem o presbitério local à figura masculina, como em algumas tradições cristãs conhecidas. Dados os diferentes entendimentos e tradições cristãs herdadas por líderes de novas igrejas apostólicas ao redor do mundo, David Cannistraci sintetiza: “podemos concluir sensatamente que a mulher pode servir a Cristo em posições governamentais e apostólicas se seus dons, caráter e relacionamento adequado com a autoridade ordenada por Deus permitirem”.<sup>458</sup>

Quando o apóstolo Paulo finaliza sua carta aos Romanos, escreve: “saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim” (Rm 16:7). Júnias ou Júnias é, segundo Alex Sippach, o nome de uma mulher com ofício apostólico reconhecido pelo Apóstolo Paulo.<sup>459</sup> Ainda nos relatos bíblicos neotestamentários, Priscila aparece em três ocasiões distintas com o seu nome à frente de Áquila (At 18:18; Rm 16:3; 2Tm 4:19), o que, segundo Valarie Randleman, figura o reconhecimento de uma liderança eclesial feminina.<sup>460</sup> Por estes e outros pressupostos teológicos, no seu entendimento particular doutrinário, a Rede Apostólica Cristã entende como bíblica a possibilidade de mulheres exercendo liderança ministerial, inclusive liderança pastoral.

Além da responsabilidade sobre a liderança e supervisão das células e o pastoreamento, direto ou indireto, das pessoas vinculadas à igreja local, os pastores sêniores, como chamamos os pastores com a maior responsabilidade no contexto de suas localidades, uma vez que pode haver uma equipe de pastores comissionados numa mesma igreja local de acordo com a demanda, possuem o encargo de responsabilidade administrativa e institucional.

Como pastores sêniores da Família da Fé, minha esposa e eu somos responsáveis pela instituição e pela gestão administrativa de toda a estrutura da igreja, assim como pela estrutura celular. Desde 2016, quando já contávamos com doze células na Família da Fé, num contexto em que minha esposa e eu residíamos ainda em Lajeado/RS, exercendo ministério em tempo parcial, comissionamos na

<sup>458</sup> CANNISTRACI, 1996, p.89-90. [...] *we may reasonably conclude that woman may serve Christ in governmental and apostolic positions if their gifting, character and proper relationship with God-ordained authority allow it.* (tradução nossa)

<sup>459</sup> SIPPACH, Alex. Junia, the Apostle: She's a Game-Changer. In: SIPPACH, Alex (Org.). *Junia Arise: Apostolic Women on the Frontlines*. Ed. Kindle. [S.l.] Alpha Book, 2018. p.6.

<sup>460</sup> RANDLEMAN, Valarie. Priscilla: An Esteemed Leader in the Early Church. In: SIPPACH, Alex (Org.). *Junia Arise: Apostolic Women on the Frontlines*. Ed. Kindle. [S.l.] Alpha Book, 2018. p.252.

Conferência anual de Líderes da Rede Apostólica Cristã minha sogra, Ilda, como pastora, na função exercida com êxito de supervisionar os líderes de célula e pastorear direta e indiretamente as demandas das pessoas. Desde 2019, voltamos a residir em Viamão. Atualmente, no início de 2023, somos três pastores na Família da Fé, Ilda, Camila e eu, dos quais Camila e eu temos a responsabilidade conjunta administrativa e institucional.

### **5.7.2.1 Supervisores**

Nos conceitos de crescimento da igreja, Peter Wagner enaltece que a barreira de crescimento em torno de 200 membros em uma igreja local é alicerçada pelo sistema de liderança pastoral. Segundo o autor, uma igreja consegue funcionar até 200 membros com o líder sendo o pastor. Para que o rompimento desta barreira aconteça e a igreja local siga em crescimento, é necessário que o líder, que chamamos pastor, comporte-se, na ilustração de Wagner, muito mais como um fazendeiro. Wagner elucida que “o fazendeiro não cuida das ovelhas pessoalmente, mas é responsável por se certificar de que esse trabalho seja feito”.<sup>461</sup> O autor estima que na primeira década deste milênio, em torno de 90% das igrejas locais são constituídas por uma membresia abaixo de 200 membros, justamente pela tradição de que o pastor é quem deve promover pessoalmente o cuidado direto das pessoas da igreja, tanto pela expectativa da igreja como pela cosmovisão do seu líder.<sup>462</sup>

Mesmo numa igreja estruturada em células, até um número em torno de vinte células na igreja local, a liderança maior da igreja, na pessoa do ou dos pastores sêniores, ainda consegue ter acesso a todos, saber o nome de todos, proceder todos os batismos, casamentos e eventuais sepultamentos, organizar uma agenda para aconselhar a todos e assim por diante. Contudo, concordando com o modelo apresentado por Wagner, a partir de 200 membros, este trabalho torna-se pesado e ineficaz. Na realidade do modelo celular, este é o ponto limite para o estabelecimento de supervisores, como líderes de líderes que atuarão no discipulado de pequenos grupos de líderes, na supervisão da qualidade e crescimento das células, no suporte aos líderes e membros da célula em

---

<sup>461</sup> WAGNER, 2013a, p.104.

<sup>462</sup> WAGNER, 2013a, p.103-104.



aconselhamento e direcionamento, entre outros atributos que até então eram primariamente dos pastores comissionados da igreja.

Durante os anos de 2020 e 2021, a Família da Fé chegou à barreira dos 200 membros em termos de estrutura, sistematização pastoral e perspectivas de crescimento. Neste contexto, estabelecemos a multiplicação das supervisões de líderes de célula. Até então, este trabalho era feito pela Ilda, desde o processo de implantação, e reforçado por Camila e eu desde 2019, quando nos mudamos de volta para a cidade de Viamão. Chegamos assim a um limiar que beirou a estagnação do crescimento das células, por meio do qual foi necessário o estabelecimento de novos líderes com autoridade sobre outros líderes. Como afirma Peter Wagner, “numa igreja liderada por um fazendeiro, as ovelhas ainda são pastoreadas, mas não é o fazendeiro que faz isto. O fazendeiro observa o que é feito por outros”,<sup>463</sup> e neste sentido entra o conceito de supervisão no sistema de liderança de uma igreja apostólica.

Como pastores sêniores, lideramos toda a equipe de supervisão da Família da Fé. Ilda segue como supervisora e, na função reconhecidamente pastoral, procede também batismos e sepultamentos. Os demais supervisores suprem as demandas de discipulado dos líderes sob sua responsabilidade, visita às células, aconselhamento de membros da igreja em casos que os líderes de célula precisem de suporte. Como pastores, ainda eventualmente participamos de algum caso específico, mas atualmente atuamos mais, na linguagem de Wagner, como fazendeiros, formando novos líderes, treinando os líderes em atividade, liderando em gestão, discipulado e estratégia os supervisores, procedendo a gestão administrativa da igreja e planejando estrategicamente as ações globais da igreja local. Atualmente, no início de 2023, temos na Família da Fé uma equipe de oito supervisores, sendo quatro homens e quatro mulheres.

### **5.7.3 Líderes Apostólicos**

Nos conceitos da Nova Reforma Apostólica, os líderes apostólicos são pessoas que, no âmbito de governo da igreja local, exercem supervisão sobre presbíteros/bispos ou, como conhecemos em nosso tempo, pastores. É comum que

---

<sup>463</sup> WAGNER, 1984, p.59. [...] *in a Church led by a rancher the sheep are still shepherded, but the rancher does not do it.* (tradução nossa)

líderes apostólicos tenham um dom ministerial e ofício de apóstolo ou que estejam atuando numa equipe apostólica liderada por um apóstolo.

A Rede Apostólica Cristã, como supramencionado, é fundada e liderada pelo apóstolo Ricardo Wagner, de Teutônia/RS. Ricardo, além de meu discipulador pessoal desde 2011, é o apóstolo que supervisiona a Família da Fé desde o início de seu projeto de implantação até hoje, conectando-a à Rede Apostólica Cristã.

## 6 CONCLUSÃO

A Nova Reforma Apostólica representa uma teologia recente que tem sido elaborada a partir da prática. As contribuições de Peter Wagner, por exemplo, como um dos autores pioneiros e dos que mais aprofundaram estudos em busca de uma explicitação deste movimento contemporâneo do cristianismo, foram originadas a partir da observação de práticas eclesiais emergentes e crescentes, no que o autor descreve como sendo um fenômeno missiológico: “passei a rotular este fenômeno como ‘Nova Reforma Apostólica’”.<sup>464</sup> Neste processo de descoberta, Wagner relata: “em 1993, um padrão [...] começou a ficar claro para mim. Foi quando comecei minha pesquisa [...], buscando identificar e descrever as características salientes do que passei a chamar a Nova Reforma Apostólica”.<sup>465</sup> Em outras palavras, a Nova Reforma Apostólica pode ser lida como uma prática eclesial emergente, que ganhou destaque nas últimas três décadas, para somente então começarem a receber descrição teológica e metodológica. Primariamente, em termos de seu surgimento, não se trata de um modelo teórico a ser testado, mas sim uma descrição de novas formas eclesiásticas observadas. Como desdobramento da pluralidade prática, este fenômeno passou a receber, desde o final da década de 1990, fundamentação bibliográfica, pressupostos teológicos e decorrentes teorizações de perspectivas futuras a serem experimentadas como desdobramento do que foi percebido na prática. Este foi o caminho que Peter Wagner seguiu em suas obras, acompanhado de muitos outros autores, que foram representados em alguma medida ao longo dos escritos desta tese.

Diferentes localidades reagem de forma diferente às contextualizações práticas eclesiais que vão emergindo e sendo pervasivas ao cristianismo, cada qual dentro de seu grau de liberdade de ação decorrente das tradições, doutrinas e pertencimentos institucionais em que estão inseridas. Os avanços tecnológicos das últimas décadas têm causado acesso à informação de tal maneira que mudanças de práticas metodológicas e sistemáticas ganham proporções globais em curtos períodos de tempo. Neste sentido, em sua posição como então professor de

---

<sup>464</sup> WAGNER, 1999, p.5. *I have come to label this phenomenon the “New Apostolic Reformation”.* (tradução nossa)

<sup>465</sup> WAGNER, 1999, p.11. *In 1993, a pattern [...] began to be apparent to me. That was when I began my research [...], seeking to identify and describe the salient characteristics of what I began to call the New Apostolic Reformation.* (tradução nossa)

missiologia no seminário estadunidense Fuller, Wagner descreveu o fenômeno por ele intitulado como Nova Reforma Apostólica não apenas a partir de uma percepção norte-americana, mas essencialmente da interpretação de um movimento global. Wagner relata: “tornei-me muito interessado quando comecei a perceber que as novas igrejas apostólicas eram o grupo de igrejas que mais crescia nos seis continentes”.<sup>466</sup> Com isto, logicamente, não podemos afirmar que as únicas igrejas que crescem sejam aquelas vinculadas à Nova Reforma Apostólica, mas sim que as características destacadas por Wagner às chamadas novas igrejas apostólicas são comuns a igrejas emergentes no século XXI que tem experimentado elevadas taxas de crescimento quando comparado às medias de crescimento do cristianismo em geral. Inclusive, o autor cita novas perspectivas de rápido crescimento eclesial que passaram a emergir na América Latina desde a década de 1980.<sup>467</sup>

Ao referenciar a América Latina, desaguamos na realidade brasileira, nos entornos da virada do milênio, como também protagonista de casos que explicitam este movimento prático e sistemático eclesial contemporâneo. Também ao referir a realidade brasileira e as produções e recursos bibliográficos em língua portuguesa, é notória a escassez de volume, robustez, nitidez e sistematizações academicamente acessíveis que possam elucidar a Nova Reforma Apostólica a quem possa interessar o conhecimento e, ainda mais preponderantemente, a pesquisa.

Neste contexto duplo de uma específica realidade sociocultural atrelado ao surgimento de novas realidades eclesiais como incógnita acadêmica, a questão que motivou a elaboração desta tese gira em torno de questionamentos que emergem desta realidade: como elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica no contexto brasileiro do século XXI? Não parece viável que uma análise e crítica fruto de pesquisa unicamente bibliográfica possa representar uma elucidação de uma teologia que emerge da prática, quando vista “de longe” no restrito diálogo com autores que tenham iniciado o desenvolvimento do assunto em realidades socioculturais distintas.

Por outro lado, minha perspectiva desde o início dos estudos no programa de Doutorado Acadêmico em Teologia Prática é a de uma testemunha de que a

---

<sup>466</sup> WAGNER, 1999, p.7. *I [...] became very interested when I began to realize that the new apostolic churches were the fastest growing group of churches on six continents.* (tradução nossa)

<sup>467</sup> WAGNER, 1999, p.10.

Nova Reforma Apostólica, ao menos em alguma medida, é um movimento cristão contemporâneo real, praticável e frutífero no contexto brasileiro do século XXI por meio de experiências pessoais ministeriais eclesiais. Sob este prisma, a Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, da qual sou pastor sênior e um dos fundadores, como descrito desde os textos introdutórios desta tese, representa conscientemente, desde o seu projeto de implantação iniciado em março de 2013, uma das chamadas novas igrejas apostólicas vinculada aos pressupostos da Nova Reforma Apostólica, por seu pertencimento à Rede Apostólica Cristã. Isto significa que o que estava em questão ao longo da tese não era se a Família da Fé encaixasse ou percebe-se como vinculada a pressupostos da Nova Reforma Apostólica, mas sim em que medida, como um caso específico, ela conseguiria elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica como modelo praticado pontualmente para uma compreensão facilitada do todo.

Neste cenário, quando me propus a estudar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica, percebi que toda a minha vivência cristã estava relacionada a este fenômeno, por meio de diversas proposições e resultados distintos, em participação ora passiva ora ativa, em entendimento ora direto ora indireto, com relação às realidades eclesiais que experimentei desde a infância até o ministério pastoral local. Ao mesmo tempo, percebi que, estando dentro do paradigma da eclesiologia da Nova Reforma Apostólica por meio da visão da Rede Apostólica Cristã e das diretrizes de implantação e funcionamento da Família da Fé, ainda mais numa posição de liderança sênior de uma igreja local que abraça estes conceitos, um estudo de caso poderia ser significativo para a elucidação da teologia apresentada.

Assim, a pergunta que problematizou e fundamentou a busca por respostas ao longo dos escritos desta tese ganhou maior especificidade e delimitação: seria possível elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica por meio de um estudo de caso da implantação e do funcionamento da Igreja Comunidade Cristã Família da Fé de Viamão/RS, da qual sou pastor sênior e um dos fundadores? Foi a partir deste questionamento que cada capítulo tomou forma, na busca de descrever a Família da Fé com o objetivo de elucidar a específica metodologia e pressupostos eclesiológicos que crê, pratica e representa. Como contribuição metodológica para o desenvolvimento acadêmico da área de Teologia Prática, professor Júlio e eu

definimos o estudo de caso abordado a partir de uma linguagem narrativa-participante, entrelaçada com descrições bibliográficas, como metodologia adequada e, de certa forma, contemporânea para a formulação dos escritos, o que para mim representou inovação na produção intelectual e, com isto, percepção de crescimento e amadurecimento como contribuição do programa de doutorado à minha trajetória acadêmica. Como ressalta Volkmann, “o tema ‘edificação de comunidades’ faz parte do ser-igreja. [...] Um passo mais adiante, o que se reivindica é a inclusão da temática no estudo acadêmico”,<sup>468</sup> algo que esta tese se propôs intencionalmente a realizar.

É relevante destacar nestes escritos finais o risco que assumi por fazer um estudo de caso elucidativo baseado numa metodologia de observação participante de linguagem narrativa. Risco este que se constitui por dois grandes fatores: por um lado uma metodologia cruzada e inovadora na área de Teologia Prática, vista por muitos eruditos como rasa academicamente justamente por sua dependência da experiência; por outro lado, pelo fator que o observador é o mesmo protagonista do caso, uma vez que além de autor sou também pastor sênior e um dos fundadores da igreja local estudada, podendo causar inclinação a uma escrita apologética.

Como ressalto várias vezes ao longo dos escritos desta tese, estas duas nuances, que podem ser lidas como perigosas por alguns e como originais por outros, são propositais por dois grandes motivos: primeiro, porque prezei pela inovação metodológica e pela defesa do fomento à pesquisa em Teologia Prática, ciente de que o cruzamento entre pesquisa bibliográfica e experiências práticas ministeriais eclesiais faz emergir pesquisas únicas em relevância para aqueles que estejam envolvidos com a realidade eclesial e pastoral. Para o que me propus, pouco agregaria uma discussão puramente bibliográfica ou somente sistemática da Nova Reforma Apostólica para quem se interesse numa prática eclesial verdadeira, com propriedade, tangível à realidade brasileira do século XXI e aplicada ao plantio bem-sucedido de novas igrejas.

Em segundo lugar, como já argumentado metodologicamente, importa ressaltar como conclusão o fato de que uma observação participante por parte de quem é protagonista do processo faz com que os propósitos da instituição fiquem evidentes e não sejam distorcidos por um eventual observador externo.

---

<sup>468</sup> VOLKMANN, 2011, p.149.

Isto posto, a tese se desenvolveu ao longo de quatro capítulos que conectam a introdução às conclusões e explicitam o teor da pesquisa.

No primeiro capítulo, posterior à introdução, no que intitulei como “Trajetória Ministerial”, apresentei os fatos tidos por mim como relevantes para a compreensão de como foram desenvolvidos meu chamado pastoral, liderança eclesiástica e relacionamento com a teologia da Nova Reforma Apostólica. Desde o conhecimento inicial do cristianismo por meio do catolicismo romano, compreensão ampliada do evangelho pelo pertencimento à igreja EVRED, primeiras práticas voluntárias, na adolescência, de envolvimento com a obra do ministério através do pertencimento a Igreja O Brasil para Cristo, exercício de liderança leiga na juventude por meio da vinculação à Igreja Presbiteriana Renovada e vivências, no início da vida adulta, de um cristianismo pós-denominacional por meio da Comunidade Semear, que resultaram na posterior vinculação à Rede Apostólica Cristã, experiência de transição para o modelo celular e decorrente experiência inicial pastoral até a derradeira experiência de um cristianismo mais puramente orgânico, desvinculado de “ministérios do templo”, nas palavras de Kreider,<sup>469</sup> por meio da mudança de cidade e chamado missionário à implantação de células em Lajeado/RS, uma nova relação de discipulado direto com o apóstolo Ricardo Wagner e experiências que posteriormente resultaram no projeto de plantio de uma nova igreja na cidade de Viamão/RS.

Concluo neste aspecto que a compreensão da cosmovisão da liderança principal de uma igreja local possui preponderância ao entendimento das práticas que se ramificam, especialmente no contexto de igrejas pós-denominacionais, como no caso da maioria das novas igrejas apostólicas.

O capítulo seguinte foi intitulado como “A Nova Reforma Apostólica”, no intuito de apresentar uma perspectiva fundamental que distingue o modelo eclesial referido daqueles tradicionalmente conhecidos nas principais vertentes de cristianismo já sistematizadas. O capítulo, de forma simples e fundamental, descreve os principais aspectos da Nova Reforma Apostólica ao responder três perguntas inerentes à sua nomenclatura: Por que Nova? Por que Reforma? Por que Apostólica? Este conteúdo desenvolveu o senso de contemporaneidade e inovação próprios do movimento, as perspectivas restauracionistas neotestamentárias

---

<sup>469</sup> KREIDER, 2010, p.34.

principais advogadas por aqueles que o descrevem e a natureza apostólica da igreja e do ofício apostólico que, em muito, tem sido negligenciado ou, no mínimo, despercebido em muitas realidades eclesiais praticadas no cristianismo do século XXI.

Concluo sobre esta descrição bibliográfica que foi apresentada uma fundamentação elementar da Nova Reforma Apostólica, com subsídios suficientes para a compreensão e distinção de seus atributos aplicados ao estudo de caso e ao processo de implantação de novas igrejas como um todo. Contudo, não houve espaço, dada a delimitação da temática da tese e do volume de escritos, para uma descrição de pressupostos sistemáticos que são relevantes a muitos autores que descrevem a Nova Reforma Apostólica que merecem aprofundamentos acadêmicos futuros, como os ofícios dos cinco ministérios de Efésios 4:11-12 (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres) na prática de uma rede apostólica, a distinta visão escatológica global e pessoal inerente à restauração de pressupostos da Igreja Primitiva, compreensão da natureza de Deus e Sua interação com este mundo, uma compreensão detalhada do estabelecimento do Reino de Deus, da Trindade, da Cristologia, da Pneumatologia, etc. Isto traria a pesquisa a um cunho sistemático, destoando do que foi proposto como delimitação da tese. Entretanto, fica a lacuna para uma elucidação mais completa da Nova Reforma Apostólica. A quem possa interessar, sugiro que se comece pela pesquisa em Harold Eberle, que escreveu o primeiro livro de Teologia Sistemática da Nova Reforma Apostólica.<sup>470</sup> Para uma leitura criteriosa e investigativa, muitos destes pressupostos sistemáticos aparecem indiretamente por meio dos escritos desta tese.

O terceiro capítulo de desenvolvimento, posterior aos escritos introdutórios, foi intitulado como “Plantando uma Nova Igreja Apostólica”. Como teor foi descrito essencialmente o sistema operacional de uma igreja apostólica, mecanismo que deve estar claro desde a proposta de plantio de qualquer nova igreja apostólica. Por meio da apresentação das engrenagens deste sistema, entendidas como célula, treinamento, discipulado e supervisão, o estudo de caso começou a aparecer de forma narrativa, descrevendo seus principais atores, conceitos e práticas, após a pausa narrativa do capítulo anterior. Por meio desta porção da tese, foi justificada a

---

<sup>470</sup> EBERLE, Harold R. *Systematic Theology for the New Apostolic Reformation: an Exposition in Father-Son Theology*. Yakima: Worldcast Publishing, 2015.



importância da primazia de cada uma das engrenagens para a caracterização de uma comunidade cristã local como uma igreja pertencente à Nova Reforma Apostólica, o que foi especialmente demonstrado por meio da descrição de cada etapa relevante da implantação da Família da Fé como uma nova igreja apostólica na cidade de Viamão/RS.

Pelas percepções e aprendizados inerentes ao capítulo, concluo que a Nova Reforma Apostólica tem ocorrido em estágios distintos de transição na pluralidade eclesial que estamos inseridos no contexto brasileiro do século XXI, comparado às vivências apresentadas no capítulo Trajetória Ministerial e aos conceitos do capítulo A Nova Reforma Apostólica. Com isto, quero dizer que, por exemplo, toda nova igreja apostólica deve ser estruturada em pequenos grupos, ter uma cultura de treinamento, discipulado e supervisão, como no modelo celular, mas que nem toda igreja estruturada em pequenos grupos representa efetivamente a proposta eclesial referida. O movimento celular, por exemplo, é mais maduro no cristianismo dos séculos XX e XXI do que o pacote que representa a Nova Reforma Apostólica, pois o precede em termos de características restauracionistas da cultura da Igreja Primitiva. Neste sentido, célula, treinamento, discipulado e supervisão, constituem o sistema operacional de uma nova igreja apostólica, mas também constituem sistemas operacionais de igrejas que não ainda se permitem viver outros pressupostos da Nova Reforma Apostólica. Em que medida o movimento irá abraçar tais igrejas pode ser motivação para novas pesquisas, uma vez que o principal requisito para que a Nova Reforma Apostólica seja o fundamento de uma igreja local, segundo os autores que ganharam autoridade nesta perspectiva, é o reconhecimento do ofício e da natureza apostólica na realidade da igreja. Como afirma Ronald Cottle, “inicialmente instituído por Jesus, a ordem apostólica deve encontrar o seu lugar na Igreja”.<sup>471</sup>

Por fim, antecedendo as conclusões aqui apresentadas, foi estabelecido o capítulo “Características Funcionais de uma Igreja Apostólica”, por meio do qual foram descritas as principais práticas da Família da Fé, algumas inerentes à sua existência como nova igreja apostólica, outras inerentes às fases de crescimento que experimentou até aqui, início do ano de 2023. Neste capítulo, descrevi como

---

<sup>471</sup> COTTLE, 2011, p.216. *Initially instituted by Jesus, apostolic order must find its place in the Church.* (tradução nossa)

aplicamos estratégias periféricas de evangelismo, o estabelecimento institucional da igreja e a completude do seu plantio, principais treinamentos práticos adicionados aos treinamentos formais, dinâmica das reuniões de célula e dos cultos públicos, funcionalidade da igreja no período excepcional da pandemia e uma breve apresentação da estrutura de governo eclesial.

Como considerações sobre o teor dos escritos do último capítulo mencionado, percebo que a Família da Fé ainda não alcançou patamares de crescimento que permitam praticar alguns pressupostos da Nova Reforma Apostólica que autores apresentam como inerentes ao movimento, como por exemplo a multiplicação de novas igrejas, a inserção de projetos eclesiais no mercado de trabalho e nas demais esferas da sociedade visando a transformação de comunidades e maior estabelecimento do Reino de Deus, entre outros. Por outro lado, percebo que, mesmo já distantes da época de início desta igreja local como plantio, o cerne metodológico, sistemático, teológico e funcional da Família da Fé segue fidedigno em não corromper os principais fundamentos da Nova Reforma Apostólica de forma geral. Outra consideração importante sobre o capítulo e a funcionalidade da igreja é sua constância em crescimento quantitativo e qualitativo descrito, sem perder a cultura do sistema operacional estabelecido durante o período de implantação.

Por fim, concluo que, dada a hipótese do estudo de caso da implantação e do funcionamento da Família da Fé elucidar a prática eclesial da Nova Reforma Apostólica, esta tese a elucidou parcialmente. Chego a esta conclusão por dois motivos principais, como supramencionados: primeiro, pelo aprofundamento teórico, pois a delimitação destes escritos não permitiu espaço para uma fundamentação mais profunda de pressupostos sistemáticos e até mesmo bíblicos que, de forma secundária à apresentação do estudo de caso, não couberam ser apresentados; segundo, pela especificidade sociocultural e eclesial, porque a Família da Fé opera no contexto sociocultural brasileiro do século XXI, mais especificamente na região metropolitana sul-rio-grandense e no contexto eclesial sistematizado pela Rede Apostólica Cristã que, como vimos no exemplo específico de ordenação pastoral de mulheres, carrega, como qualquer outra rede apostólica de igrejas, pressupostos doutrinários que são flexíveis dentro do contexto da Nova Reforma Apostólica, conforme o entendimento de sua liderança.

Uma vez que a Nova Reforma Apostólica é uma teologia que emerge da prática, percebo que há muitos caminhos em aberto quanto a metodologias e sistematizações doutrinárias. Além disso, perspectivas teológicas de transformação social práticas reformadoras estão inicialmente sendo praticadas por alguns movimentos pioneiros, sendo pouco fundamentadas bibliograficamente, como por exemplo o conceito do estabelecimento do Reino de Deus por meio das sete esferas ou sete montanhas da sociedade, como a proposta apresentada por Mark Beliles e descrito por vários outros autores ligados à Nova Reforma Apostólica.<sup>472</sup>

Infelizmente, no contexto eclesial latino-americano, líderes cristãos e as respectivas igrejas locais a que representam acabaram maculando a nitidez da Nova Reforma Apostólica por apropriarem-se da terminologia apostólica em projetos ou ofícios ministeriais de forma distorcida aos pressupostos estabelecidos bibliograficamente e ministerialmente pelos autores verdadeiramente conectados a este movimento eclesial. Sem profundidade bíblica ou conexão ao movimento, os termos “apóstolo” ou “apostólico” foram banalizados e hierarquizados por muitos, causando inclusive certa repulsa tanto nos ambientes evangélicos como reformados das práticas cristãs contemporâneas. Além disso, a vertente teológica do cessacionismo encerra o chamado apostólico debaixo do ministério daqueles que tiveram autoridade e contemporaneidade aos escritos bíblicos neotestamentários, gerando também grande barreira acadêmica à temática proposta tanto pela Nova Reforma Apostólica como por esta tese, em que a Família da Fé representa inúmeras comunidades emergentes que de fato tem sido apostólicas em sua natureza, unção e ambiente.

Estes fatores fazem com que muitas igrejas que seriam enquadradas pelos pressupostos de Peter Wagner como pertencentes à Nova Reforma Apostólica rejeitem tal vinculação pela aversão cultural à terminologia escolhida por Wagner. Como últimas conclusões, confio que este registro com certo êxito experiencial e também em certa proporção bibliograficamente fundamentado possa contribuir para que a Nova Reforma Apostólica cresça em seriedade, nitidez e realidade teológica de pesquisa enquanto movimento eclesial contemporâneo.

---

<sup>472</sup> BELILES, Mark. *Transformação Cultural: Discipulado Estratégico para as Nações a partir da Igreja* Curitiba: Instituto Transforma, 2016.

Espero, portanto, que a leitura desta tese tenha aberto possibilidades, elucidado diretamente princípios de funcionamento eclesial e implantação de igrejas da Nova Reforma Apostólica bem como indiretamente outros pressupostos e, especialmente, abra espaço para novos estudos, fundamentações teológicas práticas, sistemáticas e bíblicas, pesquisas de campo e, principalmente, robustez acadêmica. Carrego juntamente a esperança de que, dentro de alguns anos, salas de aula de cursos teológicos abordarão a Nova Reforma Apostólica ao menos dentro do escopo de estudos das disciplinas de eclesiologia contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio Cezar. Lived Religion and Religion. In: WEYEL, Birgit, *et al.* (Ed.) *International Handbook of Practical Theology*. Berlin: De Gruyter, 2022.
- ALLEN, Scott D; MILLER, Darrow L. *A Toxic New Religion*. Ed. Kindle. Phoenix: Disciple Nations Alliance, 2020.
- ALMEIDA, Abraão de. *A Reforma Protestante*. Ed. Kindle. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- BECKETT, Bob. *Commitment to Conquer: redeeming your city by strategic intercession*. Edição do Kindle. Minneapolis: Chosen Books, 2012.
- BECKHAM, William A. *A Segunda Reforma: A Igreja do Novo Testamento no Século XXI*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2007.
- BELILES, Mark. *Transformação Cultural: Discipulado Estratégico para as Nações a partir da Igreja Curitiba*: Instituto Transforma, 2016.
- BÍBLIA Almeida Revista e Atualizada com Números de Strong - Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. SBB, 2002. Recurso Eletrônico do Aplicativo OliveTree.
- BÍBLIA. Português. Nova Versão Internacional. 2003. BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- BÍBLIA. Português. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3. ed. (Nova Almeida Atualizada – NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2009.
- BOTTREL, Roberto. *Multiplicação – o desafio do cristão, da liderança e da igreja*. Belo Horizonte: 3i Editora, 2015.
- BREEN, Mike. *The Apostle's Notebook*. Eastbourne: Kingsway Communications, 2002.
- BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2000.
- BROWNING, Don S. *A Fundamental Practical Theology: descriptive and strategic proposals*. Minneapolis: Fortress Press, 1991.
- BITUN, Ricardo. Breves Considerações sobre a Reforma Protestante e seu Caráter Profético nos Dias de Hoje. In: BITUN, Ricardo (Org.). *A reforma protestante: história, teologia e desafios*. Ed. Kindle. São Paulo: Hagnos, 2017.

BYLER, Philip R. *The Changing Church in the Unchanging Kingdom*. Keller: Palm Tree, 2008.

CANNISTRACI, David. *Apostles and the Emerging Apostolic Movement*. Ventura: Renew Books, 1996.

CARTLEDGE, David. *The Apostolic Revolution: The Restoration of Apostles and Prophets in the Assemblies of God in Australia*. Chester Hill: Paraclete Institute, 2000.

CASTELLANOS, César. *Manual para Células*. Atibaia: Editora G12, 2018. E-book. n.p.

CASTELLANOS, César. *Sonha e Ganharás o Mundo*. São Paulo: Editora G12, 2006.

CARVALHO, J.B. *Metanoia: A Chave Está em Sua Mente*. Brasília: Chara, 2018.

CARVALHO, Wagner. *Transição: o passo a passo para o modelo celular*. Belo Horizonte: Central, 2016.

CHO, Paul Yonggi. *Os Grupos Familiares e o Crescimento da Igreja*. São Paulo: Vida, 1982.

CHO, Paul Yonggi. *Successful Home Cell Groups*. Kindle Edition. Alachua: Bridge-Logos, 1981.

CLARK, Jonas. *Advanced Apostolic Studies: Transitioning Every Believer into Apostolic Ministry*. Hallandale Beach: Jonas Clark Ministries, 2008.

CLARK, Jonas. *The Apostolic Equipping Dimension: equipping and deploying every believer*. Hallandale: Spirit of Life, 2001.

COLE, Neil. *Igreja Orgânica – plantando a fé onde a vida acontece*. CIDADE: Editora Habacuc, 2007.

COLE, Neil. *Organic Leadership: Leading Naturally Right Where You Are*. Grand Rapids: Baker Books, 2009.

COLE, Neil; HELFER, Phil. *Church Transfusion: Changing Church Organically – From The Inside Out*. Kindle Edition. San Francisco: Jossey-Bass, 2012.

COMISKEY, Joel. *2000 Years of Small Groups: A History of Cell Ministry in the Church*. Edição do Kindle. CCS Editora, 2014.

COMISKEY, Joel. *Fazer Discípulos na Igreja do Século 21*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2017.

COMISKEY, Joel. *Crescimento Explosivo da Igreja em Células*. 3. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008a.

COMISKEY, Joel. *Grupos que prosperam: 8 descobertas surpreendentes sobre grupos pequenos que transbordam vida*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2019a.

COMISKEY, Joel. *Jovens no Ministério de Pequenos Grupos*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2019b.

COMISKEY, Joel. *Multiplicando a Liderança*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008b.

COMISKEY, Joel. *Plantando Igrejas que se Reproduzem*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2010.

COMISKEY, Joel. *Reuniões Atraentes: como conduzir encontros de grupos pequenos/células que estimulam o retorno das pessoas*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008c.

COMISKEY, Joel. *Seja um Supervisor de Células Eficaz*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2006.

COTTLE, Ronald. *Leading Transition: effective strategies for the leadership challenges of tomorrow*. Columbus: TEC, 2011.

COTTLE, Ronald. *The Joining of the Lord: Understanding Spiritual Father and Son Relationship*. Columbus: TEC, 2012.

CRAWFORD, Greg. *Reformation Patterns for Building God's House*. Des Moines: Creative Release, 2009.

DANTAS, Elias. *Não Deixe o Seu Grupo Morrer: uma visão bíblica, ministerial e histórica do movimento de pequenos grupos ou células*. [S.l.], 2017.

DAVID, Jonathan. *Apostolic Blueprints for Accurate Building*. Muar: Destiny Heights, 2008.

DAVID, Jonathan. *Apostolic Strategies Affecting Nations*. 2. ed. Muar: [s.n.], 1999.

DAWSON, Christopher. *Criação do Ocidente: A Religião e a Civilização Medieval*. São Paulo: É Realizações, 2016.

DEMO, Pedro. *Praticar Ciência: metodologias do conhecimento científico*. E-book. São Paulo: Saraiva, 2011. n.p.

EARLEY, Dave. *8 Hábitos do Líder Eficaz de Grupos Pequenos*. Curitiba: Ministério Igreja em Célula, 2005.

EBERLE, Harold R. *Systematic Theology for the New Apostolic Reformation: an Exposition in Father-Son Theology*. Yakima: Worldcast Publishing, 2015.

ECKHARDT, John. *Apostolic Ministry*. Oak Park: Crusaders Ministries, 2005a.

ECKHARDT, John. *Dictionary of the Apostolic*. 2. ed. Oak Park: Crusaders Ministers, 2005b.

ECKHARDT, John. *Moving in the Apostolic*. Ventura: Renew Books, 1999.

ECKHARDT, John. *Presbyteries and Apostolic Teams*. Chicago: Crusaders Ministries, 2000.

EDWARDS, Richard A. Reading Matthew: The Gospel as Narrative. In: *Listening* 24, no. 3, 1989. p.251.

EGLI, Jim; MARABLE, Dwight. *Small Groups, Big Impact: Connecting People to God and One Another in Thriving Groups*. Ed. Kindle. CCS Publishing, 2014.

ENLOW, Johnny. *RISE: A Reformer's Handbook for the Seven Mountains*. Franklin: Seven Mountains, 2018.

FIGUEIRA, Danilo. *Casas de Paz: Uma Estratégia Eficaz de Evangelismo e Multiplicação Celular*. 2. ed. Ribeirão Preto: Selah Produções, [2019].

GANZEVOORT, R. Ruard. Narrative Approaches. In: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Practical Theology*. Malden: John Wiley & Sons. Ltd., 2014.

GARCIA, Joel. *The Apostolic Canopy*. USA: Xulonpress, 2007.

GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. Edição do Kindle. São Paulo: Vida Nova, 2020.

HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles: a commentary*. Philadelphia: Westminster, 1971.

HAMON, Bill. *Apostles, Prophets and the Coming Moves of God*. Shippensburg: Destiny Image, 1997.

HAMON, Bill. Christian International Ministries Network. In: WAGNER, C. Peter (Ed.). *The New Apostolic Churches*. Ventura: Regal Books, 1998.

HAMON, Bill. *The Day of the Saints*. Shippensburg: Destiny Image, 2002.

HAMON, Bill. *The Eternal Church: a Prophetic Look at the Church – Her History, Restoration and Destiny*. 2. ed. Shippensburg: Destiny Image, 2003.

HEIDLER, Robert. *The Messianic Church Arising: Restoring the Church to Our Covenant Roots!* Ed. Kindle. Corinth: Glory of Zion, 2006.

HEIDLER, Robert. Preparing For God's New Wine. In: HEIDLER, Robert; PIERCE, Chuck. *The Apostolic Church Arising*. Denton: Glory of Zion International, 2015.

HELLERMAN, Joseph H.. *When the Church Was a Family*. Ed. Kindle. Nashville: B&H Publishing, 2009.



HENDRIKSEN, William. *New Testament commentary: The Gospel of Matthew*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974.

HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011.

KALMBACH, Pedro. *Bautismo y educación: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario*. Buenos Aires: O autor, 2005.

KELLY, John P; BYLER, Philip R. *Visão e Provisão*. Belo Horizonte: Sete Montes, 2014.

KHONG, Lawrence. *The Apostolic Cell Church: Practical Strategies for Growth and Outreach*. Singapore: TMI, 2000.

KIMBALL, Dan. *A Igreja Emergente: cristianismo clássico para as novas gerações*. São Paulo: Editora Vida, 2008.

KREIDER, Larry. *House to House: Spiritual Insights for the 21<sup>st</sup> Century Church*. Ephrata: House to House Publications, 1995.

KREIDER, Larry. *Mentoria Espiritual Autêntica: ajudando pessoas a chegar à maturidade espiritual*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2011.

KREIDER, Larry. *Micro Church Networks: A church for a new generation*. Edição do Kindle. Lititz: House to House, 2020.

KREIDER, Larry. *The Cry for Spiritual Mothers and Fathers*. Ed. Kindle. Minneapolis: Chosen Books, 2014.

KREIDER, Larry. *What Every Small Group Leader Should Know*. Kindle Edition. Minneapolis: Chosen, 2010.

LOUIS-WALLACE, Carla. The Samaritan Woman: The Unnamed City Shaker. In: SIPPACH, Alex (Org.). *Junia Arise: Apostolic Women on the Frontlines*. Ed. Kindle. [S.I.] Alpha Book, 2018.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MATTERA, Joseph. *Ruling in the Gates: Preparing the Church to Transform Cities*. Lake Mary: Creation House Press, 2003.

MATOS, Léo. *Células Excelentes*. Belo Horizonte: Central, 2020.

McGRAVAN, Donald A. *Understanding Church Growth*. 3. ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1990.

McNEAL, Reggie. *Revolution in Leadership: Training Apostles for Tomorrow' Church*. Nashville: Abingdon, 1998.

- MILLER, Donald. *Reinventing American Protestantism: Christianity in the New Millenium*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- MURADAS, Atilano. *Decolando nas Asas do Louvor*. São Paulo: Vida, 1999.
- NEIGHBOUR, Ralph W., Jr. *Manual do Líder de célula*. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2006.
- OGDEN, Greg. *Transforming Discipleship*. 2. ed. Downers Grove: IVP Books, 2016.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011.
- PADILLA, René. *Missão Integral: ensaios sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: Fraternidade Teológica Latino-americana Setor Brasil, Temática Publicações, 1992.
- PADILLA, René. *O que é missão integral?* Viçosa, MG: Ultimato, 2009.
- PAES, Carlito; AZIBEIRO, Artur. *Células Apostólicas: cuidar, crescer, capacitar, comissionar*. São José dos Campos: Inspire, 2018.
- PAES, Carlito. *Uma Igreja-Família: Biblicamente Apostólica, Profética e Pastoral*. São José dos Campos: Inspire, 2019.
- PFEIFER, Mark. *Alignment*. Chillicothe: SOMA, 2008.
- PFEIFER, Mark. *Apostles Then and Now*. Kearney: Morris Publishing, 2014.
- PFEIFER, Mark. *Apostles Then & Now – Chapter 4 (Mark Pfeifer)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=II5PRFYN7pY&t=28s>>. Acesso em 22/12/2020, às 10:50
- PHILLIPS, Keith. *A Formação de um Discípulo*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2008.
- PIERCE, Chuck D; HEIDLER, Robert. *The Apostolic Church Arising*. Denton: Glory of Zion International Ministries, 2015.
- PRICE, Paula A. *Eternity's Generals: The Wisdom of Apostleship*. Tulsa: Flaming Vision, 2005.
- PRINCE, Derek. *Rediscovering God's Church*. New Kensington: Whitaker House, 2006.
- RANDLEMAN, Valarie. Priscilla: An Esteemed Leader in the Early Church. In: SIPPACH, Alex (Org.). *Junia Arise: Apostolic Women on the Frontlines*. Ed. Kindle. [S.l.] Alpha Book, 2018.
- REINKE, André Daniel. *Os Outros na Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- REZENDE, Josimaber. *Eclesiologia Contemporânea: construindo igrejas bíblicas*. Curitiba: InterSaberes, 2016.

- SAUDER, Brian; KREIDER, Larry. *Helping You Building Cell Churches: a comprehensive training manual for pastors, cell leaders and church planters*. 2. ed. Ephrata: House to House, 2004.
- SCHEIDLER, Bill. *Apostles, the fathering servant*. Portland: City Bible, 2001.
- SCHIPANI, Daniel S. Case Study Method. In: MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. (Ed.). *The Wiley Blackwell Companion to Practical Theology*. Malden: John Wiley & Sons. Ltd., 2014.
- SCHWARZ, Christian. *O Desenvolvimento Natural da Igreja: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2010.
- SHAFFER, Glenn. *Apostolic Government in the 21ST Century*. Claremore: ATI publishing, 2005.
- SILVA, Aluizio A. *Manual da Visão de Células*. 5. ed. Goiânia: VINHA, 2008.
- SIMSON, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo: igreja nos lares*. 3. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2014.
- SIPPACH, Alex. Junia, the Apostle: She's a Game-Changer. In: SIPPACH, Alex (Org.). *Junia Arise: Apostolic Women on the Frontlines*. Ed. Kindle. [S.I.] Alpha Book, 2018.
- STEUERNAGEL, Valdir. *Obediência missionária e prática histórica*. São Paulo, SP: ABU, 1993.
- SWEET, Leonard (Ed.). *A Igreja na Cultura Emergente: cinco pontos de vista*. São Paulo: Vida, 2009.
- THE ANALYTICAL Greek lexicon: consisting of an alphabetical arrangement of every occurring inflexion of every word contained in the Greek New Testament scriptures, with a grammatical analysis of each word, lexicographical illustration of the meanings: a complete series of paradigms, with grammatical remarks and explanations. New York: Harper & Brothers, London: Samuel Bagster & Sons Limited, [19--] xlvi, 444 p.
- VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SoCERJ*, 2007, 20.5: 383-386.
- VIEIRA, Tiago Rafael; REGINA, Jean Marques. *A Laicidade Colaborativa Brasileira*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- VINE W.E. *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo testamento*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.
- VOLKMANN, Martin. Edificação de comunidade. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011.

- VORSTER, Hendrik. *Church Planting: How to plant a dynamic Church*. Ed. Kindle. [s.n.], 2018.
- WAGNER, C. Peter. *Apóstolos nos dias de hoje*. Belo Horizonte: Sete Montes, 2013a.
- WAGNER, C. Peter. *Breaking Strongholds in Your City: how to use spiritual mapping to make your prayers more strategic, effective and targeted*. Ventura: Regal Books, 1993a.
- WAGNER, C. Peter. *Changing Church*. Ventura: Regal Books, 2004.
- WAGNER, C. Peter. *Churchquake!: the explosive dynamics of the new apostolic revolution*. Ventura: Regal Books, 1999.
- WAGNER, C. Peter. *Dominion!: how kingdom action can change the world*. Grand Rapids: Chosen Books, 2008.
- WAGNER, C. Peter. *Leading Your Church to Growth*. Ventura: Regal Books, 1984.
- WAGNER, C. Peter. *Plantar Igrejas para a Grande Colheita*. São Paulo: Abba Press, 1993b.
- WAGNER, C. Peter. *The Book of Acts: A Commentary*. Bloomington: Chosen Books, 2011.
- WAGNER, C. Peter. The New Apostolic Reformation. In: WAGNER, C. Peter (Ed.). *The New Apostolic Churches*. Ventura: Regal Books, 1998.
- WAGNER, C. Peter. *This Changes Everything*. Ventura: Regal Books, 2013b.
- WAGNER, C. Peter. *Wrestling with Alligators, Prophets and Theologians: Lessons from a Lifetime in the Church- A Memoir*. Ed. Kindle. Ventura: Regal, 2010.
- WAGNER, C. Peter. *Your Church Can Grow*. Glendale: Regal Books, 1976.
- WENTROBLE, Barbara. *A People of Destiny*. Colorado Springs: Wagner Publications, 2000.
- WILKINS, Michael. *Following the Master: Discipleship in the steps of Jesus*. Ed. Kindle. Grand Rapids: Zondervan, 2021.
- WOODROFFE, Noel. *Understanding the Apostolic*. Ed. Kindle. Port of Spain: Congress Publishing House, 2019.
- WRIGHT, N. T. *Deus e a pandemia*. Ed. Kindle. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- WRIGHT, N. T. *Jesus and the Victory of God*. Ed. Kindle. London: SPCK, 1996.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZWETSCH, Roberto E. Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. 2. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2015.